UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Programa de Pós-Graduação Integração
da América Latina

SAMANTHA MAIA ARAUJO

Notícias de Honduras:
Uma leitura crítica da cobertura dos jornais diários sobre a deposição
de Manuel Zelaya

VERSÃO REVISADA

São Paulo
2016

SAMANTHA MAIA ARAUJO

Notícias de Honduras:

Uma leitura crítica da cobertura dos jornais diários sobre a deposição
de Manuel Zelaya

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação Integração da América Latina da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Mestra em Ciências

Linha de Pesquisa: Sociedade, Economia e
Estado. Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Renato Braz Oliveira de
Seixas.

São Paulo

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A658n Araujo, Samantha Maia
Notícias de Honduras: Uma leitura crítica da
cobertura dos jornais diários sobre a deposição de
Manuel Zelaya. / Samantha Maia Araujo ; orientador
Renato Braz Oliveira de Seixas. - São Paulo, 2016.
194 f.

Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação
Interunidades em Integração da América Latina. Área
de concentração: Integração da América Latina.

1. Comunicação. 2. Epistemologia do jornalismo .
3. Jornalismo Interpretativo. 4. Jornais. 5.
Dialogia. I. Seixas, Renato Braz Oliveira de ,
orient. II. Título.

Nome: ARAUJO, Samantha Maia.

Título: Notícias de Honduras: Uma leitura crítica da cobertura dos jornais diários sobre a deposição de Manuel Zelaya.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestra em Ciências

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Aos meus pais, Carlos e Maria Helena,
e ao meu companheiro, Giuseppe.

AGRADECIMENTOS

Ao Giuseppe, pela paciência e apoio constantes e por me acompanhar na jornada em Honduras.

Aos meus pais, pelo exemplo e por todos os esforços que fizeram e fazem pelos meus estudos.

Aos amigos que acompanharam toda a trajetória, torceram por mim e me ajudaram em diversas ocasiões.

Ao professor Renato Seixas, pela orientação e pelo debate, dentro e fora de sala de aula, que permitiram criar e recriar esta pesquisa.

À professora Cremilda Medina, por me abrir a uma linha de pensamento sobre o Jornalismo que me fez reacreditar na importância de ser uma profissional da comunicação. E também pelas considerações feitas na banca de qualificação e pela leitura atenta do trabalho.

Ao professor Pedro Ortiz, pela orientação e pelas observações feitas na banca de qualificação, além da atenção na leitura do trabalho.

Ao professor Lucio Oliver, agradeço pelos contatos na *Universidad Nacional Autónoma de Honduras*.

Aos hondurenhos que confiaram suas histórias a mim na construção deste trabalho.

À Universidade de São Paulo, pela oportunidade de realização do mestrado.

[...] se não existem mediações políticas nem culturais na história dos meios, isto ocorre sem dúvida porque a maior parte da história escrita na América Latina continua deixando de fora o espaço cultural, ou reduzindo-o a seus registros cultos – a Arte, a Literatura –, do mesmo modo como a vida política da nação é quase sempre só a da “grande política”, a política dos grandes fatos e das grandes personalidades, e quase nunca a dos fatos e da cultura política das classes populares.

Jesús Martín-Barbero

RESUMO

ARAÚJO, S. M. **Notícias de Honduras: Uma leitura crítica da cobertura dos jornais diários sobre a deposição de Manuel Zelaya**. 2016. 194 f. Dissertação (Mestrado) – Programa Integração da América Latina / PROLAM-USP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

A presente pesquisa teve como objetivo investigar como a retirada de Manuel Zelaya da Presidência de Honduras em 2009 foi narrada pelos jornais brasileiros *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* e pelo jornal hondurenho *La Tribuna*. O objetivo foi verificar se os relatos dos veículos selecionados sobre a crise em Honduras conseguiram construir uma compreensão do acontecimento por meio da produção de reportagens que contivessem as quatro vertentes do Jornalismo Interpretativo: o aprofundamento do contexto, a humanização do fato, o resgate das raízes históricas e o diagnóstico/prognóstico das fontes especializadas. O episódio em Honduras é representativo como estudo de caso por ajudar a revelar e compreender as limitações com que o Brasil, em geral, e o Jornalismo brasileiro, em especial, lidam com temáticas da América Latina. Empregamos como metodologia a pesquisa exploratória e o método histórico, especialmente por meio de fontes primárias e secundárias de pesquisa relacionadas à história de Honduras. Também foram utilizadas como instrumentos de pesquisa entrevistas com especialistas e cidadãos hondurenhos, a partir das quais foram produzidos ensaios-reportagens condizentes com a narrativa da contemporaneidade. Além de recorrer às técnicas de leitura cultural, a pesquisa usou, de modo complementar, a Análise do Discurso. A pesquisa revelou como a abordagem objetiva dos veículos de comunicação é insuficiente para retratar a realidade política de um país, o que mostra a necessidade de se buscar outros paradigmas para construir uma narrativa verdadeiramente dialógica.

Palavras-chave: Honduras. Zelaya. Leitura Cultural. Análise do Discurso. Mídia.

RESUMEN

ARAUJO, S. M. **Noticias de Honduras: Una lectura crítica de la cobertura de los periódicos diarios sobre la destitución de Manuel Zelaya.** 2016. 194 f. Dissertação (Mestrado) – Programa Integração da América Latina / PROLAM-USP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Esta investigación tuvo como objetivo estudiar cómo la retirada de Manuel Zelaya de la presidencia de Honduras en 2009 fue narrada por los periódicos brasileños *O Estado de S. Paulo* y *O Globo*, y por el periódico hondureño *La Tribuna*. El objetivo ha sido verificar si los relatos de los vehículos de prensa seleccionados sobre la crisis en Honduras han logrado construir una comprensión de lo ocurrido a través de la producción de reportajes que contuviesen las cuatro vertientes del Periodismo Interpretativo: la profundización del contexto, la humanización del hecho, el rescate de las raíces históricas y el diagnóstico/pronósticos de las fuentes especializadas. El episodio en Honduras es representativo como caso de estudio por ayudar a revelar y comprender las limitaciones con las que Brasil, en general, y el Periodismo brasileño en especial, tratan las temáticas de América Latina. Empleamos como metodología la investigación exploratoria y el método histórico, principalmente a través de fuentes primarias y secundarias de investigación relacionadas a la historia de Honduras. También utilizamos como instrumentos de investigación entrevistas con especialistas y ciudadanos hondureños, a partir de los cuales se han producido ensayos-reportajes consonantes con la narrativa de la contemporaneidad. Además de recurrir a las técnicas de lectura cultural, la investigación ha utilizado, de manera complementaria, el Análisis del Discurso. La investigación reveló como el abordaje objetivo de los vehículos de comunicación es insuficiente para retratar la realidad política de un país, lo que evidencia la necesidad de buscar otros paradigmas para construir una narrativa verdaderamente dialógica.

Palabras clave: Honduras. Zelaya. Lectura Cultural. Análisis del Discurso. Medios.

ABSTRACT

ARAUJO, S. M. **News from Honduras: A critical reading of newspaper's coverage about the Manuel Zelaya's destitution.** 2016. 194 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Integração da América Latina / PROLAM-USP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Our goal in this research was to investigate how the removal of Manuel Zelaya from the Presidency in Honduras in 2009 was described by Brazilian newspapers *O Estado de S.Paulo* and *O Globo* as well as by Honduran newspaper *La Tribuna*. Our aim was to verify whether the accounts concerning the crisis in Honduras given by the chosen vehicles were able to build a true understanding of what was really going on through the production of reports that comprise the four components of Interpretative Journalism: the deepening of the context, the humanization of the fact, the retrieval of historical roots, and the diagnostic/prognostic of specialized sources. The episode in Honduras is a representative case-study to help us understand the limitations with which Brazil, in general, and Brazilian journalism, in particular, deal with Latin American issues. As our methodology we have employed, both exploratory research and the historical method, by resorting specially to primary and secondary sources of research related to the history of Honduras. We have also employed as means of research interviews with Honduran specialists and citizens, from whom we have produced essay-reports consonant with the narrative of contemporaneity. Besides resorting to techniques of cultural reading, we have also resorted, complementarily, to the Analysis of Discourse. The research has shown how the objective approach employed by the vehicles of communication is insufficient to depict the political reality of a country, which demonstrates the need for other paradigms so as to build a truly dialogical narrative.

Key-words: Honduras. Zelaya. Cultural Reading. Analysis of Discourse. Media

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Mapa de Honduras.....	25
Figura 2 –	Parque Central de Tegucigalpa, Honduras.....	66
Figura 3 –	Capa do jornal <i>La Tribuna</i> do dia 29 de junho de 2009.....	92
Figura 4 –	Capa do jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> de 29 de junho de 2009.....	93
Figura 5 –	Capa do jornal <i>O Globo</i> de 29 de junho de 2009.....	94
Figura 6 –	Congressistas hondurenhos aprovam posse de Roberto Micheletti como Presidente. Jornal <i>La Tribuna</i> de 29 de junho de 2009.....	96
Figura 7 –	Supermercado cheio em Tegucigalpa em contraste com as ruas vazias. Jornal <i>La Tribuna</i> de 29 de junho de 2009.....	98
Figura 8 –	Manifestante de frente para um tanque de guerra em Tegucigalpa. Jornal <i>O Globo</i> de 29 de junho de 2009.....	100
Figura 9 –	Manifestante encapuzado em Tegucigalpa. Jornal <i>O Globo</i> de 29 de junho de 2009.....	101
Figura 10 –	Manifestante encapuzado em Tegucigalpa. Jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> de 29 de junho de 2009.....	103
Figura 11 –	Zelaya acompanhado de Chávez. Jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> de 30 de junho de 2009.....	104
Figura 12 –	Manifestantes atiram pedras em soldados em Tegucigalpa. Jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> de 30 de junho de 2009.....	106
Figura 13 –	Manifestante ferido. Jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> de 30 de junho de 2009.....	108
Figura 14 –	Frente da Casa Presidencial em Tegucigalpa. Capa do jornal <i>La Tribuna</i> do dia 4 de julho de 2009.....	114
Figura 15 –	Isis Obed Murillo sendo carregado depois de ser baleado no aeroporto em Tegucigalpa. Jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> de 6 de julho de 2009.....	118
Figura 16 –	Zelaya discursa em fronteira da Nicarágua com Honduras. Jornal <i>O Globo</i> de 27 de julho de 2009.....	122
Figura 17 –	Alunos protestam contra greve de professores em Tegucigalpa. Jornal <i>La Tribuna</i> de 15 de julho de 2009.....	125
Figura 18 –	Charge publicada na capa de <i>O Globo</i> do dia 24 de setembro de 2009.....	129
Figura 19 –	Velório de Wendy Elisabeth Ávila. Jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> de 28 de setembro de 2009.....	134

Figura 20 –	Mulher pega comida em fila na Embaixada do Brasil. Jornal <i>O Globo</i> de 24 de setembro de 2009.....	138
Figura 21 –	Homem ajuda outro a tomar banho na Embaixada do Brasil. Jornal <i>O Globo</i> de 24 de setembro de 2009.....	138
Figura 22 –	Depoimentos sobre intervalo do toque de recolher. Jornal <i>La Tribuna</i> de 24 de setembro de 2009.....	141
Figura 23 –	Zelaya se encontra com Pepe Lobo antes de deixar Honduras. Jornal <i>O Globo</i> de 28 de janeiro de 2010.....	147

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Edições selecionadas de <i>O Estado de S. Paulo</i>	89
Tabela 2 –	Edições selecionadas de <i>O Globo</i>	90
Tabela 3 –	Edições selecionadas de <i>La Tribuna</i>	91

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Aparições da palavra Honduras no jornal <i>O Globo</i>	99
Gráfico 2 –	Aparições da palavra Honduras no jornal <i>O Estado de S. Paulo</i>	100

LISTA DE SIGLAS

ALBA	Alternativa Bolivariana para os Povos de Nossa América
ALCA	Área de Livre Comércio das Américas
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
COHEP	<i>Consejo Hondureño de la Empresa Privada</i>
CEDOH	Centro de Documentación de Honduras
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CEPR	<i>Center for Economic and Policy Research</i>
ECA	Escola de Comunicações e Artes
FRNP	Frente Nacional de Resistência Popular
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
OEA	Organização dos Estados Americanos
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
UNAH	<i>Universidad Autónoma de Honduras</i>
USP	Universidade do Estado de São Paulo
ZFI	Zonas Francas Industriais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	UM OLHAR PARA HONDURAS	23
2.1	Geografia e economia.....	25
2.2	História.....	28
2.3	Governo Zelaya.....	30
2.4	O debate constitucional.....	38
2.5	A política externa brasileira e a defesa de Zelaya.....	40
3	POR UM NOVO FAZER JORNALÍSTICO	45
3.1	A influência do paradigma positivista.....	45
3.2	A crise da Ciência Moderna.....	53
3.3	Um novo paradigma comunicacional.....	55
4	AS VOZES DA RUA	65
4.1	O sobrinho do Presidente.....	67
4.2	O encontro de Claudio.....	69
4.3	O homem de prontidão.....	71
4.4	A chefe.....	72
4.5	O manifestante.....	74
4.6	O guia.....	77
4.7	O comunicador.....	78
4.8	O militante deputado.....	81
4.9	A anfitriã.....	84
5	LEITURA CRÍTICA DOS JORNAIS	88
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
	BIBLIOGRAFIA	157
	APÊNDICES	161

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma análise sobre a forma com que os jornais brasileiros *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* e o jornal hondurenho *La Tribuna* cobriram a retirada de Manuel Zelaya da Presidência de Honduras em 2009. Honduras é um país distante do Brasil geograficamente e simbolicamente. A deposição de Zelaya fez com que a nação pobre e fortemente ligada à política e à economia dos Estados Unidos chamasse a atenção dos brasileiros pela primeira vez em muito tempo.

O episódio em Honduras é representativo como estudo de caso porque representa ou revela o pouco conhecimento que muitas vezes o Brasil tem em relação aos seus vizinhos latino-americanos, e também porque evidencia os limites com que a imprensa brasileira trabalha os temas relacionados à região da América Latina. A escolha de um jornal hondurenho para integrar esta pesquisa é justificada pela importância de uma abordagem comparativa com os veículos brasileiros. O jornal *O Estado de S. Paulo* foi escolhido por sua história de investimento em grandes reportagens e o jornal *O Globo* por estar entre as publicações mais antigas do Brasil. O *La Tribuna*, por sua vez, foi selecionado por ser um periódico tradicional e de abrangência nacional em Honduras. Não trabalhamos com mais de um jornal hondurenho por conta da inexistência de arquivos disponíveis por meio digital, o que inviabilizou a coleta do material à distância dentro do tempo e dos recursos disponíveis para esta pesquisa.

Primeiramente convém apresentar, de forma bem resumida, a partir do que foi divulgado pela mídia, como se deu a deposição de Zelaya. Um relato mais completo pode ser lido no subitem 2.3 Governo Zelaya desta dissertação. Em março de 2009, o governo de Honduras aprovou um decreto autorizando o chamamento para junho daquele ano de uma consulta popular sobre a convocatória ou não de uma Assembleia Nacional Constituinte. A oposição acusou Zelaya de querer aprovar a reeleição presidencial em uma nova Constituição¹. O plebiscito foi agendado para o dia 28 de junho de 2009. O Poder Judiciário e o Congresso consideraram a consulta ilegal, mas ela foi mantida pela administração Zelaya².

Na manhã do dia 28 de junho de 2009, a Suprema Corte hondurenha ordenou que o Exército destituísse Zelaya, que foi retirado de sua casa por soldados e levado de avião para a

¹ Honduras segue passos de Morales e convoca plebiscito por nova Constituição. **Folha Online**. 24 Mar. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2009/03/539629-honduras-segue-passos-de-morales-e-convoca-plebiscito-por-nova-constituicao.shtml>>. Acesso em 11 Dez. 2015.

² Presidente detona crise militar em Honduras. **Folha Online**. 26 Jun. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2606200901.htm>>. Acesso em: 11 Dez. 2015.

Costa Rica. Faltavam seis meses para que ele terminasse o mandato³. O processo de deposição foi considerado por organizações internacionais⁴ uma afronta aos princípios fundamentais do Estado de Democrático de Direito. As eleições para definir o sucessor de Zelaya continuaram marcadas para 29 de novembro de 2009. Venceu Porfirio Pepe Lobo, que havia concorrido com Zelaya em 2005⁵.

Tendo em vista tal cenário, esta pesquisa começou com o objetivo de refletir sobre qual foi o ponto de vista adotado pelos veículos de comunicação selecionados sobre o afastamento de Zelaya da Presidência de Honduras: golpe ou contragolpe? A finalidade atendia a uma inquietação da pesquisadora que, apesar de acompanhar o noticiário da época com especial atenção, sentia que algo lhe escapava. Por mais que tentasse esgotar as leituras dos jornais sobre o assunto, entender o que se passava naquele país parecia uma tarefa impossível. O que de início foi condenado pelos periódicos brasileiros como um golpe de Estado passou a ser relativizado por eles à medida que as novas eleições se aproximavam e, com elas, o fim do governo interino. No hondurenho *La Tribuna*, o processo foi narrado como uma sucessão presidencial comum. O noticiário dos três veículos expunha em geral uma guerra entre aliados e inimigos de Zelaya, um resumo que estava longe de contemplar a complexidade das relações envolvidas.

Ao iniciarmos o processo de pesquisa, no entanto, os estudos sobre uma nova epistemologia do Jornalismo mudou a abordagem inicial deste trabalho. De uma leitura que caminharia para uma discussão sobre a influência das ideologias dos meios de comunicação, buscou-se realizar uma leitura cultural que identificasse no que as coberturas falharam para lograr uma efetiva mediação de significados naquele episódio. Algo faltara nas matérias para que fosse possível compreender, por exemplo, quem era Zelaya, um político da elite ruralista que estava sendo atacado pela direita de seu país e pelo seu próprio partido, e o que queriam os hondurenhos, em um processo cuja legitimidade constitucional estava em questão. Afinal, onde estavam as múltiplas vozes que poderiam dar sentido a essa história para além das discussões jurídicas em torno da legalidade ou não do plebiscito?

³ Presidente de Honduras sofre golpe de Estado e é forçado ao exílio. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 29 Jun. 2009. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,presidente-de-honduras-sofre-golpe-de-estado-e-e-forcado-ao-exilio,394703>>. Acesso em: 25 Out. 2015.

⁴ OEA condena energicamente golpe militar em Honduras. **G1**, São Paulo, 28 Jun. 2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1210973-5602,00-OEA+CONDENA+ENERGICAMENTE+GOLPE+MILITAR+EM+HONDURAS.html>>. Acesso em: 27 Jul. 2014.

⁵ COELHO, R. D. Opositor de Zelaya vence eleição presidencial em Honduras. **BBC Brasil**, Tegucigalpa, 30 Nov. 2009. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/11/091130_honduras_2a_rcpu.shtml>. Acesso em: 15 Dez. 2014.

O questionamento nos levou a uma reflexão sobre o papel do jornalista como mediador social em contraponto ao jornalista como divulgador de informações. Enquanto o primeiro se baseia na complexidade das relações, o segundo é coerente com o paradigma positivista que guia até os dias de hoje a prática jornalística, baseado na objetividade e na imparcialidade. O conceito do mediador social, que será aprofundado no item **3 POR UM NOVO FAZER JORNALÍSTICO**, integra uma linha de estudo traçada por pesquisadores do Núcleo de Epistemologia do Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), fundado pela professora Cremilda Medina. Tal linha concebe o Jornalismo como um processo de produção simbólica e traz a proposta de uma nova epistemologia baseada na prática da dialogia social. Recorrendo às palavras de Sandano Santos (2014, p. 17), o Jornalismo, segundo esta linha de análise, é visto como um “articulador do espaço do diálogo” e o jornalista, como o “profissional que interpreta empaticamente a realidade e assume a responsabilidade autoral na criação da realidade simbólica”⁶.

O problema que orienta esta dissertação passa a ser, então, verificar se os relatos jornalísticos sobre a crise em Honduras conseguiram construir *uma compreensão do acontecimento* por meio da produção de ensaios-reportagem ou de narrativas da contemporaneidade⁷, termo cunhado no Fórum Permanente Interdisciplinar da ECA-USP, sobre o qual há uma ampla abordagem no item **3 POR UM NOVO FAZER JORNALÍSTICO**. Dentro dessa nova forma de olhar a prática jornalística, ir ao encontro das vivências cotidianas e anônimas é essencial para o jornalista tecer a rede de significados contemporânea e promover a produção de conteúdos de comunicação que contemplem a polifonia e a polissemia, o que permitiria abordar a complexidade das relações envolvidas.

Esta pesquisa está amparada na epistemologia da complexidade defendida por Edgar Morin, que trata da importância de se ter consciência sobre os limites do conhecimento e da necessidade do trabalho conjunto dos diversos saberes. Desta forma, a construção de um novo paradigma da comunicação está ligada a uma concepção que contempla a complexidade das relações no mundo contemporâneo. A abordagem complexa da queda de Zelaya pelos veículos brasileiros permitiria tornar a realidade de Honduras mais compreensível no Brasil,

⁶ SANDANO SANTOS, C. E. **Para além do código digital**: Discussões epistemológicas para a prática jornalística na contemporaneidade. 2014. 221 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

⁷ A proposta da narrativa da contemporaneidade foi construída nos anos 1980 no âmbito da ECA-USP em pesquisas do Projeto Plural e com a prática de campo da série São Paulo de Perfil, coleção de livros-reportagem lançada em 1987.

enquanto que, no caso do periódico hondurenho, o faria lograr uma relação dialógica com a população de seu próprio país em um momento crítico e de forte debate político.

Para verificar se o material jornalístico produzido pelos veículos de comunicação selecionados se aproximaram do Jornalismo entendido como produção de conhecimento e mediação autoral, foram buscadas nas reportagens a presença das quatro vertentes do Jornalismo Interpretativo: o aprofundamento do contexto, a humanização do fato, o resgate das raízes históricas do ocorrido, o diagnóstico e o prognóstico das fontes especializadas⁸.

A tarefa de buscar estes elementos do Jornalismo Interpretativo nas matérias jornalísticas nos leva a duas indagações importantes que serviram de norte para a análise do *corpus* da pesquisa: 1^a) Os jornais privilegiaram as fontes oficiais em sua cobertura ou deram espaço às vozes da rua? 2^a) Os jornais interpretaram o episódio de acordo com fórmulas pré-estabelecidas ou exploraram a complexidade na cobertura?

Tendo em vista tais perguntas, a pesquisa partiu de duas hipóteses. Se a análise das matérias dos jornais selecionados indicasse que eles privilegiaram as fontes oficiais e interpretaram o episódio de acordo com fórmulas pré-estabelecidas, significaria que as coberturas dos veículos de comunicação não foram condizentes com o novo paradigma do Jornalismo defendido nesta dissertação. Se fossem identificados o aprofundamento do contexto, o resgate das raízes históricas, a intervenção de fontes especializadas e a presença das vozes das ruas, seria possível dizer que em algum momento os periódicos cumpriram o papel de efetiva mediação social.

Nos três jornais estudados foram selecionadas as matérias que ganharam destaque na publicação e que apresentaram alguma profundidade na abordagem. Por conta da extensa quantidade de material encontrado, não foram considerados os textos de cobertura meramente factual e os textos de opinião. O período trabalhado pela pesquisa compreende de 29 de junho de 2009, dia seguinte do afastamento de Zelaya da Presidência, a 28 de janeiro de 2010, quando o ex-Presidente deixou o país por meio de um acordo de anistia. A busca foi realizada nos arquivos digitais dos três periódicos e apenas as versões impressas foram consideradas.

No caso dos veículos brasileiros, foram selecionadas as reportagens que tiveram chamadas na capa no período. No entanto, foi realizada uma leitura integral das edições do período estudado para verificar se existiam casos de reportagens que se encaixavam nos critérios do Jornalismo Interpretativo e que não tiveram chamada de capa. Os casos

⁸ MEDINA, C. **A arte de tecer o presente: Narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus. 2003. 152 pp.

encontrados foram incluídos na seleção. Ao todo chegamos a 46 edições do jornal *O Estado de S. Paulo* e a 33 edições de *O Globo*.

Como a crise relacionada à derrubada de Zelaya esteve em destaque em praticamente todas as edições publicadas pelo *La Tribuna* nos sete meses estudados, foi adotado um critério diferente para o jornal hondurenho. Foram feitas as análises das oito primeiras edições, período em que foi possível identificar o estilo da cobertura e traçar uma tendência do jornal. Depois foram selecionadas apenas as matérias que traziam algum elemento ou elementos do Jornalismo Interpretativo e que apresentavam um maior esforço de reportagem. Desta forma chegamos a 16 edições.

As edições estão listadas em tabelas publicadas no item **4 LEITURA CRÍTICA DOS JORNAIS**, organizadas pelas datas e pelos títulos das chamadas de capa ou da reportagem em questão, quando não havia chamada de capa. Não foram anexadas cópias dos conteúdos analisados devido ao imenso volume. Há edições dos jornais brasileiros que possuem até cinco páginas de matérias sobre o episódio em Honduras. No caso do *La Tribuna*, a maior parte das edições selecionadas trazem cadernos inteiros sobre o assunto.

O nosso levantamento não é probabilístico e sim um método indutivo de pesquisa exploratória baseada em estudo de caso. Um dos critérios de seleção foi o da saturação da amostragem, ou seja, quando os conteúdos das matérias começaram a se tornar essencialmente repetitivos, deixou de existir a necessidade de examinar todas as matérias coletadas sobre o mesmo assunto. Partimos de uma amostra não necessariamente representativa do universo mais amplo de mídias, já que a pesquisa se concentra nos três veículos de comunicação selecionados para o estudo. Foi também usado o método histórico, especialmente por meio de fontes primárias e secundárias de pesquisa relacionadas à história de Honduras e do próprio ex-Presidente Zelaya. A aproximação da pesquisadora ao material que compõe o *corpus* da pesquisa foi inter e transdisciplinar, a fim de tornar possível realizar a leitura cultural dos fatos noticiados e (re)construir seus respectivos significados nos momentos em que ocorreram. Além de recorrer às técnicas de leitura cultural, a pesquisa usou, de modo complementar, as técnicas de Análise do Discurso e de observação participante durante as atividades de campo.

Por meio da leitura cultural foram buscadas nos textos as referências históricas, a presença dos protagonistas anônimos, a análise de fontes especializadas e o resgate do contexto dos acontecimentos relacionados ao afastamento de Zelaya da Presidência de Honduras. Com os recursos da Análise do Discurso, foram consideradas as influências das condições culturais, sociais e históricas dos autores envolvidos nas narrativas. A inter e a

transdisciplinaridade adotadas na pesquisa permitem aportar a este estudo a contribuição teórica da epistemologia do Jornalismo, das Ciências da Comunicação e das Ciências Sociais.

Como metodologia de análise empregada no presente trabalho, houve também a experiência da própria pesquisadora na construção de narrativas jornalísticas fundamentadas na imersão da realidade e apresentadas no item **4 AS VOZES DA RUA**. O resultado foi a produção de nove perfis a partir de entrevistas realizadas de 29 de setembro a 12 de outubro de 2015 com moradores de Tegucigalpa, capital de Honduras, escolhidos de maneira aleatória e seguindo uma técnica intuitiva. A intenção foi justamente não estabelecer um critério prévio que determinasse as características dos entrevistados. São pessoas com as quais se pode cruzar no dia a dia de uma rotina usual. Não foi utilizado um *script* padrão de perguntas nas abordagens dos personagens. Apenas o afastamento de Zelaya da Presidência foi intencionalmente abordado com todos. As pessoas entrevistadas estavam cientes da participação neste trabalho acadêmico. Quatro entrevistas foram gravadas e as transcrições na íntegra podem ser lidas nos **APÊNDICES**.

A elaboração dos perfis foi realizada a partir de um experimento de busca sensível dos protagonistas que estavam ausentes na maior parte da cobertura sobre a crise hondurenha. A partir deles foi possível entrar em contato com a realidade comum de Tegucigalpa e com os discursos tradicionais que trouxeram elementos esclarecedores sobre a vida em Honduras.

Esta pesquisa não entrará no mérito de discutir a posição ideológica dos veículos selecionados. Em alguns momentos da análise a visão dos jornais ficará explícita, como quando mostramos que os jornais brasileiros escolheram usar a palavra “golpe” para descrever o afastamento de Zelaya, enquanto o *La Tribuna* usou a expressão “sucessão presidencial”. Não faremos, no entanto, uma análise aprofundada sobre o que ampara tais escolhas, o que exigiria uma nova pesquisa focada no histórico dos jornais, nas características de seus donos, nas suas relações com o poder etc.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro há uma apresentação de Honduras, na qual são trazidos dados históricos, geográficos e políticos. O segundo traz a reflexão sobre a prática jornalística baseada nos dogmas positivistas e racionalistas versus a apresentação e a reflexão sobre a prática jornalística baseada nos princípios epistemológicos de mediação e produção de sentidos. O quarto capítulo traz um conjunto de narrativas sobre os personagens hondurenhos entrevistados para esta dissertação. No último capítulo estão a apresentação e as análises das matérias jornalísticas escolhidas para estudo, incluindo os instrumentos e os métodos de pesquisa referidos nesta **INTRODUÇÃO**. E por último estão as **CONSIDERAÇÕES FINAIS**.

Haverá momentos neste trabalho em que vou me permitir falar em primeira pessoa como forma de dar vazão às minhas impressões sobre a experiência de ter visitado Honduras e de ter entrado em contato com a sua realidade cotidiana e com suas artes. Esta também é uma forma de ser coerente com o questionamento trazido por esta pesquisa sobre os limites do paradigma positivista e de se abrir a novas possibilidades de produção de conhecimento. A presente pesquisa revelou como a abordagem dos veículos de comunicação não foi suficiente para representar a realidade política de um país, o que mostra a necessidade de buscar outros paradigmas para construir uma narrativa verdadeiramente dialógica.

2 UM OLHAR PARA HONDURAS

Aquí, en esta Honduras entrañable, se escribe la historia

(trecho)

*En este lugar tan hondo de la América herida corre
el llanto y el sudor confundiéndose /sobre la
marcha; un sabor a lágrima se desliza /desde el
cielo lloviendo en testimonio fijo de tinta /sobre las
paredes. Aquí se escribe la historia con rostro de
hambre, de rabia, de luto; se escribe con brazos,
con alma, con ideales, con tinta firme, con puño
claro, con paso lento, con la ilusión de que algo
mejor se gesta: se escribe en el corazón de los
mártires.*

(...)

Yadira Eguire⁹

Honduras é um país da América Central pouco conhecido pelos brasileiros. A menção de seu nome no Brasil não costuma trazer à memória referências culturais, históricas ou políticas. Muitas vezes há dúvida até sobre a sua localização geográfica. É um desafio ao brasileiro citar uma personalidade hondurenha. Algum músico, escritor, esportista, político? Talvez o nome do ex-Presidente Manuel Zelaya seja um dos únicos que ficará marcado para o brasileiro.

Quando Zelaya foi afastado da Presidência de Honduras, os olhares da imprensa brasileira se voltaram para aquele país por meses. As notícias sobre o desenlaçar da crise política hondurenha ocupou quase que diariamente os altos de páginas dos dois jornais brasileiros selecionados para esta pesquisa, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*. Foi assim desde a derrubada do líder até a resolução do conflito com a posse de um novo Presidente em janeiro de 2010. A concessão de abrigo a Zelaya na embaixada do Brasil em Tegucigalpa, em setembro de 2009, aqueceu ainda mais o noticiário dos diários brasileiros.

Honduras é um caso representativo do desconhecimento, ou do pretenso conhecimento, da população brasileira sobre os demais países da América Latina. Apesar do peso político do Brasil na região e da sua larga fronteira com outros dez países, é notória a

⁹ LAZO, L. E. (org.). **Honduras: Golpe y Pluma**, Antología de poesía resistente escrita por mujeres (2009-2013), Tegucigalpa: Litografía Lopez, 2013. 184 pp.

falta de intercâmbio cultural brasileiro com as demais nações latino-americanas. Mesmo em relação a países mais presentes nos meios de comunicação brasileiros, como a Argentina e o Uruguai, é possível questionar até que ponto o debate consegue ir além de estereótipos pré-estabelecidos. Nesse sentido, a imprensa tem um papel importante de aproximar as realidades e torná-las cognoscíveis a partir do contato direto do jornalista com os atores sociais dos demais territórios e o desenvolvimento de narrativas a partir da experiência dialógica.

O jornalista hondurenho Manuel Torres Calderón (2002) chama atenção para o que ele considera ser a irrelevância de Honduras na imprensa internacional. Calderón discorre sobre o desconhecimento e a incompreensão sobre a história desse país tanto dentro como fora dele em artigo¹⁰ que traz no título a provocação: “*Quien conoce Honduras?*”. Para responder essa pergunta, Calderón defende que o impasse para desvendar seu país está ligado tanto à dificuldade dos cidadãos hondurenhos de enxergarem o seu próprio valor nos rumos da história da nação, quanto ao pouco espaço concedido a Honduras no noticiário internacional.

Como resgata Calderón, nos anos de 1980 Honduras foi a sede dos Estados Unidos na guerra contra o governo sandinista da Nicarágua e também a sede da imprensa internacional que cobria o conflito. Naquela ocasião, ele diz que os jornalistas não tinham o menor interesse na realidade interna de Honduras. “*Ante los ojos del mundo no había diferencia entre Honduras y una base militar de Estados Unidos en Filipinas. De ‘banana republic’ pasó a ser conocida como ‘USS Honduras’.*”

O início da democracia institucional que o país vivenciou a partir daquela época, segundo o jornalista, seria mais reflexo da conjuntura centro-americana do que de apelos internos (CALDERÓN, 2002). Frente a este contexto de desconhecimento sobre Honduras, a presente dissertação busca, dentro de suas limitações e sem desviar do seu objetivo central de análise dos jornais, trazer aspectos de Honduras que ajudem para uma melhor compreensão da realidade desse país.

¹⁰ CALDERÓN, M. T. **Quién conoce Honduras?** In CALDERÓN, M. T.; MEJÍA, T.; ALDER, D.; JEFFREY, P. Descifrando a Honduras: cuatro puntos de vista sobre la realidad política tras el huracán Mitch, Cambridge: Hemisphere Initiatives, 2002. Disponível em: <<http://lanic.utexas.edu/project/hemisphereinitiatives/honduras.pdf>>. Acesso em: 9 Nov. 2015.

2.1 Geografia e economia

Localizada na América Central, Honduras tem 112,5 mil quilômetros quadrados de extensão territorial¹¹, praticamente metade da área do Estado de São Paulo, que é de 248 mil quilômetros quadrados. Conforme é possível observar no mapa a seguir, o país possui fronteiras com a Guatemala, El Salvador e a Nicarágua. Sua costa é banhada pelos Oceanos Atlântico, ao norte, e pelo Pacífico, ao sul. A história popularmente contada é de que o nome Honduras, palavra de origem espanhola que significa profundezas, teria sido dado por Cristóvão Colombo depois de sua embarcação sofrer com fortes tormentas próximo à costa do território¹².

Figura 1 – Mapa de Honduras

¹¹ Dados do Programa das Nações Unidas pelo Desenvolvimento (Pnud). Disponível em: <<http://www.hn.undp.org/content/honduras/es/home/countryinfo.html>>. Acesso em 10 Nov. 2015.

¹² Este dado foi colhido pela pesquisadora durante visita a Honduras em conversas com pessoas comuns.

São 18 os departamentos que compõem o mapa político do país¹³, sendo a capital Tegucigalpa localizada no departamento de Francisco Morazán. A população de Honduras, em 2015, era estimada em 8,4 milhões de habitantes. Tegucigalpa, a cidade mais populosa, tem 1,3 milhão de habitantes (2015). Um dado curioso é que apenas em 2010 a população urbana hondurenha ultrapassou a rural. Em 2015, 53,2% dos habitantes residiam nas cidades. Mesmo assim, o campo ainda possui uma importância significativa no país, pois 36,2% da população ocupada trabalha na agricultura. Outra característica da população hondurenha é que ela é jovem: 74% dos habitantes têm até 34 anos e a expectativa de vida é de 72,8 anos¹⁴.

Em 2014, segundo dados do Banco Mundial, o Produto Interno Bruto (PIB) de Honduras era de 19,39 bilhões de dólares, o que representa um PIB per capita de 2,3 mil dólares. Ainda de acordo com o Banco Mundial, 64,5% da população hondurenha vive na pobreza e 42,6% na extrema pobreza, ou seja, com menos de 2,5 dólares ao dia, em dados de 2013¹⁵. Até 2008, Honduras tinha um dos salários mínimos mais baixos da América Central. A partir de 2009, o governo federal, sob a gestão de Zelaya, implementou um aumento do salário mínimo de 3,4 mil lempiras (154,5 dólares na cotação de 2015) para 5,5 mil lempiras (250 dólares), um incremento de quase 60%¹⁶.

Mesmo assim, Honduras continua sendo um dos países mais pobres da América Latina. Em 2010, 69,2% da população hondurenha vivia em situação de pobreza, dos quais 45,6% abaixo da linha de extrema pobreza, segundo dados da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). Honduras é também um dos países mais violentos do continente americano, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU). Segundo os últimos dados computados pela entidade, de 2012, Honduras, junto com a Síria e a Venezuela foram os países que registraram as cifras mais altas de mortes violentas no mundo. A taxa de homicídio foi de 90,4 a cada 100 mil habitantes¹⁷.

¹³ Os 18 departamentos de Honduras são: Atlántida, Colón, Comayagua, Copán, Cortés, Choluteca, El Paraíso, Francisco Morazán, Gracias a Dios, Intibuca, Islas de la Bahía, La Paz, Lempira, Ocotepeque, Olancho, Santa Bárbara, Valle e Yoro.

¹⁴ Dados sobre população e economia retirados do Anuário Estatístico de 2014 da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), disponível em <http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/37647/S1420569_mu.pdf?sequence=1>. Acesso em 10 Nov. 2015.

¹⁵ Dados do Banco Mundial. Disponíveis em: <<http://www.bancomundial.org/es/country/honduras>>. Acesso em 10 Nov. 2015.

¹⁶ CORDEIRO, J. A. **Honduras**: Desempeño económico reciente. Washington: CEPR, 2009. Disponível em: <<http://www.cepr.net/documents/publications/honduras-spanish-2009-11.pdf>>. Acesso em: 25 Out. 2015.

¹⁷ Síria, Honduras y Venezuela, entre los países con más muertes violentas, **Centro de Notícias da ONU**. 8 Mai. 2015. Disponível em: <<http://www.un.org/spanish/News/story.asp?NewsID=32315#.ViL1CGQzYy4>>. Acesso em: 17 Out. 2015.

Entre 1998 e 2010, o crescimento médio do PIB hondurenho foi de 3,2% ao ano¹⁸. Para 2015, a projeção da CEPAL para o crescimento do PIB hondurenho era de 3,5%, impulsionada por investimentos públicos, pelas exportações e por ingresso de remessas¹⁹. É um desafio, porém, ver o crescimento se refletir em melhoria da qualidade de vida das pessoas. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Honduras foi de 0,617 ponto em 2013, o terceiro pior da América Latina, atrás apenas do Haiti e da Nicarágua, segundo dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

Segundo o Balanço Preliminar das Economias da América Latina e Caribe de 2014²⁰, realizado pela CEPAL, a aplicação de um forte ajuste fiscal ao longo de 2014 restringiu o crescimento de Honduras. O déficit da administração central em 2013 foi de 7,9% do PIB, e em 2014 ele foi reduzido a 5% como resultado do ajuste. A inflação no país tem-se mantido entre 5,5% a 7,5%.

Honduras se caracterizou ao longo de sua história por ter uma economia muito dependente de produtos primários. Desde o começo do século XX até a sua metade, o país foi majoritariamente exportador de bananas. Apenas a partir dos anos 1950 surgiram as primeiras iniciativas para buscar a diversificação da pauta de exportação com o café e outros produtos agrícolas. Como resultado, em 1960, a participação da banana havia caído a 45% do total de produtos exportados pelo país (CORDEIRO, 2009).

Segundo o estudo do *Center for Economic and Policy Research* (CEPR), as mudanças mais importantes na inserção de Honduras na economia global vieram somente depois da criação de Zonas Francas Industriais (ZFI), em 1987:

Esto, tanto como una mano de obra muy barata y una relación cercana con los Estados Unidos, convirtió a Honduras en un sitio atractivo para que las empresas multinacionales ubicaran sus centros de producción, especialmente de textiles” (CORDEIRO, 2009).

¹⁸ FRANZONI, J. M. **Social protection systems in Latin America and the Caribbean**: Honduras, Santiago: Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAC), 2013. Disponível em: <http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/4061/S2013117_en.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 Out. 2015.

¹⁹ Informe macroeconômico da Cepal sobre Honduras. Disponível em: <http://cdn.latribuna.hn/wp-content/uploads/2015/07/Honduras_es.pdf>. Acesso em 10 Nov. 2015.

²⁰ Balanço Preliminar das Economias da América Latina e Caribe de 2014. Disponível em: <http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/37344/Honduras_es.pdf?sequence=96>. Acesso em 10 Nov. 2015.

No entanto, até hoje o país tem uma pauta de exportação concentrada em produtos primários. Em 2014, segundo dados do Banco Central de Honduras²¹, o café e a banana eram os produtos mais vendidos para o exterior, com participação de 21,2% e 11,5% no total de valor exportado respectivamente. O azeite de palma ocupa a terceira posição, com 7,3% do valor total exportado. Ou seja, 40% do valor exportado em 2014 por Honduras veio de três mercadorias de baixo valor agregado. Em compensação, os produtos alimentícios industrializados representaram 10,5% das importações do país em 2014, e os produtos químicos industrializados, 12,3%. Se juntarmos as importações de combustíveis e lubrificantes (22,8%), temos 45,6% das importações do país, o que demonstra uma importante dependência externa energética e industrial de Honduras.

2.2 História

Antes da chegada dos espanhóis na América Central, a população mais numerosa do território que hoje se conhece como Honduras era o povo indígena lencas, que ocupava o Ocidente, o Centro e o Sul do país. Segundo o historiador Ramón Rivas²², cronistas relatam que os lencas provavelmente são descendentes dos maias:

Aunque existen polémicas científicas sobre la descendencia y origen de los lencas, de acuerdo a Barón Castro, son los restos directos de los herederos mayas, que no siguieron el éxodo que dio fin al Antiguo Imperio. A la llegada de los españoles, se encontraban establecidos en el territorio que hoy comprenden las repúblicas de El Salvador y Honduras. (RIVAS, 2000, p. 41)

Um dos episódios mais importantes que simboliza a luta do povo indígena contra o domínio espanhol foi a rebelião encabeçada pelo cacique Lempira no ano de 1537. Ele uniu todo o povo lenca em uma confederação das tribos para lutar contra os conquistadores.

A moeda hondurenha carrega o nome do herói indígena, cuja face estampa as notas de 1 lempira. Em 1539 o território de Honduras foi incorporado à Capitania Geral da Guatemala. Em 1821, com a independência do México, que estava sob o domínio da Espanha, as províncias que integravam a Capitania Geral da Guatemala romperam com a metrópole

²¹ Dados da Conta Corrente de Honduras. Disponível em: <http://www.bch.hn/cuenta_corriente.php>. Acesso em: 9 Nov. 2015.

²² RIVAS, R. D. **Pueblos Indígenas y Garífuna de Honduras: Una caracterización**. Tegucigalpa: Guaymuras. 2000. 492 p.

espanhola e no ano seguinte uniram-se ao Império Mexicano. Honduras se declarou um país independente em 1838 e aprovou uma Constituição própria em 1839.

A história de Honduras, após a promulgação de sua primeira Constituição, foi marcada por golpes e períodos de ditadura. Assim como em outros países da América Latina, Honduras viveu um regime militar durante a Guerra Fria. Um golpe em 1963 tirou o Presidente liberal Ramón Villeda Morales do poder e manteve um governo militar no país até o início dos anos de 1980. Com isso se iniciou um longo período de ditadura militar, como relata Victor Meza (2007)²³:

La implantación del regimen militar en octubre de 1963, luego de un sangriento golpe de Estado en contra del gobierno liberal de Ramón Villeda Morales, dio inicio a una larga etapa de dominio castrense que se prolongó, en diferentes formas y con intensidad distinta, hasta la década de los años ochenta del siglo pasado. La era militar sólo fue interrumpida por el breve interregno político que significó el gobierno bipartidista que encabezó el nacionalista Ramón Ernesto Cruz entre junio de 1971 y diciembre de 1972, apenas 18 meses de escabroso respiro político para la sociedad hondureña. (Meza, 2007, p.4)

Em 1981 foi eleita uma Assembleia Constituinte que elaborou uma nova Constituição para Honduras, aprovada em 1982. De acordo com Fernando García Merino (2009), da CEPAL, o novo documento trouxe bases para futuras reformas políticas e econômicas que buscavam o desenvolvimento das comunidades locais do país²⁴. Foi em 1981 também que Honduras elegeu seu primeiro Presidente civil, Roberto Suazo Córdova. Segundo Calderón (2002), porém, a mudança não trouxe grandes avanços democráticos à população:

Honduras no tuvo mucha suerte con su retorno al orden constitucional. Los favorecidos con el retiro pactado de los militares fueron los políticos civiles más atrasados y conservadores del país, encabezados por un médico y cacique rural llamado Roberto Suazo Córdova, del Partido Liberal. Totalmente plegado a los intereses de Washington y del militarismo, Suazo Córdova fue como una reencarnación de los viejos dictadores que asolaron América Latina en las primeras décadas del siglo XX. De todos tenía algo, de unos la capacidad de intriga; y de otros un gusto nefasto por los placeres del poder.

Quando a Nicarágua foi governada pelos sandinistas na década de 1980, Honduras serviu de base para os rebeldes antissandinistas, apoiados pelos Estados Unidos, invadirem o

²³ MEZA, V. **Honduras: Poderes fácticos y sistema político**. Tegucigalpa: CEDOH. 2007. 364 p.

²⁴ MERINO, F. G. **Políticas e instituciones para el desarrollo económico territorial: El caso de Honduras**, CEPAL - Serie Desarrollo territorial, no 7, 2009. Disponível em: <<http://archivo.cepal.org/pdfs/2009/S0900365.pdf>>. Acesso em: 9 Nov. 2015.

país vizinho e tomarem o poder. Nos anos de 1980, período de transição democrática na política do país, Honduras foi base de operações militares dos Estados Unidos na América Central. Para Calderón (2002), a transição política institucional depois de 1980 consumou-se com a realização de eleições de quatro em quatro anos, mudanças de governos sob um regime bipartidário e a construção de uma elite política conservadora “*que fue construyendo, a base de nuevas impunidades, un Estado corporativo y patrimonial que favorece nuevas alianzas político-empresariales*”(CALDERÓN, 2002).

Os partidos Nacional e Liberal praticamente intercalaram o poder federal de Honduras na história recente. Depois de Córdova, veio o liberal José Azcona Hoyo (1986-1990), que passou a faixa presidencial para o nacionalista Rafael Leonardo Callejas (1990-1994), seguido por Carlos Roberto Reina (1994-1998), do Partido Liberal, Carlos Roberto Flores Facusse (1998-2002), também do Liberal, Ricardo Maduro Joest (2002-2006), do Nacional, e José Manuel Zelaya Rosales (2006-2009), do Liberal. O fim prematuro do mandato de Zelaya, praticamente seis meses antes do término legal, significaria o fim do sistema bipartidário em Honduras.

2.3 Governo Zelaya

Manuel Zelaya ganhou as eleições de 2005 para a Presidência de Honduras como candidato do Partido Liberal e com a promessa de construir uma democracia mais participativa no país. Sua campanha denunciava a ineficiência do sistema vigente no combate à exclusão social (MERINO, 2009, p. 30) e defendia a descentralização das decisões políticas, com maior delegação de poder às instâncias municipais, e da economia, com o apoio às pequenas e médias empresas, ao setor informal e aos trabalhadores do campo. Zelaya ganhou as eleições de forma acirrada, e o Partido Liberal não conseguiu maioria no Congresso.

A vitória de Zelaya não foi aceita de imediato pelo opositor Porfirio Pepe Lobo, do Partido Nacional. O candidato nacionalista questionou a legitimidade do resultado sob alegação de que teria havido fraude em algumas urnas. Lobo veio a admitir a derrota apenas 11 dias depois das eleições, durante a recontagem dos votos. Em discurso divulgado pela imprensa, ele agradeceu o povo hondurenho e prometeu fazer uma oposição construtiva²⁵.

²⁵ El oficialista Lobo acepta su derrota electoral en Honduras ante el opositor liberal Zelaya. **El Mundo**, Tegucigalpa, 8 Dez. 2005. Disponível em: <<http://www.elmundo.es/elmundo/2005/12/07/internacional/1133982848.html>>. Acesso em: 9 Nov. 2015.

Zelaya era uma figura que chamava atenção por sua atitude informal, característica que lhe permitiu se aproximar das camadas mais populares da sociedade. “Zelaya tinha toda uma carreira política tradicional. É filho de ruralistas, vinha da elite política, já tinha sido ministro e deputado. Mas algo se passou com ele que o levou para outro rumo. Começou a se mostrar como de esquerda e a tomar medidas consideradas populistas.”, explica o sociólogo Eugenio Sosa, da Universidade Autônoma de Honduras (UNAH), em entrevista para esta pesquisa.

O sociólogo cita dois episódios que mostram o estilo popular de Zelaya. O primeiro foi quando uma liderança indígena reclamou que o Presidente não havia cumprido a promessa de prover burros para a sua comunidade. Diante da cobrança, Zelaya não teria hesitado em mandar que enviassem um burro até a aldeia. Como o local ficava em um morro de difícil acesso, o animal foi carregado em um helicóptero. Em outra oportunidade, compradores estrangeiros contestaram a qualidade do melão exportado por Honduras, e como forma de provar que não havia nenhum problema, Zelaya teria comido publicamente pedaços da fruta.

Contribuiu para a popularidade de Zelaya também o bom desempenho da economia em seus anos de governo (CORDERO, 2009). O PIB do país cresceu 6,6% em 2006, primeiro ano de seu mandato, e 6,3% em 2007. A pobreza caiu de 65,8% das habitações para 60,2%. De 2005 para 2006, a renda dos mais pobres aumentou, enquanto a dos mais ricos caiu. A inflação se manteve sob controle e o câmbio ficou estável. Com esse cenário, o governo adotou uma política monetária expansiva, com aumento do crédito e do salário mínimo, que foi ajustado em 60% em 2008. A medida agradou a classe trabalhadora, mas foi atacada pelos empregadores, que tentaram derrubar o aumento na Justiça, sem sucesso. Também em 2008, Zelaya assinou a adesão de Honduras à Alternativa Bolivariana para os Povos de Nossa América (ALBA), o que garantiu recursos extras para o país por meio dos incentivos financeiros proporcionados pelo petróleo venezuelano.

A ALBA foi criada em 2004 pela Venezuela e por Cuba com o pretexto de promover a integração econômica e a assistência financeira entre países membros da América do Sul, América Central e Caribe e para reduzir a dependência dos países da região aos Estados Unidos. O bloco foi lançado como uma espécie de alternativa ao modelo da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), proposta pelos norte-americanos. A decisão de Honduras de aderir ao bloco teve o apoio de movimentos sociais, mas foi criticada pela elite empresarial e

política²⁶, que viu na aproximação do governo hondurenho com a Venezuela uma guinada de Zelaya para a esquerda.

Era uma decisão ousada em um país historicamente alinhado aos Estados Unidos. Para celebrar a assinatura da adesão à ALBA, houve um ato público em frente à sede da Presidência em Tegucigalpa com a presença de autoridades como Chávez, os presidentes da Bolívia, Evo Morales, da Nicarágua, Daniel Ortega, e do vice-Presidente de Cuba, Carlos Lage. “Toda a energia que Honduras necessite ou os recursos energéticos, petróleo e seus derivados, fontes alternativas de energia... tem assegurado ao menos por 100 anos”, disse Chávez na ocasião, ovacionado por uma multidão de cerca de 50 mil pessoas que acompanhavam a cerimônia²⁷.

Como resultado da política de salário mínimo e da injeção de recursos no país permitida pela adesão à ALBA, os sindicatos de trabalhadores demonstraram disposição para respaldar politicamente Zelaya, conforme Meza descreve em “*Diário de la conflictividad en Honduras: 2009-2015*”, um livro de compilação das análises políticas publicadas mensalmente pelo autor de janeiro de 2009 a junho de 2015. Como resultado da aproximação entre o governo e os sindicatos, no começo de 2009 foi estabelecida uma agenda de negociações batizada de “*plataforma de los doce puntos*”. Dentre as principais demandas dos trabalhadores estavam: a rejeição do modelo econômico neoliberal, a revogação dos tratados de livre comércio, a não privatização dos serviços públicos, a renacionalização dos serviços privatizados (energia elétrica, telecomunicações etc.), a reforma agrária, reformas na lei florestal e na lei de mineração, o aumento da representatividade na lei eleitoral e a aplicação de direitos indígenas, dentre outros (MEZA, 2015, p. 29).

Mas não foram apenas as atitudes populares de Zelaya e a aproximação com os movimentos sociais que desagradaram a elite econômica de Honduras. Alguns episódios demonstraram uma menor sujeição da gestão de Zelaya aos Estados Unidos. Um exemplo, relatado por Meza (2015), foi quando, logo após ter a vitória eleitoral reconhecida, Zelaya recebeu um envelope do embaixador norte-americano em Honduras com uma lista de nomes sugeridos para a formação de seu futuro gabinete. As sugestões (três nomes por secretaria) foram ignoradas pelo novo Presidente, que expôs a público a interferência. Zelaya também

²⁶ Chávez diz que entrada de Honduras na Alba fortalece integração. **G1**. Caracas. 23 Ago. 2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL734678-5602,00-CHAVEZ+DIZ+QUE+ENTRADA+DE+HONDURAS+NA+ALBA+FORTALECE+INTEGRACAO.html>>. Acesso em 11 Dez. 2015.

²⁷ RAMA, A. e PALENCIA, G. Honduras se une à Alba e Chávez eleva influência na A. Central, *Reuters Brasil*, Tegucigalpa. 25 Ago. 2008. Disponível em: <<http://br.reuters.com/article/worldNews/idBRN2528856120080826>>. Acesso em: 8 Dez. 2014.

provocou um embaraço diplomático quando negou o pedido dos norte-americanos de dar visto de entrada em Honduras ao cubano Luis Posada Carriles, perseguido por terrorismo por Cuba e que havia entrado de forma irregular nos Estados Unidos.

O episódio que mais acentuou a tensão entre Zelaya e os demais atores políticos tradicionais de Honduras foi, no entanto, a decisão de colocar em marcha o projeto da quarta urna. Em março de 2009, o Conselho de Ministros de Honduras aprovou um decreto autorizando a convocação para junho daquele ano de uma consulta popular sobre a convocatória de uma Assembleia Nacional Constituinte. O plebiscito traria a seguinte pergunta: “Você está de acordo que nas eleições gerais de novembro de 2009 se instale uma quarta urna para decidir sobre a convocatória a uma Assembleia Nacional Constituinte que aprove uma nova Constituição política?” Caso o sim ganhasse, o governo incluiria uma quarta urna (além das urnas para Presidente, deputados e prefeitos) nas eleições gerais de novembro.

A elite política hondurenha acusou a iniciativa de consultar a população sobre uma Assembleia Constituinte como mais uma influência de Chávez no país e como uma forma de Zelaya autorizar a reeleição presidencial²⁸. O plebiscito foi agendado para o dia 28 de junho de 2009, decisão que colocou o governo Zelaya em confronto com os demais poderes. O Poder Judiciário, as Forças Armadas e o Congresso Nacional consideraram a consulta ilegal. Segundo a Constituição de Honduras naquela época, as reformas constitucionais só podiam ser realizadas pelo Congresso de Deputados, sendo vedada a iniciativa ao executivo.

O chefe das Forças Armadas, general Romeo Vasquez, foi demitido por se recusar a organizar a logística da consulta diante da ilegalidade declarada pela Justiça Eleitoral. A Suprema Corte chegou a ordenar a readmissão do general, mas a ordem foi ignorada por Zelaya. Até o Partido Liberal se apunha à consulta. A favor da consulta estavam sindicatos de trabalhadores, agricultores e grupos de esquerda²⁹. Isolado politicamente, Zelaya buscou o apoio da Organização dos Estados Americanos (OEA). O político argumentava que a Constituição vigente não refletia as necessidades do país e que o povo deveria ser consultado. O plebiscito foi mantido³⁰.

²⁸ Honduras segue passos de Morales e convoca plebiscito por nova Constituição. **Folha Online**. 24 Mar. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2009/03/539629-honduras-segue-passos-de-morales-e-convoca-plebiscito-por-nova-constituicao.shtml>>. Acesso em 11 Dez. 2015.

²⁹ Presidente de Honduras desafia Suprema Corte e aprofunda crise política. **Folha Online**. 25 Jun. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2009/06/586448-presidente-de-honduras-desafia-suprema-corte-e-aprofunda-crise-politica.shtml>>. Acesso em 11 Dez. 2015.

³⁰ Presidente detona crise militar em Honduras. **Folha Online**. 26 Jun. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2606200901.htm>>. Acesso em: 11 Dez. 2015.

Até aqui, segundo Meza (2015), os planos de Zelaya seguiam bem, mas o ex-Presidente teria subestimado o grau de politização das instituições cujos representantes eram nomeados pelo Congresso:

(...) la Corte Suprema de Justicia, la Procuraduría General de la República, el Ministerio Público, el Tribunal Superior de Cuentas, el Tribunal Superior Electoral, el Comisionado Nacional de los Derechos Humanos, etc. Todas estas instituciones se convirtieron en aliadas políticas en contra de la intención de Zelaya de romper, via cuarta urna, las reglas del juego del sistema político electoral y del sistema de partidos políticos tradicionales de Honduras. Todas ellas respondieron, con mayor o menor visibilidad, a los mandatos, abiertos o encubiertos, de las cúpulas partidarias y de los grupos empresariales que les dan apoyo económico y sustento institucional. (MEZA, 2015, p. 40).

Por conta da regra constitucional que previa que reformas na Constituição só poderiam ser realizadas pelo Congresso de Deputados, em maio de 2009 o Ministério Público moveu uma ação judicial contra o Estado de Honduras pela nulidade do decreto que estabelecia a consulta popular sobre a quarta urna. Em 3 de junho de 2009, o Juizado proibiu o então Presidente Zelaya de continuar a consulta. Zelaya tentou recorrer na Justiça, mas foi advertido de que sua conduta era considerada ilegal. O promotor-geral da República denunciou Zelaya na Suprema Corte por atentado contra a forma de governo, de traição à pátria, de abuso de autoridade e de usurpação de funções, em prejuízo da administração pública e do Estado. A Suprema Corte aceitou a denúncia e decretou a prisão preventiva do denunciado. O mandado de captura foi executado pelas Forças Armadas, que também recebeu ordens do Judiciário para suspender a consulta popular.

Dessa forma, na manhã do dia 28 de junho de 2009, dia em que ocorreria o plebiscito, militares retiraram Zelaya de sua casa e o expulsaram de avião para a Costa Rica. A Suprema Corte não admitiu ter dado ordem para a expulsão. Faltavam seis meses para que ele terminasse o mandato³¹. O Congresso de Honduras leu uma carta de renúncia de Zelaya, negada por ele³², e aprovou a posse do então Presidente do Congresso, Roberto Micheletti, como novo Presidente de Honduras. Uma das primeiras ações do novo governo foi declarar

³¹ Presidente de Honduras sofre golpe de Estado e é forçado ao exílio. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 29 Jun. 2009. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,presidente-de-honduras-sofre-golpe-de-estado-e-e-forcado-ao-exilio,394703>>. Acesso em: 25 Out. 2015.

³² Congresso de Honduras lê carta de renúncia; presidente nega. **Agência Estado**, São Paulo, 28 Jun. 2009. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/america-latina,congresso-de-honduras-le-carta-de-renuncia-presidente-nega,394496>>. Acesso em: 25 Out. 2015.

toque de recolher em todo o país³³. Micheletti declarou que a ação de retirada de Zelaya da Presidência seguia as normas constitucionais. No entanto, se não era permitido ao Poder Executivo tomar a iniciativa para alterar a Constituição, a Carta Magna hondurenha tampouco previa instrumentos para retirar um Presidente do poder.

Protestos foram realizados nas ruas por parte da população contra e a favor da retirada de Zelaya. Quem saiu às ruas para pedir a volta do ex-Presidente sofreu repressão policial³⁴. No dia 5 de julho de 2009, Zelaya tentou voltar ao país de avião, mas foi impedido por soldados de aterrissar em Tegucigalpa. Milhares de manifestantes pró-Zelaya se reuniram próximos ao aeroporto para aguardar a chegada do político. Naquele dia, um jovem de 19 anos, Isis Obed Murillo, foi morto com um tiro de fuzil na cabeça disparado pelas forças policiais que tentavam impedir o acesso dos manifestantes ao aeroporto³⁵.

O processo de deposição foi considerado uma afronta aos princípios fundamentais do Estado Democrático de Direito pela OEA, pela ONU e pela União Europeia³⁶. A Assembleia Geral da ONU condenou o que ocorreu em Honduras como golpe de Estado e pediu a recondução de Zelaya à Presidência. A OEA suspendeu o direito de participação de Honduras na instituição “*como consecuencia del golpe de estado que expulsó del poder al presidente José Manuel Zelaya*” (comunicado da OEA de 5 de julho de 2009). A União Europeia interrompeu a ajuda financeira a título de desenvolvimento de Honduras como forma de pressionar o retorno de Zelaya. Também suspenderam suas ajudas o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). O então Presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, disse que o governo de Roberto Micheletti era ilegal. Os países da ALBA – Venezuela, Cuba, Bolívia, Nicarágua, Dominica, Equador, São Vicente e Granadinas, Antiga e Barbuda – retiraram seus embaixadores de Honduras. O Mercosul, bloco formado por Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, instruiu as chancelarias de seus países a articular medidas conjuntas que permitissem a imediata recondução de Zelaya ao cargo.

³³ Presidente interino de Honduras declara toque de recolher. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 29 Jun. 2009. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,presidente-interino-de-honduras-declara-toque-de-recolher,394729>>. Acesso em: 25 Out. 2015.

³⁴ Hondurenhos se dividem em protestos contra e pró-Zelaya. **Último Segundo**, São Paulo, 2 Jul. 2009. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/hondurenhos-se-dividem-em-protestos-contra-e-pro-zelaya/n1237627880106.html>>. Acesso em: 25 Out. 2015.

³⁵ CHACRA, G. Confrontos deixam 1 morto e 10 feridos. **O Estado de S. Paulo**, Tegucigalpa, 6 Jul. 2009. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,confrontos-deixam-1-morto-e-10-feridos,398380>>. Acesso em: 25 Out. 2015.

³⁶ OEA condena energicamente golpe militar em Honduras, **G1**, São Paulo, 28 Jun. 2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1210973-5602,00-OEA+CONDENA+ENERGICAMENTE+GOLPE+MILITAR+EM+HONDURAS.html>>. Acesso em: 27 Jul. 2014.

No dia 25 de julho de 2009, Zelaya tentou entrar novamente em Honduras por terra pela fronteira com a Nicarágua³⁷, onde uma multidão de simpatizantes o aguardava, mas novamente não obteve permissão. Zelaya só conseguiu voltar a Honduras no final de setembro, quando se refugiou na embaixada brasileira em Tegucigalpa³⁸. Segundo o governo brasileiro, Zelaya chegou à embaixada por meios próprios e o Brasil o acolheu por razões humanitárias³⁹, decisão que foi criticada por políticos de oposição ao governo brasileiro⁴⁰.

As eleições para definir o sucessor de Zelaya continuaram marcadas para 29 de novembro de 2009. Venceu Lobo, que havia concorrido com Zelaya em 2005⁴¹. O resultado da eleição não foi reconhecido por alguns países, entre eles o Brasil, mas o governo interino conseguiu garantir o importante reconhecimento dos Estados Unidos. Em janeiro de 2010, Honduras saiu da ALBA, atitude tomada, segundo as autoridades que tiraram Zelaya da Presidência, como uma reação ao tratamento “desrespeitoso” que os países do bloco destinaram a Honduras. O então ministro da Presidência do governo interino de Honduras, Rafael Pineda, argumentou que, com o tempo, ficou “confirmado” o caráter “socialista” da organização anti-EUA. “Nas horas difíceis, o povo americano esteve conosco, são nossos amigos”, disse Pineda⁴².

No dia 26 de janeiro de 2010, o Congresso de Honduras aprovou a anistia a Zelaya e a todos os envolvidos na deposição. Lobo tomou posse como Presidente no dia 29 de janeiro de 2010 e deu salvo-conduto para que Zelaya pudesse sair da embaixada brasileira rumo à República Dominicana. O Brasil viria a reatar as relações diplomáticas com Honduras apenas

³⁷ LAMEIRINHAS, R. Zelaya recua após cruzar fronteira, **O Estado de S. Paulo**, Tegucigalpa, 25 Jul. 2009. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,zelaya-recua-apos-cruzar-fronteira,408173>>. Acesso em: 25 Out. 2015.

³⁸ Zelaya volta a Honduras e se refugia em embaixada brasileira, **O Estado de S. Paulo**, 21 Set. 2009. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/america-latina,zelaya-volta-a-honduras-e-se-refugia-em-embaixada-brasileira,438572>> Acesso em: 25 Out. 2015.

³⁹ Dilma reitera que Zelaya foi até embaixada do Brasil por meios próprios, **Zero Hora**, Porto Alegre, 22 Set. 2009. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2009/09/dilma-reitera-que-zelaya-foi-ate-embaixada-do-brasil-por-meios-proprios-2661651.html>>. Acesso em: 24 Nov. 2014.

⁴⁰ AMORIM, S. Serra vê trapalhada; Sarney critica uso político da missão, **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 29 Set. 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,serra-ve-trapalhada-sarney-critica-uso-politico-da-missao,442558>>. Acesso em: 25 Out. 2015.

⁴¹ COELHO, R. D. Opositor de Zelaya vence eleição presidencial em Honduras. **BBC Brasil**, Tegucigalpa, 30 Nov. 2009. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/11/091130_honduras_2a_rcpu.shtml>. Acesso em: 15 Dez. 2014.

⁴² Golpistas propõem tirar Honduras da Alba, **Folha de S. Paulo**, 17 dez. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1712200915.htm>>, Acesso em: 8 dez. 2014.

em 2011, depois de permitido o retorno de Zelaya àquele país⁴³. Em junho de 2011, o Brasil voltou a nomear um embaixador em Tegucigalpa⁴⁴.

O mandato presidencial em Honduras tinha na época da deposição de Zelaya o prazo de quatro anos, sem direito à reeleição⁴⁵. Além disso, uma vez sendo Presidente, não era mais permitido voltar a se candidatar à Presidência. Essa regra foi alterada posteriormente, em abril de 2015, no governo de Juan Orlando Hernández. Segundo Meza (2015), a quarta urna evidenciou um conflito que ia além da reeleição ou da consulta popular a ser realizada em junho de 2009:

El meollo de la cuestión, por lo tanto, no reside en la llamada ‘cuarta urna’ en sí. Ella no es más que el instrumento, la herramienta para canalizar y expresar la voluntad de los electores. La esencia del asunto consiste en la forma en que serán electos los nuevos integrantes de la Asamblea Nacional Constituyente, en la que Zelaya espera que estén representados no sólo los partidos políticos sino también los diferentes sectores sociales que hoy están apoyando su giro político hacia el centro izquierda. Ahí está la clave de todo el problema. Zelaya espera que en esa nueva Asamblea Nacional Constituyente estén presente los grupos sindicales, las organizaciones campesinas, las asociaciones de pobladores, los movimientos sociales y étnicos, las llamadas ‘bases del Poder Ciudadano’, que son las que, a su juicio, permitirían elaborar una nueva Constitución acorde con los planteamientos políticos de centro izquierda que propone el gobierno en su fase actual. Esas son las verdaderas intenciones de Zelaya y no el supuesto continuismo y la reelección presidencial inmediata que la oposición de atribuye. (MEZA, 2015, p. 20)

Meza (2015) avalia que o objetivo de Zelaya com a campanha pela reforma constituinte estava voltada para a construção, no médio prazo, de um novo movimento político em Honduras que romperia o bipartidarismo histórico. Esse novo movimento político serviria para Zelaya capitalizar a sua crescente popularidade pessoal e o apoio dos novos aliados para que, uma vez aprovada uma nova Constituição e a reeleição, pudesse relançar a sua candidatura nas eleições de 2013.

O plebiscito em junho de 2009 foi frustrado com a deposição de Zelaya, mas o prognóstico de Meza veio a se confirmar com o lançamento, em 2011, do Partido Libre, fruto

⁴³ EICHENBERG, F. Itamaraty indica diplomata em Tegucigalpa e normaliza relações com Honduras, **O Globo**, Washington, 31 Mai. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/itamaraty-indica-diplomata-em-tegucigalpa-normaliza-relacoes-com-honduras-2763054>>. Acesso em: 1 Dez. 2014.

⁴⁴ GIRALDI, R. Brasil já tem embaixador em Honduras, **Agência Brasil**, Brasília, 17 Jun. 2011. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/pais/noticias/2011/06/17/brasil-ja-tem-embaixador-em-honduras/>>. Acesso em: 16 Out. 2015.

⁴⁵ Honduras. **Constituição da República de Honduras de 1982**. Disponível em: <<http://pdba.georgetown.edu/Constitutions/Honduras/hond82.html>>. Acesso em 25 Out. 2015.

da articulação de Zelaya e dos movimentos sociais reunidos na Frente Nacional de Resistência Popular (FRNP). O Partido Libre sustenta até hoje a bandeira da reforma constitucional e, em sua primeira eleição nacional, em 2013, conseguiu conquistar um quarto das cadeiras do Congresso, se posicionando como o segundo partido mais votado de Honduras, atrás apenas do Partido Nacional. A candidata à Presidência pelo Partido Libre em 2013, Xiomara Zelaya, esposa do ex-Presidente, surgiu como favorita nas eleições, mas perdeu para o candidato do Partido Nacional Juan Orlando Hernández em meio a denúncias de fraude nas urnas.

2.4 O debate constitucional

Aprovada em janeiro de 1982, depois de um longo período de ditadura militar, a Constituição hondurenha foi formulada com o objetivo de descentralizar o poder e de incentivar a participação popular (MERINO, 2009). Dessa forma, a Constituição hondurenha orienta o Estado a incentivar as capacidades de as comunidades locais promoverem seu próprio desenvolvimento. Segundo o documento, o governo deve se sustentar nos princípios da democracia participativa, com ênfase na participação ativa dos diferentes setores da sociedade. Para fortalecer esses princípios, o texto constitucional prevê o uso de mecanismos de consulta como plebiscito e referendo. No entanto, a própria Constituição criava barreiras a uma reforma na época do governo Zelaya, a não ser que feita por dois terços do Congresso Nacional (artigos 373 e 374), principalmente no que tange à forma de governo e à reeleição presidencial.

Vamos citar aqui um debate travado por dois juristas brasileiros no site Consultor Jurídico (www.conjur.com.br) sobre a constitucionalidade da retirada de Zelaya do poder. O ponto central do debate era se, considerando a Constituição de Honduras, a deposição de Zelaya teria sido ou não um golpe de Estado.

Para Lionel Zaclis, doutor e mestre em Direito pela Universidade de São Paulo (USP), o que aconteceu em Honduras foi um “processo de troca do governante de acordo com a Constituição vigente no país, realizado com o propósito de preservá-la”⁴⁶. Zaclis justifica:

De acordo com a Constituição de Honduras, o mandato presidencial tem o prazo máximo de quatro anos (artigo 237), vedada expressamente a reeleição. Aquele que violar essa cláusula, ou propuser-lhe a reforma, perderá o cargo

⁴⁶ ZACLIS, L. À luz da Constituição, não houve golpe em Honduras, **Consultor Jurídico**, 22 Set. 2009. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2009-set-22/apoio-zelaya-despreza-processo-constitucional-hondurenho-deposicao>>. Acesso em: 27 Jul. 2014.

imediatamente, tornando-se inabilitado por dez anos para o exercício de toda função pública. (2014)

Para Paulo César Negrão de Lacerda, procurador da Fazenda Nacional no Rio de Janeiro, o que ocorreu em Honduras foi um golpe de Estado porque houve “desrespeito máximo ao devido processo legal”. “Não houve ampla defesa, nem contraditório, e o exílio forçado [do Presidente] garantiu que não houvesse acesso ao judiciário”⁴⁷.

Lacerda chama atenção para a falsa carta de renúncia de Zelaya lida no Congresso, que ao fim não foi citada na formalização da deposição, para a velocidade com que a Justiça decretou a prisão do Presidente, para as circunstâncias de sua prisão e para o exílio forçado do Chefe do executivo, considerado inconstitucional.

O procurador avalia que defender o processo realizado em Honduras para a deposição de um Presidente eleito é preocupante devido ao histórico recente dos países da América Latina de períodos de ditadura militar, “em que a constituição e a ordem constituída foram usadas e abusadas para justificar e emprestar legitimidade ao que, na verdade, era um golpe”. Lacerda defende que não existe previsão de impeachment de um Presidente na Constituição de Honduras e que a deposição de Zelaya feria os princípios fundamentais do Estado Democrático de Direito.

Trouxemos esse debate entre os juristas para exemplificar como o entendimento sobre a legitimidade da deposição de Zelaya ficou completamente nas mãos de juristas, sem abertura para a opinião pública. Os protestos nas ruas mostram que parte da população estava insatisfeita com a decisão da Suprema Corte hondurenha, mas as manifestações contra a deposição de Zelaya foram reprimida pelo governo interino por meio da força policial⁴⁸.

O Constitucionalismo Popular, uma linha de estudo nascida nos Estados Unidos que reivindica a democratização da interpretação da Constituição, propõe que a interpretação da Constituição deve ser prerrogativa do povo e não das Cortes. Segundo o Constitucionalismo Popular, deixar as decisões exclusivamente para o Judiciário fere o princípio democrático e retira da população o poder de definir os rumos da nação. Nas mãos de outro grupo político, o governo de Honduras derrubou em janeiro de 2011 a emenda que proibia a convocação de

⁴⁷ LACERDA, P. C. N. Constituição foi usada para legitimar golpe, **Consultor Jurídico**, 28 Set. 2009. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2009-set-28/constituicao-honduras-foi-usada-legitimar-golpe-estado>>. Acesso em 27 Jul. 2014.

⁴⁸ QUERO, C. Anistia denuncia abusos de governo de Micheletti em Honduras, **O Estado de S. Paulo**, 26 Jan. 2010. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/america-latina,anistia-denuncia-abusos-de-governo-de-micheletti-em-honduras,501519>>. Acesso em: 27 Jul. 2014.

consultas populares para a instituição de uma Assembleia Constituinte⁴⁹. Em abril de 2015, a Suprema Corte de Honduras aprovou a reeleição presidencial proibida desde 1982, revogando o artigo 239 da Constituição. A decisão ocorreu apenas seis anos depois de Zelaya ter sido retirado da Presidência justamente por tentar aprovar uma consulta popular a fim de alterar a Constituição e abrir espaço para a reeleição⁵⁰.

2.5 A Política Externa Brasileira e a defesa de Zelaya

Em setembro de 2009, Manuel Zelaya foi abrigado na embaixada brasileira em Tegucigalpa, capital de Honduras, com a família e correligionários políticos. O ministro das Relações Exteriores do Brasil na época, Celso Amorim, estava em Nova York para uma reunião da Assembleia Geral da ONU, quando recebeu de Brasília o recado de que Zelaya havia batido à porta da embaixada. Segundo Amorim, Xiomara Zelaya, esposa do Presidente afastado, foi a primeira a chegar. Logo depois ela avisou que o marido estava junto. “Eu não acompanhei detalhes, tudo foi acontecendo. Nós demos permissão para ele entrar e era difícil até saber a figura jurídica certa. Ele estava abrigado, não era asilo”, contou Amorim em entrevista a esta pesquisa.

Segundo Amorim, o que levou o governo brasileiro a defender Zelaya foi a preocupação de ver “um governo eleito democraticamente derrubado por um golpe militar”. “Não hesitamos em trabalhar pela defesa da democracia. Apoiávamos a restauração pacífica de Zelaya e fomos muito firmes nesse ponto, mas havia limites até aonde podíamos ir”, explicou o ex-ministro. Segundo Amorim, Nicolás Maduro, hoje Presidente da Venezuela, na época ministro das Relações Exteriores venezuelano, ligou para ele dias depois de Zelaya ser expulso do país. “Eu estava em casa. Eles queriam um avião emprestado da Força Aérea Brasileira para levar Zelaya de volta para Honduras e eu disse que não teria condição, que não iria expor o Brasil ao risco de um conflito armado”, contou Amorim.

Zelaya acabou conseguindo um avião venezuelano e tentou aterrissar em Honduras no dia 5 de julho de 2009, mas não obteve autorização. A segunda tentativa de entrar no país foi por terra, em 24 de julho de 2009, pela fronteira com a Nicarágua. Amorim conta que

⁴⁹ Presidente de Honduras defende reforma constitucional, **Portal Terra**, 13 Jan. 2011. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/america-latina/presidente-de-honduras-defende-reforma-constitucional,c368b048a67ea310VgnCLD200000bbceeb0aRCRD.html>>. Acesso em: 27 Jul. 2014.

⁵⁰ BOW, J. C. Honduras altera a sua Constituição para permitir a reeleição. **El País**. 24 Abr. 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/24/internacional/1429839601_867027.html>. Acesso em: 11 Dez. 2015.

acompanhou o assunto com o então Presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva pela televisão, preocupados com o que poderia acontecer. “E de repente um dia Zelaya finalmente conseguiu entrar em Honduras, nem sei bem como, e pediu para ficar na embaixada brasileira.”

Em represália à decisão do Brasil de conceder abrigo a Zelaya, o governo interino de Honduras cortou o fornecimento de água, luz e telefone da embaixada brasileira. O corpo diplomático brasileiro recorreu à embaixada norte-americana para obter ajuda com a segurança e com o fornecimento de diesel para os geradores de energia. Cerca de 60 simpatizantes e membros do gabinete do governo deposto ficaram na embaixada com Zelaya. Militares cercaram o prédio da representação diplomática brasileira e reprimiram manifestantes pró-Zelaya com disparos e bombas de gás lacrimogêneo⁵¹.

Diante das ameaças, Amorim buscou uma declaração do Conselho de Segurança da ONU que garantisse a inviolabilidade da embaixada. A declaração foi dada em 25 de setembro de 2009 pela então Presidente do Conselho de Segurança Susan Rice⁵². “Eu me empenhei muito para obter essa declaração porque era uma forma do Conselho reconhecer o risco que havia ali e dar legitimidade à nossa decisão de manter o Zelaya na embaixada”, disse Amorim. O ex-ministro considera que houve baixa repercussão do acontecimento na mídia, apesar da sua importância. “E por que Zelaya procurou pelo Brasil e não por outros países aliados?”, perguntei. Para Amorim, o Brasil foi escolhido por ser um país mais neutro, que não seria facilmente atacado pelo governo interino de Honduras como poderia ocorrer com outros parceiros mais radicais, como a Venezuela.

Amorim nega que tenha havido qualquer confronto ou provocação do Brasil com os Estados Unidos em relação a Honduras. “Abrigamos Zelaya para facilitar o diálogo e encontrar uma solução pacífica em relação ao golpe que condenávamos. Durante muito tempo nossa posição foi muito similar à dos Estados Unidos e à da OEA. Depois de determinado tempo, os Estados Unidos, por pressão de alguns senadores da Flórida que tinham relações pessoais com outros membros da burguesia hondurenha, foram se tornando mais compreensivos em relação ao golpe e isso nos afastou um pouco em termos de posicionamento. Mas mesmo assim mantivemos o diálogo”, disse Amorim.

⁵¹ JARDIM, C. Governo corta água e luz de embaixada brasileira em Honduras. **O Estado de S. Paulo**. 22 Set. 2009. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,governo-corta-agua-e-luz-de-embaixada-brasileira-em-honduras,439211>>. Acesso em: 13 Dez. 2015.

⁵² LAGE, J. ONU condena intimidação a embaixada. **Folha de S. Paulo**. 26 Set. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2609200905.htm>>. Acesso em: 13 Dez. 2015.

Segundo documentos obtidos pelo *WikiLeaks*⁵³, os Estados Unidos avaliaram que o Brasil foi pego de surpresa por Zelaya. “Eles claramente temem que a situação fique desesperadora e veem os EUA como chave para adquirir ajuda imediata e assistência internacional”, disse a diplomata americana Lisa Kubiske em telegrama. O informe também diz que o embaixador brasileiro Gonçalo Mello Mourão informou que o governo estava irritado com a possibilidade de Chávez estar por trás da ida de Zelaya para a embaixada. Segundo Kubiske, o Brasil não fez esforços para buscar uma solução e ficou atrás dos Estados Unidos, da OEA e da ONU para que defendessem seus interesses.

Os documentos obtidos pelo *Wikileaks* também mostram que funcionários do consulado americano no Brasil procuraram saber o que pensavam especialistas brasileiros sobre a atuação do governo. Os pesquisadores consultados, majoritariamente pró-PSDB, partido de oposição a Lula, avaliaram que a decisão de dar abrigo a Zelaya foi aventureira e contrária à tradição de não-intervenção do Brasil. Políticos do PT, partido de Lula, ouvidos pelos americanos teriam, por sua vez, defendido a posição do governo por considerarem que havia o risco de um efeito dominó sobre outros governos de esquerda na região.

Amorim defende que não houve intervenção brasileira nos assuntos internos de Honduras, mas uma política de favorecimento do diálogo. “Se fechássemos as portas para Zelaya, não se sabe bem o que poderia acontecer. Por isso mantê-lo na embaixada nos parecia a maneira de propiciar um diálogo, que foi o que acabou ocorrendo, tanto que o próprio embaixador americano foi à nossa embaixada conversar. Não foi simples, porque quando o Zelaya chegou, ele queria fazer da embaixada um palanque e eu tive que várias vezes lembrá-lo de que ele era nosso hóspede e que tinha que se comportar como tal. No início ele foi meio refratário, mas depois se acomodou a essa condição”, relatou Amorim.

Zelaya deixou a embaixada brasileira em janeiro, quatro meses depois de buscar abrigo, ao receber a anistia e um salvo-conduto que o permitiu sair do país. O Brasil acabou por reestabelecer as relações diplomáticas com Honduras por pressão do tempo, quando boa parte da comunidade internacional já o havia feito. “Era importante evitar que ocorresse o golpe, mas não conseguimos evitar de todo. A situação começou a ser recomposta com as eleições em novembro de 2009, que não foram reconhecidas por nós, mas o próprio Zelaya acabou reconhecendo para negociar sua volta para o país e não nos cabia ser mais realistas que o rei”, disse Amorim.

⁵³ Honduras: notícias de um golpe de estado, **CartaCapital Wikileaks**, 17 Dez. 2010. Disponível em: <<https://cartacapitalwikileaks.wordpress.com/2010/12/17/honduras-noticias-de-um-golpe-de-estado/>>. Acesso em: 8 Dez. 2014.

Apesar do destaque de ações de protagonismo do governo Lula no âmbito internacional, como neste caso de Honduras, a busca por protagonismo vem de bem antes, sendo inclusive considerada uma marca na história diplomática brasileira (LIMA, 2005). Nessa busca, o Brasil arriscou diversas alternativas para se fazer presente nas discussões de relevância internacional. Um dos caminhos foi através do esforço na participação de coordenações multilaterais, atuação que vem desde a segunda metade do século XIX, época de início de uma série de conferências, tratados e seminários científicos e técnicos para a constituição futura do regime econômico multilateral (Ibidem, p. 6).

O ex-ministro das Relações Exteriores Celso Lafer afirma que a consolidação do Brasil como país de escala continental é um dos sentidos da sua história e o primeiro vetor da sua política externa⁵⁴. Na busca pelo reconhecimento internacional, Lafer assevera que o Brasil tenta se amparar na América Latina como forma de legitimar a sua liderança e de ganhar apoio dos vizinhos nas suas reivindicações em âmbito global, com destaque à obtenção de uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da ONU. A relação com a América Latina foi aquecida de forma vagarosa, mas constante, a partir dos anos 1970.

A partir dos anos 2000, o Brasil substituiu o conceito regional de América Latina para América do Sul (MALAMUD, 2011). A mudança de estratégia se deu, segundo Malamud⁵⁵, por reconhecimento da incapacidade de o Brasil exercer uma influência significativa em todo o continente. A nova política brasileira buscava deixar de fora o México, outro gigante regional e um potencial rival. Além disso, os países incluídos na nova definição eram menos dependentes dos Estados Unidos (Ibidem, p. 6).

Em nome da defesa de valores e instituições democráticas, SOARES e HIRST (2006) acreditam que o governo Lula mudou a postura do Brasil ao atuar mais em situações de turbulência, como nas crises políticas na Venezuela, na Bolívia, no Equador e no Haiti. Essa mudança, acreditam as autoras, afastaram a diplomacia brasileira do princípio de não-intervenção nos assuntos internos de outro Estado (SOARES e HIRST, 2006, p. 22).

José Augusto Guilhon Albuquerque, pesquisador sênior do Núcleo de Pesquisa de Relações Internacionais da USP, classifica a atuação do Brasil em Honduras como parte de uma nova postura adotada a partir do governo Lula e denominada por ele de “novo intervencionismo brasileiro”. Essa nova política teria por objetivo consolidar a liderança

⁵⁴ LAFER, C. **A identidade internacional do Brasil e a política externa brasileira**: Passado, presente e futuro. São Paulo: Perspectiva, 2001. 126 p.

⁵⁵ MALAMUD, A. (2011) A Leader Without Follower? The Growing Divergence Between the Regional and Global Performance of Brazilian Foreign Policy. *Latin American Politics and Society*, vol. 53, nº 3, pp. 1-24.

internacional do país e relegaria para segundo plano a contenção de crises⁵⁶. Dentro da classificação adotada por Albuquerque estão outros episódios como a atuação do Brasil diante da invasão do território equatoriano por forças colombianas em 2008 e da assinatura do acordo para a instalação de bases americanas na Colômbia em 2009. Albuquerque defende que a postura brasileira era influenciada pela disputa por liderança com a Venezuela.

Amorim refuta, no entanto, a ideia de que houve intervenção da diplomacia brasileira no episódio em Honduras ou qualquer disputa de liderança. Segundo ele, houve sim um esforço do governo Lula de aproximação com a América Central, mas como parte de uma política de estreitamento das relações comerciais. “Fazia parte de uma visão geral de que o Brasil devia se relacionar também com os países da América Central, apesar de a América do Sul ser a nossa prioridade. Havia interesses em áreas como a do etanol e venda de aviões brasileiros. Mas não havia um interesse particular por Honduras”, disse o ex-ministro das Relações Exteriores.

O afastamento de Zelaya da Presidência de Honduras coincidiu, explicou Amorim, com a presença do Brasil no Haiti e com o desejo do Mercosul de ter uma relação mais diversificada e de buscar novos apoios. “Essas aproximações com a América Central foram ocorrendo e não vou esconder que o Brasil também tinha interesse na ampliação do Conselho de Segurança da ONU, e por isso ter um diálogo mais próximo dos países da América Central. Vários desses países chegaram a apoiar o Brasil”, disse Amorim.

⁵⁶ ALBUQUERQUE, J. A. G. O intervencionismo na política externa brasileira, *Revista Nueva Sociedad* especial em português, dez. 2009, ISSN: 0251-3552, www.nuso.org Disponível em: <http://www.nuso.org/upload/articulos/p7-5_1.pdf>. Acesso em: 9 Dez. 2014.

3 POR UM NOVO FAZER JORNALÍSTICO

(...) o conhecimento pode chegar a certas realidades profundas onde a lógica já não é auxílio, onde, pelo contrário, nos é necessário enfrentar a contradição.

Edgar Morin⁵⁷

A complexa realidade contemporânea coloca questões para a Ciência, incluindo a área de Comunicação, que a lógica racional positivista não consegue mais responder. O esgotamento do paradigma positivista vem sendo discutido por diversos pensadores e desafia a construção de novos modelos de pensamento que abarquem a complexidade das relações. A presente pesquisa propõe uma nova forma de fazer Jornalismo a partir do debate gerado pelo fim das certezas científicas e pela abertura de novas possibilidades de produção de conhecimento. Para isso, faremos antes uma incursão sobre a influência do paradigma positivista no Jornalismo e as suas limitações.

3.1 A influência do paradigma positivista

No dia 29 de junho de 2009, o jornal brasileiro *O Estado de S. Paulo* publicou em sua capa: “Golpe de Estado depõe presidente de Honduras”. O texto da manchete dizia: “Zelaya foi surpreendido em sua residência às 6 horas (9 horas de Brasília) por cerca de 300 militares, que desarmaram seus 10 seguranças e o levaram, ainda de pijamas, para a Costa Rica”. A descrição da cena com os dados quantitativos de pessoas envolvidas, respeitando a sequência cronológica, e o realismo de citar como o Presidente se vestia na ocasião seguem o roteiro ditado pelas regras do jornalismo tradicional, baseado na objetividade e nas certezas.

A retirada de Manuel Zelaya da Presidência de Honduras exigiu que os jornalistas buscassem respostas para questões imediatas como “o que o retirou do cargo?”, “por que Zelaya foi expulso do País?”, “foi um golpe ou um processo amparado pela lei?”. A prática tradicional do Jornalismo, com poucas exceções, não admite respostas ambíguas a essas questões. À procura de informações precisas, o mais comum é os profissionais da comunicação recorrerem a fontes oficiais e diretamente envolvidas com o acontecimento a ser

⁵⁷ MORIN, E. **O problema epistemológico da complexidade**. Mira-Sintra. Publicações Europa-América: 2002. 136 pp.

reportado. A divulgação dos relatos de autoridades, como as ligadas a governos, a órgãos de Justiça ou às forças policiais costuma dar confiabilidade às informações diante do público. Dentro da lógica objetivista, cabe às fontes entrevistadas a responsabilidade pela informação prestada, e ao veículo de comunicação, o compromisso de relatar de maneira fiel as declarações a ele confiadas.

O problema é que o jornalista não se depara com apenas uma única versão dos fatos. No caso hondurenho, os profissionais da comunicação tateavam a “verdade” em um ambiente de forte conflito político e de instabilidade institucional, o que aumenta o grau de dificuldade para seguir a cartilha da objetividade e da imparcialidade. Como escrever um texto preciso em um ambiente de incertezas, em que até as fontes oficiais, que costumam ser o ponto de apoio da mídia, eram diversas e se encontravam em conflito? Quem daria a versão oficial do acontecimento, o governo retirado do poder ou o que assumiu em seu lugar? E o mais importante: a busca do real seria capaz de trazer uma compreensão do acontecimento? Os desafios enfrentados pelo Jornalismo Investigativo, diz Cremilda Medina ⁵⁸, estão relacionados a uma profunda crise de paradigmas:

O pressuposto da objetividade, exigência metodológica para uma cobertura isenta dos fatos, na realidade *encobre* os complexos contextos. Estes são filtrados por valores e opções ideológicas, quase sempre não conscientes da parte do autor. Para atuar numa situação humana altamente cifrada pela cultura, pelas múltiplas forças políticas, econômicas, sociais e individualizadas nos sujeitos protagonistas, o profissional da informação de atualidade precisaria de uma capacidade sobre-humana para decifrá-la (MEDINA, 2006, p. 58).

O paradigma que guia até os dias de hoje a prática jornalística parte do pressuposto de que é possível reportar os fatos de maneira objetiva. Tal paradigma pode ser chamado de positivista. Conforme apontado por Medina (2006), as disciplinas acadêmicas, que permitem a especialização do profissional, incluindo o jornalista, são constituídas no final do século XIX com base na visão cientificista de mundo. O jornalista especializado é treinado para estudar e divulgar determinados tipos de informações e na sua vida é levado a desprezar os saberes que não podem ser aferidos pela lógica da racionalidade, como o saber popular ou tradicional. A ruptura com o saber comum, inclusive, faz parte do progresso do saber especializado (MEDINA, 2006).

⁵⁸ MEDINA, C. **O signo da relação**: Comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus. 2006. 197 pp.

As marcas do pensamento positivista na atividade jornalística são heranças de um discurso científico cujas características estão inscritas nas bases da Ciência Moderna. Como explica Boaventura de Sousa Santos⁵⁹, foi a partir do século XVII, com Bacon, Hobbes, Locke e Descartes que o “distanciamento e a estranheza” do discurso científico em relação ao discurso do senso comum adquiriu expressão filosófica “e não têm cessado de se aprofundar como parte integrante do processo de desenvolvimento das ciências” (SANTOS, 1989, p. 11). Santos estuda a influência do positivismo nas Ciências Sociais e suas ponderações podem nos auxiliar a compreender também a influência do positivismo sobre a prática jornalística. Para entender o paradigma da Ciência Moderna, recorro novamente às palavras de Santos:

Um paradigma que se constitui contra o senso comum e recusa as orientações para a vida prática que dele decorrem; (...) um paradigma que produz um discurso que se pretende rigoroso, antiliterário, sem imagens nem metáforas, analogias ou outras figuras da retórica, mas que com isso corre o risco de se tornar, mesmo quando falha na pretensão, um discurso desencantado, triste e sem imaginação, incomensurável com os discursos normais que circulam na sociedade (Ibidem, pp. 37-38).

Entende-se o senso comum, por sua vez, segundo a linha de estudo de Santos, como um conhecimento “prático e pragmático”, “que se reproduz ligado às trajetórias e experiências de vida”. Dentro da lógica positivista, é muito difícil apresentar o senso comum sem desqualificá-lo, pois, como apresenta Santos, “o senso comum é indisciplinar e imetódico; não resulta de uma prática especificamente orientada para o produzir; reproduz-se espontaneamente no suceder quotidiano da vida. (...) é retórico e metafórico; não ensina, persuade” (1987, p. 56). Na prática jornalística tradicional, o senso comum está nos relatos dos leigos, nas vozes do dia a dia. Frente aos relatos feitos por fontes oficiais e por especialistas nas reportagens, esses relatos comuns ganham um status de menor credibilidade seja pela fonte comum não ser valorizada, seja por não possuir uma base teórica que sirva como prova de autenticidade.

A atividade científica, segundo o paradigma positivista, é entendida como uma busca pela verdade, um exercício para a descoberta do que realmente é. Como assevera Morin, um importante crítico da Ciência Moderna, “o conhecimento científico acreditava assentar sobre dois fundamentos seguros: a objectividade dos enunciados científicos, objectividade estabelecida pelas verificações empíricas, e a coerência lógica das teorias que se fundavam nestes dados objectivos” (MORIN, 2002, p. 14). Segundo Morin, a epistemologia anglo-

⁵⁹ SANTOS, B. S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. São Paulo, Graal, 1989.

saxônica dos anos de 1950 e 1960 foi a responsável por descobrir que “nenhuma teoria científica pode pretender-se absolutamente certa” (Ibidem). A ciência deixa de ser, então, sinônimo de certeza.

Dentre os principais conceitos do positivismo podemos citar o real, o útil, a precisão, a ordem, o progresso. São conceitos presentes no imaginário coletivo, como é possível observar pelo peso que a expressão “comprovado cientificamente” tem na sociedade moderna. Ela tem o poder de encerrar uma discussão. É um desafio contradizer um resultado que foi colocado à prova dentro de um laboratório, sob condições controladas e sujeito à observação minuciosa. Submeter um objeto ao crivo da razão tem o poder de eliminar as dúvidas dentro da lógica positivista, onde o conhecimento é concebido como representação do real.

O positivismo lógico representa, assim, o apogeu da dogmatização da ciência, isto é, de uma concepção de ciência que vê nesta o aparelho privilegiado da representação do mundo, sem outros fundamentos que não as proposições básicas sobre a coincidência entre a linguagem unívoca da ciência e a experiência ou observação imediatas, sem outros limites que não os que resultam do estágio de desenvolvimento dos instrumentos experimentais ou lógico-dedutivos (SANTOS, 1989, p. 23).

Augusto Comte, Durkheim e o funcionalismo americano, como destaca Santos, são marcos teóricos fundamentais da tradição que pretende estender o modelo positivista às Ciências Sociais (SANTOS, 1989, p. 58). É de 1844 o livro *Discurso sobre o espírito positivo*, de Auguste Comte. “Desde meados do século XIX até hoje a ciência adquiriu total hegemonia no pensamento ocidental e passou a ser socialmente reconhecida pelas virtualidades instrumentais da sua racionalidade, ou seja, pelo desenvolvimento tecnológico que tornou possível” (SANTOS, 1989, p. 30).

A consolidação da primazia da ciência sobre outras formas de conhecimento exerceu e continua exercendo forte influência sobre o Jornalismo (MEDINA, 2008). O que sai em um jornal carrega a credibilidade de um saber científico, de forma que o que é publicado pelos veículos de comunicação se reveste de um manto de veracidade. O material jornalístico é construído a partir de informações investigadas, questionadas, avaliadas e provadas. E assim se afirma como confiável.

Ao esmiuçar as pegadas do pensamento positivista sobre o fazer jornalístico, Medina (2008) compara a coleta de informações da atualidade e a coleta de dados sobre fenômenos em estudo no laboratório científico. Dentre as diversas marcas epistemológicas que o Jornalismo herdou do *Discurso sobre o espírito positivo*, a autora destaca: a noção do real e a

relação objetiva com o real; a tendência para diagnosticar o acontecimento social no âmbito da invariabilidade das leis naturais; a ênfase na utilidade pública dos serviços informativos; o tom afirmativo perante os fatos jornalísticos; a busca obsessiva pela precisão dos dados como valor de mercado; a fuga das abstrações; a delimitação dos fatos determinados (MEDINA, 2008, pp. 24-25).

Outro estudioso das características científicas na comunicação social é o colombiano Jesús Martín-Barbero. Ele divide em duas etapas a formação do paradigma hegemônico na comunicação na América Latina e as denomina *ideologista* e *positivista*⁶⁰. A *ideologista*, iniciada no final dos anos 1960, é a etapa em que o fator ideológico é considerado determinante na produção dos efeitos das mensagens. Segundo Martín-Barbero (1985), esta fase se traduz em uma concepção instrumentalista dos meios de comunicação, convertendo-os em ferramentas de ação ideológica, que podem servir a princípios reacionários ou de transformação, a depender dos atores que estiverem no seu comando.

A etapa *positivista*, ou *cientificista*, vem de meados dos anos 1970 e se materializa em uma teoria da informação capaz de identificar e delimitar seu objeto de estudo. Esse modelo, inspirado em técnicas das ciências exatas, definiu a comunicação como mera transmissão de informação e buscou, por meio da teoria da informação, analisar os processos comunicativos à luz da objetividade. Uma das críticas de Martín-Barbero (1987) a esse modelo é que, ao reduzir toda a comunicação à transmissão de informação, ele termina por ignorar as contradições e dissolver o sentido político, e complexo, das sociedades.

Para trazer a discussão do campo das ideias para a prática cotidiana do Jornalismo, iremos recorrer às orientações que grandes veículos de comunicação dão a seus funcionários sobre como deve ser a conduta de um jornalista. Sinais do paradigma da objetividade podem ser encontrados nos manuais de redação e estilo que periódicos brasileiros produzem para fixar uma padronização do texto e da sua forma de produção. Lê-los é um exercício interessante para compreender a ideologia que rege o fazer jornalístico consagrado como “de qualidade” no Brasil.

Tomemos como exemplo o manual do jornal *O Estado de S. Paulo*⁶¹, veículo de comunicação que é objeto desta pesquisa. Na terceira edição impressa do manual, publicada em 1997, são elencadas 49 instruções gerais de regras e estilo, além de instruções específicas

⁶⁰ MARTÍN-BARBERO, J. **La comunicación desde la cultura: crisis de lo nacional y emergencia de lo popular.** Estudios sobre las Culturas Contemporáneas, vol. I, núm. 3, 1987, pp. 45-69.

⁶¹ MARTINS FILHO, F. E. L. **Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo.** 3ª edição. São Paulo: O Estado de S. Paulo. 1997. Disponível em: <http://nauui.ufsc.br/files/2010/09/Manual-de-Reda%C3%A7%C3%A3o-e-Estilo_O-Estado-de-S%C3%A3o-Paulo.pdf>. Acesso em: 3 Fev. 2016.

sobre verbetes mais utilizados na redação das matérias jornalísticas. Em diversos trechos é possível identificar a ideia de que o jornalista lida com um material controlável, os fatos, e que é preciso buscar a verdade sobre eles. Vejamos.

A primeira instrução do manual sobre o que se espera de um bom texto é: “Seja claro, preciso, direto, objetivo e conciso”. Este resumo do que se preza dentro da lógica positivista mostra como a prática do Jornalismo ainda resiste à complexificação da objetividade (a objetividade como parte de um sistema complexo de múltiplas referências e interações) e à discussão de seus limites que vêm sendo realizadas no âmbito científico.

O repórter, por sua vez, é citado no manual como um ator isolado da realidade que ele aborda. A sua função é colher informações do modo mais preciso possível e repassá-las aos leitores sem deixar que a sua própria opinião interfira no processo. A descrição se aproxima do modelo linear proposto pelo teórico da comunicação Harold Dwight Lasswell, em 1948, em que o ato da comunicação parte do emissor para o receptor com um objetivo específico. Essa relação fica explícita no item 11 de regras e estilo do manual: “Nunca esqueça de que o jornalista funciona como intermediário entre o fato ou a fonte de informação e o leitor”. A afirmação não poderia se afastar mais do que se entende hoje por comunicação dialógica, teoria que será abordada no próximo subitem, segundo a qual os comunicadores ou mediadores sociais passam de intermediários a “autores com marcas de personalidade, cultura e sociedade” (MEDINA, 2003, p. 95).

Para *O Estado de S. Paulo*, os textos devem ser “imparciais e objetivos”, como descreve a regra número 20 do manual: “Não exponha opiniões, mas fatos, para que o leitor tire deles as próprias conclusões”. Recorro à Morin (2002) para demonstrar o quanto esta ideologia assumida pelo jornal anda na contramão da epistemologia contemporânea de crítica ao modelo científico tradicional. Segundo Morin, apesar de a Ciência Moderna visar um mundo objetivo e independente de seu observador, assim como registrado no manual do jornal citado, um enunciado baseado na observação precisa de uma organização, com cortes e seleções. A observação não pode ser, portanto, disassociada dos valores do observador. Isto representa um paradoxo para a Ciência, pois o mundo “não pode nunca ser percebido e concebido sem a presença e a actividade deste observador-conceptor” (MORIN, 2002, p. 17).

Lead é um jargão jornalístico para o parágrafo inaugural da matéria. Para matérias jornalísticas consideradas “informativas”, uma classificação adotada por *O Estado de S. Paulo*, é importante, segundo o manual, que o primeiro parágrafo responda a seis perguntas básicas: “o que, quem, quando, onde, como e por quê”. Trata-se de uma regra ensinada amplamente nos cursos de graduação de Jornalismo. O manual faz um recorte entre o que seria

o *lead objetivo*, o *humano* e o *interpretado*. Segundo essa classificação, o *lead objetivo* é o que responde as seis perguntas básicas e por isso seria o suficiente para o leitor ficar “razoavelmente” informado sobre o assunto. Já o *lead humano* é citado com um dos mais difíceis de redigir: “Exige criatividade e muito cuidado para que o texto não tangencie o pieguismo” (1997, p. 156). O *lead interpretado*, por sua vez, é aceito apenas em casos excepcionais, que justifiquem uma abertura que deixe de lado “os princípios da isenção e objetividade” e admita “algum grau de interpretação”, segundo o manual.

A maneira de avaliar um *lead* expõe uma forma de enxergar o ato comunicacional de modo semelhante ao tratamento dado às informações pela Ciência Moderna. Como Santos (1989) assevera, o paradigma da Ciência Moderna “desconfia das aparências e das fachadas e procura a verdade nas costas dos objectos, assim perdendo de vista a expressividade do face a face das pessoas e das coisas onde, no amor ou no ódio, se conquista a competência comunicativa” (SANTOS, 1989, p. 37). Considerando tais características da lógica positivista, é possível compreender a dificuldade de se construir um *lead humano*, ou um *lead interpretado*, uma atividade que leva o jornalista a superar a sua desconfiança diante do outro e se arriscar em uma ação criativa.

Apesar de o manual apresentar o repórter como um profissional isento, é exigido dele que realize uma hierarquização das informações apresentadas nas matérias jornalísticas. O critério de classificação das informações em mais e menos importantes é apresentado no manual como algo óbvio e não como resultado de uma interpretação do profissional que lida com elas. Os dados mais importantes devem ser escritos antes e os de menor importância depois, uma técnica conhecida no meio jornalístico pela figura da pirâmide invertida. Segundo o manual, quando o redator lida com “fatos”, “a hierarquia da informação já se estabelece de maneira mais ou menos automática”. A regra da hierarquização também tem uma razão prática na produção do jornal: “(...) no caso de qualquer necessidade de corte do texto, os últimos parágrafos possam ser suprimidos, de preferência” (item 27).

A confiabilidade seria conquistada, segundo o manual do *Estado de S. Paulo*, pela precisão das informações (item 35). No caso de o jornalista se deparar com versões conflitantes, uma circunstância apontada no documento como se fosse uma exceção à regra, a orientação é a de que sejam mencionadas as fontes responsáveis pelas informações, cabendo a elas a responsabilidade pelos dados. “Toda cautela é pouca e o máximo cuidado nesse sentido evitará que o jornal tenha de fazer desmentidos desagradáveis” (item 36). É no verbete “Precisão” que o manual expõe o que o jornal considera sua obrigação: “publicar apenas

notícias corretas e precisas”. Cabe ao repórter não “transmitir” ao leitor uma “versão falha ou incompleta”.

A aspiração do Jornalismo de conseguir dar uma versão completa de uma realidade contradiz a epistemologia complexa defendida por Morin, cuja função seria a de trazer a consciência sobre os limites do conhecimento. Como diz Adorno, em uma frase lembrada com frequência por Morin em suas obras, “a totalidade é a não-verdade”. Como abarcar a totalidade? O Jornalismo não abarcará a totalidade, e sim tratará de recortes de interpretação de uma realidade, uma “simplificação”. Para Morin, a simplificação é necessária, mas deve ser relativizada. Nesse sentido, o estudioso faz uma crítica que poderia ser aplicada à busca do Jornalismo pela versão completa dos fatos: “eu aceito a redução consciente, que sabe que é redução, e não a redução arrogante que, ao fim e ao cabo, acredita possuir a verdade simples por trás da aparente multiplicidade e complicação das coisas” (MORIN, 2002, p. 102).

Para as entrevistas, a sugestão dada no manual do jornal *O Estado de S. Paulo* é de que se façam perguntas “curtas e objetivas, que não permitam divagações e verdadeiras defesas de teses ao entrevistado”. Apesar da defesa da ingerência objetiva do jornalista no ato de entrevistar, o manual deixa claro que “a opinião que o leitor quer conhecer é a do entrevistado e não a do repórter”. Cabe aqui perguntar se a decisão sobre o que é importante ou não abordar na entrevista não seria uma expressão da opinião do jornalista. No verbete “Opinião”, o manual separa o que é a opinião do jornal, registrada nos editoriais, e o que é noticiário, que deve ser “essencialmente informativo, evitando o repórter ou redator interpretar os fatos segundo a sua ótica pessoal”. O repórter deve apenas descrever os acontecimentos.

O desejo de escapar do cientificismo aparece de relance no verbete “Reportagem”. Definida como “a própria essência do jornal”, a reportagem ganha um status diferenciado da notícia. Enquanto a notícia deveria ser a mera descrição do fato, na reportagem o jornalista teria liberdade para desenvolver uma sequência investigativa: “Assim, apura não somente as origens do fato, mas suas razões e efeitos”. A influência do paradigma da objetividade não tarda, no entanto, a reaparecer no manual: “A notícia não esgota o fato; a reportagem pretende fazê-lo”.

O seguinte trecho do livro *O signo da relação* (MEDINA, 2006) exprime bem a esfera que consagra o tipo de Jornalismo defendido no manual de redação de *O Estado de S. Paulo*:

Firmou-se, ao longo dos últimos dois séculos, o rigor da investigação que deu ao jornalismo um estatuto de veracidade e credibilidade capaz de investi-lo da força de Quarto Poder nas democracias representativas. No

imaginário coletivo e, em particular, nos meios profissionais, acredita-se que a informação de atualidade se qualifica na busca da verdade com os rigores da objetividade jornalística (MEDINA, 2006, p. 57).

Para Medina, as narrativas pautadas nos ideais do positivismo não são, porém, suficientes para responder às novas exigências impostas pela realidade contemporânea e sua complexidade. Segundo a autora, as pautas da contemporaneidade demandam mais “as narrativas autorais densas e tensas do que promessas da verdade simples e precisa” (MEDINA, 2008, p. 28). Construir essas novas narrativas da contemporaneidade, que trazem uma marca autoral e uma efetiva mediação dialógica, exige uma compreensão nova de mundo. E os caminhos dessa compreensão e interpretação, explica Medina, não são passíveis de serem colocados em um manual, pois não são transportáveis de uma situação a outra (MEDINA, 2006, p. 61). A ideia do campo objetivo no qual o profissional da comunicação trabalha é assim substituída pela realidade complexa, que, para ser compreendida, demanda um saber igualmente complexo, uma tarefa para qual a Ciência Moderna se mostra limitada.

3.2 A crise da Ciência Moderna

Compreendido que o paradigma positivista tem forte influência nas práticas e saberes da sociedade moderna, é importante salientar que há um colapso do consenso do positivismo, como destacado por Santos (1989). A Ciência Moderna, por sua vez, passa por uma crise relacionada a este colapso. O discurso especializado mostra a sua incapacidade de trazer uma compreensão do mundo e passa a ser questionado em diversas frentes de pensamento, em um movimento de “desdogmatização da ciência” que se aprofunda até os dias de hoje (SANTOS, 1989, p. 24). A epistemologia da complexidade proposta por Morin é um dos mais fortes reflexos dessa desdogmatização com a abordagem do limite do conhecimento e da necessidade do trabalho conjunto dos diversos saberes.

A tese de que a filosofia positivista está comprometida é discutível, diz Santos, mas há claramente um declínio deste paradigma (SANTOS, 1989). O autor acredita que a sociedade ocidental caminha para uma nova relação entre Ciência e senso comum, “uma relação em que qualquer deles é feito do outro e ambos fazem algo de novo” (SANTOS, 1989, p. 43). A proposta do pensador português é de que seja construído um novo paradigma em que a Ciência seja compreendida como uma “prática social de conhecimento, uma tarefa que vai se cumprindo em diálogo com o mundo” (1989, pp. 11-12).

O diálogo começa com uma mudança na relação do pesquisador com a realidade que ele estuda. No paradigma positivista, a Ciência racional pressupõe uma relação sujeito-objeto, onde o sujeito é o pesquisador e o objeto é o que está em estudo. Uma relação “feita de distância, estranhamento mútuo”, e na qual há uma total subordinação do objeto (sem criatividade nem responsabilidade) ao sujeito (SANTOS, 1989, p. 37).

A busca por uma prática de conhecimento mais democrática e emancipadora defendida por Santos nas Ciências Sociais também se reflete no campo jornalístico. Dessa forma, estamos tratando, além da crise da sociologia explicativa, da crise de paradigmas do Jornalismo Investigativo. Como explica Medina, a partir da consciência dos limites e das contradições dos saberes científicos, nasce uma nova epistemologia baseada no diálogo dos saberes e na realidade humana (MEDINA, 2006, p. 12). A relação sujeito-objeto dá lugar à relação sujeito-sujeito.

A ideia defendida por Medina significa romper com a concepção de comunicação tradicional e conservadora do signo da divulgação no Jornalismo, uma concepção baseada na transferência de conteúdos dos especialistas para os leigos, para uma nova concepção de comunicação contemporânea, o signo da relação (MEDINA, 2006). O termo, cunhado por Medina no início dos anos 2000, denomina uma forma de comunicação baseada na ação relacionadora, do sujeito-sujeito, realizada em um ambiente de efetiva mediação, onde o autor age de maneira criativa e com a capacidade de “mediar múltiplos sentidos das coisas (polissemia), assim como as múltiplas vozes (polifonia) que expressam o *conflito das versões*” (MEDINA, 2006, p. 23).

A interrelação ocorre entre os diversos campos dos saberes, antes desarticulados. E nesta nova concepção, a Ciência, que antes se encontrava apartada dos saberes comuns em um patamar de superioridade, é aberta ao diálogo. As verdades absolutas e especializadas passam a ser questionadas segundo essa nova forma de lidar com o conhecimento que privilegia o saber plural e onde as diversas disciplinas interagem (MEDINA, 2006).

O Jornalismo passa a ser compreendido, segundo essa nova concepção, como uma forma de produção de conhecimento, atividade na qual o repórter vai a campo, ao espaço público, interagir com os diversos atores sociais, estabelecendo uma relação de afeto e solidariedade com as complexas realidades, para a partir daí criar uma narrativa autoral materializada na matéria jornalística. Estamos diante da construção de um novo paradigma da comunicação.

3.3 Um novo paradigma comunicacional

A elaboração de um novo paradigma da comunicação está ligado a uma concepção que abrange a complexidade das relações no mundo contemporâneo. Como cita Morin (2003, p. 71), complexo significa, originariamente, “aquilo que é tecido junto”. Ao explicar o que buscava com a defesa de uma epistemologia complexa, Morin diz que o objetivo foi “fazer compreender que conhecer é uma aventura incerta, frágil, difícil, trágica” (MORIN, 2002, p. 33). Assim também é a produção de conhecimento pelo profissional da comunicação. Longe do que pregam os manuais de Jornalismo sobre como relatar de maneira cirúrgica a realidade, a prática de mediar relações e construir narrativas percorre caminhos de bases movediças e porosas. O profissional da comunicação não está imune aos desafios que os arranjos do mundo contemporâneo impõem à produção do conhecimento. Os impasses contemporâneos do método científico e os desafios do signo da relação estão imbricados.

A complexidade das relações culturais exige pensar a comunicação além dos meios e das disciplinas, como assevera Martín-Barbero (1987), e abrir espaço para a interpretação por meio de uma prática de observação espontaneísta, baseada na força do afeto e na ação solidária, conforme defende Medina (2003). Esse esforço significa repensar o significado do Jornalismo na contemporaneidade.

O intento da linha de estudo adotada nesta pesquisa é o de compreender que a rede complexa de significados da contemporaneidade exige uma prática que leve o jornalista a trabalhar pela comunicação dialógica, para a qual se faz necessário estar aberto a outras perspectivas e disposto a realizar *articulações complexas dos dados da realidade contemporânea*. Assim seria possível construir uma narrativa organizada que dialogue com os diferentes e que permita ao Jornalismo ser produtor de conhecimento. Trata-se de uma alternativa à narrativa burocrática que prepondera nos veículos de comunicação atualmente e que não tem dado conta das demandas coletivas contemporâneas e tem gerado insatisfação inclusive dos profissionais que a produzem, como destaca Medina:

Há, sim, uma insatisfação latente nos profissionais mais sensíveis diante das rotinas técnicas que comandam a produção de significados nas empresas, instituições e grupos organizados das sociedades contemporâneas. Da comunicação sindical à grande imprensa, dos veículos comunitários às potentes redes de informação, a narrativa que por aí passa frequentemente deixa os consumidores, fruidores ou parceiros do caos contemporâneo, frustrados com o universo simbólico tal qual o organizam as coberturas jornalísticas (MEDINA, 2003, p. 48).

Como assevera Martín-Barbero (1987), uma mudança de paradigma se faz necessária no campo da comunicação não apenas pelos limites evidentes do modelo hegemônico positivista, como também pelos processos sociais que estão mudando os objetos de estudo dos investigadores da comunicação, mudanças que trazem uma valorização profundamente nova do cultural:

[...] pensar los procesos de comunicación desde la cultura implica dejar de pensarlos desde las disciplinas y los medios. Implica la ruptura con aquella compulsiva necesidad de definir “la disciplina propia” y con la seguridad que proporcionaba la reducción de la problemática de comunicación a la de los medios. Lo que no significa negar lo aporte de la psicología, de la semiótica o de la teoría de la información, sino hacer explícita la contradicción que entraña intentar pensar la especificidade histórica, de un campo de problemas, como la comunicación, desde la lógica de “una” disciplina (MARTÍN-BARBERO, 1987, p. 54).

Para empreender a tarefa de repensar o significado do Jornalismo na contemporaneidade, partimos neste trabalho do conceito do jornalista como mediador-autor social, trilhando os caminhos traçados por pesquisadores do Núcleo de Epistemologia do Jornalismo da ECA-USP, fundado por Medina. Recorrendo às palavras de Sandano Santos (2014, p. 17), o Jornalismo, segundo essa linha de análise, é visto como um “articulador do espaço do diálogo” e o jornalista, como o “profissional que interpreta empaticamente a realidade e assume a responsabilidade autoral na criação da realidade simbólica.”

A criação da realidade simbólica pelo jornalista se materializa na produção de ensaios-reportagem ou narrativas da contemporaneidade, segundo proposta construída nos anos 1980 no âmbito da ECA-USP em pesquisas do Projeto Plural, criado por Medina, e com a prática de campo da série São Paulo de Perfil, coleção de livros-reportagem lançada em 1987. Entende-se aqui a narrativa como uma forma de o ser humano organizar o caos do mundo e construir uma realidade simbólica (MEDINA, 2003). “Sem essa produção cultural – a narrativa – o humano ser não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida” (MEDINA, 2003, p. 48). Recorrendo a uma expressão de Medina, a narrativa é a matéria-prima do jornalista.

Não é suficiente, assim, criar narrativas da contemporaneidade estando preso a regras de uma razão instrumental que não legitima a emoção como componente essencial do ser humano. Como explicitado por Medina (2003), é preciso percorrer o esforço da interpretação.

A interpretação aqui, diferentemente do ditado pela linha positivista/racional, não representa o risco de se perder a verdade do fato, mas sim o esforço de se aproximar de uma melhor compreensão da realidade que se pretende construir. É ao interpretar que o jornalista cria uma narrativa que pode contribuir para que a sociedade seja mais consciente de suas decisões históricas.

O Jornalismo Interpretativo já se manifestava em alguns jornais brasileiros na década de 1970, como observaram Medina e Leandro em *A arte de tecer o presente*⁶². No livro, os autores traçaram um quadro de tendências das narrativas da imprensa do pós-guerra. Essas tendências, que seriam os elementos-chave para compor uma narrativa capaz de cumprir com a função de dialogia social, são: “o aprofundamento do contexto (ou das forças que atuam sobre o fato imediato), a humanização do fato jornalístico (perfis, histórias de vida, ou protagonismo), as raízes históricas do acontecimento atual e os diagnósticos e prognósticos de fontes especializadas” (MEDINA, 2003, pp. 126-127).

A relação sujeito-sujeito, que substitui a relação sujeito-objeto de estudo da Ciência Moderna, passa a ser central nessa nova abordagem que ultrapassa a rígida lógica positivista de narrar e à qual Medina dá o nome de “arte de tecer o presente”. Ir ao encontro das vivências cotidianas e anônimas é essencial para o jornalista tecer essa rede de significados contemporânea e produzir conteúdos de comunicação que contemplem a polifonia e a polissemia, o que permitiria abordar a complexidade das relações envolvidas.

Sob uma nova ótica, em que a atividade jornalística deixa de ser vista como uma transmissão de informações do jornalista para o espectador para ser concebida como a interação entre os sujeitos, a partir da qual é possível interpretar uma realidade complexa e construir uma narrativa, são colocadas em xeque as regras ditadas nas redações e em muitos cursos de comunicação. Dentre estas regras está a *busca da verdade*. Dentro de uma realidade que admitimos ser complexa, não é possível falar de uma verdade estática a se alcançar por meio do esforço investigativo.

A busca da verdade, da forma como é colocada pelo discurso do signo da divulgação, não consegue abranger a diversidade das relações, contextos e visões abordados pelo profissional da comunicação. Na ausência de uma verdade única a se buscar, segundo a nova perspectiva proposta neste trabalho, este conceito poderia ser substituído pela ideia de articulação do “conflito das verdades”, para usar uma expressão de Santos (1989). Em uma livre leitura da visão do epistemólogo, Medina afirma que “um competente narrador da

⁶² MEDINA, C. & LEANDRO, P. R. *A arte de tecer o presente*, São Paulo, ECA-USP, 1972.

contemporaneidade articula o conflito das verdades” (1999, p. 83), ou seja, das diversas verdades encontradas no exercício da mediação dos sujeitos.

É preciso não confundir, no entanto, a tarefa de articular o conflito das diferentes verdades com uma total relativização da verdade. Ao adotar uma perspectiva plural, como afirma Sandano Santos (2014) em doutorado sobre novos valores epistemológicos para o Jornalismo, o jornalista não deixa de restringir contextos e visões presentes no ambiente de diálogo. Trata-se então de estabelecer um critério para essa restrição que seja compatível com a construção de uma narrativa plural e solidária, conforme a proposta exposta neste trabalho. Para Sandano Santos, a tolerância, entendida como um valor “que restringe desde uma perspectiva plural comportamentos violentos e excludentes” (SANDANO SANTOS, 2014, p. 110), seria um critério adequado para esse propósito. A restrição tolerante, de acordo com o autor, se constitui em resistência à violência, ao dogmatismo e ao arbítrio. “Desta maneira, os valores da tolerância e da solidariedade, as virtudes da empatia e do ‘estar afeto a’, auxiliam-nos na tarefa de identificar e imaginar narrativas que sejam plurais, sem deixar de realizar a necessária restrição para que se forme o conhecimento (Ibidem, pp. 136-137).”

Outra regra contestada nesta pesquisa é a *objetividade*, conceito já explorado anteriormente neste trabalho. Continuando a linha de pensamento de Sandano Santos – e a sua busca de outros valores epistemológicos para o Jornalismo que abarquem as diferentes realidades simbólicas, contextos sociais e que identifiquem os dilemas e contradições inerentes à prática jornalística –, não se trata de excluir a noção de objetividade, que ele cita como um valor fundamental do Jornalismo, mas de salientar seus limites. No lugar da busca pelo real, a tarefa do jornalista seria a de buscar “por valores e virtudes que favoreçam as interações entre múltiplas perspectivas em um sistema finito de possibilidades” (Ibidem, p. 69). Sandano Santos denomina essa prática de “relativismo epistêmico”: “a diversidade que não nega a possibilidade de um conhecimento objetivo e de condicionantes sociológicas objetivas, mas que ressalta que esta objetividade é parte de um sistema complexo de múltiplas referências e interações” (Ibidem, pp. 69-70).

Desta forma, Sandano Santos desloca a crítica da objetividade em si para a apreciação da objetividade isolada de outros valores (Ibidem, p. 71). Nas palavras do pesquisador: “não se nega que a objetividade pode fornecer precisão em relação a dados empíricos, mas se realça que mesmo estes dados são objetivos em relação à perspectiva adotada” (Ibidem, p. 71). Isso significa que a objetividade deixa de ser sinônimo de verdade absoluta da narrativa, mas ao mesmo tempo é possível conhecer uma realidade de maneira objetiva, desde que a partir da escolha de uma determinada perspectiva.

Epistemologicamente, passa-se de enunciados de base, tal como na vulgata do positivismo-lógico encontrada em manuais de redação, para um sistema de referências que agrega à objetividade um novo valor, o da pluralidade ou empatia, informado por uma nova virtude, o signo da relação (SANDANO SANTOS, 2014, p. 98).

Ainda sobre a regra da objetividade, é importante salientar que quando falamos da perspectiva do jornalista mediador-autor, não consideramos aqui que o profissional da comunicação trabalhe somente a percepção objetiva. A interação do comunicador com o meio e os demais sujeitos ocorre em diversas esferas sensoriais, conforme explicita Medina:

Há na narrativa do cotidiano e no resgate que dele faz a arte e outras linguagens não-científicas, cheiros, gostos e gestos que ampliam a palavra conceitual e bem governada de um discurso científico. Esse fabular intersubjetivo não se contém nos limites positivos da objetivação, desejada pelo esforço dogmático da cognição (MEDINA, 2003, p. 59).

Em experimentos pedagógicos empreendidos por Medina com estudantes da USP para a construção de narrativas do cotidiano, a professora observou que os alunos de Jornalismo e de outras áreas de comunicação apresentavam atrofias que impediam a criatividade. Essas atrofias são reflexos de uma cultura racional, conclui Medina (Ibidem, p. 34), que esquematiza a experiência e não se alimenta da intuição criativa. O psicanalista colombiano Luis Carlos Restrepo, que estudou a importância da ternura nas relações humanas, nomeia essas atrofias de “analfabetismo afetivo contemporâneo”⁶³:

Nós cidadãos ocidentais sofremos uma terrível deformação, um pavoroso empobrecimento histórico que nos levou a um nível jamais conhecido de analfabetismo afetivo. Sabemos do A, do B e do C; sabemos do 1, do 2 e do 8; sabemos somar, multiplicar e dividir, mas nada sabemos de nossa vida afetiva, razão pela qual continuamos exibindo grande entorpecimento em nossas relações com os outros, campo em que qualquer uma das culturas chamadas exóticas ou primitivas nos supera de longe (RESTREPO, 1998, p. 19).

Nas relações profissionais, essa “deformação”, segundo Restrepo, impõe uma relação “funcional, produtiva e automatizada”. Dessa forma, explica o psicanalista, em nome da eficácia, o médico aprende que não deve sentir a dor de seus pacientes, ensina-se o professor a

⁶³ RESTREPO, L. C. **O direito à ternura**. Petrópolis: Vozes, 1998. 110 pp.

manipular os alunos e o político a manejar as massas. Não seriam a busca da objetividade do jornalista e a exigência da neutralidade do discurso jornalístico mais exemplos de relação funcional imposta pela cultura que não valoriza o afeto e cultiva a distância das vivências singulares?

Diante da constatação de que jamais se alcança a pretensa neutralidade do pensador ou pesquisador, Restrepo defende a abertura da Ciência ao afetivo e ao sensorial. A resposta da Ciência à demanda social por conhecimento deve ser, dessa forma, a de aceitar as diferenças e realizar a negociação de sentidos por meio da mediação simbólica. Ao reconhecer os seus limites e dialogar com os diferentes jogos de linguagem, “a atividade científica corre paralela a uma prática democrática”, explica o psicanalista colombiano (RESTREPO, 1998, p. 42).

Tal lição deve ser tomada também pelo profissional da comunicação, cuja tarefa trata-se justamente de construir narrativas da contemporaneidade a partir do contato e do diálogo com diferentes realidades. Para empreender essa tarefa exige-se do comunicador empatia, entendida aqui como “uma capacidade humana de compreender outros horizontes de valores além daquele de sua identidade básica, de interagir com outras culturas e visões de mundo diferentes da nossa” (SANDANO SANTOS, 2014, p. 73).

As artes servem de fonte importante de inspiração para ajudar o desenvolvimento da sensibilidade e da criatividade dos comunicadores, conforme aponta Medina. “Quando os comunicadores se aproximam das artes, o signo da divulgação tende a se transformar em signo da relação” (MEDINA, 2003, p. 112). Esse caminho de busca da inspiração, explica Medina, exige superar “facilitismos” como as certezas ideológicas e as regras prontas.

História, arte, cultura e epistemologia ajudam a desconstrução dos espíritos armados, ou, mais cruamente, dos pobres de espírito. Sutileza e complexidade na compreensão de mundo vão desaguar numa narrativa original. O autor abandona a arrogância de dono da verdade e mergulha com delicadeza no pântano anônimo do cotidiano incerto e não sabido (MEDINA, 2003, pp. 135-136).

Seguindo esta linha de pensamento, é por meio do convívio com as artes que se cultiva a própria autoria. A arte tem a ensinar a sutileza na relação com os protagonistas comuns, a abertura à imprevisibilidade, o tato na interação com a cena viva. Características que abalam a marca autoritária do signo da divulgação, cujo resultado tem sido a construção de relatos burocráticos e apoiados nas informações numéricas. “Burocratizado e preguiçoso, um leitor

da atualidade que aprisionou a sua intuição poética produz narrativas que mais parecem relatórios opacos do que relatos que emanam energia humana” (MEDINA, 2003, p. 141).

Visto que o discurso científico também sofre com as limitações impostas pela lógica exclusivamente racional, e como um exemplo de aproximação do Jornalismo com a arte, cito aqui uma antologia *Honduras: Golpe y Plumas* (LAZO, 2013), que reuniu poesias de mulheres hondurenhas escritas no turbilhão do processo pós-retirada de Manuel Zelaya da Presidência. É desta antologia o poema escrito pela educadora Yadira Eguire que abre o item **2 UM OLHAR PARA HONDURAS**. A intenção da autora do livro e também poeta Lety Elvir Lazo foi registrar o testemunho dessas mulheres.

De manera particular, me interesa leer y compartir lo que están sintiendo, viviendo y diciendo las mujeres poetisas acerca de esta crisis generada a partir del golpe de estado; cómo lo han dicho y lo están diciendo. De hecho, los poemas responden esas y más preguntas por sí mismo; por eso, considero que lo más importante es compartilos, visibilizarlos a ellos y a sus autoras, publicar estas historias en versos (LAZO, 2013, p. 21).

A atividade da poetisa não está longe do que buscam os jornalistas, na medida em que ambos atuam como comunicadores. O que difere é que nela o olhar é o artístico. As autoras dos relatos poéticos são em sua maioria mulheres comuns, e a compiladora pôde chegar a algumas delas pelo espaço dado a essas vozes na imprensa, o que mostra como esses dois universos, da arte e do Jornalismo, estão em contato. O seguinte poema de Suyapa Antúnez Cerrato, 50 anos, vendedora ambulante no parque central de Tegucigalpa, foi publicado no diário hondurenho *El Tiempo*:

Abran paso que yo ahí voy

*Amigos, vengo a contarles
Lo que a mí me sucedió
Por andar en resistencia
Una macaneada me gané yo
Y como no tengo miedo
Yo les digo la verdad
Por eso y muchas razones
Me han querido hasta matar
Bin voy, tin voy, abran paso que yo ahí voy*

*Allá arriba venden coco
Y allá abajo chicharrones
En la cabeza de los golpistas*

*Hacen nido los ratones
De las muelas de alcade
Sabiendolas cincelar
Bien sale un par de dados
Y una bola de billar
Bin voy, tin voy, abran paso que yo ahí voy*

*Cuando quieran trabajar
No vayan a la alcadía
Porque ahí sólo hallarán ladrones y policías
Y si buscas un ladrón,
En la alcadía
En el congreso
Y en la casa presidencial
Hay un montón, montón, montón
Bin voy, tin voy, abran paso que yo ahí voy*

*Ya con esta me despido por las muelas de un zorrillo
Y tengo las esperanzas
Que este país
Siempre vá a ser mío
De todos los pobres!
Bin voy, tin voy
abran paso que yo ahí voy.*

Para ser lido em ritmo *ranchero*, um gênero musical popular de influência mexicana, este poema é o relato da vivência de uma pessoa comum que se envolveu com o movimento de resistência às mudanças políticas impostas com o afastamento de Zelaya da Presidência de Honduras. A descrença com as autoridades políticas, as denúncias de corrupção, os riscos de fazer militância política em um ambiente de repressão, a esperança de lutar por um país melhor são elementos presentes na narrativa poética que ajudam a compreender o que se passou naquele período.

A construção social dos sentidos acontece “na rua, no cotidiano e na oratura”, como assevera Medina, e cabe ao “relacionador de vozes e gestos” coletar os textos, ligá-los e partilhar os sentidos (MEDINA, 2003, p. 74). Este é o trabalho do artista e também do comunicador social. A aproximação com as artes agrega valor à prática jornalística por poder libertar o profissional da comunicação da razão instrumental que costuma guiar a produção de suas narrativas (Ibidem). Esse seria um caminho que permitiria levar a narrativa jornalística a cruzar a fronteira da passividade técnica para a construção de “novos sentidos do acontecimento humano” (Ibidem).

A regra da *neutralidade* é outra marca do Jornalismo moderno colocada em questão no novo paradigma comunicacional aqui defendido. A neutralidade supõe o distanciamento

do jornalista da realidade que aborda, como se o comunicador narrasse uma realidade independente dos seus valores. A neutralidade, segundo essa visão, é entendida como ausência de juízo de valor. Diante do conflito de opiniões dos sujeitos envolvidos em uma apuração, o profissional da comunicação neutro deve agir como um ouvinte atento que dá espaço para a expressão das divergentes versões.

Essa atitude poderia ser confundida com a busca pela polifonia, mas há um problema central neste tipo de registro de versões que o leva a um simples registro do factual. Isso porque uma das formas comumente adotadas por veículos de comunicação para abordar as diferentes versões de um mesmo fato é registrar os relatos divergentes, “o outro lado”, sem necessariamente articulá-los. Ao enquadrar as diferentes opiniões na perspectiva materialista descontextualizada, Sandano Santos afirma, porém, que essa prática jornalística não constrói uma narrativa coerente, resultando na redução da complexidade, “rejeitando as contradições inerentes às interações de múltiplas perspectivas, fragmentando os sentidos e ignorando o contexto onde eles são produzidos” (SANDANO SANTOS, 2014, p. 94).

No lugar da noção de neutralidade ligada à visão materialista, que supõe a postura objetiva e distanciada do jornalista em relação à realidade abordada, Sandano Santos propõe uma *neutralidade inclusiva*, “que se caracteriza pela busca consciente da pluralidade, organizando a diversidade de vozes e revelando a multiplicidade de sentidos e possibilidades” (Ibidem, p. 74). Neste ponto, para estar aberto à diversidade exige-se do mediador-autor social uma atitude empática à realidade que aborda e presencia, diferente da postura arrogante de quem sai para a apuração com uma ideia pronta a ser confirmada. A empatia aqui é entendida como “abertura subjetiva a valores exógenos” (Ibidem, p. 72), o que retoma a ideia de Restrepo sobre a importância do saber afetivo no desenvolvimento da capacidade de realizar a mediação simbólica. “É preciso abrir os poros da sensibilidade para que os impulsos afetuosos da não-razão abalem a razão arrogante” (MEDINA, 2003, p. 131).

Para o desenvolvimento de um Jornalismo mais bem qualificado para narrar o mundo de maneira solidária e aberta ao diferente, Sandano Santos conclui ser preciso basear a prática “na neutralidade inclusiva e tolerante, na autonomia responsável e na imparcialidade empática a outros valores” (SANDANO SANTOS, 2014, p. 202). O produto dessa nova postura precisa, por sua vez, agregar as quatro vertentes do Jornalismo Interpretativo trazidas por Medina e Leandro (1972). Dentre elas, o aprofundamento do contexto é importante para que o fato jornalístico não seja apresentado como algo isolado. Aprofundar o contexto significa situar o fato jornalístico em seus nexos objetivos e significados subjetivos, de forma a revelar um tempo cultural além do tempo factual. A busca das raízes históricas do acontecimento atual e

os diagnósticos e prognósticos de fontes especializadas contribuem para o esforço de contextualização do fato jornalístico e de abertura do espaço para diferentes versões.

A humanização da notícia por meio das histórias de vida, por sua vez, é central para aprofundar o contexto e para aproximar o público da narrativa. Levar as cenas cotidianas das pessoas comuns para a narrativa jornalística amplia a compreensão sobre o fato jornalístico. As experiências vivas dão significado ao tempo presente e permitem contemplar diferentes significados (polissemia) e versões (polifonia). Por isso Medina fala sobre a importância do “protagonismo anônimo” nas reportagens em vez da preponderância dos personagens oficiais nas narrativas burocráticas. Os saberes cotidianos também contribuem para o desenvolvimento da capacidade criativa dos mediadores-autores, na medida em que o contato do jornalista com os personagens da rua oxigenam as pautas viciadas trabalhadas de dentro das redações. É a “linguagem dialógica” – utilizando uma expressão de Medina –, ou seja, a que resgata as vidas comuns e trata de detalhes e emoções do cotidiano das pessoas, que permite tecer as narrativas da contemporaneidade.

4 AS VOZES DA RUA

Tegucigalpa, capital de Honduras, é uma cidade hostil aos pedestres. Além da falta de boas calçadas, mesmo em bairros centrais, o conselho mais dado por seus habitantes a turistas é o de evitar as ruas. O perigo do assalto à mão armada acompanha os cidadãos nas suas rotinas. Muitos já passaram pela traumática experiência ou presenciaram o ataque ocorrer a outra pessoa. Os assaltantes não poupam nem os transportes coletivos. E se for pegar táxi, é importante se certificar de que o motorista está sozinho, para não cair em um golpe e ser roubado por um acompanhante. A vida de quem conduz os coletivos tampouco é fácil. Para poderem circular, condutores de ônibus e de lotações têm que pagar um “imposto de guerra” para as gangues de narcotráfico, as chamadas “maras”. Se derem o calote, podem ter que pagar com a vida.

Um senhor de idade avançada e aparência humilde aborda o motorista do táxi parado no farol: “Viva Zelaya!”. É outubro de 2015. Dali a dois anos ocorreriam novas eleições presidenciais. O taxista lhe retribui o cumprimento de maneira amistosa. “Já estão fazendo campanha. As últimas eleições foram roubadas, colocaram um monte de urnas a mais. O presidente que temos não é legítimo.” “Quem devia ter ganhado?”, pergunto. “Xiomara Zelaya”, responde o taxista enquanto retoma o caminho.

Xiomara é esposa de Manuel Zelaya, Presidente afastado do cargo em junho de 2009. Nas eleições de 2013, ela representou a retomada das forças políticas aliadas ao marido. Candidata pelo Partido Libre, legenda criada depois que permitiram que Zelaya voltasse ao país, surpreendeu ao aparecer como favorita à cadeira de Presidente. Ali se quebrava o bipartidarismo que reinou no país desde o início da sua história democrática, um longo período em que apenas os partidos Nacional e Liberal apareciam ao páreo para alternar o poder.

O episódio de 2009 ainda reverbera na vida de muitos hondurenhos. Golpe ou não, o abalo sofrido por Zelaya refletiu na rotina das mais diversas pessoas. Como em uma fotografia, em que estão presentes vários atores e cuja única conexão entre eles é a de estarem na mesma cena, no mesmo instante, pretende-se fazer aqui um retrato, no sentido de enquadramento, do período da retirada de Zelaya da Presidência por meio do relato de pessoas escolhidas aleatoriamente em Tegucigalpa. A partir de suas memórias, esses indivíduos ajudam a reconstruir o cenário de um momento marcante na história de Honduras.

Para compor a paisagem, serão apresentadas também poesias de Roberto Sosa (1930-2011), um dos mais consagrados poetas hondurenhos, reconhecido por sua sensibilidade ao

tratar de temas do cotidiano e da realidade social de seu país. Ganhador de prêmios como o Adonais de Poesía (Espanha) e o Casa de las Américas de Habana (Cuba), Sosa foi seguidor de Zelaya e fez oposição ao movimento que retirou o ex-Presidente do poder.

A presença da arte neste trabalho acadêmico serve ao propósito de buscar alcançar a compreensão dos fatos discutidos por expressões comunicacionais que transcendam a vertente preponderantemente racional, a fim de ser fiel ao novo paradigma defendido nesta pesquisa. “São tênues as fronteiras entre o conhecimento científico inovador e a intuição artística reveladora”, afirma Medina (2003, p. 112). A comunicação social, prossegue a pesquisadora, atesta a fragilidade da fronteira entre as artes e a Ciência. As narrativas da contemporaneidade apresentadas a seguir são um exemplo dessa dinâmica.

Figura 2 - Parque Central de Tegucigalpa, Honduras. Foto: Giuseppe Alfredo Cataldo.

Los elegidos de la violencia

*No es fácil reconocer la alegría
después de contener el llanto mucho tiempo.
El sonido de los balazos
puede encontrar de súbito
el sitio de la intimidación. El cielo aterroriza
con sus cuencas vacías. Los pájaros pueden alojar la delgadez
de la violencia entre patas y picos. La guerra fría
tiende su mano azul y mata.
La niñez, aquella de los cuidados cabellos de vidrio,
no la hemos conocido. Nosotros nunca hemos sido niños.
El horror
asumió su papel de padre frío. Conocemos su fuerza*

*con lentitud de asfixia. Conocemos su rostro
 línea por línea,
 gesto por gesto,
 cólera por cólera. Y aunque desde las colinas admiramos el mar
 tendido en la maleza, adolescente le blanco oleaje,
 nuestra niñez se destrozó en la trampa
 que prepararon nuestros mayores.
 Hace ya muchos años
 la alegría
 se quebró el pie derecho y un hombro,
 y posiblemente ya no se levante, la pobre.
 Mirad.
 Miradla cuidadosamente.
Roberto Sosa*

4.1 O Sobrinho do Presidente

Na manhã do dia 28 de junho de 2009, Oscar Mejía, na época com 12 anos, foi acordado pelas palavras aflitas de sua mãe. “Derrubaram o Zelaya!” Ela estava assustada com o barulho de tiros que se ouvia da rua. Foi através de um anúncio na tevê que Mejía soube que ficaria duas semanas sem aula. “Esse prazo acabou se estendendo para três meses. Para não perdermos o ano, a Secretaria de Educação passou todo mundo com a nota mínima.” Ele se lembra de ouvir o novo Presidente, Roberto Micheletti, falar pela tevê que tudo estava suspenso. “Por um período eu só falava com meus amigos por telefone, não saía de casa. Estávamos todos muito assustados.”

Mejía é um garoto magro, moreno, de cabelo castanho curto. Natural do departamento de Olancho, a família de Mejía vota tradicionalmente no Partido Nacional, de oposição ao Partido Liberal pelo qual havia sido eleito Manuel Zelaya. Mejía ouvia de sua mãe, assistente social na Prefeitura de Tegucigalpa, que havia muita violência e corrupção no mandato de Zelaya e que o Presidente não combatia o narcotráfico. O garoto vivia com a mãe e os avós.

Depois do golpe, Mejía se lembra de discussões políticas com vizinhos partidários do ex-Presidente. “Naquela época, o assunto era sempre o mesmo, no almoço, no jantar, só se falava da queda de Zelaya.” Para ele, Zelaya planejava se apoderar da Assembleia Constituinte que ele queria convocar e virar um ditador. “Era preciso pará-lo, mas talvez não tenham feito da maneira correta, é o que eu penso”, reflete hoje, aos 19 anos, o estudante de engenharia química da UNAH. Mas até agora ele não consegue definir se houve ou não um golpe. “Diziam que era golpe porque foram os militares que tiraram ele do poder e porque

houve violência. Mas quem assumiu foi um civil. E não é verdade que Zelaya tenha saído de pijamas da casa dele. Ele saiu com roupa normal, com malas, com as suas coisas.”

Daquele período ficaram na memória de Mejía o caos nas ruas, os protestos, o toque de recolher. Ele lembra com ar de estripulia um dia que saiu com três amigos e foi surpreendido pelo toque de recolher. “Não dava mais tempo de voltar para casa, então entramos em um restaurante, mas a polícia nos pegou e nos levou para um posto policial. Fomos colocados em uma cela. Não sofri violência, mas fiquei muito assustado. Tive que ligar para a minha mãe e ela ficou brava, mas ela entendia que o toque de recolher era uma surpresa para nós. Passei duas horas na cadeia e minha mãe teve que pagar 300 lempiras para me tirar de lá.” Ele ri ao contar a lembrança. O medo ficou no passado.

Três meses depois, quando voltaram as aulas, a crise política era assunto presente nas escolas. Mejía queria defender o seu posicionamento. “Os professores só falavam sobre o golpe, a maioria era contra terem tirado o Zelaya, mas eu acho que era ignorância por parte deles. Então eu debatia.” A situação se tornava ainda mais embaraçosa para Mejía porque o seu tio-avô Porfirio Pepe Lobo, do Partido Nacional, foi candidato à Presidência nas eleições seguintes, em novembro de 2009. Em 2005, Lobo havia sido derrotado por Zelaya. O pleito de 2009 foi contestado por ser organizado sob um governo interino. “Eu não contava na escola que era sobrinho do Lobo, apenas uma professora sabia. Ela me perguntou um dia se eu era, e eu confirmei.”

Apesar de ainda ser uma criança quando o processo eleitoral começou, Mejía se engajou na campanha do tio. Trabalhou com a família na fabricação de panfletos, camisetas e cartazes. Ele gostava da atividade. “Éramos em um grupo de umas 15 pessoas, mas como eu era novo, não me deixavam trabalhar muito pesado. Defendíamos que Lobo trabalharia contra a corrupção e contra a violência. Imprimimos 8 mil folhas com o discurso, distribuíamos nas ruas”, conta.

Lobo saiu vitorioso na disputa e governou Honduras de 2010 a 2013. Para Mejía, o tio cumpriu suas promessas. “Pepe Lobo teve que limpar a desordem do mandato de Zelaya, por isso não deu tempo de fazer mais coisas, mas as pessoas não reconhecem os avanços”, lamenta.

O campus da UNAH é arborizado, o que convida os estudantes a desfrutarem as horas vagas ao ar livre. Com óculos escuros e fones de ouvido, calça jeans e camiseta, Mejía passa sozinho o intervalo do almoço na universidade, sentado na mureta de um jardim. Conta que escolheu a engenharia química porque tem muita facilidade com os números. E porque é difícil, conta com uma pitada de orgulho. Também gosta de física e diz que estudar na UNAH

abre portas no mercado de trabalho. Mas ele ainda não está na fase de pensar nisso. No segundo ano, ainda tem mais três anos e meio de curso até se formar. Olha para o relógio, já está na hora de voltar para o segundo turno das aulas. Fim do intervalo do almoço.

4.2 O encontro de Claudio

Era cerca de uma hora da tarde, um grupo de jovens conversava em pé, em círculo, em um pátio da UNAH. Eles estavam ali para falar sobre um livro que não está nas salas de aula: a Bíblia. Debaixo de uma árvore, as pessoas se reuniam para citar versículos e ensinamentos cristãos que consideram importantes. Cláudio Callejas, 24 anos, cursa administração na Universidade e participa todas as quartas-feiras do encontro. “Não somos todos da mesma igreja, mas nos reunimos para compartilhar a palavra de Jesus”, explica o jovem.

Branco, alto, de corpo volumoso e tom de voz calmo, Callejas oferece uma caixinha. Nela estão pequenos papéis com saberes cristãos que devem ser escolhidos aleatoriamente. “*Pídemme, y te daré por herencia las naciones*”, diz o Salmo 2:8 que veio às minhas mãos. Sensível no âmbito espiritual, desligado no social. Callejas só percebeu que havia algo errado naquele dia 29 de junho de 2009, uma segunda-feira, dia seguinte do afastamento de Zelaya, quando avisaram na aula que eles precisavam ir embora por conta do toque de recolher.

“Todo mundo começou a sair com pressa, foi aí que eu percebi que o Presidente tinha caído.” Ele tinha 18 anos e cursava biomedicina em uma Universidade privada em Tegucigalpa. Morava com a avó. Por ironia do destino, o jovem que repele a política é primo de segundo grau do ex-Presidente Rafael Calleja, mandatário de 1990 a 1994 pelo Partido Nacional. Nem isso instiga, porém, a sua atenção. Mas o faz simpatizante dos nacionalistas, seguindo o resto da sua família.

Para fugir da bagunça em que estava a cidade nos dias depois da expulsão de Zelaya do país, Calleja viajou para a ilha de Útila, um oásis natural no litoral norte de Honduras. Pegou oito horas de estrada em um ônibus até a cidade de La Ceiba, mais duas horas de ferry até a ilha. Ficou duas semanas lá. “Não tinha toque de recolher na ilha, nem parecia que estava acontecendo alguma coisa no país.”

Mas não seria tão simples assim escapar da conjuntura. As férias de Callejas acabaram e o país continuava mergulhado na crise política. Ele voltou para a casa de sua avó, que ficava perto da embaixada brasileira. Callejas mal podia imaginar que logo mais o caos se instalaria ao seu lado. Em setembro de 2009, o Brasil concedeu abrigo a Zelaya, e uma multidão de

partidários do ex-Presidente marchou até a sede da representação diplomática brasileira. “Cortaram a luz da embaixada e ficamos sem luz também. Eu via pessoas marchando nas ruas, mas só pela câmera de segurança, pois não saí de casa naqueles dias. Não sabíamos que tipo de gente estava na rua, e em casa tínhamos comida e um muro de quatro metros. Já tínhamos sido assaltados uma vez, por isso o cuidado.”

Callejas acredita que havia uma questão legal que permitia a retirada de Zelaya da Presidência, mas não sabe detalhes. Sobre as consequências, conta que seu pai, corretor de imóveis em La Ceiba, perdeu investidores importantes da Holanda e acabou tendo um grande prejuízo nos negócios. “Os países suspenderam investimentos em Honduras por conta da crise política, isso foi ruim.” O avô de Callejas é sócio de uma escola bilíngue, e sua mãe é professora do primeiro grau. O estudante trancou a faculdade de biomedicina e decidiu ir para a administração porque se interessa pela prática de formação de lideranças. “Eu acho importante essa questão de focar no desenvolvimento do potencial de cada um, e a liderança faz isso, é o líder que identifica os potenciais das pessoas da sua equipe.” Zelaya teria falhado nessa missão, ele avalia.

Uma equipe da qual Callejas faz parte é a Fraternidade Internacional de Homens de Negócios do Evangelho Completo, um grupo que se reúne em espaços como cafeterias, restaurantes e hotéis para conversar sobre a vida antes e depois de conhecer Jesus.

O encontro de Callejas com a religião ocorreu em 2007, um período em que sofria de depressão e alcoolismo. Ele tinha 16 anos e bebia demais, a ponto de perder suas aulas. Quando chegava a sexta-feira, ele se trancava em casa. “Eu estava tão frustrado que eu não conseguia nem chorar. Aí eu me lembrei do que me falaram um dia sobre pedir perdão a Jesus. E decidi pedir. Pedi para que ele me permitisse chorar, porque eu não aguentava mais viver aquilo. Pedi um abraço, precisava de apoio, e achei que ele ia me mandar alguém.” Em vez de aparecer uma pessoa naquele momento, Callejas sentiu algo suave nos ombros, como um manto sendo colocado nas suas costas. “Eu percebi a presença dele e chorei. Chorei muito.” A experiência foi extremamente marcante para o jovem e o ajudou a batalhar contra o vício. Desde 2010 está sóbrio, e diz que com isso encerrou um ciclo em sua família. “Meu avô conheceu os 12 passos dos Alcoólicos Anônimos, meu pai também. Eu quebrei esse ciclo com a palavra de Jesus.”

4.3 O homem de prontidão

Ao entrar no Mall Multiplaza, um centro comercial de alto padrão em Tegucigalpa, a primeira voz que se ouve é a de Gustavo Aplicano e seu simpático cumprimento: “*Puedo ayudar? A su servicio!*” Sempre de prontidão, o sorridente homem de 32 anos é agente de segurança e fica na entrada do shopping cuidando do movimento de carros e pedestres.

Há nove anos foi contratado para trabalhar lá em um regime de 12 horas, seguidas de folga de dois dias. Em 2008, quando a administração do Presidente Manuel Zelaya aumentou o salário mínimo em mais de 60%, o contrato foi alterado como forma de cortar as horas extras. “Agora trabalho nove horas e a cada 6 dias tenho uma folga. A empresa fez isso para reduzir seus gastos”, conta atarefado enquanto organiza a chegada e a saída de carros na entrada do shopping. Apesar da mudança, a renda de Aplicano teve um incremento que permitiu a compra de uma segunda motocicleta, que ele utiliza para ir trabalhar. Ele tem a lembrança de também ter conseguido comprar mais alimentos. “Foi excelente ter Zelaya como Presidente porque ele aumentou bastante o salário mínimo. Aqui no shopping quase todos ganhamos o mínimo.”

No dia em que Zelaya foi afastado do poder, Aplicano foi trabalhar. O que viu nas ruas o deixou assustado: quebra-quebra, confusão. Ele chegou a pensar que o país ia entrar em guerra civil. O segurança não se conforma. “Se não tivessem tirado o Presidente do poder, não teria havido tanta desordem, tantas mortes.” Quando avisaram do toque de recolher pela televisão, ele se lembra das pessoas se levantando com pressa das cadeiras na praça de alimentação e deixando as comidas na mesa. “Deixaram tudo como estava”, recorda o homem de porte médio, moreno, traços indígenas. Mas ele precisou ficar. E lá permaneceu por 15 dias com mais uns 30 funcionários. “Por que precisaram ficar?”, perguntei. “Era preciso cuidar do shopping, não podia deixar vazio, os manifestantes estavam atacando os comércios, havia muita gente revoltada nas ruas”, explicou.

Para passar os dias lá, improvisou uma cama com um papelão. “Não deu tempo para comprar algo melhor!”, brinca ao explicar a situação difícil. Enquanto fala, ouve atento no rádio instruções da central de segurança. Sem perder o bom humor, Aplicano diz que os funcionários do shopping tinham banheiro para tomar banho e que outras pessoas levavam comida para eles.

Apesar de ser contra o que fizeram com Zelaya, o segurança não se envolveu em protestos nem conhece quem tenha participado de manifestações. “O trabalhador não se mete nisso, estamos preocupados em cuidar do pão de cada dia.” Ele se lembra de conversar com

amigos sobre o ocorrido e o comentário geral era de que Zelaya não era um “homem do mal”. “Ele fez coisas boas para o povo. Dizem que ele buscava vender o país, porque tinha aderido à ALBA, sabe o que é? Dizem que a maioria aqui era contra essa ALBA. Mas eu não tenho opinião, não entendo disso.” Aplicano não gosta de política. “Parece que sempre há coisas erradas.”

O segurança vem de família camponesa e diz que a vida é sofrida no meio rural. “Trabalha-se só para sobreviver.” As condições precárias o levaram a se mudar para a cidade. “Aqui eu tenho salário e consigo guardar alguma coisa. O meu irmão até conseguiu investir em um restaurante mexicano.” Ele também pensa em investir em algo, mas agora está em um momento de reorganização da vida depois de se separar da mulher com quem viveu bons anos. “Há planos que infelizmente falham, estou me adaptando”, lamenta.

Costuma olhar os jornais *La Tribuna* e o *El Heraldo*, os mais influentes no país, mas confessa que não é algo que lhe dê gosto. “As notícias são todas de assassinatos. Dá tristeza, é sempre o que mais chama atenção.” Há doze anos trabalhando na área de segurança privada, Aplicano não se sente seguro nas ruas de Tegucigalpa. Conta que já viu assaltos à mão armada acontecerem perto dele. “É vergonhoso falar isso do meu país, mas infelizmente é assim.”

Em meio ao caos urbano, o Mall parece um oásis da segurança e da riqueza, onde é possível se refugiar, mesmo que não seja para comprar nada, já que os preços são proibitivos para grande parte da população. Em frente fica um dos hotéis mais chiques da cidade, o Real Intercontinental. Para deixar o shopping, Aplicano aconselha que se pegue um táxi, mesmo para andar pequenas distâncias. A fila é grande, mas a todo momento chega um carro. Ele também precisa ir, já deu a sua hora de serviço. Com a simpatia usual, se despede com atenção: “*Que te pases bien!*”. E segue o rumo de sua rotina.

4.4 A chefe

Estava sendo difícil para Jéssica Amador trabalhar nos últimos dias. As queimaduras de sol que ela sofreu em uma viagem a Punta Cana, um paraíso litorâneo da República Dominicana, ainda ardiam. “Lá é lindo, mas me descuidei”, conta com ar atrapalhado. Não deixa que a encostem nem para cumprimentar. A agente de viagens de 43 anos aproveitou para viajar antes do feriado prolongado, que ocorreria do dia 8 a 11 de outubro de 2015, pois na volta teria muito trabalho a fazer. Como chefe de vendas, ela comanda uma equipe de três homens em um quiosque no Mall Multiplaza. Os funcionários admiram sua eficiência. A

agência de turismo para a qual trabalha conseguiu vender com antecedência todas as reservas em hotéis que tinham nos destinos turísticos mais buscados de Honduras: as *Islas de la Bahía*, departamento que abriga as ilhas de Roatán, Guanaja, Barbareta e Útila. Animada, ela está treinando um dos guias turísticos para reforçar a sua equipe de vendas.

Jéssica carrega uma profunda gratidão pelo dono da empresa. Ele a acudira em 2010 com a oferta de emprego em um momento em que ela estava descrente da vida em Honduras e prestes a embarcar para os Estados Unidos sem o filho pequeno. Fazia um ano que ela estava desempregada e a situação estava chegando no limite. “A agência para a qual eu trabalhava fechou por conta do golpe em 2009. Sou mãe solteira, meu filho tinha nove anos, e como não conseguia outro emprego aqui, me preparei para ir para os Estados Unidos, onde tenho familiares”, conta. A parte mais difícil era ter que viajar sem o filho. “Eu ia sozinha, mas parece que há coisas escritas nesta vida. Faltava cinco dias para eu embarcar quando consegui esse emprego.”

A mulher morena, corpulenta, de cabelo preso com rabo de cavalo, se define como apolítica. Diz que vota só por dever e tem sérias críticas a Zelaya. “Ele era ignorante, não sabia nem o hino do país, não sabia rezar, tinha um filho drogado”, sentencia sem dó. Por isso não achou ruim o tirarem do poder, mas lamenta as consequências que sofreu. “Eu não ligo de terem derrubado Zelaya, seria pior se ele continuasse, mas sim, foi um momento ruim, fizeram da forma incorreta e eu fiquei sem trabalho. As empresas de turismo não conseguiam mais trabalhar naquela época. Ficou tudo suspenso.”

Jéssica estava na casa de sua mãe no domingo em que o ex-Presidente foi retirado de casa pelo exército e mandado para fora do país. Ela não conseguiu voltar para a sua casa. “Eu não me dei conta do que estava acontecendo, mas houve toque de recolher e eu precisei ficar na casa dela. Saímos de lá só depois de três dias, por causa da confusão. Tive que usar roupas do meu irmão, eram as únicas que cabiam em mim, eu não estava preparada para ficar lá tantos dias.”

Quando ela conseguiu voltar para a sua casa, descobriu que o seu prédio tinha sido assaltado. Ladrões se aproveitaram da confusão em que a cidade se encontrava para invadir casas desocupadas. “Tentaram entrar no meu apartamento, mas a sorte é que ele havia sido do dono do prédio, que investiu numa estrutura mais forte de segurança nas portas, então não conseguiram entrar.” Ir para o supermercado abastecer a sua casa foi outra experiência ruim. Havia muita gente aguardando os comércios abrirem, houve empurra-empurra, um verdadeiro caos. “As nossas vidas só voltaram ao normal depois das eleições em novembro. Quem é envolvido com política vai contar a sua versão da história defendendo seu ponto de vista

político, se foi golpe ou não. Mas, para mim, o que me marcou foi ter perdido meu trabalho. Foi difícil”, conta, atarefada com a chegada de mais clientes. O feriado se aproxima.

4.5 O manifestante

De jeans, camiseta colada e óculos escuro, Edgar Inestroza, 32 anos, caminha pelas ruas do centro de Tegucigalpa com orgulho de sua nova forma física. Há pouco tempo o rapaz de estatura mediana perdeu 20 quilos com uma dieta baseada em shakes. Hoje já pode se dar ao direito de almoçar de vez em quando uma *baleada*, lanche típico de Honduras feito com *tortillas* recheadas com queijo, carne, ovo, guacamole, feijão batido e o que mais a fome mandar. Para finalizar, uma pimenta bem temperada. Animado com o resultado na balança, ele trabalha hoje vendendo os produtos que o fizeram emagrecer. “Não tenho padrão, faço a minha rotina, tenho bastante contato com pessoas. *Cool!*”

Não é a primeira vez que ele trabalha com vendas. Trabalhava em uma loja de materiais de construção quando a crise trazida pelo afastamento de Manuel Zelaya da Presidência em Honduras, em 2009, o botou na rua. Aquela época mudaria para sempre a percepção de mundo do rapaz de jeito descontraído. Ao se dar conta, naquela manhã de 28 de junho de 2009, de que haviam tirado Zelaya do país, Inestroza estava com amigos colombianos em casa, que o aconselharam a sair para comprar mantimentos. “Eles tinham mais experiência com crises políticas e me falaram que o primeiro a fazer era sair e comprar de tudo. Fomos com meu carro ao mercado para comprar verduras, frutas e quase não havia gente nem carros nas ruas porque haviam decretado toque de recolher”, recorda.

No caminho de volta para casa, deparou-se com uma manifestação perto da Casa Presidencial sendo reprimida pela polícia. “Na hora fiquei com medo e acelerei o carro, me deu um pouco de pavor. Foi a primeira vez que senti os efeitos do gás de pimenta, me ardiam os olhos, a garganta, cheguei a vomitar.” Ao chegar a seu bairro, Inestroza encontrou os vizinhos conversando alarmados sobre o que tinha acontecido com Zelaya. “A gente achava que os Estados Unidos viriam com a ONU colocar ordem aqui e que tudo ia voltar ao normal.”

Em contraste à tensão que Inestroza vivia, as páginas de jornais diziam que estava tudo bem e isso o irritava. “O que me dava mais raiva era o cinismo do governo interino dizer na mídia que não havia problema nenhum enquanto decretava toque de recolher e nos impedia de sair de casa.” O cidadão não se enxergava nas notícias que lia. Ao saber que Zelaya estava retornando a Honduras de avião, Inestroza e seus amigos não tiveram dúvida em se juntar às pessoas que foram recebê-lo no aeroporto. “Diziam que o Presidente havia conseguido um

avião emprestado. Fomos para o aeroporto, o avião voou perto, mas não aterrissou, não teve permissão.”

Quando viu a aeronave dar meia volta, a multidão que aguardava Zelaya se rebelou e forçou entrar na pista. Inestroza estava no meio do tumulto quando viu passarem por ele com um corpo. “Era de um jovem, tinha entre 18 a 20 anos. O levavam pelos braços e pernas, e seguravam a sua cabeça, de onde caíam grandes coágulos de sangue. Eu nunca tinha visto algo assim.” Veio-lhe uma mistura de sentimentos, o medo de estar na mira de atiradores, a fúria e a raiva por ver alguém atingido. “Era uma euforia que eu não sei explicar, eu só sentia, como um frio e um calor no corpo. Queríamos brigar naquele momento, enfrentar já, era como se fosse agora ou nunca! Éramos muitos ali, mas tínhamos um exército armado diante de nós com bombas de gás e fuzis, e todo o aeroporto estava rodeado por franco atiradores.”

Ele se lembra então de um carro passar anunciando que haveria toque de recolher dali a uma hora. “Fomos embora porque ninguém queria ir preso. Fomos caminhando, meu carro estava longe dali. Conversávamos sobre como seria viver aquilo, eu precisava trabalhar.” O rapaz morava com dois amigos, e sua mãe acompanhava preocupada de Miami, onde ela vivia. Tentava mandar dinheiro para o filho e pedia para que ele fosse a outro departamento, onde viviam familiares. “Mas eu queria ficar na minha cidade para enfrentar o que houvesse. Como não podíamos sair de casa, eu e meus amigos organizamos manifestações nas nossas ruas, queimamos barris em duas ou três ocasiões para mostrar que não aceitávamos o que estava acontecendo.”

A próxima tentativa de Zelaya entrar no país foi pela fronteira com a Nicarágua. Dessa vez, Inestroza não foi, mas conhece pessoas que seguiram caminhando de Tegucigalpa até lá, uma jornada de quase 400 quilômetros. “E foi muito feio o que aconteceu, muitas pessoas foram mortas pelo exército enquanto caminhavam pelas montanhas, mulheres foram violentadas, pessoas desapareceram. Dava muita pena saber o que acontecia com quem tentava chegar até a fronteira para dar força ao Presidente.” Diante da barbárie, para Inestroza a única alternativa era seguir lutando.

Até que Zelaya conseguiu entrar no país e se refugiou na embaixada brasileira em Tegucigalpa. Era setembro de 2009. Inestroza foi até lá saudar a volta de Zelaya e novamente sofreu com a repressão policial. Durante a noite, soavam buzinas de alto-falantes enormes nas proximidades da embaixada para dispersar as pessoas e impedir que dormissem ali. “Era um som macabro”, recorda. Também houve tentativa de dispersar a multidão com bombas de gás lacrimogêneo, e uma pessoa morreu asfixiada. “Foi uma época de muito sofrimento. Mas o

tempo foi passando, fizeram eleições, veio um novo governo, que nem foi tão ruim, mas foi errado, fizeram uma campanha suja contra Zelaya, não concordávamos com isso.”

Inestroza diz que, desde o início do governo de Zelaya, o comportamento do líder chamou atenção. “Ele não seguia o protocolo, agia como um ser humano normal, e isso marcou sua diferença com os outros Presidentes.” O rapaz se lembra de quando Zelaya surgiu de moto no meio de uma manifestação de professores e perguntou no que ele poderia ajudar. “Dizíamos que tínhamos um presidente *campechano*, do povo.” Depois de conseguir derrubar o preço dos combustíveis, com a ajuda do Petrocaribe, Zelaya pressionou o setor privado a reduzir o preço da cesta básica. Em seu governo também houve um significativo aumento do salário mínimo e foi estendido às domésticas o mesmo seguro social que atendia aos trabalhadores formais.

Para Inestroza, a postura de Zelaya não agradou a classe mais conservadora. “As atitudes dele despertavam um sentimento de esquerda e, junto com isso, ele se aproximou de Hugo Chávez, porque era conveniente para nós termos um petróleo mais barato.” Para ele, isso desagradou também aos Estados Unidos, com quem Honduras sempre teve uma relação de dependência muito forte.

Mas Inestroza nunca imaginou que a polarização política chegaria aonde chegou. “Os mais jovens não estávamos acostumados com algo assim, só conhecíamos conflitos em Honduras pelo que nossos avós nos contavam.” Ele acredita que o episódio despertou a classe mais jovem para a política. “Era como futebol, tinha o Partido Liberal e o Nacional, e as pessoas votavam em um ou outro porque os pais votavam, pela tradição. Os jovens não se preocupavam em votar, a crise nos provocou a nos envolver mais em assuntos políticos, pois percebemos que a política não estava nos beneficiando em absolutamente nada.” A teoria de Inestroza é a de que os partidos se juntaram à embaixada americana para derrubar Zelaya porque tinham medo de que ele tivesse força para ganhar mais uma eleição.

Inestroza não parece temer andar nas ruas de Tegucigalpa como os demais hondurenhos costumam relatar. “Na cidade grande todos andam desconfiados, mas nas menores é mais tranquilo, não acontece nada.” Para ele, a carência social é que cria a violência. “Quando não se tem educação, emprego, saúde, os jovens querem consumir o que veem na tevê, e a vida do traficante passa a ser atraente.” Dos jornais, ele quer distância. “O que os jornalistas fazem é vender o mal, e isso mexe com o psicológico das pessoas. Só tem tragédia nos jornais.” A consciência de Inestroza sobre os problemas do país não impede que ele veja Honduras mais bonita do que a pintam.

4.6 O guia

“Eu me lembro de ouvir uma música quando era pequeno. Tocava nas rádios e na televisão quando havia golpe de Estado, não adiantava mudar de canal. Naquele dia, quando ouvi a marcha marcial na tevê, eu me lembrei: já ouvi essa música antes.” Densi Banegas Flores, 49 anos, lembra da manhã do dia 28 de junho de 2009, enquanto dirige. Naquela manhã recordada, o presidente Manuel Zelaya fora tirado do país pelas forças militares. “Jamais imaginava que iam tirar o Zelaya. Mas quando me contaram, achei até bom. A notícia era que ele tinha renunciado. Hoje não acho mais, foi um retrocesso.”

Flores trabalha como guia turístico e se preocupa com a imagem do país. “Ficamos mal diante da comunidade internacional. O que pensam de nós? Que aqui pode tudo e a gente não faz nada?” Em 2009, Flores trabalhava de frentista em um posto de gasolina. O desespero da população fez com que em seis horas o posto vendesse a quantidade de combustíveis que normalmente era vendida em três dias. “Quando passou uma manifestação por perto, tivemos que fechar o acesso ao posto com correntes e desligamos as bombas de gasolina, com medo de haver algum acidente. Por conta do risco de fabricação de bombas de coquetel molotov, nós éramos proibidos de vender gasolina em galão.” Nas ruas, montanhas de lixo e pneus eram incendiados por manifestantes contrários à expulsão de Zelaya do país. “Na época eu não achava certo fazerem aqueles protestos, mas hoje eu entendo, pois foi muito ruim o que aconteceu.”

Flores admite que nunca gostou de Zelaya, mas acha que o político tinha lá as suas qualidades. O guia conta que o ex-Presidente ajudou muito os camponeses, com incentivos à produção, aumento de crédito, além da tão lembrada política de aumento do salário mínimo, que elevou em cerca de 60% a renda dos trabalhadores. Flores conta que a mão amiga do Presidente chegava também a pessoas próximas ao político, como funcionários e familiares de conhecidos, numa relação de promiscuidade entre o público e o privado que contribuía para a imagem de generoso de Zelaya. Flores lembra também de que havia muitas denúncias de corrupção contra o governo. Mas nada tira a sua indignação em relação à retirada de Zelaya do poder. “Forjaram a assinatura dele em um documento de renúncia e o levaram para fora do país. Não faz sentido falar que isso é uma simples sucessão presidencial.” O legado, diz, foi um país ainda mais pobre e sem ajuda de outras nações.

Militante de esquerda na época do colégio, Flores tornou-se um tanto conservador depois que formou uma família. O guia tem uma filha de 10 anos, Samantha, que vive com a mãe e passa os fins de semana com ele. Ela quer terminar a escola e se tornar uma design de

jóias. Domingo é um dia especial para o pai e a filha. Flores troca a calça jeans e a camiseta do dia a dia por calça social e camisa; Samantha bota um vestido alegre e vão para o culto na Igreja Mórmon.

A guinada de Zelaya para o lado dos países “bolivarianos” da América Latina, com a entrada de Honduras na ALBA, aliança política capitaneada pela Venezuela, deixou Flores apreensivo. “Eu tinha medo de que Zelaya nos tirasse tudo, é o que significa o comunismo aqui.” A responsabilidade da vida madura lhe trouxe medo de perder os bens materiais, que, apesar de não serem muitos, lhe custaram conquistar na vida.

Mas o medo de Zelaya virou passado. O inimigo agora é o atual Presidente, o nacionalista Juan Orlando Hernández. “Estou indignado com esse governo, fraudaram as eleições. Meu irmão estava em uma mesa eleitoral onde o Partido Libre ganhou em todas as urnas, mas na hora da divulgação do resultado, esses votos não apareceram.” O Libre é o partido fundado em 2011 por Zelaya, que quebrou o bipartidarismo histórico dos nacionalistas e liberais. Flores gosta de ouvir a *Rádio Globo*, veículo que ganhou projeção por denunciar a corrupção no país. Por ali ele soube que o governo federal hoje controla os demais poderes e que por isso não é fácil enfrentá-lo.

Enquanto isso, segue se dedicando à educação de sua filha. Samantha gosta de ouvir reggaeton, ritmo que conquistou um vasto público na América de língua espanhola. Flores repreende a filha por ouvir as canções, em sua maioria com conotação sensual: “*No me gusta, es feo que dice*”. O guia prefere a salsa, dança que já embalou muitas noites na sua juventude.

4.7 O comunicador

“*No somos cinco, no somos cien! Prensa vendida, nos conte bien!*” O jornalista Félix Molina lembra da música cantada em coro potente pela multidão que tomava as ruas, em 2009, em protesto contra a retirada do ex-Presidente Manuel Zelaya do poder em Honduras. Passou-se seis anos desde então. Com experiência na cobertura de assuntos relacionados à defesa dos direitos humanos, Molina não conseguiu ficar alheio ao que acontecia no país. “O golpe colocou muita gente na rua, eu senti o dever de ir como cidadão e como jornalista.”

Ele conta que os manifestantes contrários ao afastamento de Zelaya evitavam contato com os meios de comunicação tradicionais. “Era claro que havia uma premissa na narrativa midiática tradicional de destacar os erros dos resistentes. Se os manifestantes queimavam algo, eles eram criticados por prejudicarem o meio ambiente; se faziam grafite, eram criticados por

sujar a cidade; se batiam em um carro, eram atacados por vandalismo; se colocavam fogo nas ruas, eram chamados de terroristas.”

O homem branco de estatura média, cabelos cacheados, meia-idade, conta que saía às ruas inquieto, preocupado. Supunha até então que os golpes de Estado haviam ficado enterrados na história no país. “O último havia sido há mais de 35 anos. A derrubada de Zelaya deu uma sacudida em todos”, diz.

Com seu olhar instigado de jornalista que sabe sentir o cheiro do que é peculiar, Molina começou a perceber naqueles dias a riqueza que surgia do caos: grafites nos muros, canções coletivas, poesias, novos discursos políticos. “Existia ali uma superenergia cidadã que reclamava e trazia propostas.” Para ele, o episódio significou a queda da venda dos olhos da população que até então confiava nos poderes políticos, empresariais, religiosos e na grande mídia.

Não era seguro ser jornalista naquela crise em 2009. Para trabalhar nos dias depois da queda de Zelaya, Molina conta que se movia por instinto e tomava medidas básicas de segurança. Na época apresentava um programa das 20 horas às 21 horas na *Rádio Globo*. “Era um programa de impacto porque trazia a voz das pessoas da rua. Não exagero ao dizer que de 28 de junho de 2009 a 27 de janeiro de 2010 teve manifestações nas ruas de Honduras todos os dias. Eu ia até elas, em distintos lugares do país, viajava sempre”, conta. Nas viagens, para se proteger, Molina nunca dormia em hotéis, nem viajava em transporte coletivo. Também não avisava as pessoas com antecedência para que cidade ia. Quando estava Tegucigalpa, procurava não pegar sempre o mesmo caminho para casa. Às vezes pedia para amigos buscá-lo na sede da rádio, pois era arriscado pegar um táxi.

“Do que tinha medo?”, pergunto. Ele conta que era comum haver atentados na efervescência do pós-golpe contra pessoas que ousavam desafiar os discursos oficiais. Tiros eram disparados por pessoas circulando de motocicletas e nunca se descobria o culpado. Além disso, os jornalistas sofriam com a violência policial. “A polícia e o exército não respeitaram o trabalho dos meios de comunicação. Durante a cobertura de uma manifestação, escapei por pouco de uma porretada. O golpe que mirava a minha cabeça acabou pegando no meu microfone. Foi um dia de máxima brutalidade policial, outros jornalistas apanharam. Policiais chegaram a destroçar as mãos de um líder social com porrete.”

Havia também manifestações dos que defendiam o novo governo, chamadas de “as marchas das camisetas brancas”, porque assim se vestiam pedindo pela paz. “Estes cantavam contra o presidente Zelaya e tinham uma grande cobertura ao vivo da grande mídia. Era um desequilíbrio claríssimo na cobertura comparado às demais manifestações”, diz Molina.

Molina vê o fenômeno social produzido naquela época como duas bolhas. Em uma delas estavam as pessoas que aceitaram que havia uma sucessão presidencial, que defendiam que o país não havia deixado de funcionar e que os poderes constituídos não deixaram de atuar. “Essa bolha seguia indo à missa aos domingos ou aos cultos evangélicos aos sábados, ia aos supermercados, ao estádio ver a seleção de futebol.” A outra bolha, por sua vez, pedia a restituição de Zelaya ao poder, reclamava por uma Assembleia Constituinte e denunciava a ausência do Estado de direito. “Essa bolha não consumia os mesmos meios de comunicação da outra, para ela o Presidente foi retirado por uma figura jurídica inexistente. O impeachment não é previsto pela Constituição hondurenha.”

Molina diz que esta divisão da população persiste até os dias de hoje. “Acredito que a resistência represente 70% dos hondurenhos, enquanto os camisas brancas são 30%. O atual presidente, do Partido Nacional, venceu com apenas 37% dos votos em uma eleição fraudada.” “E por que a preponderância numérica da resistência não se traduziu em vitória política para o Zelaya?”, questiono. Para Molina, trata-se de um fenômeno que não chega a ser incomum na política, em que a minoria se comporta como maioria e a maioria, por sua vez, não se assume como tal. “É estranho, mas é o acontece.”

O tempo passado desde 2009 foi um grande aprendizado para Molina. “Diante do que vivi, me sinto provocado a trabalhar comunicação com um maior compromisso.” A experiência de cobrir a crise marcou o jornalista de maneira profunda. “As pessoas mostravam em seus rostos a terrível exclusão que sofriam por parte da mídia. Elas se expressavam nas ruas, mas seus discursos não estavam na televisão, nos jornais e nas rádios, e isso gerava muita bronca.” A ira, diz Molina, se converteu em uma abundante produção cultural e em intenso compartilhamento de informações pela internet. “O sujeito que nasceu ali se chamava ‘cidadão em resistência contra o golpe’. Eles queriam se mostrar e se perguntavam por que não eram vistos. Pediam: Nos vejam! Temos identidade, estamos na rua! Não nos invisibilizem!”

Para Molina, o golpe começou a ser construído em 2008. “Ali já sabíamos que Honduras caminhava para uma zona de quebra institucional.” A tensão do governo com setores conservadores da sociedade ficava claro em alguns episódios como a entrada do país na ALBA, o aumento do salário mínimo e a eliminação de subsídios para a indústria. “O governo se viu debilitado e abandonado até pelo próprio Partido Liberal. Foi quando Zelaya se voltou aos movimentos sociais para conseguir apoio.” Naquele momento, Molina passou a acompanhar mais de perto a conjuntura. “Eu passei a cobrir a crise na *Rádio Progreso*, tinha

um programa de entrevistas com especialistas que faziam a leitura crítica da crise e tínhamos bastante audiência.”

Molina acredita no poder das palavras e defende da responsabilidade que tem de trabalhar com elas. É crítico à forma com que grandes veículos de comunicação e instituições oficiais construíram seus relatos sobre a crise. “A palavra golpe não estava nos grandes jornais. A Comissão da Verdade concluiu em relatório que houve um ‘golpe ao poder executivo’ em Honduras, que difere do golpe de Estado por entender que o resto das estruturas institucionais continuaram funcionando sem infringir a lei. O que não é verdade.”

Sobrevivente é a palavra que Molina escolhe para se descrever. “Sou um sobrevivente como muita gente aqui. Tivemos naquela época uma convivência quase amistosa com a morte, pois muita gente morria e nada era investigado.” Segundo ele, a morte estava tão banalizada que, quando alguém perguntava “*Como estás?*”, era comum responder “*Estoy vivo!*”, conta o jornalista. “O poeta Roberto Sosa disse uma vez que a morte um dia formará parte da nossa paisagem. O grande problema é a impunidade. É um ciclo de desigualdade, empobrecimento, violência e corrupção.” Molina acredita que Honduras se aproxima de uma nova ruptura de grande porte em sua história, que significará a dissociação entre a cidadania e o Estado. “Cada vez mais as pessoas percebem que o Estado não lhe serve e que os partidos deixaram de ser os intermediários entre a população e o Estado.”

4.8 O militante deputado

Era 5 de outubro de 2015 quando o deputado Jari Dixon Herrera, do Partido Libre, mostrava para mim uma foto no celular, enquanto tomávamos café. “Eu não sabia que essa foto existia, olhe, recebi ontem. É do dia 5 de julho de 2009, tinha milhares de pessoas na rua. Aqui sou eu, usando chapéu. Fazia muito sol e as caminhadas eram longas.” Aquela foi uma das maiores manifestações pró-Zelaya que ocorreram no país. A estimativa é de que 300 mil pessoas marcharam até o aeroporto para aguardar a volta do ex-Presidente Manuel Zelaya, levado para fora de Honduras havia uma semana. “Mas ele não pôde aterrissar, os militares fecharam a pista. Quando decidimos romper a cerca para entrar no aeroporto, os soldados começaram a disparar. Morreu um companheiro, nosso primeiro mártir dessa repressão, o jovem Isis Obed Murillo”, recorda o homem de 43 anos.

Herrera é advogado e trabalhava como fiscal no Ministério Público em 2009. Quando soube que Zelaya havia sido levado para fora do país, se dirigiu com outros manifestantes até a Casa Presidencial. “Fui protestar porque acreditei que era uma destruição do Estado de

direito, da democracia. Eu nunca fui 'zelayista' nem ativista do Partido Liberal", explica. Na rua, encontrou pessoas das mais diversas origens: partidários do Zelaya, ativistas de movimentos sociais e cidadãos comuns. "Naquele momento decidimos fundar o que se chamou de Frente Nacional contra o Golpe de Estado, que depois viria a ser a Frente Nacional de Resistência Popular", conta o deputado. Aquele movimento era o embrião do Partido Libre, que seria fundado depois de permitida a volta de Zelaya ao território hondurenho, em 2011.

Desde aquele primeiro dia na frente do Palácio Presidencial, Herrera não arredou o pé da resistência e participou de diversas manifestações. Foi demitido do Ministério Público cinco meses depois. Ele chegou a tentar conciliar a militância política com o trabalho, mas diz que o ambiente na repartição não era mais o mesmo. "O Ministério Público estava militarizado, havia perseguições e investigações sobre meus passos nas atividades de resistência. Ao fim, decidiram me mandar embora." Era a segunda vez que ele perdia o emprego no Ministério Público por conta de ativismo. A primeira foi em 2004, por participar de um protesto contra a corrupção. Conseguiu ser readmitido em 2005.

"Todos os que participaram da frente de resistência passaram anos muito difíceis em relação a trabalho, pois ninguém queria contratar um inimigo do governo, muito menos as instituições públicas." A vida de Herrera mudou completamente depois de 2009. Ele se viu obrigado a abandonar o sonho de crescer dentro do Ministério Público, de alçar novos cargos. "A conjuntura foi me levando para outro lado. Sempre fui defensor da lei, não fico do lado de quem atua ilegalmente." O advogado vive com a esposa e quatro filhos: um menino de sete anos, um de oito, uma menina de 14 e outra de 16. Foi duro para a família não contar com o salário do pai. "Mas não me arrependo, eu estava convencido de que aqui, sem luta, nada vai mudar. Nunca. É uma barbaridade o que se passa em Honduras."

Além do impacto financeiro, Herrera sofreu com a falta de segurança pessoal. "Havia muito risco em ser militante, matavam dois advogados por semana. Era abrir os jornais e ver notícias dos assassinatos. Foram mortos mais de 300 advogados nos últimos cinco anos." As estatísticas apontam a profissão como uma das mais perigosas do país. "Dependendo de quem você defende, podem te tirar a vida", diz ele.

Mas Herrera sobreviveu aos perigos e dificuldades. Participou da fundação do Partido Libre, iniciativa que reuniu os ativistas da resistência por um projeto alternativo ao dos dois partidos que dominavam a política do país, o Nacional e o Liberal. "Participamos das últimas eleições e aqui estou como deputado. O Libre conseguiu 31 cadeiras, um quarto do Congresso, e isso mesmo com a legenda sendo atacada continuamente pelos grandes meios de comunicação."

O deputado avalia que foi um erro a resistência aceitar o diálogo com o governo interino, processo que acabou levando à convocação das eleições em novembro de 2009. “A situação estava crítica, todos os países se manifestavam contra a retirada de Zelaya, as pessoas estavam nas ruas, nós tínhamos força, mas aí vieram os Estados Unidos e propuseram diálogo na Costa Rica. Foi um fracasso para nós. Zelaya foi novamente expulso e ratificaram as eleições.” Naquele momento, final de 2009, Herrera avalia que a resistência já estava debilitada. O boicote dos resistentes às eleições permitiu a vitória de Porfirio Pepe Lobo, do Partido Nacional, sem grandes dificuldades.

Ao olhar em retrospectiva, porém, Herrera também consegue ver vantagens no processo enfrentado desde então. “Caso tivessem reintegrado Zelaya ao cargo, ele cumpriria os seis meses que faltavam para encerrar o seu mandato e talvez o Libre não fosse fundado. Em 2013, mesmo com fraude, rompemos o bipartidarismo de 124 anos, quando só o Liberal ou Nacional participava, e nos metemos em segundo lugar na primeira participação que tivemos. Hoje o Libre é um partido que luta pau a pau com os partidos tradicionais.” Ao mesmo tempo, o deputado avalia que o Partido Nacional saiu da crise com mais poder do que tinha. “Hoje eles têm controle sobre o Ministério Público, a Suprema Corte, os militares, a polícia, e têm o apoio da embaixada americana. Além disso, conseguiram aprovar a reeleição.”

Como forma de evitar novas fraudes eleitorais, o Partido Libre tenta conquistar uma vaga no Colégio Superior Eleitoral. Para Herrera, o país se encontra hoje diante de dois caminhos: ou o Libre consegue ganhar as próximas eleições presidenciais, ou o Partido Nacional se converterá em uma ditadura. “A tática do Partido Nacional é manter os seus 35% de deputados unidos e dividir a oposição. Temos casos de parlamentares nossos que foram para o governo por dinheiro.”

Mesmo assim, Herrera tem a esperança de que o Libre consiga ganhar as próximas eleições presidenciais em 2017. Manuel Zelaya poderá ser candidato. A gestão do Presidente Juan Orlando Hernandez enfrenta grande descontentamento da população por conta das denúncias de fraude eleitoral e da acusação de desvio de dinheiro do fundo de proteção social para o financiamento de sua campanha. Ao mesmo tempo, o atual Presidente conta com o apoio das instituições para influenciar a população em um futuro pleito. “É uma luta longuíssima, não sabemos o quanto vai nos custar”, diz Herrera.

O deputado pelo Libre diz que sonha com um país menos violento e menos pobre. Seu discurso político é pela independência dos órgãos públicos, pela reforma agrária e pelo crescimento da economia. “Podemos tirar os 80% da população da pobreza como fez o Lula no Brasil, por exemplo. Podemos baixar os níveis de violência tratando a infância desde o

início.” Diante dos desafios, ressen-te a falta de apoio internacional. “Nós tínhamos o Chávez, mas outros governos não entendem a importância de apoiar os partidos progressistas no continente. A direita se ajuda todo tempo. Aqui foi a população que financiou a nossa campanha passada, através de coletivos.”

É um desafio exercer um cargo político em Honduras. Segundo Herrera, vários candidatos foram assassinados durante a campanha de 2013, e não só do Libre. “Ontem o prefeito de Libertad, cidade aqui do departamento de Francisco Morazán, foi morto. Há uns dois meses mataram um deputado. O crime organizado está metido em tudo.” Apesar do perigo, Herrera conversava em um café em frente à redação da *Rádio Globo*, onde acabara de participar de uma entrevista. Pergunto a ele como se protege. Ele acha graça. “Sou cristão, eu rezo!”

4.9 A anfitriã

Doris Palacios, 63 anos, tinha um problema complicado a resolver. Para dar conta da demanda de água gerada pelo aluguel de quartos na casa e de cômodos construídos no quintal dos fundos, a senhora decidiu investir em uma cisterna. A escavação do buraco, que estava sendo feito debaixo do piso da garagem, no entanto, atingiu a fundação da casa. Eram oito da noite quando ela teve que acionar a irmã engenheira e sua equipe de plantão. Chovia fortemente no verão de Tegucigalpa e os pedreiros tiveram de armar uma estrutura com lona para conseguir trabalhar sob aquelas condições.

A casa de Doris fica em Trés Caminos, um bairro de classe média alta da capital hondurenha onde o ex-Presidente Manuel Zelaya também vive. Há três anos, a área predominantemente residencial começou a ter suas ruas fechadas por portões e o acesso controlado por seguranças. “A delinquência aumentou muito”, comenta a mulher com ar conformado. Antes das ruas serem isoladas pelas grades, seu filho mais novo foi assaltado na frente da casa enquanto se despedia de um amigo. “Os bandidos chegaram de carro, armados, e levaram tudo o que o meu filho e o amigo tinham com eles.” Doris também já foi assaltada ali. Foi um dia em que tinha sacado dinheiro, cerca de 500 dólares e 2 mil lempiras, e passou em casa para uma parada rápida deixando o carro estacionado em frente. Quando voltou para o veículo, os vidros estavam quebrados. “Deixei o carro trancado com a minha bolsa dentro por cinco minutos. Foi o tempo suficiente para arrombarem e levarem tudo.”

Doris tem três filhos. A mais velha, de 39 anos, é a única que ainda mora em Honduras, perto da mãe, o que permite a Doris acompanhar o crescimento de seus três netos.

A filha do meio tem 34 anos e se mudou para o México com o marido mexicano. O caçula, de 29 anos, foi estudar na Alemanha e por lá ficou. Doris é casada há 41 anos, mas prefere não falar do marido ausente. Sua companhia mais fiel é Gepeto, um poodle toy branco que a segue por onde vai. Quarto, cozinha, sala de computador, sempre tem um canto para o cãozinho aos pés da cuidadora. Gepeto é valente, late, morde as pernas de quem entra sem se apresentar devidamente. Mas quando a dona não está por perto, mete o rabo entre as pernas e olha de longe desconfiado.

Foi depois de se aposentar no emprego que tinha no Banco Central de Honduras que Doris passou a alugar para turistas os quartos que eram dos filhos. Nos fundos da casa, mandou construir cômodos para alugar para hóspedes fixos, normalmente pessoas que vivem em outra cidade e que precisam passar a semana na capital a trabalho ou a estudo. “Aposentar-me foi a melhor coisa que fiz. Gostava do meu emprego, mas era desgastante. Trabalhar em casa foi uma boa solução”, conta. A mulher morena de cabelo na altura dos ombros cuida da rotina do lar de maneira delicada para que tudo siga nos conformes. Diz não se incomodar com o movimento de pessoas itinerantes andando pelos cômodos e vivendo suas breves estadias. A parte administrativa dos aluguéis fica a cargo do filho que controla pela internet desde a Alemanha a movimentação dos inquilinos.

Com os portões nas ruas, Doris diz que o bairro tem tido sossego. As notícias sobre a violência na cidade não deixam, no entanto, aquela atmosfera mais calma enganar. A mulher continua atenta aos perigos e alerta seus hóspedes. “Nunca pegar táxi se tiver uma pessoa acompanhando o motorista. Não andar com câmera fotográfica cara e evitar andar em lugares estranhos.”

Doris vive assim uma vida pacata seguindo os cuidados comuns que os moradores de Tegucigalpa têm para sobreviver na selva de pedras. Por isso levou um susto com a barulheira que ouviu na madrugada do dia 28 de junho de 2009. “Era cerca de 5 da manhã quando escutei helicópteros sobrevoando, disparos de armas de fogo e sirenes de patrulha. Estava com a minha filha do meio, entramos em pânico”, disse. Não demorou muito para a filha mais velha ligar com a notícia. “Ela contou que tinham dado um golpe em Zelaya, liguei a televisão e as notícias eram aterradoras, se falava de uma guerra.” A casa de Zelaya não ficava muito longe dali.

A mulher lembra de “gente de esquerda” sair para protestar depois que Zelaya foi afastado. “Essa zona em que eu moro era marcada pelos manifestantes, eles acham que é uma zona rica, mas não somos. Os muros eram pixados, quebrados, os manifestantes atiravam pedras nas casas. A rede de tevê *Canal 5*, que fica aqui perto, foi atacada, e o *Canal 10*

também foi apedrejado.” Doris achava que Zelaya era um bom político. Ela lembra da luta do ex-Presidente para baixar o preço da cesta básica. Mas não lhe agradava a ideia de que ele quisesse continuar no poder para fazer de Honduras uma Venezuela. “Talvez ele não fizesse isso, mas não valia correr o risco. O que poderia acontecer? Talvez nem casa tivéssemos mais hoje com ele no poder.”

Apesar de tudo, Doris lamenta as consequências do que aconteceu. Ela conta que uma crise se instalou no país a partir do momento em que Zelaya foi tirado da Presidência. A família da filha mais velha, proprietária de uma empresa de publicidade, sofreu a crise no bolso. A empresa havia prestado um serviço para o governo federal e tinha 120 milhões de dólares a receber. Com o golpe, o pagamento foi suspenso. Para arcar com o prejuízo, os donos tiveram que vender ativos da empresa e começar outro negócio do zero. Não foi um problema isolado deles, diz Doris, muitas empresas passaram por isso. “O golpe mudou muito a vida deles, antes eles mudavam de carro frequentemente, tinham luxos, minha filha podia se dedicar só aos filhos. Agora ela teve que voltar a trabalhar e precisou vender o terreno onde planejava construir uma casa, adiando os planos de deixar de morar de aluguel.”

Descripción de una ciudad en peligro

*Las cobras
Han extraviado los únicos silbidos que poseían.
Las sirenas
silban
el nuevo día. Con fines inexplicables
los automóviles
transladan
a puntos clave
inmersos sacos hinchados de silbidos.*

*La Prensa,
la Radio.
la T.V. y los Altos Círculos de la Nación
silban singularmente en circuito cerrado.
Los artistas, víctimas del lujo, a solas silban la poesía.
Los malhechores públicos convertidos en héroes
y en familias pudientes,
elevados
sobre grandes pedestales de hierro,
invisibles,
imponem, a fuego lento, la rueda alucinante de una moral silbada.
Con acento extranjero, tras gruesos lentes ahumados,
la policía
saca sombras chinas y desafinados silbidos de los huesos*

*de las víctimas elegidas. Las sábanas silban en los alambres
y la libertad silba en las ametralladoras, mientras,
reclinada en su lecho de rosas, la sífilis, con aire digno,
silba su monótona y dulzona y antigua canción.*

*Las iluminaciones
Superpuestas del teatro bifronte, los tenebrosos homosexuales
que flotan en dos aguas y los señoritos con aspecto de floreros;
el café
y las visitas intelectuales con un clavel de sospecha
en la solapa; la roja fotografía del bebedor y una cola infantil
que mueve al llanto, rechiflan
sus comedias
por el ojo insistente de una llave.*

Roberto Sosa

5 LEITURA CRÍTICA DOS JORNAIS

A leitura crítica dos conteúdos publicados nos periódicos selecionados – os jornais brasileiros *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* e o hondurenho *La Tribuna* – a respeito da retirada de Manuel Zelaya da Presidência de Honduras tem como objetivo principal fornecer um ponto de apoio concreto à verificação das hipóteses centrais do trabalho. Não se trata de uma análise de discurso integral, mas de uma leitura comentada em busca da presença das quatro vertentes do Jornalismo Interpretativo discutidas anteriormente nesta pesquisa (a contextualização, a busca das raízes históricas, a humanização com o protagonismo anônimo e o diagnóstico e o prognóstico de especialistas).

Dessa forma, buscamos observar se a produção jornalística dos veículos selecionados foi coerente com o Jornalismo entendido como produção de conhecimento e como trabalho de mediação autoral no diálogo entre os protagonistas. No caso dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*, essa coerência permitiria tornar a realidade de Honduras compreensível para o público brasileiro. No caso do periódico hondurenho, o faria lograr uma relação dialógica com o seu público leitor em um momento de instabilidade político-social do país.

Este trabalho parte das seguintes indagações: 1^a) Os jornais privilegiaram as fontes oficiais em sua cobertura ou deram espaço às vozes da rua? 2^a) Os jornais interpretaram o episódio de acordo com fórmulas pré-estabelecidas ou exploraram a complexidade na cobertura? Tendo em vista tais perguntas, a pesquisa possui duas hipóteses de partida. Se a análise das matérias dos jornais selecionados indicasse que eles privilegiaram as fontes oficiais e interpretaram o episódio de acordo com fórmulas pré-estabelecidas, significaria que as coberturas dos veículos de comunicação não foram condizentes com o novo paradigma do Jornalismo explorado nesta dissertação. Se fossem identificados o aprofundamento do contexto, o resgate das raízes históricas, a intervenção de fontes especializadas e a presença das vozes das ruas, seria possível dizer que em algum momento os periódicos cumpriram o papel de efetiva mediação social.

O período de atenção da pesquisa repousa sobre as edições publicadas pelos três diários dos dias 29 de junho de 2009 a 28 de janeiro de 2010. Nos dois jornais brasileiros, o critério de seleção se deu pelas matérias sobre o episódio que ganharam chamadas de capa. No entanto, foi realizada uma leitura integral das edições do período selecionado para verificar se existiam casos de reportagens que se encaixavam nos critérios do Jornalismo Interpretativo e que não tiveram chamada de capa. Os casos encontrados foram incluídos na

seleção. Ao todo chegamos a 46 edições do jornal *O Estado de S. Paulo* e a 33 edições de *O Globo*.

No caso do jornal hondurenho *La Tribuna*, como a crise relacionada à retirada de Zelaya da Presidência esteve em destaque em praticamente todas as edições publicadas no período estudado, foi adotado um critério diferente. Foram feitas as análises das primeiras edições (do dia 29 de junho de 2009 a 6 de julho de 2009) até que pudéssemos identificar o estilo da cobertura e traçar uma tendência do jornal. Depois foram selecionadas apenas as matérias que traziam algum elemento ou elementos do Jornalismo Interpretativo e que apresentavam um maior esforço de reportagem. Desta forma chegamos a 16 edições.

O nosso levantamento não é probabilístico e sim um método indutivo de pesquisa exploratória. Um dos critérios de seleção foi o da saturação da amostragem, ou seja, quando os conteúdos das matérias começaram a se tornar essencialmente repetitivos, deixou de existir a necessidade de examinar todas as matérias coletadas sobre o mesmo assunto. Apesar de todas as edições dos três jornais publicadas dentro do período selecionado terem sido lidas, a análise a seguir não se detém em todas elas. As primeiras edições são apresentadas de forma mais detalhada, enquanto sobre as demais foram destacados apenas os principais exemplos de padrões de linguagem e de cobertura identificados.

Tabela 1 - Edições selecionadas de *O Estado de S. Paulo*

Data da publicação	Título da chamada de capa/matéria (continua)
29/06/2009	Golpe de Estado depõe presidente de Honduras
30/06/2009	Obama lidera reação a golpe em Honduras
01/07/2009	Hondurenho deposto ganha apoio e desafia golpistas
02/07/2009	Igreja negocia saída para crise em Honduras
03/07/2009	OEA vai a Honduras pedir volta de Zelaya
04/07/2009	Honduras rejeita ultimato da OEA e Zelaya adia volta
05/07/2009	Honduras anuncia desligamento da OEA
06/07/2009	Governo impede volta de Zelaya a Honduras
07/07/2009	EUA recusam reunião com enviados de Honduras
08/07/2009	Honduras negocia fim de impasse
10/07/2009	Fracassa tentativa de acordo entre hondurenhos
13/07/2009	Fim do toque de recolher em Honduras
19/07/2009	Golpistas recusam acordo com Zelaya
22/07/2009	Honduras expulsa venezuelanos
23/07/2009	Impasse faz crescer a radicalização em Honduras
24/07/2009	Zelaya: a caminho
25/07/2009	Deposto retorna a Honduras, mas recua
27/07/2009	Partidários de Zelaya já mostram desânimo
29/07/2009	Zelaya ameaça formar guerrilha
04/09/2009	EUA ampliam pressão a golpistas de Honduras
22/09/2009	De volta, Zelaya busca abrigo na missão brasileira
23/09/2009	Missão do Brasil em Honduras vive tensão

Data da publicação	Título da chamada de capa/matéria (conclusão)
24/09/2009	Brasil atribui a estratégia da volta de Zelaya a Chávez
25/09/2009	Zelaya diz que se encontrou com enviado dos golpistas
26/09/2009	Honduras leva a bate-boca entre Brasil e EUA
27/09/2009	Governo brasileiro exige moderação de Zelaya
28/09/2009	Lula rejeita ultimato para definir status de Zelaya
29/09/2009	EUA condenam Zelaya e criticam ‘os que o ajudaram’
30/09/2009	Amorim diz que Brasil negou avião a Zelaya
04/10/2009	Desgaste força acordo entre Zelaya e Micheletti
05/10/2009	Zelaya quer acordo que prevê anistia mais ampla
06/10/2009	Pressão faz Honduras sustar estado de sítio
24/10/2009	Para Zelaya, diálogo em Honduras fracassou
30/10/2009	Governo de facto aceita exigências de Zelaya
31/10/2009	Pressão dos EUA encerra impasse em Honduras
06/11/2009	Zelaya recua e condiciona acordo a sua volta ao poder
20/11/2009	Brasil critica EUA sobre Honduras
24/11/2009	EUA recusaram plano do Brasil sobre Honduras
25/11/2009	Assessor de Lula critica política externa de Obama
28/11/2009	Apoio à eleição em Honduras cresce
29/11/2009	Com medo, Honduras faz hoje a eleição contestada
30/11/2009	Honduras faz pleito e tenta fugir da crise
01/12/2009	Aval externo à eleição em Honduras deve crescer
11/12/2009	Honduras nega licença para Zelaya ir ao México
27/01/2010	Com posse de Lobo, Zelaya deixa Honduras
28/01/2010	Zelaya deixa embaixada brasileira em Honduras

Tabela 2 - Edições selecionadas de *O Globo*

Data da publicação	Título da chamada de capa/matéria (continua)
29/06/2009	Presidente de Honduras é deposto de pijama
30/06/2009	Golpes e Contragolpes
01/07/2009	ONU respalda deposto em Honduras
02/07/2009	Tão longe, tão perto
05/07/2009	Reeleição é foco de crises na América Latina
06/07/2009	Honduras nega entrada a Zelaya
07/07/2009	Honduras: os 2 lados buscam apoio dos EUA
08/07/2009	Honduras terá mediação de Nobel da Paz
20/07/2009	Fracassam negociações sobre crise de Honduras
24/07/2009	Honduras vive tensão à espera de Zelaya
25/07/2009	Zelaya só pisa em Honduras
27/07/2009	Zelaya pressiona EUA, mas fica na Nicarágua
13/08/2009	Zelaya pede pressão sobre Obama
22/09/2009	Brasil abre embaixada para Zelaya tentar retomar poder em Honduras
23/09/2009	Ação do Brasil acirra crise e tensão cresce em Honduras
24/09/2009	Lula pede pressão à ONU após onda de saques em Honduras
25/09/2009	Nova versão põe Brasil no centro da operação Zelaya
26/09/2009	Honduras: ONU não condena no tom que o Brasil queria
27/09/2009	Temor de invasão ronda a embaixada
28/09/2009	Honduras barra a OEA e faz ameaça ao Brasil
29/09/2009	Honduras cede e promete suspender estado de sítio
30/09/2009	Honduras discute saída negociada
01/10/2009	O retrato do estado de sítio

Data da publicação	Título da chamada de capa/matéria (conclusão)
06/10/2009	Honduras suspende estado de sítio
15/10/2009	Honduras: Micheletti veta acordo fechado por negociadores
16/10/2009	Honduras na Copa põe crise para escanteio
31/10/2009	EUA obtêm acordo em Honduras
27/11/2009	Honduras tem impasse a 2 dias da eleição
28/11/2009	Zelaya apela por tribunal internacional
30/11/2009	Honduras vai às urnas pacificamente
01/12/2009	Brasil ensaia recuo sobre Honduras
03/12/2009	Honduras rejeita volta de Zelaya
28/01/2010	The end

Tabela 3 – Edições selecionadas de *La Tribuna*

Data da publicação	Título da chamada de capa/matéria
29/06/2009	<i>R. Micheletti sucede a 'Mel'</i>
01/07/2009	<i>Se respetará proceso democrático: Micheletti</i>
02/07/2009	<i>Multitudinarias concentraciones</i>
03/07/2009	<i>Masivas marchas</i>
04/07/2009	<i>Total respaldo a la democracia</i>
05/07/2009	<i>Los olanchanos también marchan por la democracia</i>
06/07/2009	<i>Confuso e sangriento enfrentamiento</i>
15/07/2009	<i>Alumnos de media piden clases</i>
18/07/2009	<i>Consecuencias de la crisis política nacional</i>
01/09/2009	<i>Aspirantes plantean mensaje de armonía</i>
23/09/2009	<i>Gobierno descarta asalto a embajada</i>
24/09/2009	<i>OEA enviará nueva misión a Honduras</i>
27/09/2009	<i>Encargado de negocios abandona embajada de Brasil</i>
29/11/2009	<i>A votar</i>
30/11/2009	<i>Masiva votación</i>
27/01/2010	<i>Asume Lobo Sosa</i>

Começaremos com a análise das edições de 29 de junho de 2009, dia seguinte da retirada de Manuel Zelaya do poder. O jornal hondurenho *La Tribuna* estampou em sua capa a seguinte manchete: “*R. Micheletti sucede a 'Mel'*”. Mel é apelido de Manuel Zelaya, Presidente de Honduras até aquele dia. Abaixo da manchete, uma foto de Roberto Micheletti, antigo líder do Congresso, em posição de juramento em sua nomeação para a Presidência. Mais abaixo, uma foto menor de Zelaya sem o seu característico chapéu e de calça esportiva e camiseta, vestimentas que trajava quando chegou à Costa Rica, para onde foi levado por militares.

No canto direito inferior da página, uma charge com o desenho de um garoto lendo jornal de nome *Tribunito* e a seguinte frase: *Esta vez, la “cuarta” fue la vencida*. É uma alusão à quarta urna, que seria adicionada às próximas eleições caso a população decidisse pelo “sim” no plebiscito marcado para o dia 28 de junho de 2009. Uma pesquisa feita em

fevereiro e março de 2009 indicava, segundo publicado pelo *La Tribuna* na mesma edição, que 87% dos hondurenhos eram a favor do projeto da quarta urna.

Figura 3 – Capa do jornal *La Tribuna* do dia 29 de junho de 2009.

No dia 29 de junho de 2009, a manchete do jornal *O Estado de S. Paulo* foi: “Golpe de Estado depõe presidente de Honduras”. A linha fina informava que militares cumpriram ordem da Suprema Corte e que Zelaya havia sido mandado para o exílio de pijamas. Nenhuma foto. No texto, uma descrição minuciosa sobre as circunstâncias da detenção de Zelaya e a informação de que parlamentares hondurenhos leram uma carta de renúncia do ex-Presidente, desmentida pelo próprio Zelaya quando ele desembarcou na Costa Rica. O destaque na notícia que estampou a parte superior da primeira página de *O Estado de S. Paulo* era sobre a reação do então Presidente da Venezuela Hugo Chávez, morto em 2013. Na nota

em negrito, o jornal informou que Chávez colocou as Forças Armadas venezuelanas em alerta e que os governos americano, brasileiro e de outros países da América Latina haviam denunciado o golpe.

Figura 4 – Capa do jornal *O Estado de S. Paulo* de 29 de junho de 2009.

O Globo deu a matéria sobre o afastamento de Zelaya no pé da primeira página com uma foto da frente do Palácio Presidencial guardada por um tanque de guerra. “Presidente de Honduras é deposto de pijamas”, dizia o título. A linha fina informava que militares haviam mandado Zelaya para a Costa Rica e que o líder do Congresso havia sido empossado

Presidente. O jornal foi taxativo sobre o golpe de Estado e destacou que a manobra foi condenada em peso pela comunidade internacional. Também dizia que oito ministros estavam presos e que o novo Presidente havia decretado toque de recolher.

Figura 5 – Capa do jornal *O Globo* de 29 de junho de 2009.

Colocadas lado a lado, as primeiras páginas dos três jornais não parecem tratar do mesmo episódio. Diferentemente do alarde que os dois jornais brasileiros fizeram sobre o golpe contra Zelaya, o periódico hondurenho tratou o assunto como uma sucessão

presidencial corrente. A foto de Zelaya na capa do *La Tribuna*, com trajes esportivos e postura curvada, não condiz com a imagem de chefe de Estado, enquanto a foto de Micheletti tomando posse como Presidente transmite a ideia de autoridade e vigor. Na foto que estampa a página de *O Globo*, por sua vez, a presença de um tanque de guerra em frente ao Palácio Presidencial indica que a situação em Honduras não era de normalidade e reforça a ideia de quebra institucional trazida pela palavra “deposto” no título da matéria.

O jornal *La Tribuna* dedicou 18 páginas da sua edição de 29 de junho de 2009 para as notícias sobre a saída de Zelaya da Presidência e a entrada de Micheletti em seu lugar. O jornal dividiu os discursos das diferentes fontes por matéria, sem articulá-los. Tal formatação separou as versões contraditórias e o contexto, e deixou de fora as vozes das pessoas comuns, dando amplo espaço para as fontes oficiais e seus pronunciamentos públicos. Este foi o modelo de cobertura dominante do jornal em todo o período analisado.

É comum encontrar nas páginas do *La Tribuna* matérias que são meras reproduções do discurso de uma fonte oficial e que não contam com o trabalho de mediação jornalística. Em alguns casos, a narrativa jornalística chega a ser trocada pela simples reprodução de um documento, como no caso da edição do dia 23 de julho de 2009, em que uma página inteira do jornal foi dedicada à publicação da íntegra do texto do “acordo de San José”⁶⁴ e da edição de 28 de janeiro de 2010, quando foi publicado na totalidade o documento de defesa dos militares sobre a decisão de expulsar Zelaya do país.

De volta à edição do dia 29 de junho de 2009, a impressão ao ler as páginas do *La Tribuna* é a de se tratar de um enorme quebra-cabeças cujas peças principais, que permitiriam a integração das diferentes cenas, foram perdidas. Vamos realizar uma apresentação detalhada do que foi a edição do dia 29 de junho de 2009 do *La Tribuna* para explicitar a divisão citada.

A primeira matéria trouxe a posição do Congresso hondurenho. Com o título “*Congreso también conoce la salida de Manuel Zelaya*”, o texto destacou que em uma sessão histórica o Congresso destituiu por unanimidade o Presidente Zelaya e nomeou Micheletti em seu lugar. A sessão ocorreu ao meio-dia de um domingo. A foto em destaque mostrava parlamentares com as mãos levantadas para aprovar a deposição de Zelaya. Três parágrafos da matéria são de reprodução integral do informe dos deputados. A leitura leva a crer que o clima no país era de total normalidade. Não houve contextualização sobre o ambiente político e sobre os atores envolvidos. O inusitado da sessão parlamentar convocada em pleno domingo

⁶⁴ O acordo de San José foi um documento escrito pelo então presidente da Costa Rica Oscar Arias depois de mediar uma negociação entre Manuel Zelaya e Roberto Micheletti em julho de 2009. O acordo, nunca colocado em prática, previa, entre outras coisas, a restituição de Zelaya à Presidência de Honduras sob um governo de união com as demais forças políticas que apoiavam Micheletti.

foi tratado como algo corriqueiro que dispensa explicações sobre o que estava sendo articulado no meio político do país.

Figura 6 – Congressistas hondurenhos aprovam posse de Roberto Micheletti como Presidente. Jornal *La Tribuna* de 29 de junho de 2009.

Na página seguinte, uma matéria sobre a posse de Micheletti como Presidente, ocorrida às 15h daquele domingo. O texto reproduziu grande parte do discurso do novo mandatário. Foram 21 parágrafos destinados às aspas de Micheletti defendendo o processo de afastamento de Zelaya e apresentando a nova ordem. Na terceira página, um texto sobre a nomeação de um novo líder no Congresso, José Alfredo Saavedra. O discurso de Saavedra era de apoio a Micheletti.

Na mesma página há outro texto sobre a primeira coletiva de imprensa do novo Presidente. Novamente o jornal reproduziu as respostas de Micheletti na coletiva de maneira burocrática, com aspas que ocupavam parágrafos inteiros. No canto da página, o jornal reproduziu uma matéria da agência espanhola de notícias *EFE* com a resposta de Micheletti a declarações críticas de Chávez. Neste texto, Micheletti defendeu novamente que o que ocorria no país era uma sucessão presidencial e que a razão do toque de recolher decretado por ele para os próximos dias era para que os cidadãos pudessem fazer uma “pausa no caminho” para assistir ao seu trabalho.

Depois de três páginas onde todas as fontes eram as do novo governo, o jornal publicou uma página inteira com a versão de Zelaya. Nesta matéria, Zelaya é chamado de Presidente e não de ex-Presidente como nas demais. O texto foi todo dedicado à reprodução do discurso de Zelaya, que dizia ter sido sequestrado por militares armados que invadiram a sua casa. Enquanto na primeira matéria o jornal contava que uma carta de renúncia de Zelaya

havia sido lida no Congresso, neste texto o ex-Presidente negou tê-la escrito. O jornal se limitou a colocar uma informação contra a outra, sem entrar no mérito de debatê-las.

Na quinta página surge a primeira matéria sobre o clima das ruas e sobre as manifestações populares contra o afastamento de Zelaya. Pela primeira vez houve uma referência sutil à palavra golpe no *La Tribuna*, conforme pode-se ler no primeiro parágrafo da matéria: *“Eran las 6:00 de la mañana cuando un pelotón verde olivo irrumpió la normalidad de una mañana, algo inusual en la sede del Poder Ejecutivo. Se trataba de la invasión militar que ocurre cuando se da un golpe de Estado”*.

O texto é um relato das impressões do repórter sobre os acontecimentos daquele dia, sem entrevistas. A matéria conta como a invasão dos militares à Casa Presidencial assustou os funcionários e a população. São citados nomes de lideranças populares presentes na manifestação em frente ao Palácio Presidencial, dentre elas dirigentes camponeses, militantes ligados à defesa dos direitos humanos e políticos de partidos sem representação no Congresso.

A matéria não traz perfis nem declarações dos manifestantes. A riqueza das histórias da população atingida pela brusca mudança política foi ignorada na cobertura. O texto jornalístico do *La Tribuna* sobre o clima das ruas se perdeu em uma narrativa burocrática sem elementos de experiências vivas que permitissem a aproximação e a identificação dos leitores com a realidade narrada.

Nas duas páginas seguintes, outra matéria tratou do clima nas ruas, desta vez sobre as pessoas que, receosas do que poderia acontecer, correram para os supermercados e postos de gasolina para abastecerem suas despensas e os tanques dos automóveis. As páginas foram preenchidas com fotos de ruas vazias em contraste com fotos de mercados e postos de combustíveis cheios. Quatro personagens comuns foram entrevistados. O primeiro, citado no texto da matéria, um homem na fila do posto de gasolina, conta que queria encher o tanque do carro porque tinha sido pego de surpresa pela situação. Os outros três personagens aparecem em um quadro à parte da matéria acompanhados de fotos com close em seus rostos e duas frases sobre o porquê estavam fazendo compras. Afirmações como *“La gente se mira asustada por la situación, pero esperamos que en los próximos días se normalice la situación”* e *“Debemos prepararnos con suficiente alimento por cualquier imprevisto que pueda ocurrir en los próximos días”* foram publicadas abaixo das fotos dos personagens. São depoimentos genéricos que não aprofundam a experiência dos entrevistados nem oferecem elementos que caracterizem o perfil dessas pessoas. A pobreza de informações faz com que não seja possível nem ao menos saber se elas são contra ou a favor do afastamento de Zelaya. Não há citação sobre profissão, idade, posicionamento político, vivências.

Figura 7 – Supermercado cheio em Tegucigalpa em contraste com as ruas vazias.
Jornal *La Tribuna* de 29 de junho de 2009.

As demais páginas do *La Tribuna* seguiram o mesmo padrão de cobertura. Relatos sobre a situação em outras cidades onde também ocorriam protestos e sobre o aumento do controle nas estradas para evitar que mais manifestantes chegassem à capital do país não contaram com a declaração de protagonistas anônimos. Matérias inteiras foram dedicadas ao posicionamento de entidades a favor do processo que levou à saída de Zelaya da Presidência como as Forças Armadas e o *Consejo Hondureño de la Empresa Privada (Cohep)* com a simples reprodução de seus discursos.

O jornal dedicou uma página a uma entrevista com um analista político que defendia a legitimidade do afastamento de Zelaya. Em seguida, duas páginas repletas de pequenas matérias sobre o posicionamento contrário à derrubada de Zelaya de países da América Latina e dos Estados Unidos. Sem haver articulação entre os discursos contraditórios do especialista e dos estadistas, não foi estabelecido um debate entre eles. Apresentados de forma separada,

os discursos surgem como realidades completamente distintas que não se relacionam. Novamente faltou o trabalho de mediação.

O jornal dedicou duas páginas para uma cronologia da crise do governo Zelaya e uma página para um resumo dos episódios de maior tensão ao longo do mandato, como quando foi anunciado o aumento do salário mínimo, quando houve a adesão de Honduras à ALBA e quando foi lançado o projeto da quarta urna. O conteúdo que buscou contextualizar o episódio da deposição de Zelaya peca, no entanto, por ser publicado de forma separada e desarticulada das demais notícias, dificultando a compreensão do cenário mais amplo da crise.

Os veículos brasileiros começaram a cobertura sem correspondentes em Honduras, utilizando material de agências internacionais de notícias como a *Reuters*, a *AFP* e a *EFE*. Os dois gráficos a seguir mostram o quanto a saída de Zelaya da Presidência impulsionou o noticiário dos jornais *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* sobre Honduras. O ano de 2009 representou um aumento expressivo da cobertura sobre o país nos dois veículos. Em 2010, quando a crise hondurenha começou a esfriar, as referências a Honduras voltam a cair em ambos os jornais. Chama atenção também o ano de 2001, um período fora da curva por causa do destaque dado a Honduras na seção de esportes. Naquele ano a seleção brasileira de futebol foi eliminada por Honduras nas quartas de final da Copa América.

Gráfico 1. Aparições da palavra Honduras no jornal *O Globo*.

Gráfico 2. Aparições da palavra Honduras no jornal *O Estado de S. Paulo*.

Na edição do dia 29 de junho de 2009, o jornal *O Globo* dispensou o uso de verbo no título da matéria, formato mais usualmente utilizado em revistas: “Golpe em Honduras”. A página tem duas fotos em destaque, sendo a maior de um manifestante de frente para um tanque de guerra com soldados e a menor de outro manifestante, encapuzado, com pneus pegando fogo ao fundo. Uma foto menor de Zelaya dando uma entrevista na Costa Rica aparece na parte inferior da página. O jornal também utiliza como recurso gráfico um mapa da América Central localizando o país e fornecendo dados básicos sobre economia, território, população e história de Honduras.

Figura 8 – Manifestante de frente para um tanque de guerra em Tegucigalpa. Jornal *O Globo* de 29 de junho de 2009.

Figura 9 – Manifestante encapuzado em Tegucigalpa.
Jornal *O Globo* de 29 de junho de 2009.

A matéria principal de *O Globo* não citou entrevistados. O jornal recorreu a expressões como “há relatos” e “teria sido”, o que mostra que a publicação reproduziu informações de fontes secundárias e não confirmadas para montar o seu relato (por exemplo: “Na madrugada de sábado para domingo, segundo relatos, cerca de 300 militares chegaram em caminhões e cercaram a residência de Zelaya”). Não é possível saber, no entanto, quais foram as fontes utilizadas pelo jornal carioca, pois não há registro. Diferentemente de *O Estado de S. Paulo*, que colocou no pé da matéria a referência às agências *Reuters*, *EFE*, *AP* e *AFP*.

Os personagens para os quais a cobertura de *O Globo* deu voz foram Zelaya, negando a renúncia e denunciando ter sofrido um sequestro, e Francisco Catunda, encarregado de negócios do Brasil em Honduras, que foi entrevistado por telefone por um repórter de Brasília e falou sobre o clima no país. Catunda informou que em Tegucigalpa havia uma corrida dos moradores aos supermercados e que havia faltado luz por três horas na cidade. O contexto do golpe é restringido pelo *O Globo* à crise em torno do plebiscito, sem maiores informações sobre as demais tensões entre setores tradicionais de Honduras e Zelaya que já ocorriam desde o início do seu mandato. As únicas referências às raízes histórias foram colocadas de forma superficial na arte, por meio de tópicos como a chegada dos espanhóis em Honduras no século

XVI, a independência do país da Espanha e o período militar nos anos 70. Por fim, especialistas não foram consultados para falar sobre diagnósticos e prognósticos da situação.

O Estado de S. Paulo também deu destaque para fotos de manifestantes na cobertura do dia 29 de junho de 2009. As cenas apresentadas nas fotografias eram inclusive as mesmas escolhidas pelo jornal *O Globo*, com a diferença de que a foto do homem de gorro com os pneus queimando ao fundo era a do alto da página, e a dos manifestantes em frente ao tanque de guerra foi posicionada mais abaixo. A presença dos protagonistas se restringe às fotos. O jornal paulista também publicou um mapa com informações básicas de Honduras e um quadro com uma pequena cronologia da crise em torno do plebiscito.

Além da matéria principal, *O Estado de S. Paulo* reproduziu um texto da agência *AFP* com um breve perfil de Zelaya. O texto destaca as características peculiares do Presidente deposto, como o fato dele usar “chapéu de cowboy”. O aspecto camponês de Zelaya realmente chamava atenção e seria lembrado mais vezes na cobertura dos jornais brasileiros. O ex-ministro das Relações Exteriores do Brasil Celso Amorim contou em entrevista para esta pesquisa que, ao se encontrar com Zelaya pela primeira vez, pensou se tratar de um político ligado ao movimento ruralista. “Foi uma impressão pessoal minha, de quando eu o vi pela primeira vez, aquela figura um pouco exótica, com aquele chapéu que ele usava sempre. Nada no discurso inicial dele me pareceu extremamente progressista ou de esquerda”, disse Amorim.

O perfil de Zelaya publicado por *O Estado de S. Paulo* fala ainda sobre uma “guinada espetacular” do político “para a esquerda”, cujo ponto alto teria sido a adesão de Honduras à ALBA em 2008. O texto não dá mais detalhes sobre o que seriam as políticas de esquerda de Zelaya. Ao pé da página, uma matéria foi dedicada à declaração do venezuelano Chávez de que as Forças Armadas da Venezuela estavam em alerta por causa do golpe em Honduras. O jornal paulista descreveu da seguinte forma a relação entre os dois países: “Honduras integra a Aliança Bolivariana para as Américas (ALBA), modelo de integração socialista idealizado por Chávez”. *O Estado de S. Paulo* utiliza bastante a referência às “políticas bolivarianas” e ao governo Chávez para caracterizar o estilo de Zelaya. Esta prática pode ser observada em toda a sua cobertura.

Figura 10 – Manifestante encapuzado em Tegucigalpa.
Jornal *O Estado de S. Paulo* de 29 de junho de 2009.

Nenhum dos três jornais analisados contextualizou no dia 29 de junho de 2009 a política de Zelaya além da referência à ALBA e à crise em torno do plebiscito sobre a Assembleia Constituinte. A ausência de elementos que detalhassem o que havia sido a gestão de Zelaya, quais eram as suas bases de apoio e quais eram as forças de oposição leva à construção de conclusões superficiais pelas publicações tais como a de que, por ser aliado de Chávez, Zelaya era de esquerda e por isso queria um plebiscito para garantir a reeleição e se perpetuar no poder. Mesmo a cronologia sobre a crise montada pelo *La Tribuna* não fugiu deste esquematismo objetivista. Tal leitura da política de Zelaya feita pelos jornais desconsidera a complexidade das relações na sociedade hondurenha e a particularidade da história daquele país.

Em diversos momentos da cobertura sobre a crise política em Honduras, o jornal *O Estado de S. Paulo* deu destaque aos Estados Unidos e à Venezuela, normalmente retratando-os como de lados opostos na história. Na edição do dia 30 de junho de 2009, quando a chamada de capa foi “Obama lidera reação a golpe em Honduras”, a foto que estampou a matéria foi a de Zelaya acompanhado de Chávez. O texto, escrito por um correspondente em Nova York, foi baseado em um comunicado da Casa Branca e em uma coletiva dada pela

secretária de Estado dos Estados Unidos, Hillary Clinton, na qual ela diz não haver dúvidas de que a situação em Honduras havia evoluído para um golpe.

Figura 11 – Zelaya acompanhado de Chávez.
Jornal *O Estado de S. Paulo* de 30 de junho de 2009.

De maneira diferente, *O Globo* também destacou os Estados Unidos em sua cobertura do dia 30 de junho de 2009, chamando atenção para o fato de a crise em Honduras colocar desafetos do mesmo lado. Com o título “Golpe isola Honduras e une Estados Unidos e Cuba”, a matéria do diário carioca afirma que, apesar das diferenças políticas, os países do continente americano foram unânimes em condenar a deposição de Zelaya. O texto, recheado de referências sobre o posicionamento assumido por chefes de Estado da região, traz basicamente as mesmas informações de *O Estado de S. Paulo*. Uma matéria menor diz que os meios de comunicação que apoiavam Zelaya foram fechados e que canais internacionais como a *Telesur* e a *CNN* em espanhol tiveram a transmissão proibida. A Anistia Internacional diz que manifestantes estavam sendo presos. Apenas uma declaração de manifestante é registrada por *O Globo* em todo o material desse dia, depois de um relato sobre o caos que se estabeleceu nas ruas: “– Estamos defendendo nosso Presidente, disse um manifestante”.

O peso dado pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, e em certa medida também por *O Globo*, ao posicionamento dos Estados Unidos pode ser justificado pela influência do país na América Central e em especial em Honduras, nação com um grande histórico de cooperação e dependência com o vizinho do norte. Para Sosa, sociólogo da UNAH, em entrevista para esta pesquisa, a proximidade histórica de Honduras com os Estados Unidos é um fator importante

para entender o porquê de as relações de Zelaya com a Venezuela causarem tanta controvérsia:

Honduras sempre foi um país muito *gringueiro*. Começa a ser um país com as companhias bananeiras americanas. Também é preciso recordar do papel de Honduras nos anos 1980 como base dos Estados Unidos para atacar El Salvador e a Nicarágua. Por isso entrar na ALBA e receber chefes de Estado como os presidentes Hugo Chávez (Venezuela), Evo Morales (Bolívia) e um cônsul cubano na Casa Presidencial era algo totalmente inédito aqui. É preciso entender o que é e o que foi Honduras para compreender o impacto de uma postura como essa. Se você me perguntar se Zelaya é um político de esquerda, eu respondo que depende do parâmetro. A ALBA era uma iniciativa muito de esquerda para a sociedade hondurenha e isso tem a ver com a nossa cultura política e com a forma que nossas elites foram formadas. Estamos falando de um país que cresceu sob uma influência muito grande dos Estados Unidos. Muitas pessoas gostavam de Zelaya porque ele era um político nacionalista, que inspirava um sentimento de orgulho nacional na população, mas isso não chegava nem perto de ser um posicionamento anti-imperialista.

Apesar das raízes históricas que unem Honduras aos Estados Unidos, *O Estado de S. Paulo* recorreu mais à Venezuela para explicar a relação entre os dois países. Na edição de 30 de junho de 2009, o jornal paulista publicou: “Zelaya não era muito próximo dos americanos e havia se aproximado de Hugo Chávez, Presidente da Venezuela, que lidera um grupo de países críticos dos Estados Unidos na América Latina”. A sinergia entre os Estados Unidos e Honduras ficou resumida na matéria à referência sobre a presença das Forças Armadas americanas em solo hondurenho: “As Forças Armadas de Honduras são historicamente próximas dos Estados Unidos, por isso o Pentágono divulgou um comunicado com o título: ‘Tropas americanas em Honduras não estão envolvidas com o golpe’”. O inusitado de haver tropas americanas em solo hondurenho não recebeu maior atenção do jornal. Desde quando essas tropas estão lá? Qual a sua função? A matéria passou ao largo destas questões.

O Globo também não avançou nesse sentido. Em um pequeno perfil sobre Zelaya no dia 30 de junho de 2009, onde o político é descrito como um “fazendeiro, com imagem marcada pelo chapéu de caubói”, o jornal citou que os Estados Unidos eram um aliado tradicional de Honduras: “Os dois países têm um longo relacionamento militar, com uma força americana estacionada a 80 quilômetros a noroeste da capital, Tegucigalpa”. O texto não explica a razão da presença das tropas americanas em território hondurenho nem os interesses envolvidos dos dois países no “relacionamento militar”.

A foto escolhida para ilustrar a matéria de *O Estado de S. Paulo* de 30 de junho de 2009 mostra manifestantes pró-Zelaya atirando pedras em um grupo de soldados. A legenda

descreve a cena da seguinte forma: “Confronto: Soldados atiram bombas de gás lacrimogêneo para deter manifestação a favor do presidente deposto, em Tegucigalpa”. A mesma foto foi utilizada por *O Globo*, com a legenda: “Batalha nas ruas de Tegucigalpa, perto do palácio presidencial: confrontos com a polícia se intensificam na capital hondurenha e milhares de pessoas saem às ruas para protestar”. Os dois jornais identificaram a situação como sendo de confronto e ilustraram com uma foto em que os soldados aparecem encurralados.

Figura 12 – Manifestantes atiram pedras em soldados em Tegucigalpa.
Jornal *O Estado de S. Paulo* de 30 de junho de 2009.

Outro exemplo de como os jornais retrataram a repressão às manifestações em defesa do mandato de Zelaya é a matéria “Polícia dispersa aliados de Zelaya da frente da embaixada brasileira”, publicada por *O Estado de S. Paulo* em 23 de setembro de 2009, dois dias depois do ex-Presidente ter chegado na missão brasileira. O texto diz: “Na frente da embaixada, milhares de simpatizantes de Zelaya entraram em choque com as forças de segurança hondurenhas, respondendo com pedras as bombas de gás lacrimogêneo e os jatos d’água”.

A escolha da palavra confronto para descrever a repressão policial a manifestações populares é uma prática comum na imprensa e merece uma reflexão sobre o que a escolha significa. A ideia de confronto ou de choque pressupõe que existe igualdade de forças entre os lados confrontantes. Também está implícita nesta escolha a falta de especificação de qual lado

ataca e qual lado se defende. A jornalista brasileira Eliane Brum escreveu um texto para o site do *El País*, publicado no dia 10 de janeiro de 2015, em que relata a experiência de estar numa manifestação reprimida pela polícia militar de São Paulo e de sofrer os efeitos das bombas de gás lacrimogêneo. No texto, a jornalista questiona o uso termo “confronto” pelos jornais que noticiaram o caso⁶⁵:

Fico muito espantada, como jornalista e como cidadã, com o uso da palavra “confronto” para definir o que aconteceu na primeira grande manifestação de 2015. E em muitas outras antes dela. Qual era a minha condição e a dos manifestantes de nos “confrontarmos” com centenas de policiais armados? Qual era o confronto quando estávamos estatelados contra uma parede levando bombas de gás e balas de borracha? Que confronto é este entre as forças de repressão do Estado e cidadãos exercendo seu direito legítimo de protestar? Esse discurso do “confronto” lembra os tempos da ditadura e de uma imprensa submetida à censura. Deveria ser inadmissível na democracia. Que se chame essa violação da lei pela polícia, no cumprimento de ordens superiores, de “confronto” é um desrespeito também com a História.

No dia 30 de junho de 2009, *O Estado de S. Paulo* trouxe outra matéria sobre as manifestações em defesa de Zelaya. A foto que ilustra a matéria mostra um homem de meia-idade com o rosto e a camisa ensanguentados e tem a seguinte legenda: “Manifestante ferido é dispersado por policial na capital”. Não há informações sobre quem seja a pessoa fotografada. Apenas um manifestante é entrevistado na matéria, Carlos Zelaya, funcionário do governo deposto que denuncia a violência policial. Apesar do sobrenome, não fica claro se ele tem algum parentesco com o ex-Presidente. A matéria cita o número de pessoas nas ruas (3 mil, segundo a Cruz Vermelha, entidade civil internacional de ajuda humanitária) e uma lista de militantes ameaçados pelo governo de Micheletti divulgada por movimentos sociais. O embaixador da Venezuela conta que houve corte de luz e água em Tegucigalpa, e o porta-voz do governo deposto, Guillermo Paz Manuelles, informa que militares ocuparam canais de televisão e emissoras de rádio.

O texto de *O Estado de S. Paulo* de 30 de junho de 2009 termina com a afirmação de que o plebiscito organizado para o dia 28 de junho de 2009 e impedido pelo novo governo “permitiria a Zelaya alterar a Constituição para se candidatar à reeleição de novembro”. A matéria só não explica como seria possível a Zelaya se recandidatar em novembro se a quarta urna para decidir a instalação ou não de uma Assembleia Constituinte, caso fosse aprovada no plebiscito de junho, seria colocada justamente nas eleições de novembro. A matéria também

⁶⁵ BRUM, E. Meu “confronto” com a polícia de Alckmin. *El País*, São Paulo, 10 Jan. 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/10/opinion/1420896908_403524.html>. Acesso em: 4 Jan. 2016.

não esclarece qual a opinião dos hondurenhos sobre o projeto da quarta urna nem recupera o dado disponível, e já citado pelo *La Tribuna*, de que uma pesquisa realizada em fevereiro e março de 2009 havia apontado que 87% dos hondurenhos eram a favor.

Figura 13 – Manifestante ferido. Jornal *O Estado de S. Paulo* de 30 de junho de 2009.

Considerando a falta de elementos culturais hondurenhos e de vozes das ruas na cobertura de *O Estado de S. Paulo* e de *O Globo* nos dois primeiros dias de cobertura, assim como a pobreza de informações históricas do país, as fotografias ganham um peso importante como fonte de informação e permitem complementar a leitura do texto objetivo. Se no texto a grande influência dos Estados Unidos na política e na economia de Honduras é ignorada, nas fotos é possível, por exemplo, identificar a presença recorrente de ícones americanos compondo a paisagem. Na imagem utilizada pelos dois jornais na edição de 29 de junho de 2009, em que um manifestante aparecia na frente de uma pilha de pneus em chamas, há um grande luminoso com o M de McDonald's ao fundo no canto superior esquerdo. Na foto do homem ensanguentado da edição de 30 de junho de 2009 de *O Estado de S. Paulo*, aparecem os logos da Pizza Hut e da Pepsi no canto superior esquerdo e o logo do Citibank no canto superior direito.

A cobertura de *O Estado de S. Paulo* do dia 30 de junho de 2009 conta ainda com um pequeno perfil de Micheletti, escrito com material da agência *AFP*, uma entrevista com o embaixador da Venezuela em Honduras, Armando José Laguna, e uma matéria de rodapé sobre a influência de Chávez: “Chávez fortalece opositores do bolivarianismo”. O texto fala sobre como funciona para um país se aliar à Venezuela e sobre como esse alinhamento pode atrair opositores. Nesta matéria aparece pela primeira vez um especialista consultado na cobertura do jornal paulista, o professor de História da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) Marco Antônio Villa. Segundo ele, Zelaya nunca foi de esquerda: “Ele é um político de direita que fez uma aliança de ocasião com Chávez”. Apesar de o jornal ter publicado um perfil de Zelaya um dia antes no qual afirmava que o político havia dado uma “guinada espetacular para a esquerda”, a declaração contrária do professor de História não foi confrontada com a anterior. Como nenhuma das duas informações foram problematizadas, com maiores detalhes sobre o que seriam as políticas de direita ou de esquerda de Zelaya, ficou o dito pelo não dito.

No dia 1º de julho de 2009, o jornal *O Estado de S. Paulo* enviou um correspondente a Tegucigalpa. A matéria “Zelaya anuncia retorno a Honduras” é um apanhado de informações oficiais do dia (o anúncio de Zelaya que voltaria ao país, a ameaça de Micheletti de prender Zelaya, a declaração de Chávez de que a ONU deveria avaliar a necessidade de intervir militarmente em Honduras) e de impressões coletadas pelo repórter sobre o que presenciou no país: comércios fechados, pichações contra o golpe, avenidas bloqueadas, pneus queimados, manifestantes com capacetes e máscaras. A matéria cita duas declarações de pessoas comuns, a de uma mulher identificada como feminista (“Você precisa mostrar ao Brasil o que está

acontecendo aqui em Honduras”) e a do comissário de bordo do avião em que o correspondente viajou (“Os Estados Unidos não entendem que a população de Honduras não quer um Hugo Chávez no poder”). O repórter descreveu da seguinte forma os manifestantes nas ruas: “Participaram dos protestos estudantes de classe média, jovens vestidos como boiadeiros, grupos feministas e sindicalistas”. Mas nenhum personagem é identificado.

Sem repórter em Honduras, *O Globo* do dia 1º de julho de 2009 trouxe a matéria de uma correspondente em Nova York, nos Estados Unidos, onde Zelaya se encontrava para uma reunião na ONU. A reportagem “Escudo diplomático para Zelaya” trata da assinatura de uma resolução na ONU condenando o golpe e do anúncio de Zelaya de que voltaria a Honduras. “Esta resolução histórica expressa a indignação não apenas do povo, mas também de 192 nações”, disse Zelaya em discurso na ONU registrado pelo *O Globo*.

Na contramão dos dois diários brasileiros, que assumiram a posição de denúncia de um golpe, o jornal *La Tribuna* continuou a reproduzir o discurso do novo governo. A manchete da edição de 1º de julho de 2009 é a afirmação de Micheletti de que se respeitará a Constituição hondurenha. Na edição, matéria a matéria, todos os poderes de Honduras afirmam seu respeito à Constituição: as Forças Armadas, o poder Executivo e o Legislativo. Por fim, a sociedade civil, em uma matéria sobre uma manifestação no Parque Central, em Tegucigalpa: “*Varios miles de hondureños se concentraron ayer en el Parque Central de Tegucigalpa para dar total apoyo al Presidente Roberto Micheletti, y reiteraron su compromiso en el respeto a la Constitución de la República*”.

A matéria conta o desenrolar da manifestação iniciada às 10 horas da manhã. A narrativa, presa à descrição do clima do local e aos discursos públicos, não traz a voz de nenhum personagem da rua. Uma matéria inteira é dedicada à reprodução do discurso de Micheletti à multidão no Parque Central. A notícia de que a Assembleia Geral da ONU aprovou uma resolução que condenava o golpe e pedia a recondução de Zelaya mereceu alguns centímetros de uma coluna de página no jornal.

Existe uma diferenciação clara do tratamento do diário hondurenho aos manifestantes pró-Micheletti, descritos como defensores da paz, e aos pró-Zelaya, normalmente acusados por incitar a violência. Tal diferenciação marcou a cobertura em todo o período analisado nesta pesquisa. Enquanto os primeiros foram tratados na edição de 30 de junho de 2009 por “*hondureños*”, “*sociedad civil*”, “*manifestantes*”, os segundos foram chamados “*bloque popular*”, “*otros grupos*”, “*las turbas enardecidas*”, “*seguidores de Zelaya*”. Mas em uma questão os dois grupos foram nivelados: nenhum participante, seja a favor ou contra Zelaya, foi ouvido de forma humanizada pelo *La Tribuna*.

O envio de um correspondente a Honduras não fez com que *O Estado de S. Paulo* mudasse a cobertura presa aos discursos oficiais, no factual, assim como o hondurenho *La Tribuna*, que assumia um discurso em defesa do novo governo, e *O Globo*, que ainda não contava com repórter no local.

Em 1º de julho de 2009, o destaque da matéria principal de *O Estado de S. Paulo* foi a declaração do cardeal de Honduras, Óscar Andrés Rodríguez, de que a Igreja Católica iria mediar o diálogo entre Zelaya e o novo governo (“Igreja assume mediação de diálogo entre facções políticas de Honduras”). Em uma entrevista exclusiva ao correspondente do jornal paulista, o cardeal disse que a Igreja era neutra naquele cenário. A neutralidade da Igreja era, no entanto, controversa. Segundo Félix Molina, entrevistado para esta dissertação (subitem 4.7), que trabalhou na direção de um jornal e um canal de televisão católicos (o semanário *Fides* e o *Canal de la Solidariedad* ou *Canal 48*), a Igreja Católica, por meio da figura do cardeal, se posicionou a favor da derrubada de Zelaya:

Eu era participante desde jovem das agrupações eclesiais de base e por isso me confiaram a direção dos meios de comunicação católicos. Mas pedi demissão por conta do posicionamento que a Igreja assumiu a favor do golpe. A Igreja usou sua estrutura de mídia para se somar à campanha de medo e de desqualificação da resistência ao golpe que outros veículos faziam. Quando Zelaya tentou voltar para Honduras de avião, o cardeal Oscar André Rodríguez declarou que isso dividiria mais a sociedade hondurenha e causaria um banho de sangue. Era um discurso a favor dos golpistas.

Depois de quatro dias o jornal *O Estado de S. Paulo* daria a informação de que a Igreja Católica estava do lado do governo de Micheletti. Ainda no dia 1º de julho de 2009, o diário paulista abordou em uma matéria menor a suspensão pelo Congresso de garantias individuais presentes na Constituição hondurenha. O ato dos parlamentares servia para permitir, por exemplo, que durante o toque de recolher pessoas fossem presas sem haver uma acusação. Três protagonistas aparecem neste texto, um líder estudantil e dois funcionários de uma livraria, sem serem identificados ou caracterizados. Apesar de a matéria falar sobre um ato dos parlamentares que impactava diretamente o dia a dia dos cidadãos, os entrevistados não falaram sobre o assunto.

Não é raro entrevistados pedirem para não serem identificados em textos jornalísticos, mas normalmente, quando isto acontece, o jornalista deixa claro que o nome foi ocultado a pedido da fonte. No caso da presente matéria em análise, a falta de identificação dos personagens sem a explicação do porquê optou-se por não identificá-los e a superficialidade

das frases registradas permitem considerar a hipótese de que os depoimentos tenham sido coletados sem uma abordagem direta dos personagens, apenas estando próximo a pessoas que conversavam. Seguem os trechos em questão:

Durante o dia, partidários do presidente deposto, Manuel Zelaya, reuniram-se perto da residência presidencial numa lanchonete da cadeia Burger King para pedir a reversão do golpe ocorrido no domingo. Diferentemente de outras manifestações de esquerda na América Latina, desta vez não havia gritos contra os Estados Unidos. “Até o governo americano está do nosso lado”, disse um líder estudantil defensor de Zelaya, enquanto comia um hambúrguer com batata frita.

No centro da cidade, a vendedora de uma livraria dizia que “os manifestantes são todos pagos pelo Presidente venezuelano, Hugo Chávez”. Discurso inverso de um vendedor de uma livraria concorrente: “A manifestação a favor do governo golpista ocorreu apenas porque ameaçaram as pessoas de demissão”.

A publicação da opinião solta de um protagonista, sem elementos que permitam compreender quem é a pessoa e quais são as suas experiências de vida, não serve para humanizar um material jornalístico nem pode ser considerada um exercício de polifonia. Sem haver um aprofundamento sobre os personagens, sobre suas histórias, suas peculiaridades, a opinião de um cidadão tem um peso pequeno diante das declarações oficiais. A presença de pessoas comuns em um texto jornalístico por si só não contribuiu para a construção de uma narrativa complexa.

O jornal *La Tribuna* tampouco ouviu cidadãos sobre o impacto da medida que suspendia garantias individuais previstas na Constituição. Em matéria no dia 2 de julho de 2009, o diário hondurenho detalha as garantias suspensas e concede cinco parágrafos para as explicações de um dos deputados autores da medida, Rolando Dubón Bueso. A explicação da única deputada que votou contra, Doris Gutiérrez, é apresentada com ressalvas pelo jornal, que assume a defesada medida:

La diputada udeísta Doris Gutiérrez fue la única que se opuso a la medida, cuyo fin es garantizar la seguridad de los hondureños y evitar cualquier disturbio producto de los últimos acontecimientos políticos. “Creemos que estas decisiones no abonan en nada a resolver esta crisis que hay y el clima de tensión”, justificó la udeísta, quien se abstuvo de votar a favor de la ratificación de este decreto.

Nos dias 2, 3, 4 e 5 de julho de 2009, o destaque na capa do jornal *La Tribuna* foram as manifestações civis a favor do novo governo e contra o retorno de Zelaya. Em todas as edições chama a atenção novamente a ausência de perfis de protagonistas que marchavam nas ruas. O padrão seguido pelo diário na cobertura sobre as manifestações ao longo de todo o período analisado foi relatar o andamento das marchas, registrar as mensagens dos cartazes e coletar um ou outro depoimento de manifestantes sobre por que estavam ali, sem se aprofundar no perfil dos entrevistados. Em alguns casos, nem a idade do personagem foi registrada. Segue um exemplo desta abordagem na edição do dia 4 de julho de 2009, quando o *La Tribuna* dedicou quatro páginas para as manifestações pró-Micheletti e três pessoas presentes em uma manifestação em frente à Casa Presidencial foram entrevistadas, dentre elas, Manuel Wills:

“Estamos aquí, porque queremos libertad y para darle nuestro apoyo al nuevo Presidente”, manifestó a LA TRIBUNA el capitalino Manuel Wills. Asimismo, para mandar un mensaje a “Mel que no vuelva porque aquí no lo queremos. Vendió al país a las ideologías de Hugo Chávez. ‘Mel’ gastó más de 400 millones de dólares mientras el pueblo vive en la pobreza”. Wills considera que a partir de esta crisis la población ha desarrollado una consciencia sobre la vida política, a la vez, es un mensaje para los futuros gobernantes quienes deberán tener presente “que el pueblo así como los apoya, los podría destituir”.

O segundo entrevistado Cândido Amaya, identificado como assessor econômico da Câmara de Comércio e Indústrias de Tegicugalpa, aparece na matéria afirmando que o apoio a Micheletti vem de todas as classes econômicas. Por fim, a administradora de empresas Elena Carney declarou ao jornal que o povo havia se reunido para pedir paz, liberdade e justiça e que *“además, el ex-Presidente abusó del poder y el pueblo se cansó de sus majaderías”*. A forma como a qual os personagens integram a matéria é meramente declaratória, um formato conhecido como “o povo fala”. O que prevalece na cobertura do *La Tribuna* sobre as manifestações são os registros das declarações dadas publicamente por autoridades, representantes de entidades e empresários.

Outra característica comum nas quatro edições do *La Tribuna* em questão foi a descrição das manifestações pró-governo Micheletti como um movimento popular espontâneo em defesa da democracia. A matéria principal da edição de 3 de julho de 2009, por exemplo, sobre a manifestação na cidade de San Pedro Sula, Departamento de Cortés, trazia o título *“Empresarios, trabajadores y políticos marchan en defensa de la democracia”*. A matéria descreveu o clima das ruas e reproduziu os discursos proferidos por representantes de

movimentos civis, de igrejas e de políticos no palco armado para a manifestação. A manchete do dia 4 de julho de 2009 foi “*Total respaldo a la democracia*” com a foto da frente da Casa Presidencial lotada de pessoas vestidas de branco.

Figura 14 – Frente da Casa Presidencial em Tegucigalpa. Capa do jornal *La Tribuna* do dia 4 de julho de 2009.

Apesar das bandeiras da defesa da Constituição e da democracia serem levantadas também pelos que lutavam pela volta de Zelaya, estes eram recorrentemente caracterizados pelo *La Tribuna* apenas como partidários do governo deposto e eram relacionados a atos de vandalismo. Como na matéria com o título “*Militares e policías evitan nuevas acciones vandálicas*”, do dia 3 de julho de 2009, que fala sobre a detenção de 50 supostos defensores de Zelaya pelo saque de um armazém. O texto é encerrado da seguinte forma: “*Mientras eso sucedía, millares de personas se manifestaban en otro lugar a favor de la paz y la democracia en Honduras y para que no retorne al país el expresidente Zelaya, porque a su criterio, es influenciado por el gobernante de Venezuela Hugo Chávez*”.

No dia 5 de julho de 2009, a capa do *La Tribuna* foi sobre uma manifestação no Departamento de Olancho a favor do novo governo. “*Los olanchanos también marchan por la democracia*” é a manchete. A primeira página também informa que a OEA suspendeu Honduras e que Zelaya prometia chegar ao país naquele dia. A cobertura não fugiu do padrão adotado até então pelo jornal, que pode ser resumido da seguinte forma: ausência de perfis de

peças comuns, intensa reprodução dos discursos oficiais, nenhuma contextualização histórica ou problematização de argumentos contraditórios entre si. *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* não cobriram as manifestações a favor do novo governo destacadas pelo diário *La Tribuna*.

Da mesma maneira que a presença das peças comuns em um texto jornalístico por si só não contribuiu para a construção de uma narrativa complexa, a simples citação de especialistas também não garante um aprofundamento do contexto da situação abordada. Um exemplo é a matéria “Pobreza e falta de habilidade levaram Zelaya à queda”, publicada pelo *O Estado de S. Paulo* no dia 5 de julho de 2009. A matéria, publicada na parte inferior da página, conta com três entrevistados – dois americanos e um hondurenho – e serve de suporte ao texto principal sobre Honduras ter saído da OEA (“Diante de ameaça de suspensão, Honduras anuncia saída da OEA”), que conta apenas com fontes oficiais.

Apesar de o correspondente ter consultado estudiosos que em tese acompanhavam a política hondurenha (Eric Farnsworth, do centro Council of Americas, de Nova York, Michael Shifter, do centro Diálogo Interamericano, de Washington, e Benjamim Santos, da UNAH, de Tegucigalpa), a cobertura não escapou da tentativa de enquadramento do processo vivido por Zelaya na receita pronta do chavismo e nada se falou sobre a dinâmica da política local e de seus atores. A conclusão de que Zelaya seguia uma “cartilha chavista” é uma ideia preconcebida pelo jornal e os especialistas parecem servir ali apenas para recheiar o texto com frases sobre como a população hondurenha não simpatizava com Chávez. Seguem os trechos da matéria nos quais os especialistas são citados:

“Honduras é diferente dos outros países da América do Sul. Os hondurenhos gostam dos americanos e o envolvimento dos Estados Unidos no país é grande. E, enquanto o Presidente americano, Barack Obama, teve uma posição mais positiva, condenando o golpe mas defendendo saídas multilaterais para resolver o impasse, Chávez ainda ameaçou a soberania hondurenha nesta crise”, afirma Eric Farnsworth, do centro Council of Americas, de Nova York.

De acordo com Michael Shifter, do centro Diálogo Interamericano, de Washington, a ideologia chavista perdeu forças em grande parte da América Latina e isso teve reflexo especialmente em Honduras. “Lula, Obama e outras figuras políticas são bem mais populares do que Chávez. Além disso, a queda do preço do barril de petróleo afetou o chavismo”, explica Shifter.

Benjamim Santos, da Universidade Nacional Autônoma de Honduras e colunista do diário *La Tribuna*, concorda. Segundo ele, “o problema de Zelaya foi a sua ligação com Chávez, chamando alguns hondurenhos de ‘pitayanques’. Isso não funciona em Honduras. Nós, hondurenhos, somos mais conservadores”.

O texto envereda por comparações entre a busca de Zelaya por uma reforma constitucional e as reformas constitucionais realizadas por três governos da América do Sul: o da Venezuela, o da Bolívia e o do Equador. Sem aprofundar o contexto de nenhum dos países, a reportagem conclui que Zelaya não teve o mesmo sucesso que seus colegas sulamericanos em alterar a Constituição por falta de habilidade política e de recursos financeiros. Neste caso, a presença de especialistas, cujos olhares estavam mais voltados para fora do que para dentro de Honduras, não ajudou a levar a discussão a um patamar de maior complexidade e compreensão da realidade hondurenha.

A edição de *O Globo* do dia 5 de julho de 2009 também busca posicionar a crise de Honduras em um contexto regional. Com o título “Crises embaladas por reeleições”, a matéria, escrita por uma correspondente de Buenos Aires, fala sobre como vários países da América Latina enfrentaram crises políticas desencadeadas pela decisão de governos buscarem a reeleição via referendos para aprovação de assembleias constituintes. O jornal cita como exemplos dessa chamada “tendência” presidentes das mais diferentes linhas políticas e não necessariamente contemporâneos, como o hondurenho Zelaya, o peruano Alberto Fujimori, o venezuelano Hugo Chávez, o colombiano Álvaro Uribe, o boliviano Evo Morales e o casal Kirchner na Argentina.

Não fica clara a conexão entre as diferentes histórias dos países agregados na matéria. A reeleição não era exceção no continente americano. Àquela época, na América Latina, ela era proibida apenas em Honduras, no Paraguai e no México. Dois especialistas foram ouvidos para a construção dos argumentos da matéria de *O Globo*, Carlos Romero, professor da Universidade Central da Venezuela, e Gabriel Misas, diretor do Instituto de Estudos Políticos e Relações Internacionais da Universidade Nacional da Colômbia, ambos críticos da reeleição, que para eles fazia parte de uma política autoritária. Da mesma forma que o jornal paulista, a abordagem de *O Globo* manteve o debate sobre Honduras em um nível superficial.

Em 5 de julho de 2009, Zelaya tentou voltar para Honduras em um avião emprestado pela Venezuela. Foi um dia de bastante tensão no país. Micheletti ameaçou Zelaya de prisão caso ele voltasse a pisar em território hondurenho e cerca de 30 mil manifestantes pró-Zelaya, segundo estimativa publicada pelo *O Globo*, marcharam em direção ao aeroporto de Tegucigalpa para recepcionar o Presidente deposto. A aeronave que levava Zelaya não recebeu permissão para a aterrissagem e houve um grande tumulto no aeroporto que resultou em várias pessoas feridas. Os jornais noticiaram que duas pessoas haviam morrido.

Nas edições do dia 6 de julho de 2009, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* focaram a sua cobertura no que acontecia no avião e na Casa Presidencial, reproduzindo as declarações que Zelaya deu de dentro da aeronave a uma equipe da *Telesur*, e à reação do governo de Micheletti. Os títulos das matérias remeteram ao fracasso da tentativa de Zelaya ingressar no país: “Zelaya é impedido de pousar em Tegucigalpa e vai para a Nicarágua” (*O Estado de S. Paulo*) e “Zelaya é impedido de voltar” (*O Globo*). O hondurenho *La Tribuna* preferiu dar destaque ao caos que se instalou no aeroporto (“*Confuso e sangriento enfrentamiento*”). Nos três casos estão ausentes, porém, as vozes dos manifestantes.

Não fica claro se *O Globo* enviou correspondentes a Honduras ou se continuava trabalhando com material de agências internacionais de notícias. Na edição de 6 de julho de 2009, a assinatura do texto traz a referência de que a matéria é escrita de *Washington e Tegucigalpa*, mas não há identificação dos repórteres. O jornal carioca registrou a declaração de um manifestante, sem informar se ele estava no aeroporto ou em outro local da cidade, já que o texto cita que havia manifestações em outros espaços. Segue o parágrafo dedicado ao manifestante:

- O povo exige esse regresso. O governo de (Roberto) Micheletti só é apoiado por empresários e ricos, gente que não se importa com o povo humilde – afirmou Julian Manzanares, de 51 anos, um dos manifestantes contrários ao golpe.

Nesta mesma edição, em uma coluna lateral, *O Globo* publicou uma matéria curta com o seguinte título: “Hondurenhos veem sombra de Chávez por trás da crise”. O texto traz os seguintes depoimentos de dois cidadãos críticos a Chávez, sem se aprofundar em suas histórias:

- Odeio Hugo Chávez! Zelaya não era mais que um fantoche dele para nos impor uma ditadura comunista, ele era um aprendiz de tirano! – esbravejou Sonia Reyes, advogada de 37 anos.

- É necessário que as pessoas vejam como se vive na Venezuela, como o governo está eliminando a propriedade privada e, ainda, como está fazendo de tudo para silenciar os meios de comunicação. Isso é o que nos esperava – disse o engenheiro Ascario Solano, de 52 anos, enquanto era aplaudido por dezenas de hondurenhos.

Sobre o caos instalado no entorno do aeroporto, *O Globo* publicou que as vítimas fatais “seriam um garoto de 13 anos e uma moça de 18 anos”. A informação foi creditada a “testemunhas”. “De acordo com jornalistas que estavam no aeroporto”, segue o texto do jornal carioca, as vítimas teriam sido atingidas por franco-atiradores. Mas na chamada da matéria na capa, *O Globo* optou por descrever as vítimas como “mortas em confronto”. O jornal *La Tribuna* divulgou o nome das vítimas no dia 6 de julho de 2009, obtidos com a Cruz Vermelha: Darwin Antonio Lagos, do Departamento de Olancho, e Isis Obed Murillo. Nenhuma informação a mais sobre elas. A respeito da razão das mortes, o diário hondurenho cravou: “*disparo en la cabeza de M-16*”.

REPRESSÃO – Em Tegucigalpa, homem é baleado durante protesto

Figura 15 – Isis Obed Murillo sendo carregado depois de ser baleado no aeroporto em Tegucigalpa. Jornal *O Estado de S. Paulo* de 6 de julho de 2009.

Apenas a morte de Murillo foi confirmada, um garoto de 19 anos, com um tiro na cabeça. O jovem se transformou no primeiro mártir da resistência ao golpe. Os jornais brasileiros analisados por esta pesquisa não voltaram a falar sobre ele. O diário hondurenho *La Tribuna* voltaria a citá-lo em matérias sobre protestos que ocorreram em homenagem à vítima. *O Estado de S. Paulo* publicou uma matéria no pé da página, no dia 6 de julho de 2009, para falar da manifestação realizada no aeroporto com o título “Confrontos em

aeroporto deixam 2 mortos”. A foto que ilustra a matéria é a de Murillo sendo carregado por quatro homens, cena recordada por Inestroza, o manifestante entrevistado para esta dissertação:

Quando viu a aeronave dar meia volta, a multidão que aguardava Zelaya se rebelou e forçou entrar na pista. Inestroza estava no meio do tumulto quando viu passarem por ele com um corpo. “Era de um jovem, tinha entre 18 a 20 anos. O levavam pelos braços e pernas, e seguravam a sua cabeça, de onde caíam grandes coágulos de sangue. Eu nunca tinha visto algo assim.”

Nós nos permitimos aqui uma breve interrupção na análise dos jornais selecionados para publicar um trecho de uma matéria escrita pelo correspondente Pablo Ordaz, do jornal espanhol *El País*, sobre o jovem Murillo, como um exemplo do que consideramos uma narrativa humanizada, onde o repórter colocou-se numa relação de afeto à vítima. O texto, publicado no dia 6 de julho de 2009, apesar de opinativo, transcendeu a narrativa burocrática utilizada pelos veículos em estudo nesta dissertação, que trataram a morte como mais um dado estatístico da crise em Honduras:

Isis Obed Murillo tenía 19 años, pero su cara era la de un niño. Su nombre será recordado con tristeza y con rabia en Honduras, porque ayer – a eso de las cuatro de la tarde y frente al aeropuerto de Tegucigalpa – un soldado cuadró su rifle, apretó el gatillo y la bala asesina -¿hay alguna que no lo sea?- entró por la nuca del muchacho. Isis estaba allí para esperar un regreso que no se produjo. El de Manuel Zelaya, presidente de Honduras hasta que un comando del Ejército lo secuestró y lo sacó del país para, inmediatamente después, colocar en su lugar a un tal Roberto Micheletti, cuya frase más repetida es: "Esto no es un golpe de Estado".

Pero sí es un golpe de Estado, claro que es un golpe de Estado. Si esto no fuera un golpe de Estado, Micheletti no estaría sentado ahora en la Casa Presidencial, el cuerpo de Isis no estaría tendido en la morgue del Hospital Escuela y esta crónica no se tendría que estar escribiendo en medio de un toque de queda. Un toque de queda que es cada noche más largo y más siniestro. Ayer, cuando el periodista se acercó al hospital para indagar el número cierto de víctimas durante los incidentes del aeropuerto, descubrió una realidad hasta entonces oculta. Una enfermera cuyo nombre no debe ser mencionado se prestó a guiarlo por salas atestadas de heridos de bala. "Están llegando desde hace varias noches", explica, "la policía los trae y los deja aquí. Todos tienen disparos recibidos durante el toque de queda. Algunos llegan muy mal. Fíjese en aquel, Marco, le dispararon en el cuello. Está muy grave. Nada de eso sale en los diarios".

A espaldas del hospital, en medio de una calle sin asfaltar, se encuentra la morgue. Isis Obed Murillo está aquí. Lo trajeron esta tarde, casi directamente desde el aeropuerto de Tegucigalpa. El muchacho, como muchos otros hondureños, había ido a esperar la llegada de Manuel Zelaya.

El Gobierno surgido del golpe venía repitiendo desde primera hora de la mañana que no permitiría que el avión venezolano que traía a Zelaya desde Washington – donde la OEA había suspendido a Honduras – aterrizara en Toncontin. Pero allí estaban ellos, sus partidarios, jóvenes y mayores, mujeres y hombres, muchos con el rostro del Ché en sus camisetas y otros sin camiseta siquiera, luchando contra el calor y la emoción como buenamente podían. A pesar de la negativa, Zelaya declaró desde el avión: "Estaré llegando en 30 minutos". Y fue más o menos entonces cuando sus partidarios reunidos alrededor del aeropuerto intentaron acercarse más a las pistas, que ya habían sido tomadas por un gran despliegue del Ejército. Fue entonces cuando los soldados recibieron la orden de cargar con dureza. La acción incluyó numerosos disparos. Isis Obed ya se marchaba. Pero un balazo lo alcanzó por detrás, en la cabeza.

Hay unas imágenes de televisión grabadas por los periodistas Francho Barón y Arturo Lezcano que son sobrecogedoras. Un hombre porta el cuerpo inerte de Isis durante largo rato, ayudado por otros, que buscan desesperadamente una ambulancia. En medio de la confusión, ese hombre vestido con una camiseta amarilla que se va tiñendo de rojo a cada paso solo desea que Isis todavía respire, que no muera. Cuando por fin logra dejarlo en la cajuela de una camioneta que lo llevará al hospital, el hombre se vuelve hacia la cámara y derrama todo su dolor, toda su rabia: "La gente venía hacia atrás, porque ya estaban disparando. Y un militar, un antipatriota, un gorila maldito se cuadró y le disparó al amigo. Le pegó en la cabeza el balazo. Aún va respirando. Tenemos esperanza. Dios quiera que viva". Pero no vivió. Isis ya se había convertido en el primer muerto del golpe de Estado preparado por el general Romeo Vásquez, el jefe del Ejército de Honduras, y consumado por Roberto Micheletti.⁶⁶

À medida que as coberturas dos jornais brasileiros *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* sobre a crise em Honduras eram pautadas pelas decisões das autoridades envolvidas no caso, a produção de matérias ficou atrelada a ganchos jornalísticos como as movimentações de Zelaya e do governo de Micheletti e dos anúncios de entidades internacionais como a ONU e a OEA. Em *O Globo* foi possível notar, no entanto, um esforço para pautar também assuntos mais diversos. Foram publicadas pelo diário carioca ao longo do período estudado ao menos cinco histórias curiosas sobre o desenrolar da crise em Honduras que poderiam ter rendido ensaios-reportagens interessantes, mas que tiveram um espaço reduzido e representaram um pormenor da cobertura. A primeira foi no dia 8 de julho de 2009, com o título “Telegolpe contra a censura”, um texto sobre como o celular e a internet foram usados pelos jovens em Honduras para burlar a censura dos grandes meios de comunicação. Segue o conteúdo publicado na íntegra:

⁶⁶ ORDAZ, Pablo. *Un hondureño muerto durante el frustrado regreso de Zelaya*. **El País**. Tegucigalpa, 06 Jul. 2009. Disponível em: http://internacional.elpais.com/internacional/2009/07/06/actualidad/1246831206_850215.html>. Acesso em: 11 Jan. 2015.

O nome do vídeo no **YouTube** é sugestivo: “Em Honduras, nada acontece. Tudo tranquilo”, enquanto imagens mostram pessoas ensanguentadas, tanques nas ruas e milhares caminhando para o Aeroporto de Tegucigalpa. Como os jovens iranianos nas manifestações do mês passado, os hondurenhos descobriram que poderiam vencer o bloqueio aos meios de comunicação munidos de telefones celulares, câmeras e computadores. A difusão de informação na internet já ganhou um nome: Telegolpe. Já são mais de 700 vídeos de manifestações no **YouTube**. Há ainda reportagens de TVs estrangeiras, entrevistas, somando mais de 2 mil vídeos que os poucos hondurenhos com computador (11% da população) compartilham com amigos e vizinhos. Após o golpe, jornais, rádios e TVs que apoiavam o presidente deposto tiveram seu trabalho restrito, resultando numa cobertura parcial. Ainda hoje a **CNN** e a **Telesur** saem do ar em momentos críticos. Universitários começaram, então, a difundir as imagens na internet. Como no Irã, o celular e o computador se transformaram em armas de resistência.

Outro exemplo desse formato adotado por *O Globo* foi publicado em 24 de julho de 2009 com o título “Rancho vira bastião da resistência”. A matéria fala sobre um local em Catacama, cidade a 200 quilômetros de Tegucigalpa, onde partidários de Zelaya estavam se reunindo e se preparando para marchar até a fronteira com a Nicarágua, onde o ex-Presidente se encontrava. No dia 26 de julho de 2009, o diário carioca publicou a matéria “MST marca presença na crise”, na qual um integrante do Movimento dos Sem-Terra do Brasil conta que foi a Honduras com outros dois dirigentes dar apoio aos manifestantes pró-Zelaya. O entrevistado estava há dois dias acampado em uma rodovia perto da fronteira com a Nicarágua, onde o ex-Presidente de Honduras havia aparecido um dia antes. Em 1º de outubro de 2009, a matéria “Festa na embaixada” falou sobre um dia festivo para Zelaya, há nove dias abrigado na embaixada brasileira. O político comemorou os 50 anos da esposa, Xiomara Zelaya, e escutou por telefone o primeiro choro do seu neto recém-nascido.

A dificuldade de se aprofundar em histórias peculiares pode ser reflexo do regime de trabalho imposto aos correspondentes, que precisavam dar conta de acompanhar a agenda oficial e de ficar alerta a qualquer movimentação de Zelaya, o que reduz o tempo para investir em apurações alternativas. Não se pode ignorar, no entanto, que a falta de um olhar sensível à realidade do outro e a abertura para a narrativa complexa é uma característica que prepondera no Jornalismo diário contemporâneo. A ausência de personagens comuns ou a destinação de espaços reduzidos a eles acaba sendo resultado dessa postura arraigada nos profissionais, conduta que buscamos repensar neste trabalho.

No dia 27 de julho de 2009, em uma matéria sobre Zelaya ter desistido de entrar em Honduras depois de uma tentativa de avançar pela fronteira com a Nicarágua, *O Globo* relatou a situação de uma manifestante que se acidentou no caminho para encontrar o ex-Presidente:

Ontem, pelo menos uma centena de partidários de Zelaya que optaram por atravessar as montanhas para fugir dos bloqueios chegaram à Nicarágua. Com uma perna quebrada devido a uma queda no caminho, a professora Maria Paz Zúniga lamentou a falta de manifestantes:
– esperava ver mais gente.

De onde vinha essa mulher? Qual era a sua idade e que distância percorreu até o seu destino? Caminhava sozinha? O que faria depois? O que mais esperava? Não é possível saber. Como mostra a foto que acompanha a matéria, todos os olhares da imprensa estavam voltados para Zelaya.

ZELAYA FALA a partidários em Ocotal, na Nicarágua: sinais de que não pretende regressar a Honduras sem negociação

Figura 16 – Zelaya discursa em fronteira da Nicarágua com Honduras.
Jornal *O Globo* de 27 de julho de 2009.

No dia 29 de julho de 2009, *O Globo* publicou a única matéria que pode ser considerada humanizada dentro do período pesquisado neste trabalho. O texto, que não teve chamada na capa, mostrou um pouco como era viver naquele contexto de instabilidade institucional. Como a própria matéria lembra no abre, as dificuldades não eram poucas: “Comércio fechado, toques de recolher, restrições à livre circulação, protestos, soldados, agravamento da situação econômica, insegurança, greves, hostilidades, desconfianças e perseguições políticas”. Com o título “População de Honduras paga o preço do golpe”, a matéria conta a história de José Luiz Aguirre, 37 anos, que lamenta ter visto sua vida desmoronar desde a retirada de Zelaya do poder. Segue o trecho do texto que fala sobre Aguirre:

O caso dele é exemplar. Aguirre trabalhava como auxiliar de escritório numa fábrica de bebidas de Tegucigalpa pertencente à família de um dos golpistas. Sua mulher, Rosario Morales, dividia o tempo entre os três filhos do casal e a produção de doces e salgadinhos vendidos na praça central. Com o golpe e os toques de recolher, as pessoas sumiram das praças e as encomendas de Rosário cessaram.

Há uma semana, uma vizinha partidária de Zelaya decidiu ir para a fronteira com a Nicarágua, de onde o presidente deposto coordena a resistência ao golpe, e deixou dois filhos pequenos aos cuidados do casal.

— Um colega de trabalho com quem tive problemas me denunciou aos patrões, fui acusado de apoiar Zelaya e demitido — relatou Aguirre.

— A vida em Honduras nunca foi fácil, e com a crise ficou insuportável.

Por outro lado, os filhos dele sofrem com a radicalização dos sindicatos que apoiam o presidente deposto. Não frequentam a escola há um mês por causa da greve dos professores, uma das categorias que sustentam os protestos contra os golpistas.

O relato humanizado foi uma exceção. Durante quase todo o mês de julho, a cobertura dos três jornais analisados nesta pesquisa se voltou para as negociações realizadas entre Zelaya e o governo de Micheletti, intermediada pelo então Presidente da Costa Rica, Oscar Arias. O *La Tribuna* recorreu com frequência a materiais de agências internacionais como a *EFE* e a *AFP* para noticiar o andamento das reuniões que ocorriam no país vizinho. O correspondente de *O Estado de S. Paulo* foi deslocado para a Costa Rica para acompanhar as reuniões e a cobertura foi dividida com uma correspondente nos Estados Unidos. *O Globo* assina as matérias de San José, capital da Costa Rica, mas novamente não informa se o texto é de um correspondente ou foi usado conteúdo de agências internacionais.

No dia 7 de julho de 2009, o *Estado de S. Paulo* publicou uma matéria sobre as manifestações populares que peca pela falta de dados, de análises e de histórias de vida. O abre da matéria, cujo título é “Grupos pró e contra Zelaya inflam números de protestos”, lembra uma máxima do futebol brasileiro declarada pelo técnico Dino Sani na década de 70,

em tom de ironia em relação às frases prontas e aos raciocínios rasos presentes naquele esporte (MODERNELL, 2012), de que “no futebol, se ganha, se empata e se perde”:

Na atual crise política, a sociedade hondurenha divide-se em três grupos, que não seguem exatamente a linha “oligarcas contra o povo”. Um deles é aliado do presidente deposto, Manuel Zelaya, reconhecido como líder legítimo por quase toda a comunidade internacional. Outro defende Roberto Micheletti, que governa de facto o país. Por último, uma parcela expressiva dos hondurenhos não toma partido nenhum.

O jornal segue com a seguinte descrição dos manifestantes:

Os participantes das manifestações pró-Zelaya são integrantes de sindicatos, movimentos estudantis, professores e simpatizantes de diferentes classes sociais. Durante os protestos, entoam gritos puxados por um carro de som e, antes de anoitecer, vão embora para suas casas. Nos protestos contra o governo, um pouco mais organizados, os manifestantes, que podem ser ricos ou pobres, vestem-se com camisetas brancas ou com as da seleção nacional de futebol. Fora das manifestações, as pessoas tentam não se envolver tanto no conflito. Aos poucos, elas se acostumam com o cotidiano do toque de recolher.

O relato sintético não se aproxima da compreensão sobre como está a vida dos hondurenhos naqueles dias turbulentos e não contribui para o Jornalismo como produção de conhecimento. Sem praticar uma mediação dialógica, que exigiria na narrativa a presença dos protagonistas e um aprofundamento no contexto, *O Estado de S. Paulo* produziu uma matéria superficial e recheada de generalizações como a frase: “Durante os protestos, entoam gritos puxados por um carro de som e, antes de anoitecer, vão embora para suas casas”.

Na metade do mês de julho, o *La Tribuna* parou de dar manchete sobre o imbróglio em torno da volta ou não de Zelaya. Ganharam destaque notícias sobre chacinas e sobre a greve dos professores que se manifestavam contra o governo de Micheletti. No dia 15 de julho, a manchete foi “*Alumnos de media piden clases*”, acompanhada de uma foto de crianças segurando cartazes com mensagens em defesa da educação.

A matéria ouve diversos alunos que estavam sem aula e se aproxima de um relato humanizado sobre a situação dos estudantes. O texto carrega, no entanto, um claro discurso crítico do jornal aos professores em greve, que não ganharam espaço para defender a sua versão. Dessa forma, a polifonia ficou comprometida. Seguem os relatos de dois estudantes ouvidos na matéria:

“Nos están afectando, tenemos pendiente mucho contenido y tememos perder el año; soy repitente y si por uno u otro motivo pierdo el año, mejor me olvido de seguir estudiando”, expresó ayer, afligida, la estudiante del Instituto Mixto Hibueras de Comayagüela, Emily Urbina.

Emily forma parte de los miles de jóvenes hondureños que temen perder el año lectivo porque las clases todavía no se reanudan en los colegios del país, pese a que las labores educativas se restablecieron desde el lunes pasado en la mayoría de escuelas públicas a nivel nacional.

La alumna del tercer curso de ciclo común dijo temer quedar excluida del sistema educativo público, “porque a los repitentes no se nos permite quedarnos un año consecutivo”.

Según los adolescentes, la estrategia de los educadores de exigir el retorno de Manuel Zelaya es “equivocada”, “porque incidirían más si a cada alumno le explicaran en la clase que lo que pasó el 28 de junio fue ilegal”.

“De seguro, que cada alumno comentaría y reproduciría este sentir en su familia y a su vez en los vecinos, sería mejor así, ya que no perderíamos más clases”, declaró el alumno del Instituto Central “Vicente Cáceres”, Mauro Mendieta.

Los menores exigieron clases como un derecho universal.

Figura 17 – Alunos protestam contra greve de professores em Tegucigalpa. Jornal *La Tribuna* de 15 de julho de 2009.

A crítica ao envolvimento dos professores na luta política esteve presente nas páginas do *La Tribuna* ao longo dos meses de julho, agosto e setembro, normalmente na voz dos pais de alunos. Os professores eram criticados por não darem aula, por levarem conteúdos políticos para as salas e por receberem salário mesmo nos dias parados. Outros profissionais que entraram em greve no período também foram retratados de maneira crítica pelo jornal

hondurenho como os trabalhadores da saúde, em protesto contra a deposição de Zelaya, e os policiais, se manifestando pelo recebimento de um aumento salarial acordado com o governo.

Durante toda a cobertura, os jornais brasileiros chamaram o episódio de Honduras de golpe com base no posicionamento de autoridades de outros países ou de entidades internacionais. O desconhecimento do governo brasileiro em relação ao que se passava Honduras chegou a ser citado, no entanto, pelo jornal *O Estado de S. Paulo* em matéria do dia 27 de setembro de 2009 (“Constituição dá margem a interpretações”), quando o embaixador do Brasil na OEA, Ruy Casaes, foi entrevistado como sendo uma das “raras exceções” dessa ignorância:

No governo brasileiro, poucos parecem ter conhecimento do que se passa em Honduras. Em entrevista coletiva na sexta-feira, o próprio ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, admitiu não conhecer bem a política interna local.

Assim como outros líderes estrangeiros, ele chegou a criticar os hondurenhos por não levarem adiante um processo de impeachment, palavra inexistente na Constituição do país. Uma das raras exceções entre as autoridades brasileiras quando o assunto é Honduras é o embaixador do Brasil na Organização dos Estados Americanos (OEA), Ruy Casaes.

Questionado pelo jornal paulista se Zelaya havia violado a Constituição hondurenha, Casaes deu uma resposta que não diferia do posicionamento oficial do governo brasileiro:

“Não haveria tempo para realizar isso. Afinal, quando a Constituinte fosse aprovada, em novembro, um novo presidente teria sido eleito. Zelaya não teria como se candidatar.” O embaixador também frisou que o artigo está “aberto a interpretações” e Constituições já foram alteradas “no Brasil, na Colômbia e em outros países” para permitir a reeleição, sem a necessidade de que o presidente fosse removido.

Os jornais brasileiros se posicionaram de acordo com o que as autoridades internacionais e brasileiras expressavam, mas sabiam que mesmo o conhecimento das autoridades sobre o contexto político de Honduras era limitado. O apoio que o ex-Presidente possuía dentro de Honduras foi resumido pelos dois diários brasileiros analisados às notícias sobre a ocorrência de manifestações nas ruas. Tratavam-se, no entanto, de pessoas cujos rostos não eram conhecidos, pois além da ausência de perfis dos protagonistas nas reportagens, não foram buscadas fontes nos movimentos que estavam engajados na defesa de Zelaya.

Ao longo de toda a cobertura do período analisado por esta pesquisa, não é possível saber pelos jornais selecionados qual era a base de apoio de Zelaya e de quais eram as

políticas de esquerda que estavam em questão no país. A única referência de apoio a Zelaya que aparece constantemente é Chávez. Zelaya seria então um líder sustentado apenas pelo apoio internacional como leva a crer a cobertura do *La Tribuna*, que exaltava em todas as suas edições o apoio popular que o governo de Micheletti contava? Ao fazer esta pergunta, queremos deixar explícito que a complexidade da sociedade hondurenha não estava sendo retratada no material produzido pelos três jornais investigados. A experiência desta pesquisa ao abordar os nove personagens hondurenhos, cujos relatos estão no item **4 AS VOZES DA RUA** do trabalho, permite afirmar que a realidade era mais diversa do que o retrato pintado pelos diários em análise.

No decorrer do tempo, o jornal *O Estado de S. Paulo*, sem ter se aprofundado até então no histórico político e econômico de Honduras, passou a adotar uma explicação padrão para a derrubada de Zelaya baseada no raciocínio de que o Presidente hondurenho havia adotado políticas chavistas. A fórmula que o diário paulista repetiria em diversas edições pode ser exemplificada pelo seguinte trecho da matéria “Missão da Venezuela é expulsa de Honduras”, do dia 22 de julho de 2009:

Zelaya tentava promover em Honduras uma consulta popular sobre uma emenda constitucional que lhe permitiria se eleger novamente – caminho semelhante ao trilhado por Chávez na Venezuela. Além disso, Zelaya colocou Honduras na Aliança Bolivariana para as Américas (ALBA), de Chávez, e recebia petróleo subsidiado do líder venezuelano.

O Globo adotou a mesma conclusão, conforme a arte com a cronologia da crise publicada no dia 20 de julho de 2009 informa: “24 de março: Manuel Zelaya anuncia referendo para convocar Assembleia Constituinte, a fim de permitir a reeleição presidencial”. A explicação resumida dos dois jornais deixa de lado todas as demais demandas dos movimentos sociais que estavam em jogo com a aprovação de uma reforma constitucional e o conflito que isso gerava com outros setores da sociedade (ver mais sobre as demandas populares no subitem 2.3 Governo Zelaya). Os veículos de comunicação pecam por não informarem que a consulta sobre a formação de uma Assembleia Constituinte só seria realizada caso a população aprovasse a quarta urna no plebiscito que foi impedido em junho de 2009.

No final de julho, quando já havia fracassado a tentativa de negociação por intermédio do Presidente da Costa Rica e Zelaya se preparava mais uma vez para tentar entrar em Honduras, *O Estado de S. Paulo* enviou novamente um correspondente para o país. Apesar de

a cobertura começar a partir daqui a trazer algumas pautas alternativas sobre a situação hondurenha, como uma matéria sobre como a recessão preocupava a população e sobre os manifestantes que foram esperar Zelaya na fronteira de Honduras com a Nicarágua, as matérias continuaram dando aos personagens comuns um espaço meramente declaratório.

Na matéria do dia 24 de julho de *O Estado de S. Paulo* intitulada de “Fantasma da recessão assombra hondurenhos”, por exemplo, o texto não parte de experiências pessoais de hondurenhos, mas de números de corte de ajuda financeira anunciadas até então pelos Estados Unidos e por organismos internacionais como o Banco Mundial e o BID. A matéria conclui a partir dos cortes que o fantasma da recessão e do desemprego preocupava os hondurenhos. Para provar essa tese, dois personagens, um diretor da Comunidade Empresarial de Tegucigalpa e um dono de restaurante, dão declarações pontuais:

“Ainda não há como quantificar as perdas em termos econômicos das últimas semanas, mas é certo que foram bastante significativas para um país de economia pequena como o nosso”, disse o diretor da Comunidade Empresarial de Tegucigalpa, Enrique Vásquez, partidário do presidente de facto, Roberto Micheletti.

“Mas poderemos recuperar essas perdas após a posse do presidente eleito em novembro e, enviando ao exterior um sinal firme de segurança jurídica, poderemos atrair mais investimentos.” Mas entre microempresários e trabalhadores o otimismo é bem menor. “Não sei como fazer para pagar os salários de nossos dez empregados se o movimento continuar caindo”, disse ao Estado Norberto Flores, dono de um restaurante do centro histórico da capital.

É importante pontuar aqui que tornar uma narrativa humanizada não é escolher um personagem que se encaixe nas conclusões trazidas por dados estatísticos, o que seria uma atividade de redução da complexidade de um sujeito ao universo racional das pesquisas quantitativas. Os dados, sejam econômicos, estatísticos ou sociais servem para ajudar a compreender um universo complexo e não o contrário.

No dia 25 de julho de 2009, *O Globo* publicou a primeira reportagem de destaque assinada por um correspondente em Honduras sobre a tentativa de entrada de Zelaya em Honduras pela fronteira com a Nicarágua. No texto aparecem as falas curtas de uma sindicalista e de um comerciante, sem maiores detalhes. A cobertura do feito de Zelaya também foi acompanhada pelo correspondente de *O Estado de S. Paulo*, que entrevistou quatro manifestantes, sendo três hondurenhos (um líder do sindicato dos professores e dois ativistas do Movimento Contra o Golpe/MCG) e um brasileiro de Pernambuco, integrante do MST, o mesmo que seria abordado por *O Globo* na edição do dia seguinte, 26 de julho de

2009, matéria citada anteriormente no presente texto. A matéria de *O Estado de S. Paulo* não explorou a história do brasileiro nem esmiuçou a trajetória dos hondurenhos entrevistados. Um dos ativistas do MCG foi indagado se tinha muitos estrangeiros no grupo e se sentiu ofendido por entender a pergunta como uma crítica ao movimento.

As demais matérias de destaque publicadas por *O Estado de S. Paulo* seguiram este padrão de cobertura, com informações generalizadas sobre os movimentos populares, tanto os pró-Zelaya quanto os pró-Micheletti, e personagens que aparecem apenas com declarações soltas sobre a defesa de um dos lados. Para tornar a cobertura baseada nos discursos oficiais mais instigante, o jornal paulista apostou em inserções de elementos culturais à narrativa, como a descrição de cenas das ruas ou de curiosidades sobre a personalidade de Zelaya. Como por exemplo, no dia 29 de julho de 2009, quando a matéria “Zelaya ameaça formar guerrilha” foi encerrada com o seguinte parágrafo:

Zelaya, que sempre gostou de ser visto pilotando lanchas e aviões ou praticando caça submarina, chegava à fronteira dirigindo um jipe branco. Na primeira tentativa de voltar para Honduras de avião, quando a pista do aeroporto foi bloqueada, ele disse a uma rádio local que, se tivesse um paraquedas, pularia para encontrar seus aliados.

Figura 18 – Charge publicada na capa de *O Globo* do dia 24 de setembro de 2009.

Não é possível dizer, no entanto, que a referência de peculiaridades sobre Zelaya sem uma conexão com a sua história e sua trajetória política permitiu uma compreensão sobre quem era aquele político. O mais próximo que a cobertura de *O Estado de S. Paulo* conseguiu chegar de uma compreensão sobre Zelaya foi buscando compará-lo ao venezuelano Chávez. Depois que Zelaya foi abrigado na embaixada brasileira, em setembro de 2009, o político foi por diversas vezes retratado pelos dois jornais brasileiros analisados nesta pesquisa como uma figura atrevida e que abusava da ajuda do Brasil. A charge publicada por *O Globo* no dia 24 de setembro de 2009, e reproduzida na página anterior, expressa essa ideia.

Os especialistas citados por *O Estado de S. Paulo* na matéria do dia 29 de julho de 2009 se assemelham – recorrendo novamente a uma metáfora futebolística – a comentaristas de jogo que avaliam os passos dos jogadores e as possibilidades de um time ou outro ganhar a partida. É o caso da seguinte abordagem realizada na matéria “Estratégia de governo de facto é ganhar tempo”, do dia 29 de julho de 2009:

“Está bastante claro que não há um real espírito de diálogo neste momento e o governo de Micheletti explicita a sua tática em duas frentes. Na diplomática, mostra-se conciliador e espera que o restante do mundo, que o condena, reconheça seus esforços. Na frente interna, mantém isolados e exauridos os grupos que apoiam Zelaya em cidades próximas das fronteiras”, afirmou ao **Estado** o professor da Universidade Autônoma de Tegucigalpa Amado Laguna.

Alguns pontos na cobertura de *O Estado de S. Paulo* indicam que a superficialidade era reflexo do desconhecimento sobre detalhes da realidade hondurenha. Por exemplo, ao descrever o ambiente em que as negociações ocorreram na Costa Rica (edição de 10 de julho de 2009), o correspondente do jornal paulista chamou a atenção para o fato de o Presidente Arias morar em sua própria residência e o diferenciou dos presidentes do Brasil e da Argentina, que contam com uma residência oficial. A surpresa em relação à particularidade da moradia de Arias deixa subentendido que o repórter não sabia que em Honduras os presidentes também não moravam em uma residência oficial. Quando foi tirado do país pelos militares, Zelaya estava na casa em que vivia no bairro de Tres Caminos, em Tegucigalpa.

Mesmo a familiaridade com as particularidades hondurenhas não ajudou o *La Tribuna* a olhar para a cena da crise com mais sensibilidade. No dia 18 de julho de 2009, uma pauta se diferencia por trazer a discussão sobre quais são os impactos psicológicos para a população

que está vivendo aquele período de instabilidade institucional no país. A matéria cujo título é “*Consecuencias de la crisis política nacional*” promete falar sobre a crise do ponto de vista “*mental-emocional*”, “*lo que poco se sabe*”. Para isso, duas psiquiatras são entrevistadas. Uma delas fala do sentimento de perda de muitos cidadãos – a perda de líderes, de ideais, de valores – e outra cita o aumento de atendimento de pacientes com ansiedade e depressão. A matéria peca, no entanto, pela ausência dos protagonistas.

A matéria “*El silencio de los inocentes...*”, publicada no dia 27 de setembro de 2009, é outro exemplo de tentativa de abordagem mais humanizada do *La Tribuna* sobre a situação das pessoas comuns no meio daquele turbilhão. O texto publicado em primeira pessoa promete mostrar a outra cara do conflito político, ou seja, a dos anônimos. A matéria é, no entanto, um apanhado de impressões do autor, que ao fim conta sobre seu encontro com a cidadã Juanita Domínguez, a única entrevistada que aparece no texto:

Por eso quizá, me encontré ese martes con Juanita Domínguez saliendo del Hospital Escuela. A pie. Acompañada sólo del fruto de sus entrañas quien tampoco sabe del porqué a su mami no la atendieron. Sólo que mamá está enferma. Su cita había sido suspendida ya que únicamente las emergencias funcionaron. Por los hecho ocurridos. ¿Cuáles hechos, mamá? Se preguntaría.

Su cabecita llevaba un pañuelo. No era rojo ni blanco. No iba con nadie, ni lo hará. Caminamos juntos cuando accedió a platicar, rumbo a la estación del bus que tampoco llegaría a recogerla. No hubo transporte ese día.

“Mijo, ¿Por qué tenemos nosotros que pagar por todo esto? Con voz entrecortada y sus ojos pidiendo explicaciones al viento, quemó más un sentimiento de impotencia, igual al sol ardiente de ese mediodía... Aquí voy a esperarme en silencio – me dijo. No sollozou. Apretó a la manito de su pequeño acompañante y viéndolo con mirada de madre indefensa y cargada de resignación susurró... ¿Qué culpa tenemos de todo esto nosotros los pobres, mijo...si somos inocentes...? Mientras tanto por allá, anti sociales – tal vez ni de acá ni de allá – aprovechándose de la situación, daban rienda suelta al vandalismo saqueando supermercados, tiendas, restaurantes, quemando llantas.

Más, quemándole las esperanzas a un pueblo noble que quiere vivir en paz. “Aunque pobre, pero en paz”, dijeron. Total...quizá ni se oiga este clamor de una gran mayoría de la población que – recogiendo sus quejas y opiniones – no se mete en política. “Yo no vivo de la política”, “Es que si no trabajamos, no comemos”, “estamos cansados de los políticos”, reiteraron, reflejando la otra cara de la crisis. Otros no tendrán por donde expresarse. Seguirá siendo simplemente... el silencio de los inocentes.

Em agosto e em quase todo o mês de setembro de 2009, os jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* pararam de fazer uma cobertura massiva de Honduras. O novo gancho que retomaria as atenções dos dois diário brasileiros seria o refúgio de Zelaya na embaixada do Brasil em Tegucigalpa, em 21 de setembro de 2009. O Brasil surge então como protagonista

da cobertura junto aos Estados Unidos e à Venezuela. As edições dos dois jornais no dia 22 de setembro de 2009 deram destaque à chegada de Zelaya à missão brasileira com informações de agências internacionais, pois já não contavam com um correspondente no local.

Com a chegada de Zelaya na embaixada em Tegucigalpa, *O Globo* enviou um correspondente para Honduras e *O Estado de S. Paulo* enviou dois. Deste ponto até Zelaya deixar o país em 28 de janeiro de 2010 é possível dividir a cobertura dos dois jornais brasileiros em cinco frentes principais: 1. os atritos entre as posições do Brasil, da Venezuela, dos Estados Unidos e de Honduras; 2. a análise da política externa brasileira; 3. O dia a dia dentro da embaixada brasileira em Tegucigalpa; 4. As negociações entre Zelaya e Micheletti; 5. As eleições para Presidente de Honduras. Novamente a população hondurenha não ganhou protagonismo, apesar da entrada de Zelaya no país ter reacendido o movimento popular de resistência ao novo governo e terem ocorrido no período manifestações de grandes proporções nas ruas.

O que chama mais atenção entre os cinco assuntos mais explorados pelo *O Estado de S. Paulo* são as rugas entre as diversas autoridades sobre a forma de condução da crise em Honduras, principalmente entre os Estados Unidos e o Brasil. Pelo menos em oito ocasiões o assunto foi destaque nas páginas do jornal paulista. Em comparação, *O Globo* explorou bem menos esse viés, dando destaque aos desentendimentos em ao menos quatro edições, mas com foco principalmente nos conflitos entre o Brasil e o governo de Micheletti. O diário carioca também deu mais espaço às críticas de políticos de oposição brasileiros, como na matéria do dia 23 de setembro de 2009 “Senado critica o uso de embaixada como palanque”, na qual, entre os críticos, foram ouvidos os senadores do PSDB Eduardo Azeredo, de Minas Gerais, e Arthur Virgílio, do Amazonas.

Logo depois de Zelaya ser abrigado na embaixada brasileira, a manchete de *O Estado de S. Paulo* foi “Brasil atribui a estratégia de volta de Zelaya a Chávez” (24 de setembro de 2009). A matéria denuncia a falta de sintonia entre os governos do Brasil e da Venezuela por meio da declaração de assessores do Palácio do Planalto e do Itamaraty que não quiseram se identificar. No dia 25 de setembro de 2009, *O Globo* noticiou que “Micheletti liga Brasil à volta de Zelaya”, uma matéria sobre a divulgação de um comunicado de Micheletti – cuja administração o jornal carioca chama de “governo interino” e o diário paulista chama de “governo de facto” – acusando o Brasil de intromissão em assuntos internos de Honduras. Na mesma edição, o assessor do governo Lula, Marco Aurélio Garcia, diz não importar para o Brasil se foi a Venezuela ou não que ajudou Zelaya a entrar em Honduras.

No dia 26 de setembro de 2009, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* deram com destaque a notícia do vazamento de uma conversa do ministro das Relações Exteriores do Brasil, Celso Amorim, com a embaixadora dos Estados Unidos na ONU, Susan Rice. Preocupado sobre a possibilidade de o governo de Micheletti tentar algum ato contra a embaixada brasileira, o governo do Brasil havia solicitado ao Conselho de Segurança da ONU uma declaração sobre a inviolabilidade das embaixadas. Rice criticou que ali não seria o local mais adequado para aquele tipo de representação. Amorim respondeu que ela estaria bastante irritada como se o problema fosse com a embaixada dos Estados Unidos. Ao fim a embaixadora americana leu a declaração como era desejado pelo Brasil.

O episódio foi manchete de *O Globo*: “Honduras: ONU não condena no tom que o Brasil queria”. O diário paulista noticiou da seguinte forma: “Honduras leva a bate-boca entre Brasil e EUA”. Os dois jornais brasileiros deram bastante visibilidade às falas das duas autoridades na diagramação da página, destacando as frases em um box à parte do texto. *O Globo* colocou retratos dos dois personagens junto às frases.

Sobre este caso, Amorim declarou em entrevista a esta pesquisa que acha que a obtenção da declaração foi um dos momentos mais importantes daquele impasse, mas considera que a repercussão na mídia não foi positiva. Ele avalia que a cobertura da imprensa brasileira via a atuação do Brasil em Honduras de maneira simplificada e estereotipada:

Como ela já havia criado um estereótipo de que a nossa política externa era ideológica e antiamericana, tudo que fazíamos era visto como que para irritar os Estados Unidos. E não fazíamos para isso, aliás eu conversei por telefone várias vezes com a secretária de Estado americana (Hillary Clinton) sobre o tema e parecia que estávamos em vários momentos concordando com o que deveria acontecer.

A cobertura de *O Estado de S. Paulo* não destacou apenas a indisposição do Brasil com os Estados Unidos e com o governo de Micheletti, mas também com Zelaya. No dia 27 de setembro de 2009, o título da matéria foi “Governo brasileiro exige moderação de Zelaya”. O ex-Presidente hondurenho havia distribuído um comunicado incitando a desobediência civil da população contra Micheletti. Enquanto o olhar do jornal se voltava para a indisposição do governo brasileiro com o hóspede na embaixada, nas ruas havia cerca de duas mil pessoas protestando a favor de Zelaya, segundo publicado na matéria, mas nenhuma delas foi ouvida pela reportagem. No dia 28 de setembro de 2009, a notícia era que o governo brasileiro reagia

contra o governo de Micheletti (“Lula rejeita ultimato para definir status de Zelaya”), texto escrito por um correspondente na Venezuela, onde estava o então Presidente do Brasil.

Naquele mesmo dia ocorreu o velório de uma jovem de 24 anos, Wendy Elisabeth Ávila, que morreu asfixiada durante protesto perto da embaixada brasileira. A vítima sofria de asma e teve complicações na saúde causadas pelo gás lacrimogêneo lançados pela polícia hondurenha. Como de praxe, não foi dado espaço à história da personagem e nem para outros manifestantes que resistiam à repressão perto da embaixada brasileira. Uma foto do caixão de Ávila sendo velado foi publicada junto com uma matéria sobre a expulsão da missão da OEA de Honduras pelo governo de Micheletti. *O Globo* também citou a morte de Ávila, mas a matéria de destaque do dia foi “Honduras barra a OEA e faz ameaças ao Brasil”, explorando o embate entre o Brasil e o governo de Micheletti.

Figura 19 – Velório de Wendy Elisabeth Ávila.
Jornal *O Estado de S. Paulo* de 28 de setembro de 2009.

A edição de 29 de setembro de 2009 de *O Estado de S. Paulo* foi bastante crítica ao governo brasileiro. Três matérias contribuem para dar o tom da cobertura: a manchete “EUA condenam Zelaya e criticam ‘os que o ajudaram’” e as matérias “Golpistas fecham emissora pró-Zelaya” e “Ação do Brasil agrava impasse, dizem hondurenhos”. A crítica dos Estados Unidos da qual fala a manchete é sobre Zelaya ter voltado para Honduras de forma

clandestina. Apesar de o autor da crítica, o representante dos Estados Unidos na OEA, Lewis Anselem, declarar que não se referia a outros países, a matéria chama atenção para as diferenças entre o Brasil e os Estados Unidos no manejo da crise hondurenha: “Após o retorno de Zelaya, começaram a emergir alguns atritos entre brasileiros e americanos”.

A matéria sobre o fechamento de emissoras aborda o fato de o estado de sítio decretado naquele dia pelo governo de Micheletti ter agravado ainda mais a repressão à população em Honduras. O texto sobre a ação brasileira em Honduras concluiu que, por receber Zelaya na embaixada, o Brasil acabou sendo responsabilizado pelas medidas de exceção adotadas pelo governo de Micheletti. A conclusão parte da afirmação de Ramón Custódio, comissário de direitos humanos hondurenho, de que foi a interferência do Brasil que deu argumento para as suspensões dos direitos individuais e coletivos no país.

Outras três edições de *O Estado de S. Paulo* seriam dedicadas a trocas de críticas entre o Brasil e os Estados Unidos: “Brasil critica Estados Unidos sobre Honduras” (20 de novembro de 2009), “Estados Unidos recusam plano do Brasil sobre Honduras” (24 de novembro de 2009) e “Assessor de Lula critica política externa de Obama” (25 de novembro de 2009). A opção do jornal paulista por explorar as discussões entre o Brasil e outros países na condução da crise em Honduras pode ter servido para chamar a atenção do público brasileiro para a cobertura, mas não contribuiu para uma melhor compreensão sobre a crise pela qual passou o país centro-americano. Esse tipo de matéria amparada basicamente em falas oficiais polêmicas pode levar inclusive a uma percepção distorcida sobre a crise por conta da falta de contextualização e de mediação dos discursos presentes nas narrativas.

A política externa brasileira foi objeto de diversas matérias dos jornais brasileiros no período analisado. O foco principal dessa cobertura era discutir as tendências e as consequências da atuação do Brasil no conflito em Honduras. No dia 23 de setembro de 2009, por exemplo, *O Estado de S. Paulo* publicou a matéria “Crise expõe tendência da diplomacia brasileira”, trazendo um apanhado histórico de momentos em que o Brasil se viu obrigado a assumir a frente em conflitos envolvendo países da América Latina. Um texto menor publicado no mesmo dia cita a opinião de dois juristas sobre a dificuldade que existia em definir a figura jurídica da situação de Zelaya na embaixada brasileira.

No dia 27 de setembro, *O Globo* abordou o protagonismo do Brasil na matéria “O preço de um lugar ao sol”. Nela o jornal fala sobre as novas responsabilidades que o Brasil ganha ao assumir um papel de destaque no cenário internacional e traz uma foto de Lula abraçado por Obama, o que mostra a diferença da sua abordagem com a de *O Estado de S. Paulo*, mais afeito a explorar a rivalidade entre os dois países.

No dia 28 de setembro de 2009, dois especialistas da área de Relações Internacionais abordados na matéria de *O Estado de S. Paulo* “Situação do Brasil se complica” defendem a ideia de que permitir a permanência de Zelaya na embaixada revertia uma “tradição de moderação, pragmatismo e mediação bastante cara à diplomacia brasileira”. A lógica de pensamento dessa matéria está conectada com outro texto publicado sobre o Brasil ter sido responsabilizado pelo agravamento da repressão no governo de Micheletti, já citado anteriormente. Em 31 de outubro de 2009, a matéria “Lula festeja resolução de crise em Honduras” traz dois diplomatas e dois acadêmicos brasileiros discutindo a política externa brasileira. Enquanto os dois diplomatas avaliam que o Brasil errou ao abrigar Zelaya por interferir em uma política interna de outro país, os dois acadêmicos avaliam que a decisão brasileira de receber Zelaya ajudou a forçar uma negociação com o governo de Micheletti.

Na opinião do ex-ministro Celso Amorim, a versão adotada pela imprensa em geral sobre o Brasil em Honduras era a de que o país “havia se metido em uma armadilha sobre um assunto do qual não tinha nada a ver”. Sobre Zelaya, Amorim concluiu a partir do que leu na época que a versão preponderante dos veículos de comunicação foi a de que se tratava de “um líder populista aliado a Chávez que queria forçar uma reforma constituinte”. Sua conclusão é bem próxima à chegada por essa pesquisa sobre a forma com que *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* encontraram para resumir o conflito que levou à destituição de Zelaya da Presidência de Honduras. O ex-ministro também falou a esta pesquisa sobre como analisa a cobertura da mídia brasileira sobre a política externa brasileira em geral:

Sobre as atitudes do Brasil, a leitura da mídia é sempre crítica. Pelo menos era na época. Tínhamos políticas muito ativas na área externa. Estávamos sempre em atividade, mexendo com várias coisas delicadas, embora também conversando muito com os Estados Unidos. O meu julgamento é de que uma grande parte da mídia não gosta de atitudes que marquem uma maior independência do Brasil. Claro que se o Brasil tiver uma atitude de subserviência absoluta ao Estados Unidos, ela também não vai gostar. Tem que ser uma coisa discreta. Existe uma percepção muito antiga, arraigada em parte da elite brasileira e da mídia de que o Brasil tem mais a ganhar sendo um parceiro privilegiado da grande potência do que tendo uma postura independente. Não quero generalizar, mas a mídia é intérprete da conveniência dessa situação de dependência com os Estados Unidos. Eu acho que o governo Lula bateu muito forte em uma direção diferente. Quando fizemos a conferência com os Países Árabes, o tempo todo os jornalistas vinham me perguntar se tínhamos consultado os Estados Unidos sobre se eles queriam ser observadores da conferência. Eu respondia que a conferência seria pública e televisionada, era só ligar a televisão que eles acompanhavam. Todo o esforço de diversificação das relações que fosse além de Europa e Japão não era bem visto pela mídia.

Na cobertura de *O Globo*, chamam atenção as matérias sobre o que acontecia no interior da embaixada brasileira. Em ao menos seis edições houve um esforço de reportagem para mostrar o drama que viviam as pessoas abrigadas no local e os ataques realizados ao prédio pelos soldados a mando do governo de Micheletti. No dia 23 de setembro de 2009, com o título “Pizzas contrabandeadas para os abrigados”, uma matéria escrita de São Paulo a partir de uma entrevista por telefone com o encarregado de negócio da embaixada do Brasil em Tegucigalpa, Francisco Catunda, fala sobre “momento de tensão e penúria” na missão brasileira, que naquele momento abrigava cerca de 300 pessoas. Fazia um dia que Zelaya tinha chegado no local e o governo de Micheletti havia mandado cortar a água, a luz e o telefone do prédio. A embaixada estava cercada por soldados que impediam o acesso de pessoas e a entrada de mantimentos.

– Ainda conseguimos comer pizza graças à vizinha dos fundos. Conseguimos arrumar um jeito de pegar e ela mandou umas pizzas. No mais, foi minha mulher quem trouxe uns salgadinhos, leite, essas coisas – disse Catunda ao GLOBO, por telefone, na tarde de ontem.

No dia 24 de setembro de 2009, o relato de *O Globo* ainda era sobre o problema do racionamento de comida na missão brasileira. A matéria “Zelayistas não dividem comida” foi escrita também de São Paulo a partir de uma entrevista por telefone com uma funcionária da embaixada que reclamou que os hondurenhos abrigados recusaram-se a dividir com os brasileiros a comida doada por organismos internacionais.

– A ONU mandou alguma comida para a embaixada e quem recebeu foi o pessoal do Presidente Zelaya. Como ninguém nos ofereceu comida, fomos pedir a um auxiliar de Zelaya, mas ele disse que a comida era só para eles (hondurenhos) – disse Isabel Cabral, funcionária da embaixada brasileira que mora há 30 anos em Honduras.

O clima de aperto da matéria é sustentado pelas fotos, a primeira de uma fila de pessoas para receber comida e outra de um homem tomando banho nu na embaixada ajudado por um colega que lhe despeja água de um recipiente.

No dia 25 de setembro de 2009, a matéria “Aliados de Micheletti e Zelaya saem às ruas” de *O Globo* faz alusão às ruas, mas o texto foca novamente na situação da embaixada. A linha fina diz que “clima de penúria faz escova de dente ser usada por dez pessoas”:

De manhã, houve uma missa dentro da embaixada e o padre distribuiu hóstias. Um dos hondurenhos, um escritor, contou que há três dias não escovava os dentes, e que finalmente conseguiu fazer a sua higiene bucal ontem, compartilhando a escova com outras nove pessoas.

Figura 20 – Mulher pega comida em fila na Embaixada do Brasil.
Jornal *O Globo* de 24 de setembro de 2009.

Figura 21 – Homem ajuda outro a tomar banho na Embaixada do Brasil.
Jornal *O Globo* de 24 de setembro de 2009.

A insegurança sobre o que poderia acontecer também foi tema de reportagens de *O Globo* sobre a embaixada. Com a volta do correspondente, no dia 26 de setembro de 2009, a

matéria “Ataque misterioso com gás tóxico” conta que pessoas passaram mal e sangraram pelo nariz depois que os soldados posicionaram um tubo perto do portão da embaixada. O governo de Micheletti negou qualquer ação nesse sentido. Outra hostilidade sofrida pela embaixada foi relatada pelo jornal carioca em matéria do dia 28 de novembro de 2009 com o título “Noite em claro na embaixada”. O texto conta que soldados colocaram refletores voltados para o prédio da missão brasileira durante a noite para impedir o descanso dos abrigados.

Apesar de dedicar um espaço menor ao assunto, *O Estado de S. Paulo* também trouxe narrativas sobre o estado precário e de tensão que viviam os abrigados na embaixada. Como no dia 25 de setembro de 2009, quando foi publicado um pequeno texto da agência AP com o título “Seguidores dormem no chão e estão sem banho”, que relata as dificuldades com o racionamento de água e de comida. No dia 26 de setembro de 2009, o jornal paulista também noticiou a denúncia de ataque com gás à embaixada brasileira, sem dar detalhes sobre a situação das pessoas. No dia 6 de outubro de 2009 saiu uma matéria mais elaborada, sobre a gravidade dos problemas sanitários na embaixada. Seguem alguns trechos do texto publicado pelo *O Estado de S. Paulo*:

Um jovem hondurenho pertencente ao grupo de apoio ao presidente deposto Manuel Zelaya, abrigado na embaixada do Brasil em Honduras, está sendo tratado de malária. O jovem não quis sair da embaixada – cercada de policiais e soldados do Exército, prontos para prender os que considerarem que violaram a lei.

O médico Marco Girón, que está dentro da embaixada, não quis que fosse feito exame de gota espessa do paciente, por não confiar no resultado. A seu pedido, o brasileiro Sérgio Guimarães, representante do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) em Honduras, levou ontem comprimidos de cloroquina para tratar o rapaz – além de xarope e loção para sarna, para outros ocupantes da casa. O rapaz vem do leste de Honduras, onde a malária é endêmica.

(...) A embaixada está infestada de mosquitos, por causa do acúmulo de lixo produzido por seus 63 ocupantes – 3 dos quais deixaram ontem a casa –, que não era recolhido havia vários dias. O prefeito de Tegucigalpa, Ricardo Álvarez, que apoia o presidente de facto Roberto Micheletti, atendeu ontem a um pedido de Guimarães, e mandou recolher o lixo.

(...) Na manhã de sexta-feira, 20 pessoas na casa sofreram de diarreia e cólicas estomacais. A principal suspeita recaiu sobre o frango com purê servido na véspera. A refeição chegou às 8 horas, mas ficou retida pela segurança, sob o sol, até as 11 horas, quando liberaram a entrada do café da manhã. Os ocupantes da embaixada tomaram então o café da manhã e só almoçaram por volta de 16 horas. A comida continuou sem refrigeração, e suspeita-se de que quando foi consumida estivesse estragada. Quatro pessoas voltaram a ter diarreia ontem.

Por se tratar de relatos sobre dramas básicos da vida das pessoas, como comer bem, conseguir dormir, cuidar da higiene, o conjunto de matérias sobre o dia a dia na embaixada contrastaram com os textos burocráticos sobre os trâmites entre Zelaya, Micheletti, o Brasil, os Estados Unidos e as entidades internacionais. O formato adotado, porém, não deu espaço para o protagonismo das pessoas que enfrentaram a situação. As fontes oficiais foram as que geralmente deram os testemunhos, muitas vezes falando sobre o drama do outro. O resultado é que ao fim nada se soube a partir dessas matérias sobre as características das pessoas que dividiram aquele longo e difícil período ao lado de Zelaya. Os “zelayistas”, neologismo praticado pelos jornais para designar as pessoas que defendiam Zelaya, são transformadas em figuras abstratas nas páginas dos jornais analisados.

Mesmo no *La Tribuna*, que deu uma atenção maior às manifestações que ocorreram nas ruas do que para a rotina na embaixada, os “zelayistas” não ganharam a forma de um indivíduo, com seu nome e sua história. Na edição do dia 23 de setembro de 2009 do jornal hondurenho, uma matéria que ocupa duas páginas fala sobre a detenção de pessoas que violaram o toque de recolher para acampar em frente à embaixada brasileira (“Desalojo dejó más de 170 detenidos y 18 lesionados”). Devido ao volume de pessoas, os manifestantes foram levados para um complexo olímpico, de onde seriam liberados 24 horas depois. Sem o testemunho dos manifestantes, as únicas declarações registradas são as do oficial de polícia, Daniel Molina. A forma com que a matéria descreve a ação dos policiais deixa transparecer o tom crítico do jornal aos que protestavam:

Piedras, botellas, palos y todo lo que encontraban a su paso lanzaran “los revoltosos” a los policías y militares que tuvieron que hacer uso de la fuerza, a fin de dispersar a los que exigen el retorno al poder de Zelaya.

La zona se convirtió en un verdadero campo de batalla que duró varios minutos, en el que los policías tuvieron que lanzar potentes chorros de agua, gas pimienta y bombas lacrimógenas.

No dia 24 de setembro de 2009, o *La Tribuna* deu destaque para o caos de pessoas na capital correndo para se abastecer nos comércios assim que o governo suspendeu momentaneamente o toque de recolher que havia durado dois dias. O toque de recolher havia sido declarado em função da volta de Zelaya para o país. A edição do jornal hondurenho relata a dificuldade dos cidadãos que lotaram mercados, postos de gasolina e bancos. Saques em mercados também foram noticiados. O governo de Micheletti pedia calma para a população. Um personagem que trabalhava em um posto de gasolina foi entrevistado:

“*Experimentamos una verdadera locura, la pista estaba llena de clientes, nos chuparon en cuestión de minutos los tanques de gasolina superior*”, expresó el administrador de la gasolinera 15 de septiembre, Oscar Aguilar.” A matéria também trouxe o depoimento de três cidadãos em um box à parte, conforme a figura a seguir.

Figura 22 – Depoimentos sobre intervalo do toque de recolher. Jornal *La Tribuna* de 24 de setembro de 2009.

Para dispersar os manifestantes que permaneciam perto da embaixada brasileira, a edição do *La Tribuna* do dia 24 de setembro de 2009 conta que os soldados utilizaram uma espécie de canhão sônico, que emitia sons atordoantes. Uma matéria fala sobre a chegada de manifestantes feridos em um hospital de Tegucigalpa: “*Entre los lastimados figuran niños, mujeres y adultos, que en su mayoría sufrieron laceraciones por impacto de bala. Otros presentaban traumas por armas contusas en diferentes partes del cuerpo*”. O único entrevistado na matéria foi o subdiretor do hospital Octavio Alverenga: “*Debo decir que todos estos pacientes son miembros de la resistencia que desafortunadamente, en este país nos encontramos en una situación difícil y no queda de otra que hacerle frente a este problema, que es de todos los hondureños*”.

Do começo de outubro ao começo de novembro de 2009, a cobertura dos dois jornais brasileiros foi focada nas negociações entre Zelaya e Micheletti para chegar a um acordo sobre a saída do ex-Presidente da embaixada brasileira. Zelaya queria garantir a volta à Presidência para terminar de cumprir o seu mandato e o perdão de todos os delitos que pesavam sobre ele na Justiça. As matérias foram pautadas preponderantemente nas declarações oficiais: “Zelaya quer ampliação de anistia” (*O Estado de S. Paulo*, 5 de outubro); “Micheletti diz não ao acordo” (*O Globo*, 15 de outubro); “Para Zelaya, diálogo em Honduras fracassou” (*O Estado de S. Paulo*, 25 de outubro).

No dia 30 de outubro, foi fechado um acordo que previa ficar a cargo do Congresso decidir sobre a volta de Zelaya para a Presidência, um resultado cujos créditos foram dados aos Estados Unidos: “Pressão dos EUA encerra impasse em Honduras” (*O Estado de S. Paulo*,

31 de outubro de 2009); “Estados Unidos obtêm acordo em Honduras” (*O Globo*, 31 de outubro de 2009). Ao mesmo tempo, os Estados Unidos davam sinais de que reconheceriam os resultados das eleições hondurenhas mesmo que a volta de Zelaya não fosse aceita pelo Congresso (“Washington ensaia recuo sobre as eleições”, *O Estado de S. Paulo*, 30 de outubro de 2009). Apesar das comemorações, no dia 6 de novembro, o jornal paulista destacava que Zelaya decidiu voltar atrás e condicionar o acordo à sua volta ao poder (“Zelaya desiste de governo de união”). Em 2 de dezembro, o Congresso rechaça a volta de Zelaya (“Partido Nacional vota contra o retorno de Zelaya”, *O Globo*, 3 de dezembro de 2009).

Neste ponto da análise, a leitura das matérias permite dizer que os jornais brasileiros desistiram de buscar a contextualização e as raízes históricas da crise em Honduras. A cobertura sobre as negociação travadas entre Zelaya e Micheletti ignorou as questões de fundo como se o público já estivesse ambientado com o enredo. Em muitas matérias não foi recuperado nem o histórico recente sobre a deposição de Zelaya. Como o leitor não está ambientado, porque o contexto, a história, os perfis e os diagnósticos e prognósticos não foram explorados pelos jornais até então, a leitura se torna enfadonha. É como abrir um livro no meio e ler um capítulo só para passar o tempo. Não há conexão entre a narrativa e o leitor.

Há algumas exceções de esforço de análise dos jornais, por exemplo, na edição de 1º de dezembro de 2009 de *O Globo* com a matéria “Continente dividido”. O texto busca traçar cenários a partir dos resultados das eleições ocorridas no dia 29 de novembro e fala sobre a busca dos Estados Unidos por apoio de outros países para o resultado eleitoral. Para situar o leitor novamente na trama da política hondurenha, *O Estado de S. Paulo* publicou no dia 29 de novembro de 2009 uma matéria com o título “Um guia para entender o impasse” com perguntas e respostas sobre o histórico da crise, um formato fiel ao paradigma positivista.

No meio de todas essas discussões sobre a volta ou não de Zelaya, estava em curso a campanha dos candidatos à Presidência de Honduras para as eleições do dia 29 de novembro, mas quase nada se lê sobre o processo nos jornais brasileiros. O tema das eleições só foi resgatado na cobertura de *O Globo* e de *O Estado de S. Paulo* quando se tratou de falar sobre a decisão de outros países reconhecerem ou não o resultado – como na cobertura de *O Estado de S. Paulo* do dia 28 de novembro, cuja chamada de capa foi “Apoio à eleição em Honduras cresce” – e quando o pleito foi realizado. No dia 1º de dezembro de 2009, a cobertura do jornal paulista sobre o dia seguinte das eleições destacou que o alto comparecimento de hondurenhos às urnas facilitaria o ganho de apoio internacional ao pleito.

No *La Tribuna*, a cobertura das eleições começou no início de agosto, com matérias pontuais sobre a agenda dos futuros candidatos. O lançamento oficial das candidaturas ocorreu em 31 de agosto de 2009. A manchete do dia 1º de setembro de 2009 do *La Tribuna* foi “*Aspirantes plantean mensaje de armonía*”. A partir desse dia, o jornal hondurenho passou a dar destaque para a campanha eleitoral com uma cobertura focada nos discursos dos candidatos. Assim como os jornais brasileiros, o *La Tribuna* não falou sobre como estava a população naquele momento, além das afirmações generalizadas sobre a polarização que se via nas ruas.

No dia 25 de novembro de 2009, *O Estado de S. Paulo* deu um pequeno texto informando sobre o encerramento da campanha eleitoral. O destaque da cobertura do dia foram as críticas do assessor da Presidência do Brasil aos Estados Unidos por considerarem a eleição legítima. Em 27 de novembro de 2009, *O Globo* noticiou que o clima para a restituição de Zelaya era cada vez pior (“Sinal vermelho para Zelaya”). A cobertura trazia dados e declarações de fontes oficiais sobre o clima pré-eleitoral. Um pequeno texto publicado no pé da página, “Tensão e soldados nas ruas de Tegucigalpa”, chama atenção por conter os únicos relatos de protagonistas comuns sobre as eleições da cobertura dos dois jornais brasileiros. A narrativa é iniciada da seguinte forma:

Sentada na calçada do estacionamento de um supermercado, livro de Biologia nas mãos, Sandra Cantes divide sua atenção entre a aula improvisada naquele lugar e o vai-e-vem dos soldados que acompanham, à distância, o protesto de alunos da Universidade Autônoma, a maior de Honduras. Contrário à eleição presidencial, o grupo de estudantes ocupa o principal campus.

– O país já está uma grande confusão. Se a educação também for prejudicada, o que nos restará? – argumenta ela, a 50 metros do portão da universidade onde uma bandeira vermelha e preta estampa a frase “Revolução do povo” e o rosto de três estudantes mortos em conflitos no país.

– Pretendemos ficar aqui até domingo, mas dependerá dessa pressão militar
– adianta o estudante de Engenharia, Jorge Manuel, à frente da ocupação.

O dia das eleições foi noticiado pelos diários brasileiros como um dia de poucos incidentes. *O Globo* destaca na edição de 30 de novembro de 2009 (“Eleições em Honduras tem poucos incidentes”) que os eleitores foram às urnas pacificamente. Dois cidadãos são entrevistados, uma senhora de 70 anos, que explica por que decidiu ir votar, e um agente de segurança sem idade informada, que defende por que não votou. Os depoimentos foram colocados à parte das matérias, acompanhados de retratos dos personagens. A mulher Lesbya

Elvir diz que “o povo hondurenho provaria nas urnas a disposição de legitimar o processo eleitoral: “– o Lula está nos molestado. Fico triste em saber que um presidente de um país que também tem problemas para resolver queira deslegitimar a vontade dos hondurenhos”. Marco Antonio Baquedano diz que pela primeira vez não sairia de casa para votar: “– Eu e minha família não vamos votar porque não vamos apoiar um golpe de Estado. Há quatro anos fomos às urnas, somos favoráveis à democracia, mas não podemos compactuar com a situação provocada numa briga de poderes”. Não há mais dados sobre as duas pessoas.

A capa do *La Tribuna* do dia 29 de novembro de 2009 foi um chamamento às eleições: “*A votar*”. A matéria principal do dia tinha o título: “Alegria y seguridad en fiesta electoral”. No texto não há presença de protagonistas, mas o jornal afirma que a população sabe que o único caminho para sair da crise são as eleições. A edição toda traz autoridades reafirmando a importância de comparecer ao pleito: o embaixador dos Estados Unidos em Honduras, o Presidente Arias, da Costa Rica, o governo da Alemanha. Uma pequena matéria informa que Zelaya já considera a possibilidade de se exilar.

A edição de 30 de novembro de 2009 do *La Tribuna* comemora a presença nas urnas: “*Masiva votación*”. Esta foi a edição do jornal hondurenho que mais deu espaço aos protagonistas anônimos. Neste dia, o jornal hondurenho coletou algumas histórias que mostravam o esforço da população para garantir o seu voto. Rosto de cidadãos comuns preencheram as páginas do jornal com pequenos relatos que compunham a narrativa do sucesso eleitoral. Eram idosos, pessoas com problemas de locomoção, jovens que votavam pela primeira vez. A senhora Militina Castellanos, de 93 anos, foi citada no começo da primeira matéria como o símbolo do início das votações:

Una viejecita de nombre Militina Castellanos, de 93 años, fue la primera en ejercer el sufragio y con una lucidez impresionante. Invitó a toda la población a acudir a las urnas. Su imagen fue retransmitida por las cadenas internacionales de radio y televisión y el Tribunal Supremo Electoral dio por inaugurado el histórico evento.

O senhor Cervando Sierra Godoy, de 100 anos, que nunca deixou de votar, lembrou que uma vez durante a ditadura do general Tiburcio Carías Andino foi demitido porque era partidário do Partido Liberal:

“Yo fui a la Casa Presidencial y le reclamé personalmente al general Carías, las causas de mi separación, me contestó que simplemente porque él no le daba trabajo a liberales”.

“Me estaba elaborando un cheque por cinco lempiras para dármelo como compensación, pero le manifesté que se quedara con él porque no necesitaba ese dinero”.

“Luego me retiré, pero estaba arrepentido de lo que le había dicho, porque temía que el general ordenara que me dispararan por faltarle el respeto”.

“Resignado, pero con dignidad, la siguiente semana me dediqué a sacar piedra y arena del río Choluteca para venderla, luego la empresa de aviación TACA me contrató de soldador de aviones, porque yo era herrero mecánico y motorista”.

Na mesma edição, matéria *“Cuando la tradición se impone, no hay lugar para el cambio”* conta sobre como em Honduras é arraigada a tradição familiar do voto em um partido.

A sus 65 años, doña Altagracia de Jesús Carbajal, recuerda con nostalgia su primera vez en las urnas, allá en su natal Soledad, El Paraíso, se le iluminan los ojos al trasladarse mentalmente a las polvorientas calles de la comunidad que dejó hace años para venirse a la capital.

Desde muy temprano la fêmeina se preparó para asistir a ejercer al sufragio, eligió el mejor de sus trajes porque según su propio comentario ir a las urnas es un acto de gala que merece la mayor de las formalidades.

Azul es su color favorito y eso deja claras muchas cosas y es que esa señora de baja estatura, piel blanca y pelo negro con orgullo afirma que desde su primera vez siempre ha votado por el Partido Nacional.

“Soy nacionalista y eso no cambiará nunca, mi voto es para los azules, “Pepe” Lobo, sus diputados y Ricardo Álvarez conmigo tienen la plena certeza que mi elección son ellos, tengo la convicción que ganaremos y que harán un gobierno muy bueno”.

Los Carbajal son una familia nacionalista por tradición, comenta y más tarde agrega que es algo que se lleva en la sangre porque a sus hijos jamás les impuso nada, pero ellos por sus propias convicciones son nacionalista de corazón.

“A lo mejor es algo hereditario, mis padres fueron azules y todos mis hermanos también, sin embargo lo que más nos sorprende a todos es que nuestros hijos sin ningún tipo de imposiciones hayan elegido el mismo partido”.

Em alguns momentos é possível perceber um esforço de reportagem dos jornais brasileiros para traçar o perfil de personagens, como no caso da matéria sobre a filha de Zelaya publicada por *O Estado de S. Paulo* publicada no dia 4 de outubro de 2009 (“Filha de Zelaya acompanhou o golpe embaixo da cama”) e da matéria publicada do dia 27 de setembro em *O Globo* sobre o encarregado de negócios do Brasil em Honduras, Francisco Catunda (“No meio da aposentadoria, um golpe”). Os dois personagens não deixam de fazer parte, no entanto, no mundo dos olímpicos que têm o espaço garantido nas coberturas jornalísticas. O perfil de pessoas comuns ganhou sempre espaço reduzido na cobertura dos dois jornais, como no dia 15 de outubro de 2009, quando *O Globo* deu uma matéria sobre as violações de direitos

humanos cometidas pelo governo Micheletti, e a abertura do texto foi a história de uma vítima:

Com a mulher, grávida, necessitando de tratamento médico, o desempregado Angel Manuel Osorto violou uma noite o toque de recolher imposto pelo governo interino em Honduras. Ao sair para pegar dinheiro emprestado, o filho Angel David, de 13 anos, acabou baleado por um policial que passava de motocicleta. O adolescente ficou 3 dias em coma. “Quando voltávamos para casa veio uma patrulha atirando. Uma das balas o acertou”, disse o pai. “Graças a Deus está vivo”.

O dia 28 de janeiro de 2010 marca o fim da cobertura dos dois jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* sobre o episódio em Honduras. O tom das edições dos dois jornais sobre a saída de Zelaya da embaixada brasileira e de Honduras era de encerramento. Na capa do diário carioca, uma foto simbólica com o título “*The End*” mostra Zelaya ao lado do novo Presidente eleito Pepe Lobo e entre eles um retrato de Lula, Presidente do Brasil na época. *O Globo* não enviou correspondente para cobrir a despedida do político e apenas reproduziu declarações oficiais.

O jornal paulista enviou um correspondente que deu destaque à declaração de Zelaya de que voltaria ao país. Também foi publicada uma matéria sobre uma manifestação pró-Zelaya com cerca de 10 mil pessoas. “‘Ele vai voltar, isso é ceteza’, dizia a empresária Mirian Mejía, que calcula já ter participado de umas 50 manifestações de apoio a Zelaya.”

Segundo *O Estado de S. Paulo*, os “zelayistas” marcharam e disseram que iam seguir em luta. A matéria “Dia D em Honduras”, de *O Globo*, conta que outros seis “zelayistas” deixaram a embaixada junto com o ex-Presidente de Honduras. Os jornais brasileiros se despedem da cobertura de Honduras sem contar quem são os “zelayistas”. O diário carioca estampa no meio da página um box com a opinião do jornal, como forma de concluir o enredo do que eles chamaram de “novela em Honduras”: “Já o Brasil sai com a imagem arranhada por ter sido um joguete da tentativa chavista de implantar em Honduras uma ‘república’ bolivariana, ou seja, um regime populista autoritário. Depois de uma cobertura sem aprofundamento na história e no contexto político de Honduras, a conclusão do periódico não teria como deixar de pecar pela superficialidade.

Figura 23 – Zelaya se encontra com Pepe Lobo antes de deixar Honduras. Jornal *O Globo* de 28 de janeiro de 2010.

A edição de 27 de janeiro de 2010 do *La Tribuna*, dia da posse de Lobo, trouxe diversas reportagens sobre a história da política institucional de Honduras. A matéria “*Lobo Sosa llevó a la tercera victoria al Partido Nacional*” fez uma breve retomada sobre a história da democracia eleitoral do país iniciada em 1981. Em um caderno especial, outras matérias abordam o contexto histórico. Duas delas traçam a história da política institucional do país desde o final do século XIX, outra fala sobre os desafios do novo Presidente e traz um breve perfil de Lobo. Também há matérias sobre o histórico recente desde a deposição de Zelaya e uma pauta aborda os problemas financeiros deixados pela gestão do ex-Presidente (“*Mala gestión financiera deja a nuevo gobierno con enormes deudas*”). A população está ausente na cobertura desse dia.

Apesar de em determinados momentos da cobertura sobre a deposição de Zelaya o *La Tribuna* ter trazido narrativas que contêm personagens comuns ou que resgatam as raízes históricas e o contexto do fato noticiado, não é possível dizer que o jornal hondurenho tenha realizado uma abordagem complexa do acontecimento. A cobertura mais voltada à reprodução dos discursos oficiais e sem a necessária mediação democrática não foi suficiente para responder às demandas da sociedade contemporânea por conhecimento.

Retomo aqui a declaração do cidadão Edgar Inestroza, que participou de manifestações pró-Zelaya e cuja história é contada no item **4 AS VOZES DA RUA**, sobre o que sentia ao ler os jornais hondurenhos da época. Segundo ele, havia um contraste entre a tensão nas ruas e a normalidade noticiadas pelos principais veículo de comunicação: “O que me dava mais raiva era o cinismo do governo interino dizer na mídia que não havia problema nenhum enquanto decretava toque de recolher e nos impedia de sair de casa”.

O relato do jornalista Félix Molina, cuja história também é contada no item **4 AS VOZES DA RUA**, sobre o tratamento dado pela grande imprensa às manifestações de resistência à deposição de Zelaya, ajuda a entender como era a relação entre os grandes veículos de comunicação e a população:

Era claro que havia uma premissa na narrativa midiática tradicional de destacar os erros dos resistentes. Se os manifestantes queimavam algo, eles eram criticados por prejudicarem o meio ambiente; se faziam grafite; eram criticados por sujar a cidade; se batiam em um carro, eram atacados por vandalismo; se colocavam fogo nas ruas, eram chamados de terroristas.

Ao não explorar de maneira suficiente o pensamento complexo na cobertura, é possível dizer que o jornal *La Tribuna* de uma maneira geral dentro do período analisado privilegiou a versão do novo governo instaurado com o afastamento de Zelaya. Desta forma pode-se perceber um discurso dominante de normalidade e não o da turbulência que muitos cidadãos presenciavam em seu dia a dia ao não conseguirem trabalhar, ao terem medo de ficar desabastecidos, ao se verem cerceados dos direitos de ir e vir. Há uma vertente de acadêmicos em Honduras que acredita que os grandes jornais ajudaram a construir uma narrativa em defesa da deposição de Zelaya. Dentre esses acadêmicos está o sociólogo Eugenio Sosa, segundo o qual os maiores veículos de comunicação tiveram ao longo de todo o mandato de Zelaya uma cobertura bastante crítica ao governo:

A minha tese é a de que os meios de comunicação construíram o golpe. Zelaya sempre teve uma má relação com a imprensa. Desde o começo foi

criticado na mídia por não ter capacidade de governar, por não ter formação universitária. Os maiores meios de comunicação incitaram o golpe. Diziam que Zelaya estava fora da lei e que precisava ser parado. As tevês chegaram a pedir que as forças armadas atuassem. Nas entrelinhas era possível encontrar essa mensagem na mídia.

Os dois jornais brasileiros, por sua vez, deram um espaço importante aos personagens que olhavam Honduras de fora, principalmente das pessoas ligadas aos governos brasileiro, norte-americano e venezuelano. O resultado foi uma cobertura que retratou com precisão as idas e vindas das negociações entre Zelaya e o governo de Micheletti, mas que captou muito pouco a aura hondurenha. Uma das principais razões disso foi os diários terem ouvido pouco as vozes das pessoas comuns. Como já observado nesta análise, “zelaysta” virou uma palavra-chave para designar quem protestava a favor de Zelaya, que, na verdade, nada entregava sobre quem eram aqueles indivíduos.

Dessa forma é possível dizer que a hipótese levantada no início deste trabalho de que os jornais privilegiaram as fontes oficiais e interpretaram o episódio de acordo com fórmulas pré-estabelecidas foi corroborada. Sem o aprofundamento do contexto, o resgate das raízes históricas, a intervenção de fontes especializadas e a presença das vozes das ruas, os periódicos se distanciaram do papel de efetiva mediação social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa fez uma reflexão sobre os limites do Jornalismo tradicional e de sua base positivista na cobertura de uma crise política na América Latina e propôs uma nova forma de fazer Jornalismo, amparada na epistemologia da complexidade e na virtude do signo da relação. A deposição de Manuel Zelaya da Presidência de Honduras foi um estudo de caso interessante por revelar o pouco conhecimento que muitas vezes o Brasil tem em relação aos seus vizinhos latino-americanos, e também porque evidencia as dificuldades com que a imprensa brasileira trabalha os temas relacionados à região da América Latina.

Essas dificuldades derivam das mais diversas razões, entre elas, da limitação da cobertura a momentos de crise, catástrofes ou eventos oficiais como eleições, reuniões de autoridades, fechamento de acordos comerciais etc. Além disso, existe uma questão diretamente relacionada à forma com que o Jornalismo é praticado, preso a uma visão objetivista que impede o profissional da comunicação de se abrir à interpretação e à complexidade e de estabelecer uma relação de afeto à realidade abordada. É sobre essa forma do fazer jornalístico que este trabalho aprofundou a sua crítica. Mais do que falar sobre tais limitações, este estudo fez uma provocação para se pensar o potencial do fazer jornalístico na construção de narrativas da contemporaneidade por meio de uma mediação dialógica.

A leitura crítica dos conteúdos publicados durante a crise política em Honduras pelos jornais *O Estado de S. Paulo*, *O Globo* e *La Tribuna* demonstrou que eles privilegiaram as fontes oficiais em sua cobertura e em geral interpretaram o episódio de acordo com fórmulas pré-estabelecidas. As duas condutas mostram que os três periódicos seguiram em praticamente toda a cobertura analisada a cartilha objetivista explicitada no subitem 3.1 A influência do paradigma positivista. O resultado de uma cobertura feita sob os princípios de tal cartilha foi, de forma significativa, a produção de narrativas sem o aprofundamento do contexto, sem o resgate das raízes históricas, sem a intervenção de fontes especializadas e sem a presença das vozes das ruas, elementos básicos para se tecer uma narrativa da contemporaneidade.

Relembrando uma das regras destacadas pelo Manual de Redação e Estilo do *Estado de S. Paulo*, citado anteriormente no subitem 3.1, uma das formas de os meios de comunicação buscarem credibilidade perante o seu público é informar com precisão: “publicar apenas notícias corretas e precisas”. Para isso é importante responsabilizar a fonte pelos dados, alerta o manual, o que influencia os jornalistas a se ampararem nas fontes oficiais, que em tese seriam mais seguras do que a informação de um protagonista anônimo.

No entanto, esta pesquisa mostrou que mesmo fontes oficiais que servem de base para a cobertura dos jornais desconheciam a realidade de Honduras. No caso das fontes ligadas ao governo brasileiro, o olhar de fora muitas vezes comprometeu a sua compreensão sobre o outro país, conforme o próprio ex-ministro das Relações Exteriores do Brasil Celso Amorim, que esteve envolvido no imbróglio durante o tempo em que Zelaya ficou na embaixada brasileira, apontou em entrevista a esta pesquisa:

Honduras era parte, para nós, daquele todo da América Central, um país menor relativamente na região. A crise foi saindo do nosso radar. Eu tinha muitos outros problemas para lidar. Estava com o negócio de Teerã, a busca de diálogo entre Síria e Israel, as expectativas sobre a rodada da Organização Mundial do Comércio (OMC), os eternos problemas do Mercosul, problemas entre Colômbia e Venezuela, o terremoto no Haiti. Então quando Zelaya saiu da embaixada do Brasil o assunto morreu para nós. Nunca mais tive que lidar com Honduras.

Ficou evidente também, a partir da leitura crítica dos jornais, que determinadas fórmulas prontas foram adotadas em diversos momentos para tentar explicar o conflito em Honduras, como o “bolivarianismo” e a “cartilha chavista”, ambas ligadas ao contexto venezuelano. Se os jornais compreendiam profundamente ou não a complexa realidade venezuelana – provavelmente não –, seria um tema para outra pesquisa. De qualquer forma, a Venezuela é um país cuja política está mais frequentemente no radar da mídia brasileira. A aproximação de Zelaya com Chávez e a acusação da elite política hondurenha de que Zelaya queria fazer de Honduras uma Venezuela foram suficientes para que o conflito fosse reiteradamente resumido pelos jornais selecionados por esta pesquisa a uma disputa entre interesses “bolivarianos” versus interesses alinhados aos dos Estados Unidos. Com base no que foi noticiado pelos três diários, não é possível saber até que ponto esta leitura conseguiu representar de alguma forma o que se passava em Honduras, pois em nenhum momento os veículos exploraram de maneira mais atenciosa quais eram as questões políticas de fundo daquela crise. A ausência das vozes dos movimentos sociais e de acadêmicos hondurenhos, personagens que, apesar de também oficiais, poderiam ter trazido elementos contraditórios sobre o contexto político de Honduras, comprometeu bastante a cobertura neste sentido.

Chama a atenção a opção do *La Tribuna* em destacar recorrentemente a versão do novo governo de Roberto Micheletti sem dar espaço ao contraditório, o que fez com que suas narrativas na maior parte do material analisado parecessem tratar de outro mundo aos olhos dos leitores, como testemunhou Edgar Inestroza a esta pesquisa (subitem 4.5). Enquanto

muitos hondurenhos eram afetados pelo caos causado pelo afastamento de Zelaya, o jornal hondurenho sustentou em parte significativa da sua cobertura que se tratava de uma sucessão presidencial comum e que o país vivia um período de normalidade.

Os relatos ouvidos por esta pesquisa me permitem afirmar que, a despeito das discussões que buscavam legitimar o afastamento de Zelaya com base em detalhes constitucionais, houve uma ruptura institucional em Honduras. O maior argumento contra essa afirmação era o de que o governo continuou nas mãos dos civis e que os poderes continuaram a funcionar normalmente. Recorremos aqui ao sociólogo Ruy Mauro Marini, que desenvolveu uma teoria sobre o período autoritário vivido por países latino-americanos na segunda metade do século XX chamada de teoria do Estado de contra-insurgência⁶⁷, para contradizer esse argumento. Segundo Marini, a estratégia dos governos militares que derrubaram administrações democraticamente eleitas na América Latina, principalmente nos anos de 1960 e 1970, consistia no aniquilamento de movimentos revolucionários e de grupos de oposição como atores políticos. A partir do momento que as bases sociais eram reconquistadas, seguia-se um movimento de institucionalização para se reestabelecer a democracia burguesa.

O governo interino estabelecido em Honduras em 2009, que durou pouco mais de seis meses, teve uma atuação que o aproxima de um Estado de contrainsurgência, pois, além de as normas constitucionais do país não terem sido respeitadas com a retirada de Zelaya do cargo, o novo governo que assumiu em seu lugar se caracterizou pelo uso do terrorismo de Estado para dominar oponentes, com a repressão violenta contra manifestantes civis que se opunham ao novo governo, incluindo o uso de toque de recolher e do estado de sítio.

Dentre as pessoas abordadas por esta pesquisa, mesmo quem não declarou simpatia a Zelaya questiona hoje como um Presidente pode ser expulso do país sem direito à defesa e lamentam as consequências que a população sofreu: a perda de emprego, como aconteceu com Jéssica Amador (subitem 4.4), que foi demitida e quase teve que ir para os Estados Unidos sem o filho pequeno, ou com Edgar Inestroza (4.5) e Jari Dixon Herrera (4.8), que foram demitidos por causa da militância política; as perdas financeiras como a do pai de Claudio Callejas (4.2), que perdeu investimentos estrangeiros porque outros países cortaram relações econômicas com Honduras, ou o calote que o novo governo deu na empresa do sogro da filha de Doris Palácios (4.9), que forçou a família a começar outro negócio praticamente

⁶⁷ MARINI, R. M. **O Estado de Contrainsurgencia**. In: Intervención en el debate sobre “La cuestión del fascismo en América Latina”, *Cuadernos Políticos*, n. 18, Ediciones Era, México, octubre-diciembre, 1978, pp. 21-29. Disponível em: <http://www.marini-escritos.unam.mx/055_estado_contrainsurgencia.html> Acesso em: 13 Jun. 2015.

do zero; os inconvenientes causados pelos toques de recolher, como Gustavo Aplicano (4.3) ter que dormir no chão por duas semanas no shopping em que trabalha, ou Oscar Mejía (4.1) ter sido preso aos 12 anos de idade por estar na rua e depender que sua mãe pagasse uma fiança para tirá-lo de lá; o medo de desabastecimento de comida e de combustíveis, a interrupção das aulas, os atentados, a repressão policial. E o impacto sobre a imagem do país, como lamentado por Densi Banegas Flores (4.6): “Ficamos mal diante da comunidade internacional. O que pensam de nós? Que aqui pode tudo e a gente não faz nada?”

No caso dos dois jornais brasileiros analisados por esta pesquisa, é possível dizer que a cobertura na maior parte do tempo focada nas fontes oficiais de maneira geral encobriu a realidade cotidiana do país e invisibilizou os cidadãos hondurenhos. O problema de invisibilizar os cidadãos é que se retira a voz das pessoas comuns não apenas das páginas dos jornais, mas também dos rumos da política hondurenha. Se a população serviu de massa de manobra para um ou outro lado deste episódio de disputa política em Honduras, é possível dizer que para os veículos de comunicação a população nem ao menos existiu. Ao buscar as chaves para a compreensão da sociedade e da política hondurenha fora dela, amparados principalmente na comparação com a política venezuelana, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* não foram capazes de decifrar e narrar a história de Honduras.

Em nenhum dos três veículos de comunicação analisados foi possível encontrar de forma conjunta as vertentes do Jornalismo Interpretativo, ou seja, a busca pelas raízes históricas, o aprofundamento do contexto, o protagonismo anônimo e as considerações dos especialistas. O resultado foi a produção de um material coerente com a linha de pensamento positivista, no qual a relação estabelecida entre os jornalistas e a realidade abordada foi a do sujeito-objeto, sem estar afeto ao drama vivido pela população naquele momento de instabilidade institucional. A cobertura objetiva dos jornais foi em busca das diversas informações sobre os passos de Zelaya e do novo governo instalado em Honduras, mas não conseguiu construir uma narrativa verdadeiramente dialógica, pluralista.

É importante dizer aqui que compreendo as dificuldades dos profissionais envolvidos nesta cobertura. A minha experiência como repórter ao longo dos últimos doze anos me permite traçar alguns obstáculos que os jornalistas enfrentam em sua rotina profissional e que os impedem de explorar caminhos alternativos aos da cobertura objetivista. Considerando que uma cobertura como a realizada em Honduras não conta com correspondente fixo no local, uma pessoa precisa ser deslocada para um país em que provavelmente nunca trabalhou e dar um retorno rápido, já que em ambiente de crise as notícias surgem como que de geração espontânea. Estando no local, sabe-se que é preciso buscar fontes alternativas, mas ao mesmo

tempo o profissional é cobrado a acompanhar cada passo das personalidades oficiais. Portanto, discursos públicos, oportunidades de entrevistas coletivas, contatos com quem possa passar informações privilegiadas – as chamadas *inside information* – não podem ser perdidos por um repórter correspondente, principalmente se estiver sozinho.

Existe então uma dificuldade das próprias empresas jornalísticas de se afastarem do paradigma positivista, não só porque acreditam na sua eficiência, mas também porque existe um custo financeiro em apostar em algo diferente. É preciso investir no profissional, na equipe e no tempo à disposição de quem faz a cobertura para permitir um maior aprofundamento da apuração jornalística. Ao ir em setembro de 2015 a Tegucigalpa em busca de personagens para a construção dos perfis apresentados no item **4 AS VOZES DA RUA**, eu tive o benefício de olhar em retrospectiva e de chegar a Honduras com um mínimo de conhecimento sobre o assunto e com tempo disponível para os diálogos com os protagonistas. A partir da minha experiência em me preparar para a viagem com certa antecedência, pesquisando sobre Honduras, sobre o que aconteceu na época da deposição de Zelaya e sobre as fontes a quem eu deveria recorrer por lá, me permito fazer algumas considerações sobre o que possibilitaria a um repórter se abrir à complexidade daquela cobertura.

Uma das primeiras coisas importantes a fazer em um contexto como esse, ou seja, de o jornalista “cair de paraquedas” em um país desconhecido e no meio de uma crise institucional, política ou econômica, é buscar a Universidade de maior influência ali. Conversar com especialistas locais serve para abrir novas perspectivas de abordagem à medida que se compreende o contexto e as raízes históricas do acontecimento. Em uma Universidade é possível buscar professores de diversas áreas – História, Sociologia, Economia, Política, Comunicação – e de diversas linhas de pensamento. Foi por meio do meu contato com a Faculdade de Sociologia da UNAH, por exemplo, que soube da existência do *Centro de Documentación de Honduras* (CEDOH) e da riqueza de seu acervo de publicações sobre o contexto político hondurenho que tanto ajudaram esta pesquisa.

Claro que aqui estamos falando de uma moeda preciosa no mercado jornalístico que é o tempo, afinal esse tipo de imersão exige disponibilidade para agendar horários e para falar com os especialistas. Os relatos dos acadêmicos não necessariamente servem para compor uma matéria jornalística de imediato, mas contribuem para o jornalista juntar as peças do quebra-cabeça que se arma na sua frente nesse tipo de cobertura. Entrar em contato com comunicadores sociais locais também ajuda nesse sentido. Além de permitir saber quais eram as pautas no país até então e ter contato com um olhar em retrospectiva, é possível obter dicas

importantes sobre como é atuar como jornalista ali, quais os riscos, como as autoridades lidam com a imprensa e assim saber como agir de maneira segura.

Conhecer o jornalista Félix Molina (subitem 4.7), um profissional da comunicação que trabalha com temas relacionados aos direitos humanos e que já rodou o país para conhecer histórias do povo, foi uma experiência muito rica para mim. Molina é um exemplo de jornalista que trabalha afeto às realidades que aborda. Como quando cobriu as manifestações em defesa de Zelaya e contou que foi como jornalista e cidadão por não conseguir ficar alheio ao que se passava:

Não exagero ao dizer que de 28 de junho de 2009 a 27 de janeiro de 2010 teve manifestações nas ruas de Honduras todos os dias. Eu ia até elas, em distintos lugares do país, viajava sempre. (...) Diante do que vivi, me sinto provocado a trabalhar a comunicação com um maior compromisso.

Por meio de seus relatos foi possível sentir a esfera hostil aos jornalistas que buscavam confrontar as versões oficiais durante o governo de Roberto Micheletti. Mesmo depois de seis anos Molina mostra receio de falar em ambientes públicos sobre o que aconteceu na época da deposição de Zelaya.

A atuação de Molina traz o terceiro aprendizado importante a ser citado nestas considerações finais, que é o de se relacionar com a população, de se abrir para o ambiente onde está sendo feita a cobertura e buscar as histórias das pessoas comuns. Não se trata, como falado no item **5 LEITURA CRÍTICA DOS JORNAIS**, de o jornalista buscar um personagem que se encaixe na pauta escolhida, mas de se permitir entrar em contato com protagonistas que vivenciam a crise no seu dia a dia e de compartilhar as experiências relatadas de maneira sincera e afetuosa, trabalhando a interpretação e exercendo a necessária mediação dialógica. Como ensina Medina, as pautas da contemporaneidade demandam mais “as narrativas autorais densas e tensas do que promessas da verdade simples e precisa” (MEDINA, 2008, p. 28).

Fazer Jornalismo é contar histórias da contemporaneidade. A história não se faz apenas pela “grande política, a política dos grandes fatos e das grandes personalidades”, como observa Martín-Barbero (1997) em sua investigação sobre a cultura popular. A grande política é o que salta aos olhos, mas por trás dela há uma cena viva formada por pequenas histórias que se encontram e se entrelaçam, produzindo uma teia de sentidos que transcende os relatos oficiais. Essas histórias estão sendo tecidas a todo momento nas casas, nas calçadas, nas ruas,

nos trabalhos, nos transportes, nos supermercados, nas aldeias, nos assentamentos. Elas são a construção cultural de um povo e por isso é que podem contribuir tanto à atividade jornalística na lida de tornar a realidade contemporânea cognoscível por meio de uma narrativa autoral.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, J. A. G., **O intervencionismo na política externa brasileira**, Revista Nueva Sociedad especial em português, dez. 2009, ISSN: 0251-3552, www.nuso.org. Disponível em: <http://www.nuso.org/upload/articulos/p7-5_1.pdf>. Acesso em: 9 Dez. 2014.
- BARTHES, R. **Análise estrutural da narrativa**. São Paulo: Vozes, 1976.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2010.
- CANCLINI, N. G. **A produção simbólica: teoria e metodologia em sociologia da arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. 118 p.
- _____. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. 292 p.
- CALDERÓN, M. T. **Quién conoce Honduras?** In CALDERÓN, M. T.; MEJÍA, T.; ALDER, D.; JEFFREY, P. Descifrando a Honduras: cuatro puntos de vista sobre la realidad política tras el huracán Mitch, Cambridge: Hemisphere Initiatives, 2002. Disponível em: <<http://lanic.utexas.edu/project/hemisphereinitiatives/honduras.pdf>>. Acesso em: 9 Nov. 2015.
- COELHO, R. **Dias em Trujillo: um antropólogo brasileiro em Honduras**. São Paulo: Perspectiva, 2000. 268p.
- CORDEIRO, J. A. **Honduras: Desempenho económico recente**, Washington: CEPR, 2009. Disponível em: <<http://www.cepr.net/documents/publications/honduras-spanish-2009-11.pdf>>. Acesso em: 25 Out. 2015.
- DAMÁSIO, A. **O erro de Descartes**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1996.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**, Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. Tradução Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- ECO, U. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2002. 174 p.
- ELIADE, M. **Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1991.
- FURTADO, C. **A Economia Latino-Americana**. 4ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FRANZONI, J. M. **Social protection systems in Latin America and the Caribbean: Honduras**, Santiago: Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAC), 2013. Disponível em: <http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/4061/S2013117_en.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 Out. 2015.

GALEANO, E. **As Veias Abertas da América Latina**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2007.

GANEM, P. G. **O impeachment e a democracia: lições para o sistema político e a mídia**. São Paulo, 2001

GARCIA, E. A. **História de Centro América**. 7 ed. Honduras: Ediciones de Librería Molino. 1965.

LAFER, C. **A identidade internacional do Brasil e a política externa brasileira: Passado, presente e futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2001. 126 p.

LAGO, C.; BENETTI, M. (orgs.) **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008. 286 p.

LAKATOS, E. V.; MARCONI, M. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1983. 231 p.

LAZO, L. E. (org.). **Honduras: Golpe y Pluma**, Antología de poesía resistente escrita por mujeres (2009-2013), Tegucigalpa: Litografía Lopez, 2013. 184 p.

LIMA, M. R. S. (2005). **Aspiração internacional e política externa**. Revista Brasileira de Comércio Exterior, nº 82, janeiro-março.

_____.; HIRST, M. **Brazil as an intermediate state and regional power: action, choice and responsibilities**. International Affairs, vol. 82, n. I, 2006, p. 21-40.

MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MALAMUD, A. (2011) **A Leader Without Follower? The Growing Divergence Between the Regional and Global Performance of Brazilian Foreign Policy**. Latin American Politics and Society, vol. 53, n. 3, pp. 1-24.

MARINI, R. M. **O Estado de Contrainsurgencia**. In: Intervención en el debate sobre “La cuestión del fascismo en América Latina”, *Cuadernos Políticos*, n. 18, Ediciones Era, México, octubre-diciembre, 1978, pp. 21-29. Disponível em: <http://www.marini-escritos.unam.mx/055_estado_contrainsurgencia.html> Acesso em: 13 Jun. 2015.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. 360 p.

_____. **La comunicación desde la cultura: crisis de lo nacional y emergencia de lo popular**. Estudios sobre las Culturas Contemporáneas, vol. I, n. 3, 1987, pp. 45-69.

MARTINS FILHO, F. E. L. **Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo**. 3ª ed. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

MEDINA, C. **A arte de tecer o presente: Narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003. 152 p.

MEDINA, C. **Caminhos e descaminhos da reportagem-ensaio**. In MEDINA, C. e GRECO, M. (org) Caminhos do saber plural. São Paulo: ECA/USP, 1999. p. 81-97.

_____. **Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008. 118 p.

_____. **O signo da relação: Comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006. 197 p.

_____.; LEANDRO, P. R. **A arte de tecer o presente**, São Paulo, ECA-USP, 1972.

MELO, J. M.; VENTURA, M. S.; GOBBI, M. C. (orgs) **Pensamento Comunicacional Latino-Americano através da Literatura: Jorge Fernández ícone midiático**. São Paulo: Intercom/Unesco/Umesp, 2013. 438 p.

MERINO, F. G. **Políticas e instituciones para el desarrollo económico territorial: El caso de Honduras**, CEPAL – Serie Desarrollo territorial, n.o 7, 2009. Disponível em: <http://archivo.cepal.org/pdfs/2009/S0900365.pdf>. Acesso em: 9 Nov. 2015.

MEZA, V. **Diário de La Conflictividad en Honduras: 2009-2015**. Tegucigalpa: CEDOH, 2015. 532 p.

_____. et al. **Honduras: Prensa, Poder e Democracia**. Tegucigalpa: CEDOH, 2002. 301 p.

_____. **Honduras: Poderes fácticos y sistema político**. Tegucigalpa: CEDOH, 2007. 364 p.

MIRALDA, J. **Crónicas del golpe de Estado en Honduras**. Tegucigalpa: Editorial Carmina, 2009. 405 p.

MODERNELL, R. **A notícia como fábula: Realidade e ficção se confundem na mídia**. São Paulo: Summus, 2012.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 128 p.

_____. **A necessidade de um Pensamento Complexo**. In MENDES, C. (org) Representação e complexidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p. 69-77.

_____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006. 120 p.

_____. **O problema epistemológico da complexidade**. Mira-Sintra. Publicações Europa-América: 2002. 136 p.

ORLANDI, E.P. **Análise do Discurso: Princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2013. 100 p.

RESTREPO, L.C. **O direito à ternura**. Petrópolis: Vozes, 1998. 110 p.

SANDANO SANTOS, C. E. **Para além do código digital**: Discussões epistemológicas para a prática jornalística na contemporaneidade. 2014. 221 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SANTOS, B. S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. São Paulo: Graal, 1989.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2002. 335 p.

SOSA, R. **Un mundo para todos dividido**. Tegucigalpa: Litografía Lopez, 2006. 68 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Transcrição de entrevistas

Entrevista 1

Ex-ministro das Relações Exteriores do Brasil Celso Amorim

Samantha Maia Araujo: Como era a relação do Brasil com Honduras antes da retirada de Zelaya do poder?

Celso Amorim: Nós vínhamos de uma aproximação com os países da América Central antes de ficar mais nítido que Zelaya caminharia para uma posição mais próxima, digamos, da esquerda, porque inicialmente não parecia que ele era um político de esquerda. Lembro-me dele na primeira visita ao Brasil, me deu a impressão com aquele chapéu de fazendeiro que eu tivesse lidando com alguém do movimento ruralista. Mais que uma relação normal com a América Central, havia um esforço de aproximação do governo Lula com a região. Fomos convidados para participar de reunião do Sica (Sistema de Integração Centro-Americano) e houve ideia de formarmos uma união do Mercosul com o Sica. Fazia parte de uma visão geral de que o Brasil devia se relacionar também com os países da América Central, apesar de a América do Sul ser a nossa prioridade. Havia interesses em áreas como a do etanol e venda de aviões brasileiros. Mas não havia um interesse particular por Honduras. Quando Zelaya entrou para a ALBA, para mim foi até um pouco surpresa, acho que o interesse era em grande parte devido ao petróleo mais barato. Mas houve uma evolução surpreendente dele, pois ele passou a ser muito ligado à ALBA, até mais do que nós imaginávamos.

SMA: Como o senhor percebeu a mudança na postura de Zelaya?

CA: A última vez que nós estivemos em Honduras antes do golpe foi pouco tempo antes, em uma reunião em San Pedro Sula, para a revogação da exclusão de Cuba da OEA. Naquela ocasião, eu pessoalmente tive que trabalhar muito intensamente para ajudar a encontrar uma solução. Os Estados Unidos e alguns outros países estavam um pouco refratários a adotar uma linguagem mais pesada que os países da ALBA queriam usar na crítica ao que tinha se passado antes com Cuba na OEA. Ali nós sentimos que Honduras estava caminhando para ser um governo mais progressista, não parecia ter raízes muito profundas. Foi uma impressão pessoal minha, de quando eu o vi pela primeira vez, aquela

figura um pouco exótica, com aquele chapéu que ele usava sempre. Nada no discurso inicial dele me pareceu extremamente progressista ou de esquerda. Mas com o tempo eu fui vendo, acompanhando a relação dele com a Venezuela, a ALBA e outras atitudes. O momento que eu me lembro que eu pude presenciar uma posição mais forte de Zelaya foi nessa reunião sobre o Cuba. Estou falando tudo de memória. Ali não havia dúvida, ele estava junto com a Nicarágua, com a Venezuela, embora ele revelasse que não queria ficar numa situação de isolamento muito grande. Acho que a nossa aproximação, pelo menos minha com ele, não foi diferente do que tivemos com outros países da América Central. Primeiro, era uma época que coincidia com a nossa presença no Haiti e coincidia com o desejo do Mercosul de ter uma relação diversificada e buscar novos apoios. Essas aproximações com a América Central foram ocorrendo e não vou esconder que o Brasil também tinha interesse na ampliação do Conselho de Segurança da ONU, em ter um diálogo mais próximo dos países da América Central. Vários desses países chegaram a apoiar o Brasil.

SMA: As relações do Brasil com Honduras mudaram depois que Zelaya foi tirado do poder?

CA: Nós tínhamos uma preocupação muito grande com o que aconteceu, ou seja, de ver um governo eleito democraticamente derrubado por um golpe militar. Não hesitamos em trabalhar pela defesa da democracia. Uma vez, uma história que depois eu até pretendo contar com mais detalhes, me ligou o Nicolás Maduro, na época ministro das relações exteriores da Venezuela, quando o Zelaya já estava fora de Honduras. Eu estava em casa. O telefone celular sempre pegou mal em casa, eu tive que sair na chuva para atender e o Maduro passou o telefone para o Zelaya. Eles queriam um avião emprestado da Força Aérea Brasileira para levar Zelaya de volta para Honduras e eu disse que não teria condição, que não iria expor o Brasil ao risco de um conflito armado. Vai que haja uma reação armada, não íamos entrar num conflito. Apoiávamos a restauração pacífica de Zelaya e fomos muito firmes nesse ponto, mas havia limites até aonde podíamos ir.

SMA: O senhor pode falar mais sobre a atuação do Brasil naquele episódio?

CA: A situação era essa, a gente apoiava Zelaya. Houve várias ações contrárias ao golpe, na OEA, por exemplo. Lembro de uma vez quando houve uma tentativa do Zelaya entrar em Honduras por terra, eu estava com o Presidente Lula vendo pela televisão e estávamos preocupados com o que poderia acontecer. E de repente um dia Zelaya finalmente conseguiu entrar em Honduras, nem sei bem como, e pediu para ficar na embaixada brasileira.

Eu me lembro que estava em Nova York para uma reunião da Assembleia Geral, o Presidente Lula já havia voltado, eu estava numa reunião plurilateral dentro da missão do Brasil, quando eu recebo o recado de Brasília sobre o que estava acontecendo. Primeiro houve a chegada da mulher do Zelaya e depois ela disse que ele estava junto. Eu não acompanhei detalhes, tudo foi acontecendo. Nós demos permissão para ele entrar e era difícil até saber a figura jurídica certa. Ele estava abrigado na nossa embaixada, o que eu poderia dizer? Ele estava abrigado, não era asilo. E eu acho que essa posição, que aqui no Brasil foi muito contestada pela imprensa, foi legitimada de certa forma pelo próprio Conselho de Segurança da ONU quando deu uma declaração sobre a inviolabilidade das embaixadas. Eu me empenhei muito para obter essa declaração porque era uma forma de o Conselho reconhecer o risco que havia ali e dar legitimidade à nossa decisão de manter o Zelaya na embaixada. A Presidência do Conselho de Segurança era dos Estados Unidos e eu estava um pouco preocupado, mas ao final deu certo, a declaração dizia que o conselho estava preocupado com a inviolabilidade da embaixada e de todos que estavam dentro dela. Era uma forma indireta de reconhecer que havia um risco e que havia legitimidade em manter o Zelaya na embaixada. Se fechássemos as portas para Zelaya, não se sabe bem o que poderia acontecer. Ele poderia ser preso, podia ser que ele conseguisse ir para uma “Sierra maestra” deles e tentasse juntar algum movimento. Não se sabia o que podia acontecer. Por isso mantê-lo na embaixada nos parecia a maneira de propiciar um diálogo, que foi o que acabou ocorrendo, tanto que o próprio embaixador americano foi à nossa embaixada conversar. E a solução que acabou se encontrando dele sair, e aí já não sei mais, mas funcionou, e não foi simples, porque quando o Zelaya chegou, ele queria fazer da embaixada um palanque e eu tive que várias vezes lembrá-lo de que ele era nosso hóspede e que tinha que se comportar como tal. No início ele foi meio refratário, mas depois se acomodou a essa condição.

SMA: E qual a sua percepção sobre ele depois de todo o ocorrido?

CA: Para falar a verdade, a nossa relação com o Zelaya em si era uma coisa não tão importante. Era importante evitar que ocorresse o golpe, mas não conseguimos evitar de todo. A situação começou a ser recomposta com as eleições em novembro de 2009, que não foram reconhecidas por nós, mas o próprio Zelaya acabou reconhecendo para negociar sua volta para o país e não nos cabia ser mais realistas que o rei. O Brasil tinha alguma cooperação técnica com Honduras, mas é normal que tivesse acontecido, porque tínhamos com outros países. Não era relação próxima. Zelaya veio ao Brasil e esteve com o Presidente Lula depois do golpe, e depois o encontrei numa reunião na Bolívia.

SMA: E por que Zelaya procurou pelo Brasil e não por outros países aliados?

CA: Zelaya não era tolo, ele sabia que ele teria muito mais proteção na embaixada do Brasil, que o governo militar ia pensar uma ou duas vezes antes de fazer qualquer coisa, do que se ele fosse a uma embaixada de um país mais radical. Acho que ele também não queria se pintar como total radical, eu sempre o via meio influenciado pelo Daniel Ortega, ele preferia um diálogo mais amplo. O Brasil era um país forte que o abrigaria e ao mesmo tempo estaria protegido de ações mais radicais que outros países poderia sofrer. E provavelmente outros países já tinham até rompido relações, retirado embaixadores de Honduras.

SMA: Como foi comunicar a política adotada em relação à Honduras, como naquele momento de crise?

CA: Esse aspecto que você está sinalizando não era uma preocupação minha, porque os jornais noticiavam muito, de qualquer maneira. Em geral de maneira crítica sobre o que o Brasil estava fazendo, onde estava se metendo, quem estava apoiando. E o conhecimento superficial não impede os jornais de falarem. A nossa preocupação foi sempre explicar a questão do ponto de vista político e jurídico. Você tinha um Presidente deposto, uma situação peculiar, se ele tivesse sido deposto e entrado imediatamente na embaixada do Brasil, ninguém duvidaria do ponto de vista legal de que era um asilo. Mas como ele tinha saído e voltado, era uma situação diferente da habitual. Nós também não queríamos que a embaixada virasse um palanque, esse foi um esforço no diálogo, várias vezes, para fazer Zelaya baixar a bola. Não podíamos impedir que houvesse manifestações, mas era preciso manter dentro de certas proporções. Abrigamos Zelaya para facilitar o diálogo e encontrar uma solução pacífica em relação ao golpe que condenávamos. Durante muito tempo nossa posição foi muito similar à dos Estados Unidos e à da OEA. Depois de determinado tempo, os Estados Unidos, por pressão de alguns senadores da Flórida que tinham relações pessoais com outros membros da burguesia hondurenha, foram se tornando mais compreensivos em relação ao golpe e isso nos afastou um pouco em termos de posicionamento. Mas mesmo assim mantivemos o diálogo. Claro que achávamos que o certo era ele ser restituído, mas não íamos forçar, se ele aceitou um acordo. Nosso primeiro objetivo era buscar uma saída pacífica, pois havia ameaça de prisão caso ele saísse da embaixada. A nossa preocupação era ver se tinha uma solução tranquila. Depois que ele saiu da embaixada, continuamos a ter um diálogo com ele, mas aos poucos ele próprio foi mudando a postura, aceitou o resultado da eleição, que nós não reconhecemos. Encontrei Zelaya em outras situações, mas as coisas foram se dando

naturalmente, e nem me lembro quando o Zelaya voltou para Honduras, isso deixou de ser um problema para nós.

SMA: Por que o senhor acha que a imprensa foi crítica à posição do Brasil no caso de Honduras?

CA: Porque eu acho que ela simplificava. Para a imprensa, nós estávamos apoiando um esquerdista, permitindo que ele usasse a embaixada do Brasil como palanque e nos metendo em um problema interno hondurenho. O que não era bem o caso, porque aquele era um Presidente constitucionalmente eleito que não tinha nem sequer uma pretensa ação de impeachment. Ele foi tirado de lá com um fuzil na cabeça. Depois fiquei sabendo que ele passou por uma base americana em San Pedro Sula, me parece, para reabastecer o avião. Aí houve o envolvimento do Presidente costa-riquenho, Oscar Arias, que foi Nobel da Paz, nas negociações. E a imprensa via isso de maneira simplificada. Como ela já havia criado um estereótipo de que a nossa política externa era ideológica e antiamericana, tudo que fazíamos era visto como que para irritar os Estados Unidos. E não fazíamos para isso, aliás eu conversei por telefone várias vezes com a secretaria de Estado americana sobre esse tema e parecia que estávamos em vários momentos concordando com o que deveria acontecer. Eu me lembro que numa reunião para a qual o Brasil foi convidado sobre o Iraque, nem me lembro mais nem o que eu disse, não tinha nada a ver com os Estados Unidos, mas saiu na mídia que eu disse algo para irritar os Estados Unidos. Essa era a postura da imprensa para várias situações relacionadas à política externa brasileira, também na questão de Honduras. Não vou dizer que não deixava de ser uma situação incômoda a que o Brasil viveu ali. Apesar de eu não ter a menor dúvida do que devia ser feito, obviamente Zelaya não era um hóspede fácil e havia uma ação do governo golpista. A situação só se resolveu depois da eleição, legítima ou não, mas o voto cria uma capa de aceitação. E até o Presidente que se seguiu procurou ter uma posição mais suave ao tema. Hoje nem me lembro mais os nomes dos personagens todos.

SMA: O que os jornalistas mais te perguntavam?

CA: Eu tinha tantos problemas naquela época, tantas questões complexas para resolver ligadas a comércio, à declaração de Teerã, que é mais ou menos concomitante, que para falar a verdade não era para mim um problema responder aos jornalistas. Eu procurava sempre falar, emitir notas, acho que o Itamaraty nunca emitiu tanta nota antes do nosso governo, procurávamos ter uma política de intensa comunicação com a imprensa. Tem um caso que eu me lembro, de quando estive aqui, em 2003, o Robert Zoellick para negociar a

Alca. Disseram que ia ser o grande choque do Brasil com os Estados Unidos, e eu e o Robert Zoellick concordamos com um certo trilho para negociar. De certa maneira aquela cordialidade entre nós estava desmentindo a previsão dada pela imprensa. Saímos para dar entrevista e uma jornalista literalmente interpelou o Zoellick por não ser mais duro com o Brasil. Essa obsessão da mídia sobre se você estava agradando ou não os Estados Unidos estava sempre presente. Isso acontecia também no caso do Zelaya, mas não me lembro de uma situação constrangedora com a mídia.

SMA: E como o senhor avalia a cobertura dos jornais brasileiros em relação ao Zelaya?

CA: O Zelaya não fez as coisas também de maneira perfeita, mas, obviamente, não se pode tirar um homem da Presidência daquela forma. Uma coisa brutal, sequestrado. Obviamente um golpe militar que não podia ser aceito. Aí os jornais procuravam explorar que ele era populista, e isso eu acho que também fazia parte de um substrato do pensamento de certos setores da imprensa. Mas a mim não era isso que perguntavam, era mais sobre essa questão legal do asilo ou a questão dos Estados Unidos. Quando eu falava sobre o assunto, procurava esclarecer a posição do Brasil e chamava atenção para o diálogo que estava acontecendo. A embaixada do Brasil virou o palco do diálogo, senão não teria onde ocorrer. Era a única maneira de encontrar uma solução, uma situação que não deixava de ser bizarra, porque eu acho que ele esperava um levante popular que também não ocorreu. Uma ou duas vezes ele fez um discurso meio inflamado da janela e depois eu falei que assim não dava, pois era uma embaixada, ele era nosso hóspede, e aos pouquinhos ele foi compreendendo isso. Havia o argumento na mídia de que estávamos politizando, mas era no melhor sentido possível, porque a gente estava permitindo que houvesse um diálogo entre as facções.

SMA: O senhor acha que o seu trabalho foi bem traduzido na imprensa?

CA: Não posso dizer isso nem no episódio com o Zelaya, nem de qualquer outra situação em que estivemos envolvidos com essa natureza tensa, como foi o caso da declaração de Teerã, no caso da Alca, de algumas coisas com a Venezuela e com Cuba. A mídia sempre teve uma postura mais conservadora. Eu algum dia vou escrever sobre isso também, mas não acho que a posição do Brasil foi bem entendida. Tinha um limite até onde a gente podia ir e o assunto foi morrendo depois. Eu nem me lembro as datas mais, o nível de tensão em relação à presença dele na embaixada foi diminuindo porque depois os próprios emissários do governo iam até a embaixada conversar, ou seja, eles estavam aceitando o fato dele estar ali. Eu não

me lembro de nenhum comentário positivo na imprensa a respeito e o assunto foi perdendo munção para os ataques. Mesmo depois, quando se referiam na imprensa sobre o caso, sempre era de maneira meio negativa, como se dissessem, “ah, está vendo? O Brasil fez aquele absurdo de interferir”. Eu dava importância para o que era publicado, porque era a maneira de você se comunicar com o público, que outra forma tem? Mas também não podia me atormentar, porque a imprensa tinha com uma visão diferente, senão eu não faria nada do que eu fiz. A imprensa foi contra a nossa aproximação com os árabes, contra a declaração de Teerã, medianamente contra nossas posições relativas à OMC-Cancun, foi contra nossa atitude em relação à Alca.

SMA: Para o senhor, qual foi o momento mais importante durante a crise de Honduras e como ele foi retratado na mídia?

CA: Houve ameaça à nossa embaixada, e por isso que eu fui atrás da declaração do Conselho de Segurança sobre a inviolabilidade das embaixadas. Isso foi o momento que eu fiquei mais preocupado, porque eu não tinha certeza de como os Estados Unidos, que estavam na Presidência do Conselho, iriam se portar. Se a declaração não saísse, ficaríamos numa situação frágil. E os militares lá poderiam fazer uma loucura qualquer. Eu me lembro de estar na ONU quando a Susan Rice deu a declaração à imprensa, perfeitamente satisfatória como que nós esperávamos. Isso repercutiu muito pouco na mídia. E esse foi o momento para mim mais importante do ponto de vista internacional, porque nos deu cobertura do órgão das Nações Unidas em relação à nossa atitude. Em relação à mídia hondurenha, não me lembro de dar entrevista. A gente sabia que tudo o que era publicado na imprensa hondurenha era contra o Zelaya, obviamente. E acho que houve críticas ao Brasil também. A minha preocupação maior era garantir a segurança. E não foi simples, tínhamos que decidir detalhes de como agir na embaixada, como a troca de correspondências. Trocar correspondências com o governo é uma forma de reconhecê-lo, e não podíamos. Na época estávamos sem embaixador, tínhamos um encarregado de negócios, e com quem ele falava? Houve problemas como corte de água da embaixada, coisas desse tipo, e ele precisava ter contatos, mas eram contatos mais baixo escalão, que não permitissem caracterização como reconhecimento do governo.

SMA: A sua percepção sobre Honduras mudou depois dessa experiência?

CA: Honduras era parte, para nós, daquele todo da América Central, um país menor relativamente na região, aquilo para mim era parte de uma estratégia para a América Central, não tinha uma estratégia para Honduras. A crise foi saindo do nosso radar. Eu tinha muitos

outros problemas para lidar. Estava com o negócio de Teerã, busca de diálogo entre Síria e Israel, expectativas sobre a rodada da OMC, os eternos problemas do Mercosul, problemas entre Colômbia e Venezuela, o terremoto no Haiti. Então sobre Zelaya, quando ele saiu da embaixada e do país, e não estava mais interessado em voltar, o assunto morreu para nós, a não ser no caso de apoiar a sua anistia, coisas bem genéricas. O que posso dizer, e olhando muito de longe, é que o que aconteceu confirma a minha impressão de que a atitude dele não tinha raízes muito profundas. Não posso dizer que ele não apoiasse um campesinato de maneira mais forte, talvez ele o fizesse, mas não era algo de grande apelo. A base popular dele era mais frágil do que parecia, tanto que não houve nada de muito forte nem depois da eleição. Nunca mais tive que lidar com Honduras. Eu me lembro de ter visto o Zelaya em um coquetel depois, não sabia se devia cumprimentar ou não, acabei deixando passar. Aquilo não era mais um tema para nós. Nós tínhamos uma política válida para todos os países independentemente do governo, e nosso foco maior na América Central era Guatemala e El Salvador, que eram os países que mais solicitavam. A primeira vez que eu fui para Honduras, me gravou a imagem do avião descendo entre os morros. Aquilo chama atenção realmente, porque é um lugar complicado para o avião descer.

SMA: O senhor tinha conhecimento da crise política em Honduras antes de acontecer a derrubada de Zelaya?

CA: Eu não tinha uma percepção sobre uma tensão política lá, como por exemplo, se olhar a situação da Venezuela, você percebe que há uma tensão social e política, mas em relação a Honduras não havia essa percepção. Eu acho que a insistência de Zelaya no plebiscito revelou que já havia uma cisão mais forte dentro da sociedade, e eu acho, pelo que me recordo, que o aspecto principal da política progressista do governo dele era na área rural. Sobretudo movimentos como os do Sem-Terra. É uma realidade muito distante do Brasil, ninguém queria saber, ficou só essa questão de que era um país ligado à ALBA e um político populista. Na reunião da OEA em San Pedro Sula, meses antes do golpe, não percebi nada de errado, não havia esse clima. A crise cresceu de maneira muito rápida por conta da insistência na reforma constitucional. Não estou defendendo nem criticando Zelaya, mas foi esse fato que catalisou a oposição. Talvez as pessoas estivessem na esperança de ele terminar primeiro o mandato e depois mudar. Eu tenho impressão que inicialmente ele queria a reeleição para ele, mas havia outros aspectos da reforma. Talvez houvesse medo da Assembleia Constituinte no país. Aqui no Brasil isso sempre assusta os interesses estabelecidos. A reeleição não é necessariamente uma coisa antidemocrática, pode-se discutir se é bom ou ruim. O que eu

sinto, na América Central, é que mandatos de quatro anos sem reeleição são muito curtos para se fazer qualquer coisa. Eu não sei dizer que outros aspectos estavam implícitos na reforma que Zelaya defendia. Hoje nem sei qual a situação política de Honduras, não vejo as notícias. É preciso ter um Zelaya lá para chamar atenção. É um país pequeno, seguramente deve ter programas relativos ao etanol com o Brasil. Eu acho que o Zelaya tinha políticas ligadas à reforma agrária, tinha mexido em interesses locais, disso eu não tenho a menor dúvida, mas eu não tenho um levantamento de cabeça sobre o que causou a crise lá.

SMA: O senhor acha que o desconhecimento do Brasil sobre Honduras influenciou a cobertura da mídia?

CA: A posição da imprensa em geral era a de que Zelaya era um líder populista aliado a Chávez, que queria forçar uma reforma constituinte de uma forma que talvez não fosse correta, e de que o Brasil havia se metido em uma armadilha sobre um assunto do qual não tinha nada a ver. O resto sobre Honduras não interessava. Eu acho que os problemas de fundo não foram tratados pela mídia brasileira. Sobre as atitudes do Brasil, a leitura da mídia é sempre crítica. Pelo menos era na época. Tínhamos políticas muito ativas na área externa. Estávamos sempre em atividade, mexendo com várias coisas delicadas, embora também conversando muito com os Estados Unidos. O Presidente George W. Bush esteve aqui duas vezes, o Lula esteve em um encontro lá em Camp David, ficou várias horas, uma visita longa de trabalho. Eu mesmo não tinha a sensação de que estávamos hostilizando os Estados Unidos nem os americanos. Aí entra o meu julgamento, de que uma grande parte da mídia não gosta de atitudes que marquem uma maior independência do Brasil. Claro que se o Brasil tiver uma atitude de subserviência absoluta aos Estados Unidos, ela também não vai gostar. Tem que ser uma coisa discreta. E eu várias vezes percebia isso, que a imprensa americana é mais isenta do que a brasileira para falar sobre as relações entre Brasil e Estados Unidos. Eu acho que existe uma percepção muito antiga, arraigada em parte da elite brasileira, afinal das contas a mídia é parte da elite do poder, de que o Brasil tem mais a ganhar sendo um parceiro privilegiado da grande potência do que tendo uma postura independente. Eu sempre me perguntei porque a mídia brasileira frequentemente tem uma atitude mais conservadora até que outros setores da elite, e eu acho que é porque eles são os intérpretes. Não quero generalizar, porque nunca é todo mundo, mas a mídia é intérprete da conveniência dessa situação de dependência com os Estados Unidos. Eu acho isso, e acho que o governo Lula bateu muito forte em uma direção diferente. Quando fizemos a conferência com os países árabes, o tempo todo os jornalistas vinham me perguntar se tínhamos consultado os Estados

Unidos, se os Estados Unidos queriam ser observadores da conferência. Eu respondia que a conferência seria pública e televisionada, era só ligar a televisão que eles acompanhavam. É uma coisa assim complicada. Todo o esforço de diversificação das relações que fosse além de Europa e Japão não era bem visto pela mídia.

Entrevista 2

Eugenio Sosa, professor de Sociologia da UNAH

Samantha Maia Araujo: O senhor poderia falar um pouco sobre como foi a cobertura da imprensa hondurenha sobre o episódio da deposição de Zelaya?

Eugenio Sosa: A minha tese é a de que os meio de comunicação construíram o golpe. Zelaya sempre teve uma má relação com a imprensa. Desde o começo foi criticado na mídia por não ter capacidade de governar, por não ter formação universitária. Zelaya assumiu a Presidência em 2006 com uma postura favorável a mudar as relações com os grupos de poder, inclusive com a imprensa, e com os interesses estadunidenses. Isso que poderia ser normal em outros países, em Honduras era uma tremenda revolução. Honduras é o país mais “gringueiro” da América Latina. As elites hondurenhas construíram uma relação com os Estados Unidos histórica muito forte.

SMA: E como Zelaya conseguiu ganhar as eleições nesse contexto?

ES: Zelaya tinha toda uma carreira política tradicional. É filho de ruralistas, vinha da elite política, já tinha sido ministro e deputado. Mas algo se passou com ele que o levou para outro rumo. Ele vinha de um partido tradicional, dos mais tradicionais, e decide dar um rumo diferente. Começou a se mostrar como de esquerda e a tomar medidas consideradas populistas. Quando eu digo que construíram um golpe, é que, meses antes do golpe, os meios de comunicação de alguma maneira incitaram o golpe. Diziam que Zelaya estava fora da lei, fora da Constituição, que havia que parar ele. Claro, sem falar dos mais poderosos que são as tevês, que pediam que as forças armadas atuassem. “Têm que parar esse louco!” Claro, isso você vai encontrar nas entrelinhas o que eles estavam dizendo.

SMA: E como ele era visto pela população?

ES: Havia bastante aprovação da população às políticas de Zelaya, porque ele começou a fazer o que se chamou de Assembleia do Poder Cidadão. Antes disso, Zelaya havia sido ministro de uma coisa que se chama Fundo Hondurenho de Investimento Social. São os fundos sociais paliativos que criaram na época neoliberal, antes do programa de ajuste, para ajudar os pobres. E ele é um político muito tradicional que se ufana de conhecer todas as aldeias deste país. Então ele teve muito contato com o povo. E sendo governo, também ia onde estava o povo. Ele foi trabalhando mais essa personalidade carismática com os pobres e foi fazendo coisas que a elite se incomodava muito. Chega um líder indígena de muitos anos, muito conhecido aqui e diz: “Presidente, eu não acredito no sistema político, porque você me prometeu um burro e não meu deu”. E Zelaya respondeu: “Dê esse burro a ele, que um helicóptero pegue o burro e o leve até a montanha”. Em outro momento, os gringos ameaçaram parar de comprar melão de Honduras porque tinha salmonela, e Zelaya disse: Os gringos estão loucos, são mentirosos, vou mostrar”. E comeu um monte de melão. Isso encanta o povo. Mas também incomoda muito a elite. A população também aprovava o projeto de quarta urna, que foi detonador.

SMA: Por que esse projeto gerou tantos problemas?

ES: Em Honduras há três urnas nas eleições: uma para o voto para Presidente, outra para Deputados e outra para Prefeitos. E Zelaya propôs colocar uma quarta urna em novembro de 2009 para se votar sim ou não a uma Assembleia Constituinte. Esse era o projeto. Mas aí começaram temores de que ele queria permanecer na Presidência, de que a quarta urna era uma artimanha para isso, era uma manipulação das eleições. Mas lembre-se que Zelaya havia dado outro passo que incomodou muito aqui também, que foi aderir à ALBA. Quando assinou a adesão à ALBA, em agosto de 2008, ele traz o Presidente Chávez, o cônsul cubano e Evo Morales à casa presidencial. Algo totalmente inédito! Tem que entender o que é Honduras e o que foi Honduras para entender isso. Honduras sempre foi um país muito *gringueiro*. Começa a ser um país com as companhias bananeiras americanas, e é preciso recordar do papel de Honduras nos anos 1980 como base dos Estados Unidos para atacar El Salvador e a Nicarágua. Receber os chefes de Estado da ALBA era algo muito de esquerda aqui. Se você me perguntar se Zelaya é um político de esquerda, eu respondo que depende do parâmetro. A ALBA era uma iniciativa muito de esquerda para a sociedade hondurenha, e isso tem a ver com a nossa cultura política e com a forma que nossas elites foram formadas. Estamos falando de um país que cresceu sob uma influência muito grande dos Estados Unidos.

SMA: Zelaya se indispunha com os Estados Unidos de alguma forma?

ES: Zelaya conta uma história quando está entre amigos de que, quando ele chegou à Presidência, mandou chamar o embaixador estadunidense para almoçar com ele e o embaixador lhe entregou um envelope com a lista de todos os ministérios e três ou quatro nomes entre os quais que ele deveria escolher para ministros. Isso não acontece no Brasil, né? Nem na Argentina, nem em outro país da América do Sul, nem na Colômbia, que é um país mais próximo aos Estados Unidos. Há que se entender a que se atreveram os gringos com a nossa política. É terrível. Zelaya não fez caso, pois já estava metido na sua política de tentar governar dentro de sua lógica. Muitas pessoas gostavam de Zelaya porque ele era um político nacionalista, que inspirava um sentimento de orgulho nacional na população, mas isso não chegava nem perto de ser um posicionamento anti-imperialista. Eu acredito que se sentir orgulhoso do país para uma boa parte dos cidadãos é muito menos que ter uma consciência anti-imperialista. É dizer: há um pouquinho de respeito, é possível ter um pouco de dignidade. Mas nos periódicos o que diziam era que Zelaya estava sendo irresponsável e que Honduras não podia viver sem os Estados Unidos, que as más relações com os Estados Unidos iam destruir o nosso país, que iam expulsar todos os nossos imigrantes.

SMA: Mas mesmo com uma postura dos meios contrária a ele, Zelaya conseguiu ganhar as eleições.

ES: Por uma razão, Zelaya é muito hábil. Ele vem de um partido muito grande, que era o maior de Honduras, o Partido Liberal. Hoje não mais, porque se dividiu e se perdeu. Mas naquela época era o partido que sempre governava oito anos seguidos, e logo depois viria o opositor, que hoje é governo, o Partido Nacional. O Liberal sempre disse que era o partido das grandes majorias, um partido de direita tradicional, um pouco mais plural que o outro, onde podia entrar gente de todo tipo. Sempre foi o partido que havia estado contra os golpes, que estava contra as ditaduras militares, um partido de direita que tinha uma ponta de centro-esquerda. Então Zelaya ganha pactuando distribuição de ministérios com as diferentes alas de seu partido e ao final, antes das eleições, todo o seu partido decide apoiá-lo, incluindo os oligarcas. Em 2006 ele governou de maneira relativamente tranquila com as pessoas que foram sugeridas, mas a partir de 2007 começou a se distanciar de seu próprio partido. Quem deu o golpe em Zelaya foi seu próprio partido. Aparecem uns paradoxos também que explicam esse jogo político. Roberto Micheletti queria ser Presidente e ele havia aprovado a ALBA no Congresso porque Zelaya lhe prometeu que o apoiaria para ser candidato a

Presidente nas próximas eleições. Mas depois Micheletti se dá conta de que Zelaya o está roubando politicamente a partir de várias coisas que não estavam de acordo, como a quarta urna.

SMA: Fale um pouco mais sobre a forma com que Zelaya era retratado na mídia...

ES: Os meios de comunicação fazem todo um ataque pessoal às suas políticas, como acusá-lo de tentar se reeleger, de não respeitar a lei. Diziam que ele era de esquerda e que Honduras não era um aliado de Venezuela, e sim dos Estados Unidos. Os jornais seguiam essa linha, sobretudo o *Heraldo* e *La Tribuna*. Depois do golpe surgiu o que chamamos de um contramovimento, a União Cívica Democrática, que se mobilizou no primeiro mês, depois não mais. Esse movimento teve muito destaque na mídia, porque era a contrapartida à opinião internacional. Enquanto o mundo condenava o ocorrido, que era um golpe, era preciso lançar uma ideia de legitimidade, de que ao menos havia um setor do povo que queria que Zelaya saísse. E o movimento servia para isso, para defender a Constituição, já que o que primeiro se destacou no debate foi saber se o que houve foi uma legítima sucessão ou um golpe. Eu não tenho dúvida de que foi golpe, mas algo que incomodou muito os hondurenhos foi o Presidente da Costa Rica dizer que na nossa Constituição não se encontrava nenhum mecanismo sobre como substituir um Presidente. Não havia a figura jurídica do impeachment. Os juristas não encontraram e viram que havia uma ruptura constitucional, além da ordem da captura, que ocorreu durante a noite. Quem tirou Zelaya do país foram os militares, não o apresentaram à Justiça hondurenha, o levaram para outro país. É muito difícil sustentar que não foi um golpe.

SMA: Qual a ideia que preponderou sobre isso depois?

ES: A saída que o informe da Comissão da Verdade deu foi declarar o episódio como um golpe ao executivo. Não quiseram chamar de golpe de Estado nem de golpe militar, porque disseram que os demais poderes continuaram funcionando. Quiseram dizer que não era o golpe clássico do século XX, em que os militares cancelam os demais poderes e os assumem. Obviamente ocorreu outro tipo aqui. Zelaya estava sozinho. Aqui se diz que ele estava de pijamas, é uma expressão. Eu diria que ele não estava de pijamas, ele estava pelado! Não havia nada de poder que o amparasse. Nem as Forças Armadas, nem o Congresso. Dos 128 deputados, só tinha 17 a seu favor. A Corte não estava com ele nem os partidos. O que ele tinha era só organizações populares e cidadãos. A pergunta que as pessoas fazem dentro da lógica política é como esse Presidente, estando sozinho, se meteu em tocar um projeto como a

quarta urna? A lógica elementar da política diz que quando não se tem uma correlação de forças, não dá para fazer isso.

SMA: Como entender essa postura de Zelaya? O que ele queria?

ES: Uma vez eu fui a uma reunião com Zelaya e ele disse queria entrar para a história de Honduras, que não queria ser um Presidente a mais para colocarem um retrato. Eu escutei isso. Isso queria dizer que ele queria deixar provas de que estava com o povo e passar isso para a história. O que aconteceu com ele vai ser muito lembrado. E agora ele pode ser Presidente de novo, porque a reeleição em Honduras foi aprovada. Xiomara, sua mulher, tentou ser Presidente e teve muitos votos. Cerca de 50% a 60% dos hondurenhos estão convencidos de que houve fraude nas eleições de 2013 e de que, na verdade, ela ganhou. O Partido Libre e outros partidos que surgiram do nada nunca reconheceram o atual Presidente. Por isso esse Presidente tem pouca legitimidade, mas o seu partido, o Nacional, é muito grande, forte e disciplinado, desses partidos que nasceram no início do século XX e que têm muita militância, muitos simpatizantes. Mesmo que tenha problema, não mostra, é um partido fechado.

SMA: Zelaya conseguiu voltar com mais força para o cenário político?

ES: O grande êxito de Zelaya e do movimento de resistência é de que nada havia conseguido transformar o bipartidarismo antes. Nenhuma força nova conseguia se lançar. E depois do golpe, muda essa relação. Provavelmente essa seja a mudança mais importante depois do golpe. Agora precisamos ver como se constituem essas novas forças, porque por enquanto só houve uma eleição. Além dos dois partidos tradicionais, emergiram dois partidos muito fortes, o de Zelaya, que é o Libre, e o de um político que veio do nada, que era um apresentador de esportes e de concursos de beleza e que surgiu como um produto de todas essas acomodações políticas, o Partido Anticorrupção (PAC). Este partido tem muita articulação com um novo movimento dos indignados, um ciclo de mobilizações anticorrupção muito forte. Estou falando de 50 mil pessoas na rua, chamada de mobilização das tochas. Esse partido anticorrupção tem muita gente envolvida no movimento e provavelmente vai crescer.

SMA: O senhor poderia falar um pouco mais sobre esses novos movimentos?

ES: Em Honduras está se passando algo impressionante e muito importante. As mobilizações começaram em maio e em julho foi a mais forte. As pessoas saem nas ruas todas as sextas com tochas nas mãos contra um *default* milionário contra o seguro social, um caso

de corrupção muito grande, parecido com o que aconteceu na Guatemala. É um movimento mais cidadão, de centro, de jovens e de setores médios. Essas pessoas odeiam o atual Presidente, Juan Orlando Hernandez. Uma boa parte simpatiza com Zelaya, outra parte com o PAC. O Partido Liberal, que era o maior, ficou pequeno, menor que o Libre, nas eleições de 2013. Nas manifestações das tochas não permitem que os líderes dos partidos levem bandeiras. Um pouco da ideia é levar a luta anticorrupção, é uma nova onda. E fazer oposição ao Presidente.

SMA: Qual a ideia que os hondurenhos têm do Brasil?

ES: A ideia de que o Brasil é tão grande que não cabe na cabeça! Nos setores que apoiam Zelaya e das pessoas que estavam contra o golpe, há muita simpatia em relação a Lula, ao PT. E depois com o lance da embaixada, essa afetividade cresceu, pois Zelaya foi recebido. As elites hondurenhas veem o Brasil como um país com que se pode fazer negócios interessantes. Os setores populares mais progressistas têm admiração por Lula, por Dilma e por todos que podem ser de esquerda na América do Sul. Para os mais radicais, o Brasil é muito condescendente, deveria ter sido mais pró-socialista. Não há uma visão homogênea. Mas as relações de Honduras com o Brasil sempre foram mais distantes. Para a América Central, o que interessa mais é o México e os Estados Unidos. O Sul pouco interessa, no máximo a Venezuela, historicamente.

Entrevista 3

Félix Molina, jornalista

Samantha Maia Araujo: Conte um pouco sobre a sua carreira de jornalista...

Félix Molina: Eu estive mais orientado à produção de rádio durante a minha vida profissional, mas também trabalhei com comunicação institucional e em televisão antes do ano 2000. Entre final dos anos 1980 até 2000, trabalhei com direitos humanos, comunicação institucional, em programas contra exploração sexual, em formação política para diálogos cidadãos. Houve em Honduras, sobretudo entre 1990 e 2000, uma dinâmica reformista, de reforma do sistema judicial, de criação do Ministério Público, como forma de fortalecer um comissionado nacional de direitos humanos, criar uma carreira judicial, substituir o sistema inquisidor de Justiça pelo código de procedimentos penais. Eliminar a polícia secreta,

fortalecer a polícia civil, todo esse processo eu vivi dentro dos meios de comunicação, acompanhando iniciativas cidadãs. Fiz parte de um grupo que se chamou *Fórum Ciudadano*, e nele trabalhamos vários temas, incluindo o da imprensa. Eu faço parte de uma equipe de investigadores associados ao *Centro de Documentación de Honduras* (CEDOH) e participei do do livro *Poderes Fácticos en Honduras*, que fala dos grupos que não têm um poder legal, como as igrejas, os grupos empresariais, os narcotraficantes e os meios de comunicação. O meu trabalho foi buscar documentos em bibliotecas, hemerotecas ou com gente que os tenha, participei também fazendo entrevistas de profundidade com pessoas, políticos, ex-presidentes. Também já trabalhei para a ONU e para a Organização Internacional do Trabalho (OIT).

SMA: Onde você trabalhava quando Zelaya foi tirado do poder?

FM: Quando aconteceu o golpe, eu trabalhava com os meios da Arquidiocese, da Igreja Católica. Dirigia o semanário impresso que se chama *Fides*, e dirigia o canal católico que chama *Canal de la Solidariedad* (Canal 48). Eu era participante desde jovem das agrupações eclesiais de base e por isso me confiaram a direção dos meios de comunicação católicos. Quando veio o golpe de Estado, eu pedi demissão por conta do posicionamento que a Igreja assumiu a favor do golpe. A Igreja usou sua estrutura de mídia para se somar à campanha de medo e de desqualificação da resistência ao golpe que outros veículos faziam. Quando Zelaya tentou voltar para Honduras de avião, o cardeal Oscar André Rodríguez declarou que isso dividiria mais a sociedade hondurenha e causaria um banho de sangue. Era um discurso a favor dos golpistas.

SMA: Como foi trabalhar como jornalista naquela época?

FM: O golpe foi uma construção. Em meados de 2008, já se sabia que Honduras ia para uma zona de quebra institucional. A assinatura do governo com a ALBA, de um acordo para a distribuição do petróleo da Petrocaribe, o aumento do salário mínimo, a eliminação de subsídios aos industriais. A indústria tinha muitas maneiras de evitar os pagamentos de energia, era terrível, e o governo de Zelaya expôs a situação, eliminou esses subsídios e ainda cobrou o que deviam. Tudo isso tensionou a elite política em relação ao governo, que se viu debilitado e abandonado pelo próprio partido, o Liberal. Então Zelaya voltou-se aos movimentos sociais e aos meios de comunicação independentes para enfrentar o desequilíbrio de forças que se produziu no país com todos os meios corporativos tradicionais contra ele. Foi mais ou menos aí que eu comecei a me interessar pelo que estava passando e passei a me aproximar das reuniões. Progressivamente fui abandonando o que vinha fazendo em trabalhos institucionais

e me vinculei à *Rádio Progreso*, ainda em 2008. Eu virei correspondente da rádio aqui em Tegucigalpa, uma espécie de sub-responsável por cobrir a crise. Eu fazia entrevistas de profundidade, por exemplo, com a socióloga Leticia Salomón, que era uma das minhas entrevistadas prediletas, toda semana, para fazer uma leitura crítica da crise. Era interessante, porque permitia acompanhar como a crise estava sendo gerada no fim de 2008 e começo de 2009.

SMA: Que sentimentos essa experiência lhe trouxe?

FM: O golpe colocou muita gente na rua, eu senti o dever de ir como cidadão e como jornalista. Eu ia inquieto, molesto, preocupado como cidadão, porque se supunha que os golpes de Estado haviam ficado enterrados na história. O último havia sido há mais de 35 anos. A derrubada de Zelaya deu uma sacudida em todos. Eu comecei a olhar toda a riqueza que havia na rua, como grafites, cantos, poesias, discursos políticos. Existia ali uma superenergia cidadã que reclamava e trazia propostas. No meio do grito das pessoas, havia propostas também, havia uma espécie de politização natural entre as pessoas que estavam na rua. O golpe representava a caída da venda dos olhos dessas pessoas e a queda das máscaras de quem haviam acreditado, incluindo políticos, empresários, líderes religiosos e meios de comunicação. As pessoas inventaram uma canção muito forte na rua depois de 2009, em relação aos meios de comunicação, que dizia: “*No somos cinco, no somos cien! Prensa vendida, nos conte bien!*”. Cantavam em coro superpotente. A população em resistência não permitia a entrada de muitos meios tracionais na cobertura, porque era sempre uma cobertura negativa. Era claro que havia uma premissa na narrativa midiática tradicional de destacar os erros dos resistentes. Se os manifestantes queimavam algo, eles eram criticados por prejudicarem o meio ambiente; se faziam grafite, eram criticados por sujar a cidade; se batiam em um carro; eram atacados por vandalismo; se colocavam fogo nas ruas, eram chamados de terroristas.

SMA: E os outros manifestantes que eram a favor do novo governo e contra Zelaya?

FM: Eu falo das manifestações onde eu estive e sei das que eu não pude estar, que era a que chamávamos de “as marchas das camisetas brancas” ou marcha dos brancos, porque vestiam camisetas brancas pela paz. Estes cantavam contra o Presidente Zelaya e tinham uma grande cobertura ao vivo da grande mídia. Era um desequilíbrio claríssimo na cobertura comparado às demais manifestações. Isso produziu em Honduras um fenômeno que eu comparo a duas bolhas. Em uma delas estavam as pessoas que aceitaram que havia uma

sucessão presidencial, que defendiam que o país não havia deixado de funcionar e que os poderes constituídos não deixaram de atuar: a Corte, o Congresso, o Poder Executivo. Essa considerava que o país tinha voltado logo à normalidade, ia à missa aos domingos ou aos cultos evangélicos aos sábados, ia aos supermercados, ao estádio ver a seleção de futebol. A outra bolha, por sua vez, pedia a restituição de Zelaya ao poder, reclamava por uma Assembleia Constituinte e denunciava a ausência do Estado de direito. Essa bolha não consumia os mesmos meios de comunicação da outra, para ela o Presidente foi retirado por uma figura jurídica inexistente. O impeachment não é previsto pela Constituição hondurenha. São duas bolhas que de algum modo se mantêm até os nossos dias, como dois países em um. Acredito que a resistência representa 70% dos hondurenhos, enquanto os “camisas brancas” são 30%. O atual Presidente, do Partido Nacional, venceu com apenas 37% dos votos em uma eleição fraudada.

SMA: E por que a preponderância numérica da resistência não se traduziu em vitória política para o Zelaya?

FM: Ocorre um fenômeno em que a minoria se comporta como maioria e a maioria, por sua vez, não se assume como tal. Ainda hoje. É um fenômeno estranho que me chama a atenção. Para mim foi emocionante esse período, compreender as relações de poder foi uma grande lição para mim como jornalista. Encontrar sujeitos-cidadãos me provocava a trabalhar comunicação com maior compromisso. Tínhamos naquele momento três grandes déficits sociais em Honduras. O primeira era o da liberdade de expressão. As pessoas mostravam em seus rostos e em seus discursos a terrível imagem da exclusão do sistema de comunicação. Só podiam se expressar na rua, mas o discurso não estava na televisão, nos jornais e nas rádios, e isso gerava muita bronca. Isso, no entanto, se traduziu positivamente em grafites, em poesia, em cantos, em música, em dança, em muita internet. As pessoas começaram a comprar computadores pessoais, internet móvel. O segundo déficit era o de reflexo como sujeito social e político. Nascia ali um sujeito que se chamava cidadão ou cidadã “em resistência contra o golpe”. E ele queria se mostrar, se perguntava porque não eram vistos. Pediam: “Nos vejam! Temos identidade, estamos na rua! Temos proposta política, estamos reivindicando um processo constituinte, venham e participem, nos enfrentem no processo constituinte, mas não nos engulam, não nos invisibilizem!” E isso tinha muito peso. Para mim como comunicador, começava a sonhar formas de comunicação que quebrassem esse déficit de imagem de sujeito social e político. O último déficit era o de participação. As pessoas estavam participando na rua, mas não estavam participando nos espaços de decisão política. A população decidiu não

participar das eleições de 2009, que foi um ato de dignidade, de ética, mas também foi um erro político. Porque o Congresso ficou só para os golpistas. E quando chegam as novas eleições, eles têm todo o poder. Neste momento em Honduras, há um desajuste absoluto do poder. O partido que deu e se beneficiou do golpe, o Nacional, tem todos os poderes. Ele controla o Congresso, a Corte, o Executivo, o Centro Cristão Internacional, a Conferência Episcopal Católica, a Confraternidade Evangélica e os meios de comunicação. Uma lei aprovada em julho de 2013, antes das eleições, pelo Partido Nacional, perdoa as dívidas passadas, presentes e futuras dos meios de comunicação em troca de publicar a agenda publicitária do governo. É inacreditável, é uma lei inacreditável, e se estende às empresas relacionadas aos meios. Ou seja, se é dona do *La Tribuna*, é dona também de uma empresa de outro ramo, essa empresa também não paga impostos.

SMA: Na sua opinião, as eleições de 2009 foram legítimas?

FM: Os pontos reais é que as eleições de 2009 não tiveram uma observação internacional qualificada. Quem observou foi um grupo de senadores Republicanos dos Estados Unidos e um grupo empresarial grande que financiou o golpe, que se chama Conselho Empresarial de América Latina. Porfirio Lobo foi eleito Presidente com 32% do universo eleitoral, mas é claro que eles inflaram o resultado. Houve centros de votação vazios, porque a resistência traçou a linha de não participar, e realmente as pessoas não participaram. Houve uma repartição de deputados entre os Partidos Nacional, Liberal e a Democracia Cristã. Uma evidência disso é que nas eleições de 2013 esses partidos quase desapareceram. A Unificação Democrática de Esquerda conseguiu um deputado, a Democracia Cristã tinha 6 e conseguiu dois. O Partido Liberal, de 130 anos, que normalmente tinha 60 a 70 deputados, em 2013 conseguiu 28. Por outro lado, um partido novo que se formou seis meses antes das eleições, o Partido Anticorrupção (PAC), conseguiu 17 deputados. E o Partido Libre, da resistência, tem 36 deputados. Então aquelas eleições de 2009 foram realmente mentirosas. Só os golpistas foram votar, mas se comportam como maioria. Existe um documentário interessante de um jornalista canadense, chamado “*Resistencia, la lucha por la tierra*”, que trata sobre o que passou no país na época do golpe.

SMA: Você considera que os Estados Unidos foram realmente contra o golpe?

FM: Os Estados Unidos queriam ganhar tempo para chegar até as eleições de 2009 e fizeram todos os esforços para legitimar as eleições. Estiveram de acordo com elas. Isso incluía acompanhar as eleições, dar exílio ao Zelaya e tirá-lo com segurança do país.

SMA: E como era ser jornalista naquela época?

FM: Era inseguro, tudo. Você tinha que se mover por instinto e tomando medidas básicas de segurança. Na época eu fazia um programa das 20 horas às 21 horas na *Rádio Globo*; era um programa de impacto, porque trazia a voz das pessoas da rua. Não exagero ao dizer que de 28 de junho de 2009 a 27 de janeiro de 2010 teve manifestações nas ruas de Honduras todos os dias. Eu ia até elas, em distintos lugares do país, viajava sempre. Uma das medidas de segurança que eu tomava é que eu não dormia em hotéis, não viajava em transporte público, não ficava sempre no mesmo lugar, não avisava que ia para tal lugar.

SMA: Do que você tinha medo?

FM: Havia pessoas em motocicletas, sempre. Muitos dos crimes que se cometiam durante a efervescência pós-golpe foram cometidos por pessoas em motocicletas. E a polícia e o exército não respeitaram o trabalho dos meios de comunicação. Durante a cobertura de uma manifestação, escapei por pouco de uma porretada. O golpe que mirava a minha cabeça acabou pegando no meu microfone. Foi um dia de máxima brutalidade policial, outros jornalistas apanharam. Policiais chegaram a destroçar as mãos de um líder social com porrete. Não duidávamos de que havia gente infiltrada nas manifestações, gente rodando pelas ruas de noite para pegar lideranças. Eu sempre buscava circular durante o toque de recolher, porque era mais seguro, pois alguns profissionais eram liberados, profissionais médicos, de primeiros socorros e os jornalistas, caso se identificassem. Eu pedi a uma emissora dos Estados Unidos para quem eu também trabalhava de correspondente, que se chamava *Radio América*, que desse um cartão de identificação, pois ser jornalista de um veículo internacional era mais seguro, principalmente gringo.

SMA: Você já tinha vivido esse tipo de situação antes?

FM: Eu não, mais recentemente não havia uma situação similar. Dos grandes, só o jornal *El Tiempo* chamou de golpe o que aconteceu. É impressionante! Carlos Flores, que é dono do *La Tribuna*, não chamava nem de golpe, nem de sucessão constitucional, chamava de crise política. Ou usava uma expressão irônica, “esa cosa”. As palavras diziam tudo, inclusive o informe da Comissão da Verdade chama de “golpe ao poder executivo”, não chama de golpe de Estado, porque entende que o resto estava funcionando, ou seja, tentou evadir do termo legal. Golpe de Estado é um termo legal que supõe ruptura da Constituição e a centralidade dos militares, ou seja, quando os militares assumem a condução do Estado. Com

o golpe de Estado se produz um vazio institucional que é preenchido pelos militares. Aqui os militares não estavam formalmente no comando, mas informalmente sim, porque com o golpe eles voltaram às instituições públicas de onde haviam saído, como o Instituto de Comércio Agrícola, onde está a reserva de alimentos, de grãos, nos Portos, Aeroportos, voltaram ao controle das áreas estratégicas. E continuam. Voltaram a controlar a polícia.

SMA: Que lições você tirou dessa época?

FM: Eu me considero um sobrevivente, como muita gente aqui. Tivemos naquela época uma convivência quase amistosa com a morte, pois muita gente morria e nada era investigado. Era comum responder ao cumprimento “Como estás?” com um “Estoy vivo!”. O poeta Roberto Sosa disse uma vez que a morte um dia formará parte da nossa paisagem. O grande problema é a impunidade. É um ciclo de desigualdade, empobrecimento, violência e corrupção. Eu acredito que Honduras está perto de outra zona de ruptura de grande porte em sua história, que significará a dissociação entre a cidadania e o Estado. Cada vez mais as pessoas percebem que o Estado não lhe serve, que os partidos deixaram de ser os intermediários entre a população e o Estado.

Entrevista 4

Jari Dixon Herrera, deputado federal em Honduras pelo Partido Libre

Samantha Maia Araujo: Como o senhor vivenciou a deposição de Zelaya da Presidência?

Jari Dixon Herrera: Quando houve o golpe de Estado e se anunciou que Zelaya tinha sido levado, todos nos dirigimos até a Casa Presidencial. No meu caso, eu era fiscal e fui protestar, porque acreditei que era uma destruição do Estado de direito, da democracia. Eu nunca fui “zelaysta” nem ativista do Partido Liberal, mas saí porque era um Golpe de Estado e devia protestar. Outros saíram porque eram seguidores do Zelaya, outros porque estavam organizados como bloco popular, várias organizações foram protestar. Ou seja, havia diferentes fatores que levaram as pessoas para as ruas. Nos encontramos em frente da Casa Presidencial no dia 28 de junho e naquele momento decidimos fundar o que se chamou de Frente Nacional contra o Golpe de Estado, que depois viraria a ser a Frente Nacional de Resistência Popular.

SMA: E como foi essa experiência?

JDH: Aqui em Tegucigalpa tivemos manifestações de 300 mil pessoas no dia 5 de julho, quando as pessoas saíram na rua porque esperávamos que Zelaya aterrissasse no aeroporto. Mas ele não pôde aterrissar, os militares fecharam a pista. Quando decidimos romper a cerca para entrar no aeroporto, os soldados começaram a disparar. Morreu um companheiro, nosso primeiro mártir dessa repressão, o jovem Isis Obed Murillo. Foi quando ocorreu a maior repressão do exército. Eu tenho uma foto que me mandaram ontem, que eu não sabia que existia, olhe (me mostra a foto). Aqui sou eu, usando chapéu. Fazia muito sol e as caminhadas eram longas. Essa foi a maior manifestação.

SMA: Você chegou a acreditar que poderiam reverter o golpe?

JDH: Sim, mas os erros começaram quando aceitamos o diálogo com o governo interino. No final a resistência foi se debilitando e o diálogo foi dilatando o processo, as pessoas foram cansando, e o governo conseguiu espaço para convocar as eleições. A situação estava crítica, todos os países se manifestavam contra a retirada de Zelaya, as pessoas estavam nas ruas, nós tínhamos força, mas aí vieram os Estados Unidos e propuseram diálogo na Costa Rica. Quando Zelaya vê que nenhum diálogo vai reintegrá-lo, ele volta a tentar entrar em Honduras. Primeiro pela fronteira com a Nicarágua, mas não consegue porque toda a zona ficou em estado de sítio e com toque de recolher. E aí ele conseguiu entrar em setembro, não sei como fez, e se abrigou na embaixada brasileira. O povo foi respaldá-lo na embaixada, mas os militares apareceram e repreenderam todo mundo. Ali perdemos mais uma pessoa, uma menina que morreu por asfixia do gás lacrimogêneo. Zelaya ficou quatro meses na embaixada com várias pessoas, foi quando surgiu outro diálogo que fez parecer que o Congresso iria reintegrá-lo. Mas o Congresso acabou ratificando a expulsão de Zelaya e convocando as eleições. A resistência já está debilitada, não participamos das eleições e o candidato do Partido Nacional, Porfirio Lobo, ganhou. Eu sei todos esses passos porque eu os vivi. Eu estive todo o tempo na resistência, desde o dia 28 de junho de 2009. Fui demitido cinco meses depois do golpe, era a segunda vez que me mandavam embora do Ministério Público. A primeira foi em 2004, quando houve um protesto contra a corrupção. Em 2009 eu ia para a marcha e depois me reintegrava ao Ministério Público, mas o ambiente lá já era muito complicado, estava militarizado, havia perseguições e investigações sobre meus passos na resistência, e ao final decidiram me mandar embora. Todos os que participaram da frente passaram anos muito difíceis em questão de trabalho, ninguém vai te contratar porque é

inimigo do governo, e ninguém vai te dar um posto no governo, porque o governo não te quer. Mas conseguimos sobreviver e fundamos o Partido Libre. Participamos de eleições internas, das eleições gerais e aqui estou de deputado. O Libre tem 31 deputados federais.

SMA: Então no fim você consegue enxergar vantagens nesse processo?

JDH: Eu acho que tudo tem suas vantagens e desvantagens. Se tivessem reintegrado Zelaya, seria só pelos seis meses que faltavam para encerrar o seu período. O Libre não existia naquele momento. Hoje o Libre é um partido que luta pau a pau com os partidos tradicionais. Em 2013, quando houve eleições, e houve fraude, rompemos o bipartidarismo de 124 anos, quando só o Liberal ou Nacional participava, e nos metemos em segundo lugar na primeira participação que tivemos. Se tivessem reintegrado Zelaya, não teríamos o Libre. Agora, também há a desvantagem que se abriu uma porta para que o Partido Nacional se estabeleça durante várias eleições seguidas. Eles acabaram de aprovar a legalização da reeleição. O Nacional é um partido muito desacreditado, mas que tem controle sobre o Ministério Público, a Corte, os militares, a polícia, e que está muito bem com a embaixada americana, que o apoia bastante. Estamos em dois caminhos, o caminho que Libre toma o poder ou que o Nacional se converte em uma ditadura.

SMA: O senhor acredita que o Partido Nacional não venceria as eleições de 2009 caso não tivessem derrubado Zelaya?

JDH: Eles não tinham a menor condição de ganhar as eleições de 2009, nenhuma. O Partido Nacional só tomou o poder porque milhares de pessoas da resistência não votamos. Sem falar no Congresso. Hoje em dia aprovaram um projeto que se chama de Cidade Modelo, há um estudo para fazer na zona sul, é algo único no mundo. O estrangeiro vai vir para governar um pedaço do território, qualquer um que tiver dinheiro. É venda de território, isso fizeram os Nacionalistas. A maioria da população é contra, mas não há união na oposição. E a tática do Nacional é manter os seus 35% unidos e desagregar a posição. Já levaram seis deputados nossos, que formaram uma bancada independente, dizem eles, mas votam com o Partido Nacional porque lhes dão dinheiro. Então os Nacionalistas têm feito o seu trabalho de dividir a oposição. Mas é muito complicado, porque há muitos interesses econômicos nos partidos, como o Partido Liberal, que são empresários que dirigem e têm muitos negócios com o governo, é bem complicado. O Congresso tem 128 deputados. O Libre tem um quarto do Congresso, e é o mais atacado pelos meios de comunicação, os jornais, as rádios, a televisão, todos os dias.

SMA: O que o golpe representou na sua vida?

JDH: Minha vida mudou bastante desde o golpe, eu era administrador de Justiça, um fiscal que sonhava escalar cargos dentro da instituição. Eu sonhava em crescer dentro do Ministério Público. Mas a conjuntura me foi levando a esse tipo de coisa. Eu sempre fui muito legalista, se você faz algo ilegal, eu não vou ficar com você. A formação de fiscal me ensinou isso. E quando vi que o golpe de Estado era ilegal, era inadmissível, por isso saí nas ruas, por isso perdi o trabalho. Tenho quatro filhos e uma esposa para manter. Era difícil, porque era a segunda vez que eu perdia o emprego, a família ressentida porque o progresso econômico fica bastante reduzido. Eu já tinha experimentado isso em 2004, mas em 2004 eu não tinha tantos filhos como em 2009 (risos). Tenho uma filha de 16, outra de 14, um de 8 e outro de 7. Mas não me arrependo, eu estava convencido de que aqui, se não se envolver na luta, nada vai mudar. Nunca. É uma barbaridade o que se passa em Honduras.

SMA: Quais os riscos de assumir essa luta?

JDH: Havia muito risco ao lutar, matavam dois advogados por semana. Sempre havia a notícia: assassinaram um advogado. Foram assassinados mais de 300 advogados nos últimos cinco anos. Advogado é uma das profissões mais perigosas de Honduras. Dependendo de quem você defende, podem lhe tirar a vida. Os jornalistas começaram a ser mais ameaçados há uns dois, três anos, antes não matavam jornalistas. Isso é produto do ambiente em que estamos vivendo. Ontem, em um município de Santa Bárbara, uma patrulha matou um menino numa moto, e a população incendiou o posto policial e duas patrulhas. Há um ambiente muito volátil, forte. As pessoas estão agarrando a luta com suas próprias mãos.

SMA: Você se sente seguro para exercer o seu cargo político?

JDH: Não, para nada. Na campanha política mataram vários candidatos, três pessoas, e não só do Libre. Ontem o prefeito de Libertad, cidade do departamento de Francisco Morazán, foi morto. Há dois, três meses mataram um deputado do Congresso. Aqui o crime organizado está metido em tudo, no governo. Há uma combinação de tudo: crime organizado, corrupção e política. O político mantém o crime organizado, que é metido em política, que é metida em corrupção. Tudo está conectado.

SMA: Como você se protege?

JDH: Eu sou cristão (risos). Eu rezo. Conheço muita gente que foi assassinada, e o governo quer que fiquemos em silêncio, que não se diga nada, porque se alguém vai a uma conferência internacional falar disso, dizem que está arranhando a imagem do país. E se denunciam aqui, está incitando o ódio ao governo. Somos a segunda força política hoje, mas não querem nos dar um representante no Colégio Superior Eleitoral, querem seguir dirigindo o poder eleitoral sozinhos.

SMA: Zelaya ainda tem poder em Honduras?

JDH: Dizem que ele tem poder sobre a população. Mas influenciar a população é roubar 300 bilhões de lempiras, como fez o Partido Nacional, para financiar campanha política e usar todas as instituições para influenciar uma campanha política, e isso é ilegalidade. No que mais pode Zelaya ter poder? Por que ele diz que pode haver coisas melhores aqui? Que podemos ter um Ministério Público independente, uma Corte Suprema independente? Que pode haver terra para os camponeses por meio de uma reforma agrária? Que o país pode voltar a produzir para que o homem e a mulher voltem a se sentir úteis? Podemos tirar esses 80% da população da pobreza como fez o Lula no Brasil, por exemplo. Podemos baixar os níveis de violência tratando a infância desde o início. Honduras é um dos países mais violentos do mundo. E aqui o que fazem os governantes é fazer negócio com os criminosos, vendem armas, munições, câmara de segurança, medicamentos, tudo, e isso é um bom negócio para uns tantos que estão por aí. Para que mudar a situação se do jeito que está é um bom negócio?

SMA: A aproximação de Zelaya com Chávez desagradou muitos hondurenhos, não?

JDH: Temos muito discurso antichavista aqui, empresários venezuelanos têm muito contato com empresários hondurenhos, e quando Chávez se aproximou de Zelaya, a oligarquia hondurenha não gostou, pensaram que ia passar o mesmo que na Venezuela. Isso tudo influenciou também o golpe de Estado. Aqui há toda uma imprensa falando todos os dias que Chávez era o demônio, as Igrejas, todos os setores unidos em um só objetivo: Zelaya não podia continuar, era um perigo para todos. Porque a cúpula da Igreja Católica e da Evangélica vai muito bem, são milionários quase todos.

SMA: Quais as chances de o Partido Libre crescer mais nas próximas eleições?

JDH: Tudo vai depender. Se conseguirmos um representante no Tribunal Eleitoral, o Libre tem muita chance de ganhar a Presidência. As próximas eleições serão em 2017. Vou

buscar um segundo mandato como deputado. Está formado também um novo grupo político dentro do partido que vai participar das eleições internas, se chama Avancemos. É uma luta longuíssima, não sabemos o quanto vai nos custar. Tenho 43 anos. Estamos sonhando, está difícil, mas às vezes ressentimos o pouco apoio internacional que recebemos, quase nada. Eu acho que deveria haver mais. Antes tínhamos Chávez, mas os outros não entendem que quanto mais partidos políticos progressistas chegarem ao poder, mais se fortalece o projeto chavista, ou de Lula, ou de Mujica, ou de Morales, ou de Correa. Se não entendem isso, em algum momento a direita voltará. A direita se ajuda todo o tempo. A população praticamente autofinanciou a campanha passada, os coletivos, e ainda sim conseguimos o segundo lugar. Mas se não voltar um líder como Chávez, vamos seguir patinando. E a direita vai voltar a tomar posições.

APÊNDICE B – Termos de livre consentimento

TERMINO DE CONSENTIMIENTO LIBRE

Yo, JOSÉ EUGENIO SOSA IGLESIAS, estoy de acuerdo en participar como voluntario en la investigación "A leitura das mídias brasileira e hondurenha na deposição de Manuel Zelaya em Honduras, desenvolvida por Samantha Maia Araújo en el *Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Proim-USP)*, São Paulo, Brasil.

Autorizo a la investigadora para utilizar las informaciones y opiniones registradas en la entrevista solamente para fines académicos. Entiendo que esa entrevista tiene un propósito investigativo y que los datos obtenidos serán divulgados en conformidad con las directrices éticas de la academia. Los registros de la entrevista sólo serán utilizados para fines relacionados con la producción de textos y artículos científicos.

- (X). Permito el uso de mi nombre y apellido
(). No permito el uso de mi nombre y apellido

Firma del Entrevistado

(INVESTIGADORA)

Tegucigalpa, Honduras, 20 de enero de 2016

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

Eu, Celso Amorim,
estou de acordo em participar como voluntário na pesquisa "A leitura das mídias brasileira e hondurenha na deposição de Manuel Zelaya em Honduras", desenvolvida por Samantha Maia Araújo no Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina (Prolam-USP), São Paulo, Brasil.

Autorizo a pesquisadora a utilizar as informações e opiniões registradas na entrevista somente para fins acadêmicos. Entendo que essa entrevista tem um propósito investigativo e que os dados obtidos serão divulgados em conformidade com as diretrizes éticas da academia. Os registros da entrevista somente serão utilizados para fins relacionados com a produção de textos e artigos científicos.

- ☒ Permito o uso do meu nome e sobrenome
() Não permito o uso do meu nome e sobrenome

ASSINATURA DO ENTREVISTADO

(PESQUISADORA)

Rio de Janeiro, 28 / 08 / 2015

TERMINO DE CONSENTIMIENTO LIBRE

Yo, Oscar Roberto Ramírez Mejía,
estoy de acuerdo en participar como voluntario en la investigación "A leitura das mídias brasileira e hondurenha na deposição de Manuel Zelaya em Honduras, desenvolvida por Samantha Maia Araujo en el Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam-USP), São Paulo, Brasil.

Autorizo la investigadora a utilizar las informaciones y opiniones registradas en la entrevista solamente para fines académicos. Entiendo que esa entrevista tiene un propósito investigativo y que los datos obtenidos serán divulgados en conformidad con las directrices éticas de la academia. Los registros de la entrevista sólo serán utilizados para fines relacionados con la producción de textos y artículos científicos.

oscarrobertor@yahoo.com

- ☒ Permiso el uso de mi nombre y apellido
☐ No permito el uso de mi nombre y apellido

FIRMA DEL ENTREVISTADO

(INVESTIGADORA)

Tequila, Jalisco, 30 / 07 / 2015

TERMINO DE CONSENTIMIENTO LIBRE

Yo, Claudio Fernando Lanza
estoy de acuerdo en participar como voluntario en la investigación "A leitura das mídias brasileira e hondurenha na deposição de Manuel Zelaya em Honduras, desenvolvida por Samantha Maia Araujo en el Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam-USP), São Paulo, Brasil.

Autorizo la investigadora a utilizar las informaciones y opiniones registradas en la entrevista solamente para fines académicos. Entiendo que esa entrevista tiene un propósito investigativo y que los datos obtenidos serán divulgados en conformidad con las directrices éticas de la academia. Los registros de la entrevista sólo serán utilizados para fines relacionados con la producción de textos y artículos científicos.

- ☒ Permiso el uso de mi nombre y apellido
☐ No permito el uso de mi nombre y apellido

Claudio Fernando Lanza
FIRMA DEL ENTREVISTADO

Samantha Maia Araujo
(INVESTIGADORA)

Tegucigalpa, Hn. 30 Sept 2015

TERMINO DE CONSENTIMIENTO LIBRE

Yo, Jessica Amador

estoy de acuerdo en participar como voluntario en la investigación "A leitura das mídias brasileira e hondurenha na deposição de Manuel Zelaya em Honduras, desenvolvida por Samantha Maia Araujo en el *Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam-USP)*, São Paulo, Brasil.

Autorizo la investigadora a utilizar las informaciones y opiniones registradas en la entrevista solamente para fines académicos. Entiendo que esa entrevista tiene un propósito investigativo y que los datos obtenidos serán divulgados en conformidad con las directrices éticas de la academia. Los registros de la entrevista sólo serán utilizados para fines relacionados con la producción de textos y artículos científicos.

- ☒ Permiso el uso de mi nombre y apellido
☐ No permito el uso de mi nombre y apellido

FIRMA DEL ENTREVISTADO

(INVESTIGADORA)

Leguizabal

, 01 / 10 / 2015

TERMINO DE CONSENTIMIENTO LIBRE

Yo, Félix Antonio Molina
estoy de acuerdo en participar como voluntario en la investigación "A leitura das mídias brasileira e hondurenha na deposição de Manuel Zelaya em Honduras, desenvolvida por Samantha Maia Araujo en el Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam-USP), São Paulo, Brasil.

Autorizo la investigadora a utilizar las informaciones y opiniones registradas en la entrevista solamente para fines académicos. Entiendo que esa entrevista tiene un propósito investigativo y que los datos obtenidos serán divulgados en conformidad con las directrices éticas de la academia. Los registros de la entrevista sólo serán utilizados para fines relacionados con la producción de textos y artículos científicos.

- ☒ Permiso el uso de mi nombre y apellido
☐ No permito el uso de mi nombre y apellido

FIRMA DEL ENTREVISTADO

(INVESTIGADORA)

Sequegalpa, 05 / 10 /2015

TERMINO DE CONSENTIMIENTO LIBRE

Yo, JARI DIXON Herrera.

estoy de acuerdo en participar como voluntario en la investigación "A leitura das mídias brasileira e hondurenha na deposição de Manuel Zelaya em Honduras, desenvolvida por Samantha Maia Araujo en el Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam-USP), São Paulo, Brasil.

Autorizo la investigadora a utilizar las informaciones y opiniones registradas en la entrevista solamente para fines académicos. Entiendo que esa entrevista tiene un propósito investigativo y que los datos obtenidos serán divulgados en conformidad con las directrices éticas de la academia. Los registros de la entrevista sólo serán utilizados para fines relacionados con la producción de textos y artículos científicos.

- ☒ Permiso el uso de mi nombre y apellido
☐ No permito el uso de mi nombre y apellido

FIRMA DEL ENTREVISTADO

(INVESTIGADORA)

Tegucigalpa M.D.C. 5 / 10 / 2015

TERMINO DE CONSENTIMIENTO LIBRE

Yo, Jensi Banezas Flores,
estoy de acuerdo en participar como voluntario en la investigación "A leitura das
mídias brasileira e hondurenha na deposição de Manuel Zelaya em Honduras,
desarrollada por Samantha Maia Araujo en el Programa de Pós-Graduação em
Integração da América Latina (Prolam-USP), São Paulo, Brasil.

Autorizo la investigadora a utilizar las informaciones y opiniones registradas
en la entrevista solamente para fines académicos. Entiendo que esa entrevista tiene un
propósito investigativo y que los datos obtenidos serán divulgados en conformidad
con las directrices éticas de la academia. Los registros de la entrevista sólo serán
utilizados para fines relacionados con la producción de textos y artículos científicos.

- ☒ Permiso el uso de mi nombre y apellido
☐ No permito el uso de mi nombre y apellido

FIRMA DEL ENTREVISTADO

(INVESTIGADORA)

Legucigalpa, 10 / 10 /2015